



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ROBERTO VIANA DE OLIVEIRA FILHO

“O PRIMEIRO LIVRO DO MUNDO”:
A MISSÃO ABREVIADA ENTRE PORTUGAL E JUAZEIRO DO NORTE

FORTALEZA
2024

ROBERTO VIANA DE OLIVEIRA FILHO

“O PRIMEIRO LIVRO DO MUNDO”:
A MISSÃO ABREVIADA ENTRE PORTUGAL E JUAZEIRO DO NORTE

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em História.
Área de concentração: História Social

.
Orientador: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- O51" Oliveira Filho, Roberto Viana.
"O primeiro livro do mundo" : A Missão Abreviada entre Portugal e Juazeiro do Norte / Roberto Viana
Oliveira Filho. – 2024.
233 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação
em História, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.
1. Missão Abreviada. 2. Juazeiro do Norte - CE. 3. Catolicismo leigo. I. Título.

CDD 900

ROBERTO VIANA DE OLIVEIRA FILHO

“O PRIMEIRO LIVRO DO MUNDO”:
A MISSÃO ABREVIADA ENTRE PORTUGAL E JUAZEIRO DO NORTE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em História. Área de concentração: História Social

Orientador: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.

Aprovada em 12 de julho 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos (orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.ª Dra. Kênia Sousa Rios (membro)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.ª Dra. Rosilene Alves de Melo (membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Prof.ª Dra. Renata Marinho Paz (membro)
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Prof.ª Dra. Edianne dos Santos Nobre (membro)
Universidade de Pernambuco (UPE)

Prof. Dr. Rodrigo Alves Ribeiro (suplente)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.ª Dra. Meize Regina de Lucena Lucas (suplente)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

*À minha família: Maria Cléa (mainha),
Roberto Viana (painho), Priscila
Oliveira, Paloma Oliveira, Ana Lis
(nosso maior amor).*

AGRADECIMENTOS

O texto que desenvolvi nas páginas que seguem é o resultado de encontros que transformaram a minha vida desfazendo-me e refazendo-me enquanto professor, artista e autor. Agradeço, primeiramente, aos “meus narradores e narradoras”, amigos e amigas da antiga irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos que compartilharam comigo os mistérios do *Juazeiro Encantado*: João José Aves de Jesus, Israel, Sr. Francisco, Dona Maria, Isabel, Isaac, Dona Virgínia (*in memoriam*), Dona Marinete (*in memoriam*) e Dona Zefinha.

Agradeço ao professor Dr. Francisco Régis Lopes Ramos, meu orientador, pela oportunidade de viver comigo as aventuras de escrever essa história “quase de fé”, pela paciência com meu tempo, pela oportunidade de ter cursado Estágio Supervisionado na disciplina de Teoria da História, sob sua supervisão, pelo ser humano incrivelmente generoso que é.

A Professora Dra. Rosilene Alves Melo, que me ofereceu as condições iniciais para a investigação da história da Missão Abreviada e que compartilhou seu conhecimento e seu acervo de cordéis e almanaques, produzidos no Nordeste brasileiro. Suas contribuições foram incontornáveis para realização desta tese, sobretudo por sua generosidade, carinho e incentivo.

A Professora Dra. Dia Nobre por ter me ensinado a escrever um texto acadêmico com rigor e beleza, por sua amizade profunda. As suas contribuições estão na base de qualquer coisa que eu venha a escrever em minha vida. Sou profundamente grato.

A Professora Dra. Kênia Sousa Rios por ter defendido e acreditado na possibilidade de execução dessa pesquisa diversas vezes, pelos momentos memoráveis das aulas no PPGH–UFC e pelas caminhadas divertidas e inesquecíveis entre o Benfica e a Parangaba conduzidos pelo (superlotado) metrô.

A Professora Dra. Renata Marinho Paz, pela generosidade em compartilhar ideias e sempre ter disponibilidade para ouvir minhas “viagens” teóricas. Também por ter me incentivado, desde a pesquisa de mestrado, à escrita dos meus textos.

Aos meus amigos e amigas do PPGH – UFC, que compartilharam comigo os desafios de produzir uma pesquisa em História em um mundo cercado de medo e de esperança. Agradeço, em especial, a Carolina Maciel e a Robson Potier.

Aos meus amigos/professores do Curso de História, da Universidade Regional do Cariri–URCA, casa de aprendizado, trabalho e amor: Tereza Diniz, Ana Cristina, Arleilma Souza, Jucieldo Alexandre, Sônia Menezes, Fátima Pinho, Tiago Florêncio, Egberto Melo, Cícero Joaquim, Josinete Lopes, Paula Cristiane, Amanda Teixeira e Océlio Teixeira.

Aos amigos e amigas da Secretaria de Cultura de Juazeiro do Norte–CE pelo suporte e companheirismo: Vandinho Pereira, Roberto Júnior, Demontiez Araújo, Demetrius Alves, Wagner Sousa, Olga Lima, Nágela Pereira e Glêdson Bezerra.

Aos meus amigos e amigas, “partes” da minha família, que me ajudaram a “sustentar a missão” de escrever essa tese e de viver: Wallysson Araruna, Aline Fernandes, Alana Moraes, Breno Lima, Faeina Jorge, Junú Freire, Edceu Barbosa, Arthur Guilherme, Lílian Araújo, Alexandre Tavares, Ravena Monte, Juliana Lotiff, Vitória Gomes, Joaquina Carlos, Lucas Medeiro, Gorethe Albuquerque, Jhonnys Jorge e Flávia Gaudêncio.

Ao Dr. Émerson Cardoso que fez a revisão gramatical do texto com o seu olhar de poeta, rigor técnico e o amor que compartilhamos por Juazeiro do Norte.

A Brennon Bernardo, por sempre estar comigo e incentivar-me, de todas as formas, para a conclusão desse texto e dos demais “empreendimentos” da minha vida acadêmica.

A Manoel, da *Livraria e Sebo Solaris* pelo constante incentivo e por compartilhar comigo uma verdadeira aventura na busca de novas e antigas edições da *Missão Abreviada*.

Ao teólogo Alberto Osório de Castro, que foi quem primeiro se preocupou em elaborar uma investigação sobre os textos da *Missão Abreviada* e da vida do padre Couto.

A minha mãe de Santo Lúcia da Oxum, e todos os meus irmãos e irmãs do Terreiro Omin Odara: “foi Olorum quem mandou essa filha de Oxum tomar conta da gente e de tudo cuidar!”

A Rafael Lobato e Raul Max pela escuta do emaranhado de significantes que “brotaram” na “minha” experiência analítica.

A minha família, fonte de apoio e de amor incondicional: Roberto Viana (painho), Maria Cléa (mainha), Priscila Oliveira, Paloma Oliveira, Ana Lis, Renan Alves e Marcel Menezes.

Finalmente, a todas as forças espirituais, que eu invento, fabrico, ressignifico, e que existem em mim.

“Só é preciso um lugar onde possa
aparecer o que o ultrapassa”.
(Michel de Certeau)

“Contar histórias, na verdade, não é
apenas uma arte, é muito mais uma
dignidade”.
(Walter Benjamin)

“Ele pede uma direção para se perder”.
(Marguerite Duras)

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada consiste em uma investigação sobre a história do livro “A Missão abreviada: para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar os frutos das missões”. Desse modo, observamos suas leituras, escutas, leitores e ouvintes. Publicado em Portugal, no ano de 1859, e escrito pelo padre Manoel José Gonçalves Couto, esse breviário ganhou visibilidade nas Santas Missões Populares do século XIX daquele País e, no Brasil, tornou-se livro guia para leigos e para sacerdotes ajudando a constituir novas sensibilidades espirituais e diversos movimentos sociorreligiosos. O interesse desse estudo recai, principalmente, para as formas de circulação e de leitura desse breviário no Brasil, especialmente na cidade de Juazeiro do Norte, interior do Ceará. Esse recorte espacial justifica-se tendo em vista as múltiplas formas de leitura desse texto empregadas pelos devotos do padre Cícero Romão Batista, tanto no seu primeiro contexto de circulação, quanto na contemporaneidade. Os usos da *Missão Abreviada* constituem um imenso quebra-cabeças cujas peças revelam complexos sistemas de crença que escapam de determinadas imposições dogmáticas e reinventam as formas de crer e ser no mundo. A investigação dessas questões se deu através de um conjunto diverso de fontes que incluem desde publicações em periódicos da época até escritos literários e narrativas orais. Em um mundo onde as informações parecem se diluir a cada minuto, a experiência dos usos da *Missão Abreviada* pode indicar outras relações com o tempo: emendado, costurado e reescrito.

PALAVRAS-CHAVE: *Missão Abreviada*; Juazeiro do Norte–CE; Catolicismo Leigo.

RÉSUMÉ

Cette thèse présente une recherche sur l'histoire du livre "*A Missão abreviada: para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar os frutos das missões*". Publié au Portugal, en 1859, et écrit par le père Manoel José Gonçalves Couto, ce bréviaire a gagné en visibilité dans les Saintes Missions Populaires, du XIXe siècle, dans ce pays et, au Brésil, où il est devenu un livre-guide pour les laïcs et les prêtres, aidant à constituer de nouvelles sensibilités spirituelles et divers mouvements socio-religieux. L'intérêt de cette étude réside principalement dans les formes de circulation et de lecture de ce bréviaire au Brésil, notamment dans la ville de Juazeiro do Norte - CE, l'intérieur de l'État du Ceará. Ce découpage spatial se justifie en raison des multiples formes de lecture de ce texte employées par les dévots du prêtre prêtre Cícero Romão Batista, dans son contexte initial de circulation et dans la contemporanéité. Les utilisations de la *Missão Abreviada* constituent un immense puzzle dont les pièces révèlent des systèmes complexes de croyance qui échappent à certaines impositions dogmatiques et réinventent les formes de croire et d'être au monde. L'enquête sur ces questions a été menée à travers un ensemble diversifié de sources, allant des publications dans les journaux de l'époque aux écrits littéraires et aux récits oraux. Dans un monde où les informations semblent se diluer chaque minute, l'expérience des utilisations de la *Missão Abreviada* peut indiquer d'autres relations avec le temps: réparé, cousu et réécrit.

MOTS-CLÉS: *Missão Abreviada*; Juazeiro do Norte–CE; Catholicisme Laïc.

ABSTRACT

The research presented here consists of an investigation into the history of the book "A Missão abreviada: para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar os frutos das missões," its readings, listeners, and readers. Published in Portugal in the year 1859 and written by Father Manoel José Gonçalves Couto, this breviary gained visibility in the Holy Popular Missions of the 19th century in that country and in Brazil became a guidebook for laypeople and priests, helping to shape new spiritual sensitivities and various socio-religious movements. The interest of this study lies mainly in the ways of circulation and reading of this breviary in Brazil, especially in the city of Juazeiro do Norte, in the interior of Ceará. This spatial focus is justified given the multiple ways of reading this text employed by the devotees of Father Cícero Romão Batista, both in its original context of circulation and in contemporary times. The uses of the *Missão Abreviada* constitute a vast puzzle whose pieces reveal complex belief systems that escape certain dogmatic impositions and reinvent the ways of believing and being in the world. The investigation of these issues was carried out through a diverse set of sources that include publications in periodicals of the time as well as literary writings and oral narratives. In a world where information seems to dissipate every minute, the experience of the uses of the *Missão Abreviada* may indicate other relationships with time: patched, stitched, and rewritten.

Keywords: *Missão Abreviada*, Juazeiro do Norte–CE, Lay Catholicism.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01	Fachada da “Casa da Missão” do penitente João José Aves de Jesus. Foto: acervo pessoal do autor.	Pág. 08
Imagem 02	Nova capa da <i>Missão Abreviada</i> produzida pelo penitente João José Aves de Jesus. Foto: acervo pessoal do autor.	Pág. 09
Imagem 03	Partes do índice da <i>Missão Abreviada</i> em que fica evidente a divisão da obra. Fonte: COUTO, Manoel José Gonçalves. Missão Abreviada: para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar os fructos das missões. 6ed. Typographia Sebastião Pereira, Porto, 1882. Acervo da Biblioteca Nacional Digital Portuguesa. Disponível em: https://purl.pt/14841 Acesso em: 18 mai. 2021.	Pág. 22
Imagem 04	<i>Almanaque Frei Vidal</i> . Fonte: “Almanaque e Proficia de Frei Vidal da Penha”, Caetano Cosme da Silva, 1973. Cedido pela professora Dra. Rosilene Melo.	Pág. 75
Imagem 05	Livros mais vendidos da <i>Livraria Joaquim José de Oliveira</i> . Fonte: Jornal “A Gazeta do Norte”, Fortaleza, Ceará. Edição de 08 de março de 1881.	Pág. 77
Imagem 06	Capa do <i>Flos Sanctorum</i> , escrito pelo jesuíta Pedro de Ribadaneira. Fonte: Hemeroteca Digital da BN.	Pág. 93
Imagem 07	Capa das Horas Marianas escrito pelo padre Francisco de Jesus Maria Sarmiento. Fonte: Hemeroteca Digital da BN.	Pág. 96
Imagem 08	“A extração da pedra da loucura” – 1494 – Bosch. Óleo sobre madeira (48x 35cm). Museu do Prado, Madri.	Pág. 100
Imagem 09	Cristo Rei na Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores. Foto: autor.	Pág. 107
Imagem 10	<i>Almanaque o Juízo do Ano</i> para o ano de 1976, pág. 07.	Pág. 114
Imagem 11	<i>Almanaque o Juízo do Ano</i> para o ano de 1970, pág. 16.	Pág. 115
Imagem 12	Chaveiros com imagem do padre Cícero e Signos do Zodíaco. Acervo: Fundação Memorial Padre Cícero.	Pág. 115
Imagem 13	Imagem do Padre Cícero e de Frei Damião juntos.	Pág. 119
Imagem 14	Cama de Mestre José com seu exemplar de <i>A Missão Abreviada</i> e a foto de Mamãe Anja. Fonte: acervo pessoal.	Pág. 126
Imagem 15	Ampliação da foto de Mamãe Anja. Fonte: acervo pessoal.	Pág. 126
Imagem 16	Da esquerda para a direita: Isabel, Dona Maria, Israel, Sr. Francisco e Isaac. Foto tirada em 2017, acervo do autor.	Pág. 130
Imagem 17	Mesa e cadeira onde o primeiro Mestre da Penitência fazia suas leituras e anotações.	Pág. 132
Imagem 18	Bandeiras que identificavam os membros da irmandade a partir de uma numeração que era designada pelo Mestre da penitência.	Pág. 133
Imagem 19	Representação, elaborada pelo autor, das mudanças e divisões dentro da irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos até o ano de 2023.	Pág. 135
Imagem 20	Representação, elaborada pelo autor, da profecia do Padre Cícero contada por Dona Maria.	Pág. 141

Imagem 21	Nova Capa da <i>Missão Abreviada</i> produzida pelo penitente João José Aves de Jesus.	Pág. 154
Imagem 22	Quadros de D. Pedro I e D. Pedro II na “Casa da Missão”. Fonte: Acervo do autor.	Pág. 158
Imagem 23	Penitente João José na sua mesa de leitura, analisando os “Cadernos da Penitência”. Fonte: Acervo do autor.	Pág. 161
Imagem 24	Manual para celebração das Renovações do Sagrado Coração de Jesus, distribuído pelo penitente João José.	Pág. 164
Imagem 25	Quadro apresentado pelo penitente João José como sendo a planta e a matriz fundadora da Igreja de Santana.	Pág. 169
Imagem 26 e 27	O teólogo, o penitente e o exemplar antigo da <i>Missão Abreviada</i> .	Pág. 199
Imagem 28	Capa de uma nova edição da <i>Missão Abreviada</i> , sem marca de editora ou gráfica.	Pág. 203

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Temas das meditações na ordem que aparecem na <i>Missão Abreviada</i> .	Pág. 34
Tabela 02	Número de aparições dos verbetes “Céu”, “Inferno” e “Purgatório” na <i>Missão Abreviada</i> .	Pág. 37
Tabela 03	Quinta parte da <i>Missão Abreviada</i> : “Como viveram alguns santos, e assim os mais”.	Pág. 54
Tabela 04	Temas das práticas na ordem que aparecem no Additamento de 1865.	Pág. 61
Tabela 05	Vendas <i>Livraria Joaquim José de Oliveira</i> em 1881.	Pág. 88
Tabela 06	Temas “Em Defesa da Fé” de Frei Damião.	Pág. 119
Tabela 07	Inventário das obras da Biblioteca do Penitente herdadas de Mestre José.	Pág. 133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
<i>A fábula do outro</i>	25
CAPÍTULO 1 O COMPOSTO DA MISSÃO	32
1.1 O livro das Missões	33
1.2 Meditações e Instruções	46
<i>1.2.1 Padre Couto e a geografia do além</i>	<i>50</i>
1.3 Hagiografia Magistra Vitae	63
<i>1.3.1 Vida de Santa Pelágia</i>	<i>69</i>
<i>1.3.2 Vida de Santa Tereza de Jesus</i>	<i>73</i>
1.4 As “breves práticas” do Additamento	75
CAPÍTULO 2 A MISSÃO DE VER	82
2.1 A Missão cruza o atlântico	84
<i>2.1.1 Os Capuchinhos e as Santas Missões</i>	<i>84</i>
2.2 “Fructos dos bons livros”	92
<i>2.2.1 A palavra que enlouquece</i>	<i>93</i>
2.3 A missão não estava só	103
CAPÍTULO 3 OS BEST-SELLERS (QUASE) PROIBIDOS	115
3.1 A extração da pedra da loucura	115
3.2 A missão de “emendar” o tempo	116
3.3 Cristo Rei	120
<i>3.3.1 Manoel Caboclo e o Juízo do Ano</i>	<i>129</i>
<i>3.3.1 Três pessoas em uma só</i>	<i>135</i>
<i>3.3.2 Uma anja</i>	<i>141</i>
CAPÍTULO 4 AS CASAS DA MISSÃO	147
4.1 Os “últimos” Aves de Jesus	149
<i>4.2.1 Ainda uma “rapa do antigo”</i>	<i>154</i>
4.2 A Casa da Missão e o guardião da Palavra	171
<i>4.2.1 O renascimento da Missão</i>	<i>172</i>
<i>4.2.2 A peregrinação pública</i>	<i>181</i>

4.2.3	<i>A Igreja de Santana e a “Nova Casa da Missão”</i>	191
	CONCLUSÃO: NO MEIO DO MUNDO, UM LIVRO DE AREIA	196
	ANEXO 1: HISTÓRIAS DO “COMEÇO DO MUNDO”:	205
	REFERÊNCIAS	230

INTRODUÇÃO: O “COMEÇO DO MUNDO”

“Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo!” Exclamou Dona Virgínia atrás da janela de sua porta, com o rosário amarrado à mão direita. O código deveria ser respondido rápido e sem hesitação: “Para sempre seja Deus louvado!” Eu respondi do lado de fora. Ela abriu a porta sem pressa e convidou-me a entrar na “sala do santo” de sua casa: um cômodo pintado de azul e ornado com dezenas de imagens sacras, guardiãs de um mistério que se revelava entre as velas do oratório e os joelhos dobrados no chão. Os temas de nossa conversa circulavam entre narrativas sobre vidas de santos, eventos do nosso cotidiano e a história da irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos¹, um grupo de católicos leigos que se congregavam ao redor da ideia da mendicância e privação dos bens materiais como sendo o caminho da salvação. O meu maior interesse, no entanto, naquele momento, era conhecer mais sobre um livro que esse grupo de penitentes tomava como sendo o principal guia de suas vidas: a *Missão Abreviada*. Sobre essa obra, Dona Virgínia comentou:

Roberto: E a senhora conhece o livrinho a *Missão Abreviada*?

Dona Virgínia: Conheço...

Roberto: E o que é que a senhora acha da *Missão*?

Dona Virgínia: A *Missão* foi o primeiro livro que foi feito no mundo.

Roberto: Foi o primeiro livro feito no mundo?

Dona Virgínia: No mundo... E é as verdade pura. Quem pregou ela foi o meu padrinho Cícero.

Roberto: Deixa eu perguntar uma coisa para a senhora. O que a senhora acha da *Bíblia*?

Dona Virgínia: A *Bíblia* é um livro que ensina muita coisa. Tem muita parte da *Missão*.

Roberto: Mas primeiro veio a *Missão* e depois veio a *Bíblia*?

¹ A história dos Penitentes Peregrinos Públicos foi tema central da minha dissertação de mestrado em História. Para mais informações, consultar: OLIVEIRA FILHO, Roberto Viana de. **Passado perpétuo:** os Penitentes Peregrinos Públicos e o catolicismo penitencial em Juazeiro do Norte-CE, Dissertação (Mestrado em História), PPGH-UFCG, Campina Grande, 2017.

Dona Virgínia: É. A *Bíblia* é nova. De mil e quinhentos pra cá. A *Bíblia* é de mil e quinhentos pra cá. A *Missão* foi do começo do mundo. Foi de São Pedro que fez a *Missão* de Jesus Cristo. Foi o primeiro livro do mundo².

As informações narradas por Dona Virgínia aumentaram ainda mais minha curiosidade e perplexidade diante daquela obra. O primeiro livro do mundo? Anterior à *Bíblia*? Essas interpretações eram compartilhadas pelos outros membros da irmandade? Nesse caminho de investigação, conheci o penitente Israel Aves de Jesus, na época da entrevista, 2015, com apenas 22 anos.

Esse jovem penitente e sua família contribuíram de forma substancial para essa pesquisa e para a construção da memória sobre o grupo que estava conhecendo na época. Em uma conversa com o penitente Israel, sobre a *Missão Abreviada* e a *Bíblia*, ele me apresentou a seguinte narrativa que tinha ouvido dos “mais antigos”:

Israel Aves de Jesus: E ali quando Nosso Senhor entregou a Missão à São Pedro disse que ele fosse à Roma e edificasse a Santa Sé que aquele seria o trono dele na Terra. Nosso Senhor também encarregou São Pedro de escrever a Missão Abreviada. E na ocasião que São Pedro terminou a sua vida no apostolado, ele tinha terminado de escrever a primeira parte. Ai ele deixou para seu sucessor, conforme a tradução de meu padrinho Manoel e de Mestre José³, que foi São Braz. Ai São Braz escreveu a segunda parte da Missão e foi e deixou para seu terceiro sucessor São Bento. Ai quando terminou-se a parte de São Bento que ele escreveu, veio Martinho Lutero que coube a ele a quarta parte da Missão pra ele escrever. Ele muito bem escreveu. Mas como ele queria que a humanidade não seguisse os caminhos de Deus, se desviasse dos caminhos de Deus, ele muito bem escreveu a Missão Abreviada, colocou em sua mão direita e disse: “Este livro que eu terminei de escrever é o complemento que me cabia que eu acabei de terminar. Esse livro leva para a direita. Para o caminho da salvação. Porém eu vou escrever outro que quando eu termina-lo vai ser o livro geral que vai ser espalhado por todo o mundo. E esse é que vai crescer e se multiplicar para cumprir a palavra que Deus disse na criação. Mas não na fé. Mas nas coisas materiais e bens desse mundo”. Ai ele escreveu a Bíblia ajudado de Zuínglio e de Melâncton. Assim conforme ainda o que eles falavam. Eu não compreendo como foi que eles encontraram esses nomes! E João Calvino também! Eles diziam que João Calvino também tinha ajudado. Pra finalizar, quando ele terminou de escrever a Bíblia, ele colocou a Bíblia na mão esquerda e disse: “esse daqui vai ser o livro que todo mundo vai aceitar. Esse aqui é o que vai crescer e multiplicar.

²Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2015, na casa de Dona Virgínia situada no bairro Tiradentes, na cidade de Juazeiro do Norte—CE.

³ Mestre José foi o primeiro líder dessa irmandade de penitentes. Ele faleceu no ano 2000, deixando o grupo sem uma liderança específica. Após esse acontecimento, o grupo se dividiu em dois grandes núcleos: um liderado pelo Mestre Olício (também conhecido como Manoel) e outro liderado pelo penitente João José Aves de Jesus, que elaborou profundas transformações na interpretação e trato da *Missão Abreviada*.

Mas não para o Céu. Mas sim para as coisas desse mundo”. E daí daqueles tempos pra cá os penitentes dizem que a Bíblia começou a se proliferar. Ai também eles querem afirmar que a Igreja aceitou o uso da Bíblia e ficou assim, conivente, aceitando aquilo que estava lá escrito”⁴.

A trama se adensa. O “primeiro livro do mundo” era também um símbolo de resistência contra o avanço dos “homens da *Bíblia*”, os evangélicos. A história contada pelo penitente Israel (des)organizava diversos símbolos (esquerda, direita, livros, personagens) para explicar a superioridade mística/espiritual da *Missão Abreviada* em comparação com a *Bíblia*.

Dona Virgínia e o penitente Israel não eram os únicos a reelaborarem os sentidos desse breviário. Dentro da mesma irmandade, um penitente resolveu fazer algo que marcaria de forma profunda a experiência de leitura e de divulgação desse livro: o penitente João José Aves de Jesus, que reimprimiu, reeditou e distribuiu uma nova cópia da *Missão Abreviada* quase um século depois de sua última edição.

João José Aves de Jesus foi um dos primeiros penitentes a ingressarem na irmandade. Ainda sob a liderança do Mestre José, esse penitente tentou concretizar o seu desejo de fazer uma nova impressão da *Missão Abreviada*. O primeiro líder, no entanto, tinha tomado aquele livro como uma relíquia que só poderia ser manuseado por poucas pessoas. Após a morte de Mestre José, o penitente João deu continuidade ao seu projeto de divulgação da *Missão Abreviada*. Ele transformou a sua própria casa na “Casa da Missão”, um lugar reservado à leitura e à divulgação do livro que era a súplica do sagrado para aquelas pessoas:

Roberto: E o senhor aqui todos os dias recebe pessoas que queiram saber da *Missão*? Vem muita gente saber da *Missão*? Como é?

João José Aves de Jesus: Se não vem em corpo, vem em espírito. Aqui, o que não vier em corpo, vem em espírito. Aqui o que não vier em corpo vem em espírito.

Roberto: Depois que morre vem para cá?

João José Aves de Jesus: Depois que morre vem.

Roberto: É? Procurar a *Missão*?

⁴ Entrevista realizada no dia 08 de março de 2017, na casa do penitente Israel e sua família.

João José Aves de Jesus: Procurar a Missão. Ela é uma fonte de água viva⁵.

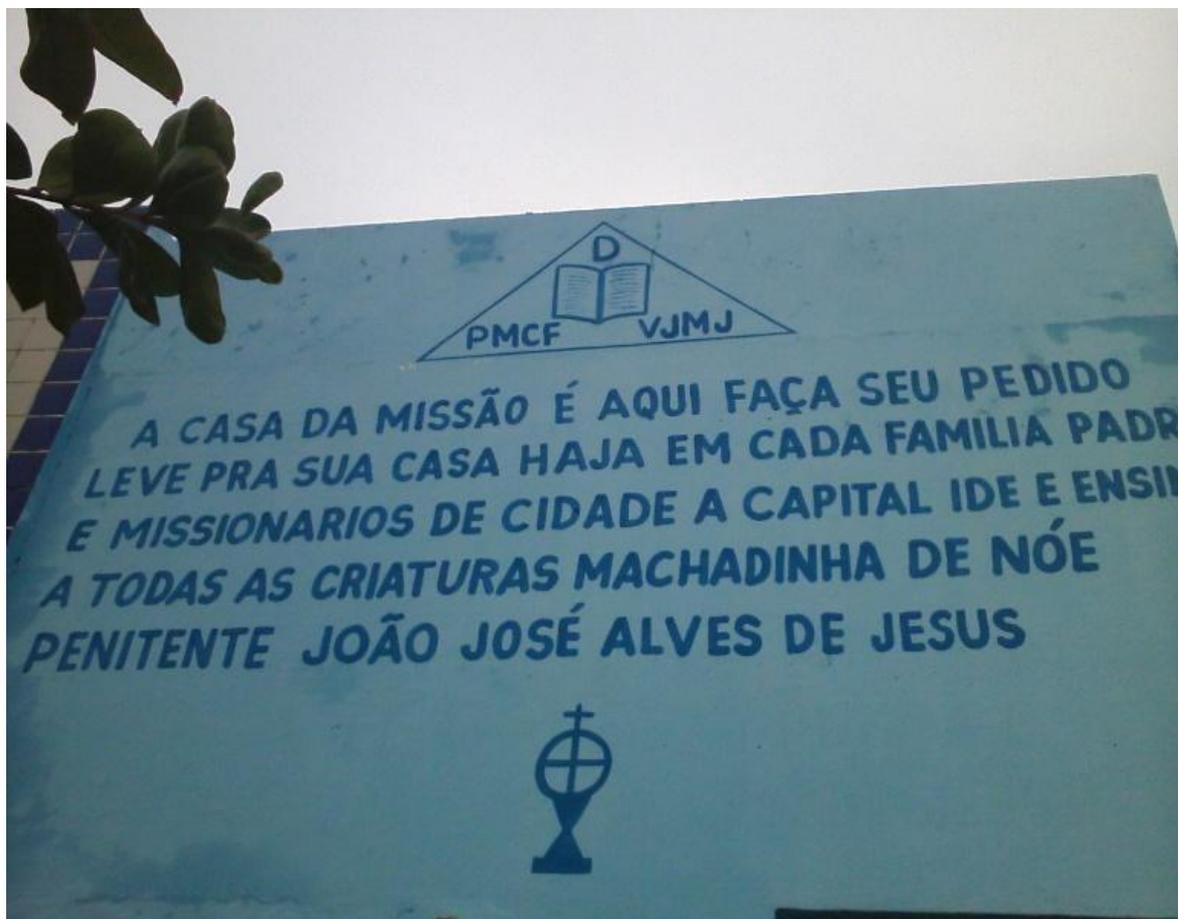


Imagem 01: Fachada da “Casa da Missão” do penitente João José Aves de Jesus em 2015. Foto: acervo pessoal do autor.

A Missão Abreviada, nas mãos do penitente João José, ganhou uma “nova casa”, circulação e um novo autor. Para esse penitente, quem escreveu o livro foi o Padre Cícero Romão Batista⁶, a maior referência espiritual tanto para o grupo de penitentes, quanto

⁵ Entrevista realizada no dia 19 de março de 2014, na “casa da Missão” com o penitente João José e algumas pessoas que acompanhavam a sua pregação.

⁶ Cícero Romão Batista nasceu em 24 de março de 1844 na cidade do Crato, filho de Joaquina Vicência Romana e Joaquim Romão Batista ambos cratenses. Tinha duas irmãs: Maria Angélica Romana e Angélica Vicência Romana. Seu pai faleceu em 1862, vitimado pela epidemia de cólera que assolou a região em meados do século XIX. Foi estudar no Seminário da Diocese cearense onde se formou em novembro de 1870. Voltando a sua cidade natal, assumiu em 1872 a Capela de Nossa Senhora das Dores na povoação do Juazeiro, onde mais tarde aconteceria o primeiro milagre da hóstia vertendo sangue, ao ser comungada pela beata Maria de Araújo (NOBRE, 2012, p. 241).

para os milhares de romeiros que jornadeiam até Juazeiro do Norte em busca das graças do padre considerado santo e que é chamado de “padrinho” por seus devotos.

Na capa elaborada pelo penitente João José, existe ainda uma referência a um antigo texto creditado ao Padre Cícero Romão: a *Machadinha de Noé*. Trata-se de uma profecia destinada aos devotos do taumaturgo alertando para o iminente fim dos tempos. Essa profecia apareceu em diversos cordéis, livros e textos atribuídos ao “padrinho” na primeira metade do século XX:

MACHADINHA DE NOÉ

Aviso do Padre Cícero Romão Batista sobre os principais acontecimentos do fim do Mundo
(1931)

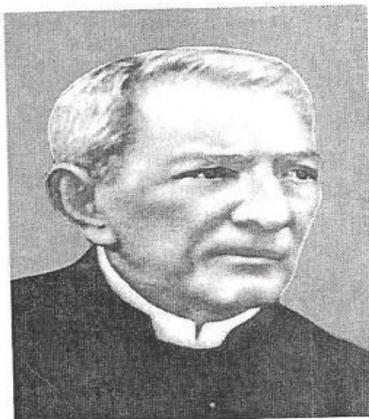
Meus caros amiguinhos, é chegado o último momento de dar-vos o meu aviso a todos os habitantes da face da terra, como os sinais prediletos por Nosso Senhor Jesus Cristo, antes da sua sagrada morte paixão, convertei-vos e arrependei-vos dos vossos grandes pecados. Disse: Nosso Senhor Jesus Cristo, quando vires, pestilências, fomes, guerras, revoluções, nação contra a mesma nação, reino contra reino, que são as novas formas de governo, repúblicas, ditaduras, belchevismo ou comunismo, como hoje está convertida a Rússia em um governo anti-cristão, forma de governo esta que brevemente se espalhará por toda face da Terra, terremotos, inundações, coisas espantosas, diversos fenômenos, estas coisas são princípios de dores, e sinais do fim do mundo, ou destruição dos homens sobre toda a face da Terra, tudo isso devido ao pecado e a corrupção, cada dia os homens vão se afastando de Deus e de sua santa religião, o que amam os homens de hoje? A vaidade, a orgia, as riquezas e a toda sorte de corrupção, disse, Jesus Cristo, que nos últimos tempos havia de multiplicar-se a iniquidade e o amor de muitos havida de esfriar; quer dizer que a santa religião cristã será abandonada, a Terra atualmente está cheia de falsas religiões de falsos profetas, de falsos cristos as doutrinas anti-cristãs estão sendo propagadas em toda parte tal como a tal espiritismo ou fetichismo moderno levantado em todos os países do mundo, tudo isso são os verdadeiros sinais do fim do mundo porém disse Jesus Cristo, que o evangelho do reino de Deus seria pregado em todo o mundo, que é a religião cristã, então chegai o fim, olhe! Que estou os avisando! Convertei-vos e arrependei-vos hoje mesmo, que é chegado o tempo do júízo final e do ajuste de contas, e quem não se arrepender mais tarde corará sem remédio, ai de vós pecadores, ai!

Esse texto circulou em Juazeiro do Norte através de vários suportes narrativos: cordéis, folhetos diversos, narrativas populares e “livrinhos” produzidos pelos devotos do Padre Cícero. Na nova capa da *Missão Abreviada* ele ganha um espaço importante que

serve ao mesmo tempo para marcar a “presença” do *padrinho* no livro como para instituir uma experiência de sacralidade própria ao novo espaço de difusão do breviário:

MISSÃO ABREVIADA

PARA
DESPERTAR OS DESCUIDADOS
CONVERTER OS PECCADORES



Pe. Cícero Romão Batista

MACHADINHA DE NOÉ

Escola da Fé de Jesus Maria José,
REINO DO ESPÍRITO SANTO
Penitente João José A. V. de Jesus
MISSÃO ABREVIADA
PARTICIPE DAS 3:00 ÀS 4:00
DA TARDE DIARIAMENTE
Rua Martiniano Santana, VJMJ
Bairro Tiradentes

Imagem 02: Nova capa da Missão Abreviada produzida pelo penitente João José Aves de Jesus

No texto inserido na *Missão Abreviada*, pelo penitente João José Ainda, é possível observar uma referência ao “reino do Espírito Santo”. Na cosmovisão do grupo, a cidade de Juazeiro do Norte–CE transforma-se em um grande reino encantado, com suas subdivisões e seus mistérios. A esse respeito, o penitente Israel explicou:

Israel Aves de Jesus: Roberto, por assim dizer, pelo que eu ouvi e pelas palavras que ela disse, conforme o depoimento dos antigos veteranos deram a mim, pelo o que eles me relataram, o Horto, pelo o que ela falou, é o reino do padre eterno, o Juazeiro é o reino do Filho, Tiradentes é o reino do Espírito Santo. Bom, no Imaginário da penitência, eles dizem que o Tiradentes é o reino do Espírito Santo e a maneira e a forma

de o Tiradentes ser, a paisagem, a visão, não é propriamente assim como nós tamo vendo aqui, cheio de casa... É assim: tem uns pesão de coqueiro grande, muito ventilado, coberto de flores, é uma coisa assim, incrível! Já remontando aquela história dos Encantos. Dos mundos encantados⁷.

Nas encruzilhadas desse *Juazeiro Encantado*, a *Missão Abreviada* recebeu importantes transformações. Os relatos de Dona Virgínia e dos penitentes Israel e João José Aves de Jesus apresentam problemas importantes para o entendimento da construção da espiritualidade do grupo que eles faziam parte, e de uma parcela considerável dos devotos que se relacionam com esse mesmo modelo de crença: quais os sentidos do livro, especialmente da *Missão Abreviada*, para essas pessoas? Que poder é direcionado às escrituras na construção da crença? É possível tomar o livro também como um objeto, como uma relíquia, algo parecido com a imagem de um santo? Quais as condições históricas de possibilidades que permitiram essas interpretações?

Essas narrativas indicam uma transgressão da palavra escrita, dos significantes, significados e de uma leitura focada nas “regras comuns” de interpretação. Suas falas se organizam em um lugar onde mentira e verdade são reinventadas e as palavras são recriadas para explicar os mistérios da fé.

A ideia da *Missão Abreviada* como sendo o “primeiro livro do mundo”, anterior à própria *Bíblia*, fonte de “água viva”, se inscreve em uma experiência histórica cujas condições de possibilidades são analisadas nessa pesquisa. À medida que me aprofundava nos estudos sobre essa obra, percebi que existiram muitos outros leitores e ouvintes do breviário que contribuíram para a construção de movimentos socioreligiosos no Brasil e para a estruturação de uma cultura religiosa enquadrada, posteriormente, nas categorias de “folclore” e de “cultura popular”⁸.

A narrativa historiográfica que aqui se apresenta, construída a partir dessas múltiplas experiências, tem como fio condutor as práticas desenvolvidas em um lugar específico: a cidade de Juazeiro do Norte, interior do Ceará. Os leitores e as leituras da *Missão Abreviada* que partem dessa cidade revelam certos aspectos da crença que não cabem em seus limites territoriais e avançam em outras direções.

⁷ Entrevista realizada no dia 28 de agosto de 2015, na residência do penitente Israel e de sua família.

⁸ Sobre a fabricação/invenção de uma “cultura popular” no Nordeste brasileiro, ver: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920–1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.

A história do livro é uma história dos trânsitos, dos lugares de passagem e das pessoas que guardam esses caminhos. Dito isso, é preciso percorrermos nossa primeira travessia: que livro é esse que guarda tantos mistérios e interpretações? Que conteúdo e narrativas se escondem nas suas páginas?

A missão de se perder

A *Missão Abreviada* foi escrita pelo padre Manoel José Gonçalves Couto, e foi publicada, pela primeira vez, em Portugal, no ano de 1859. Segundo o teólogo Alberto Osório de Castro⁹, esse livro teve dezesseis edições entre 1859 e 1904, e teve, ainda, uma edição comemorativa em 1994, organizada na cidade de Telões, onde o autor do breviário nasceu e desenvolveu parte de sua atividade missionária.

A vida clerical do Padre Couto ancorava-se em sua ação junto às Santas Missões populares portuguesas do século XIX¹⁰. Essa experiência talvez tenha suscitado o desejo do sacerdote em escrever um manual que poderia replicar a experiência das Missões em tinta e papel, preservando o seu conteúdo e fixando a sua forma.

Por muito tempo, creditou-se à palavra escrita a possibilidade de “cristalizar” a experiência, colonizar a palavra e silenciar as muitas vozes que murmuram e gritam “na oralidade”. Ao escrever o livro, o Padre Couto estava interessado em dizer e cristalizar a “verdade das Santas Missões”. Na ocasião do lançamento da sétima edição da obra, em 1870, o padre-autor resolveu colocar na primeira página do breviário o seguinte texto dedicado “aos leitores”:

AOS LEITORES

⁹ O teólogo Alberto Osório de Castro escreveu o primeiro trabalho dedicado a refletir sobre a *Missão Abreviada*. Trata-se de uma análise teológica que não deixa de contribuir com reflexões historiográficas sobre o contexto de circulação da obra em Portugal e apresentar informações biográficas importantes sobre o Padre Couto. Cf. CASTRO, Alberto Osório de. **A "Missão Abreviada" do padre Manuel Couto: um abeiramento contextualizado**. Chaves, Portugal: Grupo Cultural Aquae Flaviae, 2002.

¹⁰ A literatura acadêmica sobre as *Santas Missões* do séc. XIX são vastas tanto em Portugal quanto no Brasil, destaco os seguintes títulos que apresentam de forma sistemática e profunda suas principais questões. Em Portugal: CHÂTELLIER, Louis. **A religião dos pobres: as missões rurais na Europa e a formação do Catolicismo Moderno**. Lisboa: Estampa, 1995. SANTOS, Eugênio dos. **Missões do interior em Portugal na Época moderna: agentes, métodos, resultados**. In: **Arquipélago**, Universidade dos Açores, Ponta Delgada: 1984. No Brasil: SILVA, Lemuel Rodrigues da. **O discurso religioso no processo migratório para o caldeirão do beato José Lourenço**. 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. HOORNAERT, Eduardo. Antônio Conselheiro, negociador do sagrado. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2001. p. 39–77.

A extracção de *cincoenta e seis mil* exemplares em tão pouco tempo; uma grande multidão de pecadores verdadeiramente convertidos e emendados; as muitas confissões geraes que se tem feito e se fazem por toda a parte, só por se ter lido ou ouvido ler este livro; tudo isso é uma prova clara e manifesta de sua utilidade para todas as pessoas. Ora como os inimigos da Religião espalham por toda a parte, e com maior atividade, os seus maus livros para assim destruírem o catholicismo, nós devemos fazer outro tanto em favor da Religião e da Igreja¹¹ (COUTO, 1871, p. 05).

Nessa perspectiva, a *Missão Abreviada* é um livro útil para a conversão dos pecadores e um bom livro contra os livros maus. Também um livro de regras que deveriam ser cumpridas sob a pena dos implacáveis castigos divinos. Ao longo do tempo, essa obra foi reescrita com a tinta do corpo e da fabulação: usada como manual para fundação de comunidades sociorreligiosas, como livro-guia para profecias escatológicas e até para a escritura de manuais astrológicos.

A história da *Missão Abreviada* é, portanto, também a história dos seus leitores. As formas de leitura desse breviário parecem dialogar com as “formas místicas” de leitura descritas por Michel de Certeau:

Enquanto no século XVIII o leitor aparece como o efeito do livro, como sua sombra levada ou sua inscrição na história social pela mediação da escola e do professor, a concepção mística visa a emancipar o sujeito leitor e a ele reconhecer uma existência própria, desligada de uma enfeudação ou de uma conformidade com o livro. A história dos leitores não pode reduzir-se à de seus livros (CERTEAU, 2015, p. 205).

Para percorrer esses caminhos de leitura e de (re)escrita do texto do Padre Couto, persegui rastros deixados na “poeira do tempo”¹² e que apareceram em recortes de jornais do século XIX, e começo do século XX¹³, nos diversos manuais, breviários e livros teológicos que faziam “companhia” à *Missão Abreviada* na “biblioteca do devoto” e, por fim, nas sensíveis narrativas (escritas, gravadas, vistas) dos devotos e devotas que, em algum momento, foram atados pelas letras do Padre Couto.

¹¹ A edição da *Missão Abreviada* que utilizo ao logo do texto é a oitava de 1871.

¹² Sobre as sensibilidades envolvidas em uma possível historicidade dessa “poeira” deixada pelo passado, conferir: RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A poeira do passado: tempo, saudade e cultura material**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

¹³ Todos os periódicos citados na pesquisa foram acessados através da *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*. O acervo recolhido desse repositório é constituído por 1) anúncios de venda da *Missão Abreviada* e 2) Relatos diversos de pessoas que leram o livro do padre Couto. Esse tipo de catalogação só foi possível mediante ao uso das ferramentas disponíveis na *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*.

Após o meu contato inicial com a *Missão Abreviada*, através das mãos dos Penitentes Peregrinos Públicos, em Juazeiro do Norte–CE, tomei conhecimento também dos possíveis usos desse breviário em outros contextos e temporalidades. Encontrei algumas referências a esse livro em periódicos do final do século XIX, e início do século XX, nos escritos de missionários dessa época e na *tradição oral* (escrita ou não) que tinha/tem forte circulação especialmente no Nordeste brasileiro. Escrever a história da *Missão Abreviada* significa, portanto, entender que o

O historiador deve poder vincular em um mesmo projeto o estudo da produção, da transmissão e da apropriação dos textos. O que quer dizer manjar ao mesmo tempo a crítica textual, a história do livro, e, mais além, do impresso ou do escrito, e a história do público e da recepção. [...] De um lado, cada leitor, cada espectador, cada ouvinte produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe. Aí temos que seguir Michel de Certeau, quando diz que o consumo cultural é, ele mesmo, uma produção — uma produção silenciosa, disseminada, anônima, mas uma produção (CHARTIER, 1999, p. 18–19).

Os aspectos apontados por Chartier (1999) formam a base metodológica através da qual os capítulos que seguem foram redigidos. Para a construção da história da *Missão Abreviada*, é crucial levar em consideração: a organização da obra quanto à forma (no que concerne a seu aspecto físico e material), o modo como ela se constitui ao longo do tempo e as múltiplas formas de recepção desse texto, que podemos ter acesso através desse conjunto fragmentado de fontes.

No rastro dessas pistas, vários personagens emergem de seus contextos singulares: loucos, profetas, eruditos, “grandes” e “pequenos” líderes. As experiências “desses outros” ajudam a dar alguma forma à crença que os circulam e que têm implicações tão importantes (muitas vezes severas) em seus contextos sociais.

Os sujeitos “quase anônimos” que afloram dessas fontes são apresentados aqui através de uma *fábula* construída a muitas mãos: por “eles” e por “nós”. Existe lugar para a *fábula* na historiografia? Talvez as linhas que seguem lancem alguma complexidade à essa questão, pois, ao que me parece, ao tentar “emendar o pecador”, o Padre Couto emendou o “tempo”, costurado entre fábulas.

A fábula do outro

Para Michel de Certeau¹⁴: “O outro é o fantasma da historiografia”. Essa formulação enigmática do historiador condensa, precisamente, nossa limitação diante da tarefa de “conhecer o outro” através da *escrita da história*: “[O outro é] o objeto que ela [a historiografia] busca, que ela honra e que ela sepulta. Um trabalho de separação se efetua com respeito a essa inquietante e fascinante proximidade” (CERTEAU, 2015a, p. 16).

Ora tomado como o passado que se separa do presente na escrita moderna, ora apreendido como o sujeito através do qual a escrita da história se ergue enquanto possibilidade, o “outro” para Certeau esconde, ainda, outros sentidos. Entre o “outro” e o “fantasma” enunciados por este autor, existem, sem dúvida, os significantes pronunciados pelo psicanalista francês Jacques Lacan. A dualidade outro/Outro foi usada por Lacan

[...] para designar um lugar simbólico – o do significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda Deus – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar da alteridade espetacular. Mas pode também receber a grafia grande Outro ou grande A, opondo-se quer ao pequeno outro, quer ao pequeno *a*, definido como objeto (pequeno) *a* (ROUDINESCO, 1998, p. 558).

Grafado com a primeira letra minúscula, “o outro” designa, para Lacan, esse espaço da alteridade, do imaginário, do “outro” com quem nós nos comunicamos e construímos o desejo: ao olharmos para *o outro*, olhamos para nós. O “grande Outro”, por sua vez, seria o *lugar* que não se identifica com esse próximo, semelhante, esse “pequeno outro” que nós falamos, das trocas cotidianas. O “grande Outro” encontra relação com a cultura, com a experiência que cada um de nós “carrega” quando fala.

O *outro*, revelado pelas múltiplas histórias que saltam das páginas e das leituras da *Missão Abreviada*, foi aqui recortado, deslocado e transcrito em uma *escrita da história*. Na verdade, o outro “se apresenta” nessa relação entre “o eu” que escreve e as múltiplas experiências atravessadas pela história e pela cultura.

Certeau toma o outro, portanto, como o *fantasma* da historiografia, outra expressão cunhada a partir dos ensinamentos de Lacan, que se refere à *fantasia*, “a maneira como este [o sujeito] representa para si mesmo sua história ou a história de suas

¹⁴ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

origens” (ROUDINESCO, 1998, p. 223), ou seja, escrevemos no corpo do *outro* também a *nossa* própria história.

Se o outro é o fantasma da historiografia, ele só encontra espaço de representação na *escrita da história* quando esta se alia à *ficção* como a “forma da verdade” que estrutura o seu discurso. É da tensão entre historiografia e ficção que surgem as possibilidades de diálogo com *fábula*, esse lugar que, para a *Aufklärung*, “fala”, mas não sabe o que diz, conforme podemos constatar no trecho:

Desde que uma lenta revolução atribuiu à escrita o poder novo de reformular o mundo e de refazer a história, em suma, de produzir outra sociedade, a cultura oral foi pouco a pouco abandonada nos acostamentos do progresso, como um conjunto de “resistências” e de “superstições” (isto é, de excessos), quando ela não se tornava o objeto visado pela conquista escriturária. A historiografia seguiu os caminhos dessa evolução. Hoje ainda, mesmo se as transformações que aí se introduzem os métodos de etnologia e da *Oral history* mudam um pouco essa determinação, ela permanece dominante, sintoma de sociedades tornadas escriturárias (CERTEAU, 2015, p. 17).

O domínio da escritura, que formata e sustenta a historiografia, tem sido invadido, pouco a pouco, pelas fábulas, oralidades e narrativas que desafiam a sua lógica imperativa. É o que acontece com as transformações operadas através das relações estabelecidas com a *Missão Abreviada*, e que são traduzidas, aqui, através das frestas produzidas por essas “formas de oralidade” na *escrita da história*.

Os discursos místicos que aparecem na obra de Certeau operam com a *fábula* de uma forma semelhante aos personagens que florescem nas páginas dessa pesquisa:

Eles se solidarizam com todas as línguas que falam ainda, marcadas em seus discursos pela assimilação à criança, à mulher, aos iletrados, à loucura, aos anjos ou ao corpo. Eles insinuam em toda parte um “extraordinário”: são citações de vozes – vozes cada vez mais separadas do sentido que a escrita conquistou, cada vez mais próximas do canto ou do grito. Seus movimentos atravessam então uma economia escriturária e se extinguem, parece, quanto ela triunfa. Assim a figura passante da mística nos interroga ainda sobre o que nos sobra da palavra. Essa questão não deixa de ter, aliás, ligações com o que, em seu campo próprio, a psicanálise restaura (CERTEAU, 2015b, p. 19).

A psicanálise, presente em boa parte da *escrita da história*, de Certeau, se apresenta nessa relação com a história como uma forma de “incomodar” a escrita, arranhada pelos ruídos (muitas vezes gritos) da fala. No texto que desenvolvo ao longo

dessas páginas, a *fábula* se converte em uma experiência de narração que eu escuto e escrevo. Ainda segundo Certeau, a *fábula* que infiltra a *escrita da história* se transforma em um *relato de viagem* em suas mãos:

Uma ausência provoca a escrita. Ela não para de escrever-se em viagens num país de que estou distante. Precisando o lugar de sua produção, eu gostaria de evitar, inicialmente, nesse relato de viagem o “prestígio” (impudico e obsceno, em seu caso) de ser tomado por um discurso confirmado por uma presença, autorizada a falar em seu nome, em suma, supostamente sabendo o que é feito dele (CERTEAU, 2015b, p. 01).

Certeau encontra na escrita kafkiana¹⁵ uma metáfora poderosa para apresentar o seu dilema em escrever tomado por essa *fábula mística* sem, no entanto, ser colocado no “lugar” de falar “em seu nome”, ou de quem fala “a partir” dela, como se houvesse uma “posse”: Kafka conta a história de um homem que se depara com a Lei, mas diante dela está um poderoso guarda que proíbe a sua entrada. O homem do campo decide esperar e passa anos esperando pacientemente do lado de fora da porta. Ele tenta entrar, muitas vezes, mas o guarda sempre o impede. O homem do campo faz-lhe várias perguntas sobre a Lei e o motivo de sua espera, mas o guarda é evasivo e não fornece respostas compreensíveis.

Anos se passam, e o homem do campo envelhece e fica cada vez mais fraco, mas ele nunca desiste de sua busca pela aprovação da Lei. Finalmente, à beira da morte, ele pergunta ao guarda por que ninguém mais tentou entrar na sala da Lei durante todo o tempo que ele esperou. O guarda responde que a porta era apenas para ele e agora vai fechá-la:

Então cumpre-se a separação. Então, o guarda se inclina para gritar ao extenuado a natureza de sua espera: “Essa entrada só era feita para você. Agora vou embora e fecho a porta”. Esperando essa última hora, a escrita permanece. Seu trabalho, na região de entre-dois, exerce sobre a inaceitável e intransponível divisão. Ele dura (ele durará) todos os anos que se estendem desde a primeira pergunta que o homem do campo dirige ao guarda de seu desejo, até o instante em que o anjo se retira deixando a palavra que põe fim à paciência. Por que se escreve, com efeito, perto da soleira, na mesinha designada pelo relato de Kafka, senão para lutar contra o inevitável? (CERTEAU, 2015b, p. 04).

¹⁵ O texto de Franz Kafka que Certeau toma para essa abordagem é o “conto” *Diante da Lei* que pode ser encontrado no livro “O Processo”. Para mais informações, ver: KAFKA, Franz. **O Processo**. São Paulo: Editora Principis, 2020.

A fábula se apresenta através da voz, da escritura e do corpo. Essa *tradição* é inscrita através de uma transmissão: a *performance*¹⁶. Uma questão levantada por Paul Zumthor (2018), em sua obra *performance, recepção e leitura*¹⁷, está também presente nos estudos que se seguem: qual o lugar do corpo na leitura e na percepção do literário? A descrição que Zumthor faz “do seu corpo” indica algumas possíveis respostas a essa questão:

O corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: é ele que eu vivo, possuo e sou, para o melhor e para o pior. Conjunto de tecidos e de órgãos, suporte da vida psíquica, sofrendo também as pressões do social, do institucional, do jurídico, os quais, sem dúvida, pervertem nele seu impulso primeiro. Eu me esforço, menos para apreendê-lo do que para escutá-lo, no nível do texto, da percepção cotidiana ao som dos seus apetites, de suas penas e alegrias: contração e descontração dos músculos; tensões e relaxamentos internos, sensações de vazio, de pleno, de turgescência, mas também um ardor ou sua queda, o sentimento de uma ameaça ou, ao contrário, de segurança íntima, abertura ou dobra afetiva, opacidade ou transparência, alegria ou pena provindas de uma difusa representação de si próprio (ZUMTHOR, 2018, p. 25).

Do século XIX ao “tempo presente”, esses corpos que leem e que performam os sentidos da *Missão Abreviada* são vislumbrados através de vários procedimentos metodológicos que perpassam desde a análise de arquivos até a construção de narrativas presentes em uma “história oral”.

No primeiro capítulo deste trabalho, investigo o *composto da Missão*, ou seja, as condições históricas de possibilidades para a escrita do texto da *Missão Abreviada*. Tomo como ponto de partida, para essa discussão, tanto as pegadas biográficas do Padre Couto quanto a ligação de cada parte da obra com as experiências e expectativas do “seu tempo”.

No segundo capítulo, apresento os caminhos que levaram a *Missão Abreviada* a cruzar o atlântico, saindo de Portugal para o Brasil, e as experiências dos primeiros leitores/ouvintes do breviário “além-mar”. Nesses encontros, foram tecidas histórias com outros livros, com a ideia de loucura e com movimentos socioreligiosas da época.

¹⁶ Sobre os sentidos da *transmissão* e da *tradição* oral, ver: ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁷ Cf. ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 3. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

As histórias construídas no terceiro capítulo, por sua vez, dedicam-se a tentar entender como a leitura da *Missão Abreviada* originou a produção de novos textos literários que misturavam elementos católicos, astrologia, magia e fundamentos afro-ameríndios em sua construção. As fontes usadas nessa escrita são os almanaques astrológicos produzidos na cidade de Juazeiro do Norte na primeira metade do século XX, também presentes nos folhetos de cordel, nas xilogravuras e em obras literárias construídas em outros gêneros textuais.

Ainda imerso no “meio do mundo” de Juazeiro do Norte, no quarto capítulo investiguei a retomada da leitura da *Missão Abreviada* por um conjunto considerável de pessoas, os “últimos” Penitentes Peregrinos Públicos, que produziram novas interpretações do breviário, incluindo a confecção de outras edições e a construção de espaços próprios para sua leitura.

Além disso, nesse quarto e último capítulo, empreendi um esforço para tentar escutar as “fábulas de Juazeiro” que contribuíram para a construção de uma dissolução da *Missão Abreviada* no mundo contemporâneo, onde fragmentos de seus textos só podem ser vistos através das lentes desse *outro* enigmático que se esconde entre as linhas de um *livro de areia*. Na construção dessa *fábula* do *outro*, a figura do religioso continua intrigando e rasgando o tempo:

O presente dá à vida religiosa uma nova fisionomia. Os religiosos e religiosas – heroicos, veneráveis, odiosos ou excepcionais — povoam a história. Mas, partindo do presente, parecem ter como característica comum sua capacidade de surpreender/espantar. Como o sacerdote — embora que não totalmente pelas mesmas razões -, mais que promover o medo ou o respeito, o religioso *intriga*. [...] Essa personagem tem um valor de mistério, mais que de exemplo. Tem em si o estigma da estranheza, mas uma estranheza ambígua, que designa alternadamente um *segredo* importante e um *passado* obsoleto/caduco. Fascina como algo oculto, ao mesmo tempo em que possui a natureza de um objeto que perdeu seu valor, como uma relíquia de sociedades desaparecidas. Quem é essa figura enigmática?¹⁸ (CERTEAU, 2006, p. 27).

A história desse livro parece amalgamar-se com a história de seus leitores. Eles remodelam, com o corpo e suas performances, os sentidos do texto, redistribuindo os significantes e reordenando os seus significados. Como a imagem de um santo, o livro ganha valor de relíquia, patuá e catalizador do tempo. As letras mordidas pelo corpo

¹⁸ Cf. CERTEAU, Michel de. **La debilidade de creer**. Buenos Aires, Katz, 2006. (tradução nossa).

devoto emendam o tempo histórico e reescrevem o livro que se torna infinito e impossível de ser contado. O que se segue é, portanto, o relato do impossível. Mas toda história não é assim?

CAPÍTULO 1: O COMPOSTO DA MISSÃO

Disse-me que seu livro se chamava *O livro de areia*, porque nem o livro nem a areia têm princípio ou fim.

Pedi-me que procurasse a primeira folha.

Apoiei a mão esquerda sobre a portada e abri com o polegar quase grudado ao índice. Tudo foi inútil: sempre se interpunham várias folhas entre a portada e a mão. Era como se brotassem do livro.

— Agora procure a final.

Também fracassei; mal consegui balbuciar com uma voz que não era minha:

— Isto não pode ser.

Sempre em voz baixa, o vendedor de bíblias disse:

— Não pode ser, mas *é*. O número de páginas deste livro é exatamente infinito. Nenhuma é a primeira; nenhuma a última. Não sei por que são numeradas desse modo arbitrário. Talvez para dar a entender que os termos de uma série infinita admitem qualquer número.

Depois, como se pensasse em voz alta:

— Se o espaço for infinito, estamos em qualquer ponto do espaço. Se o tempo for infinito, estamos em qualquer ponto do tempo.

(Jorge Luís Borges)¹⁹

É impossível traçar “o começo” e “o fim” de um livro. Ele se estende desde seus *compostos* (as referências, ideias, imagens) até as suas infinitas interpretações. Entre a produção e a recepção de uma obra, novos mundos são gestados e novas gêneses são escritas. São muitos os que leem, ouvem, escrevem e performam as letras que povoam esses jardins de tinta e papel.

Ao investigar o complexo universo dos livros de São Cipriano²⁰, a pesquisadora Jerusa Pires Ferreira (1992) afirmou que “é preciso lembrar que nada daquilo foi simplesmente inventado; não se trata de uma pura e simples forjação de temas, ao contrário, tudo tem aí sua profunda razão de ser” (FERREIRA, 1992, p. 58). Ao abrir a *Missão Abreviada*, esse “livro de areia”, me deparo com uma percepção semelhante à de Jerusa Pires ao ser encantada por seus “São Ciprianos”.

Na pesquisa dessa autora, foi desenvolvida uma abordagem metodológica que considero pertinente para o estudo da *Missão Abreviada*: a ideia de *composto*, ou seja, as profundas raízes socio/econômicas/culturais que ordenaram a produção de livros, através da pena cuidadosa do autor, e da mente implacável do editor²¹.

¹⁹ BORGES, Jorge Luís. *O livro de areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

²⁰ Conjunto de livros supostamente escritos por São Cipriano que compõem um grande acervo sobre magia e bruxaria assim como conselhos para várias épocas do ano.

²¹ As contribuições de Roger Chartier sobre a história do livro e da leitura são igualmente importantes para a construção da ideia de *composto* que desenvolvo aqui. A esse respeito, considero fundamental a ideia dos

Partindo dessa noção, ousou acrescentar um novo ingrediente à ideia de *composto* pensado por Jerusa Pires: a dimensão da leitura. Argumento no sentido de que as diferentes formas de organizar (compor) uma obra, pressupõem também diferentes formas de ler e produzir leituras. Nesse sentido, a leitura atravessa a composição e a recepção. Ao recuperar as reflexões de Don McKenzie, Chartier, em *A mente do autor e a mão do editor*, apresenta uma reflexão que pode ser somada à ideia inicial do *composto*:

[...] o significado do texto, seja canônico ou comum, depende das formas que o tornam possível de ler, ou seja, das diferentes características da materialidade da palavra escrita. Para objetos impressos, isso significa o formato do livro, o *layout* da página, como o texto estava dividido, se havia ou não imagens incluídas convenções tipográficas e pontuação (CHARTIER, 2014, p. 20).

Em alguns livros, e esse é o caso da *Missão Abreviada*, a leitura é direcionada através de alguns *protocolos* que correspondem a uma intervenção nítida do autor na tentativa de construir uma “forma de ler”. Por se tratar de um *breviário*, com recomendações para os fiéis católicos, a *Missão Abreviada* agrupa uma série de indicações de como o livro deve ser lido, em qual época e através de qual formato.

Nesse capítulo, investigo, portanto, o *composto* da *Missão Abreviada*: as raízes que alimentam seus temas, os protocolos que orientam a sua leitura, as condições históricas que tornaram possíveis sua produção/divulgação e os primeiros formatos em que ela foi difundida. Reitero que entendo por *composto* não apenas o “universo intelectual” do autor (os livros que leu, as imagens que viu), mas o conjunto de experiências que atravessam o “tempo do texto” em todas suas etapas de composição.

As informações que estão diluídas nessas páginas (per)seguem, entre outras coisas, a experiência desse “autor legião”²² responsável pelo “primeiro livro do mundo”, Padre Manoel José Gonçalves Couto. Suas “pegadas” (ora nítidas, ora irreconhecíveis) formam um encadeado de ideias que, juntas, transfiguram-se em um mapa onde o “tesouro” são as experiências dos devotos e do próprio padre na construção da obra.

1.1 O livro das Missões

protocolos de leitura como um saber do autor/editor na construção dos livros. Sobre essa questão, ver: CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2014.

²² “‘Autor legião’ é um conceito de Menéndez Pidal, difundido por Paul Benichou. Significa que, ao criar, o autor incorpora as expectativas da comunidade, aquilo que Paul Zumthor chama de conhecimento metapoético dos temas” (FERREIRA, 1998, p. 07).

O ano é 1859, e a freguesia de Telões, Vila Pouca de Aguiar, Portugal, foi testemunha de um evento que transformou o cotidiano dos católicos nesse país de além-mar: a publicação da primeira edição do livro *Missão Abreviada: para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar os fructos das Missões*. Seu autor, Padre Manoel José Gonçalves Couto, concebeu uma obra que se difundiria, rapidamente, entre os sacerdotes e católicos leigos do seu país, servindo como livro-guia para muitos movimentos e comunidades religiosas.

Em Portugal, ela foi usada especialmente, nas *Missões populares*, e ficou conhecida como a *bíblia das aldeias*²³. Essas *Missões* compunham uma “pastoral extraordinária na prática da Igreja, que se distingue da prática ordinária, a paroquial” (CASTRO, 2002, p. 72). Elas eram realizadas por um período de tempo determinado, no máximo duas semanas, no qual os fiéis participavam de missas, sermões e confissões. Essas práticas visavam, desde sua formação inicial no séc. XVI, “preservar os católicos da heresia, reforçar a sua fé e renovar a sua prática cristã” (CASTRO, 2002, 72).

Segundo o historiador Louis Châtellier (1995), as *Missões populares* (em sua “longa duração”, desde o século XVI até o XIX) tinham como objetivo geral “remediar o zelo deficitário dos clérigos” e a falta de padres nas comunidades mais afastadas, sobretudo na zona rural (aldeias/campos), conforme apreendemos do trecho:

Estes [os missionários] permaneciam nos locais durante oito, quinze dias, um mês, instruíam o povo, preparavam-no para a confissão e a comunhão, procuravam apaziguar os diferendos e restabelecer a paz na aldeia, e seguiam então para outros lugares, a fim de aí cumprirem idêntica tarefa (CHÂTELLIER, 1995, p. 09).

Todo o texto da *Missão Abreviada* parece tentar “estender” essa presença espiritual dos missionários nessas regiões. A obra é dividida, basicamente, em quatro partes: *meditações, instruções, vidas de santos e orações/ritos* para determinadas liturgias da Igreja. Cada uma dessas partes estava ornada com o “estilo” de pregação teológica da experiência missionária: o foco no medo, a tentativa de “emendar o pecador” com Deus e a Igreja, a oração, a confissão e a penitência.

²³ Cf. MARQUES, João Francisco. O rigorismo na Espiritualidade Popular Oitocentista: o contributo da missão abreviada. In: PEREIRA, José Esteves. **Actas do Colóquio Internacional Piedade Popular: sensibilidades, representações, espiritualidades**. Porto: Terramar, 1999.

INDEX

DO QUE SE CONTEM N'ESTE LIVRO.

PRIMEIRA PARTE.

	Paginas
Advertencia da maior importancia . . .	7
Preparação e graças para a Oração mental . . .	9
Meditação 1. ^a — Da vocação de Deos . . .	20
Meditação 2. ^a — Sobre o ultimo fim do homem . . .	24
Meditação 3. ^a — Sobre o mesmo . . .	28
Meditação 4. ^a — Sobre a importancia do fim do homem . . .	33
Meditação 5. ^a — Sobre o peccado . . .	38
Meditação 6. ^a — Sobre o mesmo . . .	43
Meditação 7. ^a — Sobre a morte . . .	49
Meditação 8. ^a — Sobre a mesma . . .	53
Meditação 9. ^a — Sobre a morte do justo, e do peccador . . .	60
Meditação 10. — Sobre o juizo . . .	66
Meditação 11. — Sobre o juizo final . . .	72
Meditação 12. — Sobre o inferno . . .	78
Meditação 13. — Sobre o Ceo e inferno . . .	84
Meditação 14. — Sobre a eternidade . . .	90
Meditação 15. — Sobre a misericordia de Deos . . .	93
Meditação 16. — Sobre a presença de Deos e penitencia . . .	100
Meditação 17. — Sobre o amor de Deos . . .	105
Meditação 18. — Dos beneficios . . .	110
Meditação 19. — Do Santissimo Sacramento . . .	114
Meditação 20. — Da Paixão de J. Christo . . .	120
Meditação 21. — Dos açoutes . . .	126
Meditação 22. — Dos espinhos . . .	130
Meditação 23. — A condemnação de Jesus Christo . . .	134
Meditação 24. — Tambem da Paixão . . .	139
Meditação 25. — Da Gloria . . .	143

SEGUNDA PARTE.

Instruções extrahidas dos Evangelhos.

	Paginas
1. ^a — Poucos são os que tem o verdadeiro e santo temor . . .	149
2. ^a — Reflexões sobre o juizo final . . .	152
3. ^a — Combate-se o amor proprio . . .	154
4. ^a — Inconstancia nos propositos, e falta de mortificação nos sentidos . . .	157
5. ^a — Sobre a humildade . . .	159
6. ^a — Combate-se a tibieza . . .	161
7. ^a — Motivos para a conversão do peccador . . .	163
8. ^a — Qual seja o caminho do Ceo . . .	166
9. ^a — Combate-se o dito de que não é preciso tanto . . .	168
10. — Os dous polos da vida espiritual . . .	170
11. — A maior parte dos christãos não tem virtudes verdadeiras . . .	172
12. — Remedio para não peccar . . .	174
13. — Todos devem fazer confissão geral . . .	177
14. — Os maus tambem devem ser amados . . .	179
15. — Cegueira do peccador; saber que ha inferno, e peccar . . .	181
16. — O christão preguiçoso ou se não salva, ou vai muito arriscado . . .	183
17. — Deve obrar-se sempre com pura intenção de agradar só a Deos . . .	185
18. — O peccador perde-se por sua culpa . . .	187
19. — O peccador obstinado com difficuldade se levantará do peccado . . .	189
20. — A humildade é o fundamento da vida espiritual . . .	192
21. — Sobre o amor divino . . .	194
22. — Quasi tudo está desmoralizado . . .	197
23. — Diferença que se dá entre o justo e o peccador . . .	199
24. — E' necessario soffrer muito por Jesus Christo para sermos espirituaes . . .	202

TERCEIRA PARTE.

Outras Instruções extrahidas da Paixão.

	Paginas
1. ^a — Sobre a humildade . . .	284
2. ^a — Sobre os peccados veniaes . . .	286
3. ^a — O soffrer e padecer . . .	288
4. ^a — Sobre tentações . . .	290
5. ^a — As pressas na Oração . . .	292
6. ^a — O negocio da salvação . . .	294
7. ^a — A perda de Deos . . .	296
8. ^a — O modo de conhecer quando ha peccado . . .	298
9. ^a — O que Jesus Christo poderá dizer ao peccador quando fór a contas . . .	300
10. — Odio encoberto no coração . . .	302
11. — A pouca firmeza de muitas almas . . .	304
12. — Quão feia está a alma em peccado mortal . . .	306
13. — Como os peccadores vivem enganados, e enganam os Confessores . . .	307
14. — O perdão das injurias . . .	309
15. — Os que não perseveram . . .	311
16. — A alma justa deve sempre temer . . .	313
17. — Os peccados não tem virtudes . . .	315
18. — Como o demonio faz desesperar na hora da morte . . .	317
19. — São poucos os verdadeiros amigos de Deos . . .	319
20. — Sobre a paz interior, e alegria do coração . . .	321
21. — Contra os escarneedores, e que tem falta de religião . . .	323
22. — Não se deve afrouxar por via dos desprezos . . .	326
23. — Sobre respeitos humanos . . .	327
24. — Os paes culpados nas infellicidades e peccados dos filhos . . .	330
25. — Quem pecca é por sua culpa . . .	332
26. — Qual seja o caminho do Ceo . . .	334
27. — O peccador é um ingrato, e todos devemos clamar contra o peccado . . .	336

Paginas

29. — Sobre o roubo aos Santos e ás almas do purgatorio . . .	515
30. — Sobre o jogo . . .	520
31. — Sobre a murmuração . . .	523
32. — Sobre as penas do purgatorio . . .	527
33. — Sobre a tibieza . . .	531
34. — Sobre a devoção . . .	534
35. — Sobre os poucos que se salvam . . .	538
36. — Sobre o tempo . . .	542
37. — Sobre o peccado nas pessoas espirituaes . . .	545
38. — Quão poucos são os justos no mundo, e quanto vale a sua oração diante de Deos . . .	548
39. — Sobre a ingratidão da alma peccadora . . .	552
40. — Para os incredulos . . .	553
41. — Contra os protestantes . . .	561
42. — Sobre o antichristo e fim do mundo . . .	566
43. — Uma visão do inferno, que tem convertido a muitos e grandes peccadores . . .	571
44. — Sobre a devoção a Maria Santissima . . .	577

QUARTA PARTE.

Vida de S. Francisco Xavier . . .	581
Vida de Santa Pelagia . . .	584
Vida de Santo Agostinho . . .	589
Vida de Santa Thereza de Jesus . . .	592
Vida de Santo André Corsino . . .	596
Vida de S. Philippe Nery . . .	598
Vida de Santa Rosa de Viterbo . . .	601
Vida de S. Pedro d'Alcantara . . .	604
Vida de Santa Maria do Egypto . . .	608
Vida de S. Vicente . . .	611
Vida de Santa Barbara . . .	614
Vida do Patriarcha S. Domingos . . .	618
Vida de Santo Ignacio de Loyola . . .	621
Vida de Santa Maria Magdalena de Pazzi . . .	624
Vida de Santo Afonso . . .	628
Vida de Santa Catharina de Sena . . .	631

Imagem 3: Partes do índice da *Missão Abreviada* em que fica evidente a divisão da obra.

Fonte: COUTO, Manoel José Gonçalves. **Missão Abreviada: para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar os fructos das missões.** 6ed. Typographia Sebastião Pereira, Porto, 1882. Acervo da Biblioteca Nacional Digital Portuguesa. Disponível em: <https://purl.pt/14841> Acesso em: 18 mai. 2021.

A variedade de temas, e a própria forma como a *Missão Abreviada* foi organizada, está completamente imbuída das vivências do Padre Couto nas *Missões populares* do século XIX, em Portugal. As informações de que disponho sobre a biografia desse padre-autor estão dispersas em pequenos (mas significativos) textos de religiosos portugueses. Um dos mais expressivos é o estudo que o teólogo Osório de Castro fez sobre a *Missão Abreviada* e o Padre Couto, em Portugal, e que foi publicado em 2002²⁴. Assim, ao descrever a trajetória de vida do Padre Couto, no momento da habilitação de suas ordens sacerdotais, em 1845, Osório de Castro comenta:

[o padre Couto] tem de voltar a Braga para se habilitar: poder pregar e confessar. É o que faz no ano seguinte em 1845, após a Primavera. E em Braga, enquanto se prepara para os exames que vai ser sujeito, vai sabendo do movimento que começa a ganhar forma: há presbíteros seculares e egressos que vão ensaiando equipas de pregação de missões populares, ou, como então eram por vezes designadas, missões apostólicas, evangélicas ou santas (CASTRO, 2002, p. 55–56).

Seria irresponsável empreender um estudo sobre a *Missão Abreviada*, e a experiência de autor do Padre Couto, sem uma reflexão histórica sobre as *Missões populares* na época moderna. A maior quantidade de informações sobre essas *Missões populares* (tanto em Portugal, quanto no Brasil) encontra-se dispersa em notícias de jornais que datam do final do século XIX e do começo do século XX, como também em textos oficiais emitidos por dioceses e outras instâncias canônicas e em alguns relatos de padres-missionários que deixaram registros sobre suas atividades²⁵.

Essas publicações dividem-se em textos elogiosos às *Santas Missões* (geralmente escritos por leigos e por alguns religiosos) e em textos que acusam essa

²⁴ CASTRO, Alberto Osório de. **"Missão Abreviada" do padre Manuel Couto: um abeiramento contextualizado.** Portugal: Grupo Cultural Aquae Flaviae, 2002.

²⁵ É importante destacar que as *Santas Missões* continuaram acontecendo tanto em Portugal quanto no Brasil nos anos seguintes, e permanecem até hoje (século XXI) em atividade. Enfatizo aqui as *Missões* do século XIX e começo do século XX, pensando nessas experiências como “compostos” da *Missão Abreviada* e organizadoras de um modelo de espiritualidade que irá se difundir na construção de movimentos *sociorreligiosos*, especialmente no Brasil.

experiência missionária de “desviar” os devotos da doutrina oficial católica e de oferecer excessiva liberdade de interpretação e culto “ao seu rebanho”.

O controle e a adequação da crença dos leigos a uma doutrina rígida da Igreja, que as *Santas Missões* supostamente garantiriam, foi soterrado por uma avalanche de práticas, de desvios e de reinterpretações empreendidas em cada lugar que os missionários passaram. Ao finalizarem uma jornada de *Missões*, a maioria desses sacerdotes havia ajudado a organizar um grande número de grupos de profetas, penitentes e demais leigos dispostos a reinventarem as normas e a reescrevem as doutrinas.

É um movimento paradoxal: se, de um lado, as *Missões* foram criadas para “suprirem o zelo deficitários dos clérigos”, e aproximarem “o rebanho” da “madre Igreja”, por outro lado, o que se observou a partir dessas intervenções, foi um poder cada vez maior dos leigos e um aumento de práticas litúrgicas que se desviavam das normas oficiais.

Uma experiência reveladora dessas disputas pode ser observada na organização das *Missões* em Lisboa, na segunda metade do século XIX, que certamente influenciou o Padre Couto, com a fundação da *Sociedade Católica*, em 1843, no contexto do reatamento das reações de Lisboa com Roma, após as duras medidas tomadas pelo governo liberal em Portugal²⁶. Essa sociedade era composta:

[...] de Bispos, Sacerdotes e Seculares de um e outro sexo reunidos para promover em toda a Monarquia Portuguesa a Moral evangélica (art. 1º). Primeiro por meio de Missões religiosas em todas as dioceses; segundo, pela publicação de escritos ortodoxos antigos e modernos, e pela versão na língua mãe, dos que se acham nas estrangeiras vivas ou mortas; terceiro, por estabelecimentos de instruções e de caridade em favor das classes desvalidas (art. 2º) (CLEMENTE, 2000, p. 254).

Não tardou para que as primeiras *Missões* organizadas pela *Sociedade Católica* começassem a ser difundidas “em toda a monarquia”. As atitudes tomadas, à época, pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, à época, D. Francisco de São Luís Saraiva, sobre a instauração de *Missões*, em Lisboa, indicam o tratamento que a Igreja deu a essa iniciativa, e apontam para o acirramento que foi sendo organizado no tempo. Em uma carta pastoral, o Cardeal Saraiva, anunciou:

²⁶ Cf. CLEMENTE, Manuel. A missão em Lisboa na época contemporânea (breve apontamento). In: *Didaskalia*, v. 35, n. 01–02, p. 495–506, 01 jan. 2005.

Já te disse que da parte dela [a *Sociedade Católica*] me pediram o meu consentimento para abrir missão em Lisboa, ao que prontamente anuí. Ontem me vinham pedir licença para que a missão começasse pela Igreja de S. Vicente de Fora. Respondi redondamente que tal licença não dava, pois se escandalizaria a Catedral, e outras Igrejas de Lisboa, mais graduadas, mais antigas e mais veneráveis, e ao mesmo tempo mais cómodas e centrais para a concorrência do povo. – Esta gente vê a inconveniência de se mostrar independente do poder eclesiástico, e quer salvar ao menos as aparências e eu duro como um mármore! (SARAIVA *apud* CLEMENTE, 2005, p. 497).

As críticas do Cardeal Saraiva às *Missões* centravam-se, especialmente, na ação dos leigos nessa “pastoral evangélica” e nas *táticas* usadas por estes para a entrada de suas atividades no seio da própria instituição eclesiástica. Mesmo após a dissolução da *Sociedade Católica*, em 1853²⁷, muitas outras *Missões* ocorreram tanto na capital quanto nas províncias.

Segundo Clemente (*apud* SARAIVA, 2005), é importante destacar, ainda, que o maior número de *Missões* se concentrou no interior onde os tentáculos eclesiásticos demoravam a chegar, quando chegavam. Entre silenciamentos e continuidades, as *Missões* persistiram. Segundo Eugênio Francisco dos Santos (2000)²⁸, “as famílias missionários que entre nós [os portugueses] mais se distinguiram foram, sem dúvida, os Missionários Apostólicos, os Lazaristas ou Vicentinos, os Jesuítas e os Oratorianos” (SANTOS, 2000, p. 223).

Em 1865, poucos anos após a dissolução da *Sociedade Católica*, o jornal português *Bem Público* trazia o “comunicado” de “Um catholico [*sic*] e amigo da religião” que, sendo um autor anônimo, descrevia a prática das *Missões*, o que elas combatiam e os benefícios na sua manutenção:

Atenção... Em nome da Igreja... A todos os católicos... Ninguém pode duvidar da grande desmoralização em que se vive neste reino. O maçonismo, o materialismo, o protestantismo, a incredulidade e o indiferentismo, tudo isso caminha a passos largos; e a par disto todos os crimes, vícios e maldades! E não se deverão fazer todas as diligências para remediar tantos males? Poderemos observar tudo isso, e ficar em silêncio, sem nos importar a Religião, a Santa Igreja, a salvação das almas, e o bem da sociedade? Não... Cada um pois deve trabalhar, o que poder, e no que poder, conforme o seu estado, forças e talento.

²⁷ Cf. CLEMENTE, Manuel. *Sociedade Católica*. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (org.). **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Porto: Círculo de Leitores, 2000. p. 254–255.

²⁸ SANTOS, Eugênio Francisco dos. *Missões do interior*. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (org.). **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Porto: Círculo de Leitores, 2000. p. 221–231.

E qual será o melhor modo de moralizar o povo, e de o fazer entrar nos seus deveres? É pelas santas missões, missões feitas por padres exemplares, de ciência e virtude, por mera caridade, sem algum interesse temporal²⁹.

Os principais alvos do “combate espiritual e social” que era empreendido nas *Santas Missões*, segundo o autor desse “comunicado” (maçonismo, materialismo, protestantismo, incredulidade e indiferentismo), indicam a permanência do “programa original” das *Missões*, que era de combater o protestantismo, e, também, apontam para o século XIX, com sua luta contra os “males da modernidade” que assolavam os católicos.

O “comunicado” estende-se, ainda, citando exemplos de como as *Santas Missões* eram úteis para “restaurar amizades, fazer os amancebados³⁰ se casarem, promover a paz entre as famílias e o bem espiritual e temporal da sociedade”³¹. Nesse mesmo texto, o misterioso autor passa a narrar um problema que cercava as *Missões* naquele momento: “Mas como se há de missionar todo esse reino? É impossível: *Messis quidem multa, operarii autem pauci*^{32,33}. Para suprir a falta desses “operários” da fé, o autor apresenta um livro que pode ser usado tanto por padres, quanto por leigos, em “todas as partes do reino”:

Mas não haverá modo de suprir a falta das missões? Sim, há. E qual será esse modo? É a oração feita em todas as povoações por padres exemplares, e na falta deles ainda por leigos instruídos e de virtude, a qual deve ser feita constantemente em todos os domingos e dias santos, e todos os dias pela manhã nos meses de inverno, pelo livro da **Missão Abreviada**. É isso o que já se pratica por muitas partes, e tem-se observado um fruto extraordinário entre os pecadores, e na emenda dos vícios. Eu digo pela missão abreviada: por que já este livro foi indicado para este mesmo fim: é um livro todo espiritual, não toca em partidos, não se mete em política, tem todas as instruções necessárias, e agora com o aditamento nada lhe falta; e finalmente está aprovado pela Igreja. A extração de mais de mil exemplares e em tão pouco tempo, bem como a conversão de muitos e grandes pecadores, que se tem realizado por todas as partes por meio dele, provam sua grande utilidade...

Portanto peço a todos os padres, que se presam de ser católicos, e na falta deles aos mesmos leigos de instrução e virtude, que façam oração ao povo como lhes digo, é pela Missão Abreviada, que lhes asseguro um fruto extraordinário na conversão dos pecadores, e na emenda dos

²⁹ Cf. BEM PUBLICO. In: **Comunicado**, n. 25, de 23 de dezembro, de 1865. Disponível na *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*.

³⁰ Que mantém uma relação amorosa, mas não são “casados na Igreja”.

³¹ BEM PUBLICO. *Idem*.

³² Grande é a messe, mas poucos são os operários. Extraído da *Bíblia Sagrada* – Lucas 10:2.

³³ BEM PUBLICO. *Idem*.

vícios! O autor deste livro não prega; mas aonde quer que chega com ele, arranja confissões gerais para 4 ou 3 padres como se fora numa missão... Alerta pois a todos! Alerta!³⁴

O texto se estende incentivando os católicos a manterem as práticas das confissões gerais, do recebimento dos sacramentos e da leitura dos livros católicos “que se espalham nesse País”. Para o autor, são muitos os benefícios apresentados: tanto para quem faz a leitura da *Missão Abreviada*, quanto para quem frequenta uma *Santa Missão*. Não é possível separar o livro dessa experiência, desse “composto” que está no cerne da sua gestação. No entanto, apesar das benfeitorias apresentadas pelo autor desse comunicado, ele prefere o anonimato. É possível imaginar algumas razões para isso.

À medida que as *Missões populares* ganhavam um alcance maior entre as “massas católicas”, elas também nutriram certo desprezo por parte de alguns líderes religiosos que viam em suas práticas um “desvio da fé” e uma forma de retirar da Igreja e de seus pastores o controle da experiência religiosa dos fiéis. Essa disputa já estava evidente nas primeiras querelas envolvendo a *Sociedade Católica* e o Patriarca de Lisboa, na primeira metade do século XIX, e permaneceu viva em outras temporalidades e espacialidades.

Para permanecermos no contexto português, o já citado teólogo Eugênio Santos (2000), na parte conclusiva de seu texto sobre as “Missões do Interior na época moderna”, questiona-se sobre o “tipo de cristianismo” que era difundido nas *Missões*. Essa reflexão revela o “embrião” dos embates que circulavam entre alguns setores da Igreja e os padres e leigos que compunham as *Missões*:

Que cristianismo difundiam os missionários? O dos teólogos e dos moralistas eruditos, isto é, uma religião coerente, bem estruturada, sem brechas? Ou faziam por erradicar até ao mais íntimo crenças e hábitos ancestrais, tentando aculturar o mais possível, mas aceitando certas condicionantes do mesmo meio, isto é, transigindo com uma religião de cerimônia e ostentação, de poder, de constrangimento e repressão? Em meu entender, era esta última hipótese que se verificava. Tudo se passava como se os missionários assimilassem e transigissem com um mal menor, com práticas que se lhes impunham com toda a evidência. Melhorar, atrair à religião do espírito e verdade, sim; mas na medida do possível. Era preciso ser realista (SANTOS, 2000, p. 230).

³⁴ BEM PUBLICO. *Idem*

A “realidade” admitida por Santos, em seu texto, diz respeito a certa “disputa” cultural que acontecia no seio das *Missões*. Não era possível que o cristianismo resultante dessa experiência missionária fosse o dos “teólogos e dos moralistas eruditos”. O que acontecia era a “síntese,” cheia de disputas simbólicas e de poder, de um conjunto de crenças diluídas no cotidiano desses “interiores” e um cristianismo prático focado no medo e no castigo divino.

Das *Missões*, levantavam-se um exército de penitentes e profetas, pessoas leigas que, munidas de livros sagrados, reorganizavam a crença. Para a organização dessas *Missões*, no contexto português, conforme apreendemos de Eugênio Santos, existia uma grande circulação de obras que ajudavam a “sustentar” e a guiar a prática missionária. As mais lidas, segundo o autor, foram: *Prática de Missiones*, Frei José Caravantes, Léon, 1674; *Missiones y sermones*, Pedro de Calatayud, Madrid, 1754; e *Regulamento dos que vão à Missão* (usado pelos Vicentinos, mas sem notícia de autoria).

Desses textos, o que teve, certamente, maior difusão na época, e que chega “aos nossos tempos” com relativa (e impressionante) circulação, é o livro *Missiones y Sermones* do jesuíta Pedro de Calatayud. Essa obra é dividida em três grandes volumes que descrevem, detalhadamente, as etapas, a duração e até os sermões que deveriam estar presentes nas *Missões*. Ao mesmo tempo em que apresenta orientações simples e diretas aos missionários, Pedro de Calatayud também compõe sermões enigmáticos e, por vezes, herméticos, que dão margem para muitas interpretações.

A estrutura dos livros de Calatayud é semelhante, em vários aspectos, ao que encontramos, séculos depois, na *Missão Abreviada*. É provável que o Padre Couto tenha tido contato com algumas dessas obras que tentavam estruturar as *Missões*, pois sua relevante obra, *Missão Abreviada*, reproduz boa parte dos textos que circulavam nas mãos desses outros missionários³⁵.

Logo após a sua ordenação, Padre Couto se une a uma equipe missionária para pregar, confessar e “emendar os pecadores”. Apesar das referências e aproximações com esses textos, a *Missão Abreviada* não é uma cópia dos manuais para as *Missões*. Sua organização textual (e as leituras feitas a partir dela) extrapolam as fronteiras das *Santas Missões* do séc. XIX e ganham outros terrenos, sejam eles físicos ou espirituais.

³⁵ A única informação que disponho de uma obra que provavelmente pertencia à biblioteca do Padre Couto está em uma nota de rodapé no trabalho do teólogo Osório de Castro. O título da obra é *Theologia Dogmática et Moralis*, de Ludovico Bailly, Vesontione, 1823. O livro pertence a um sobrinho trineto do sacerdote, José Manuel Barreiro Alves, e a capa da obra encontra-se assinada e datada pelo Padre Couto.

O texto presente na *Missão Abreviada* não se resume a um conjunto de instruções. Seja em Portugal, contexto que analisamos nesse capítulo, seja na América, onde suas leituras ajudaram a compor diversos movimentos sociorreligiosos, esse texto foi tomado como um “texto sagrado”. Através da posse do livro, abriu-se uma possibilidade de atuação mais ampla dos leigos no contexto do século XIX, tendo em vista que seriam essas pessoas que usariam/manipulariam o livro na ausência dos padres missionários.

Uma presença maior dos leigos, em rituais destinados a sacerdotes, não é algo propriamente novo na história das práticas católicas. Na discussão apontada pelo historiador André Vauchez³⁶ (1995), na obra *A espiritualidade na Idade Média Ocidental*, os leigos tiveram um papel fundamental na construção do cristianismo, no medievo, seja atuando em obras e em projetos da Igreja, seja como “braço armado” nas cruzadas ou, ainda, como vigilantes incansáveis contra as múltiplas heresias que fervilhavam à época.

Não demorou para que essas figuras leigas assumissem determinados papéis destinados apenas aos sacerdotes no medievo, e ousassem manipular elementos sobre os quais nem os próprios clérigos tinham tanto domínio, como, por exemplo, “a Palavra”:

Outra questão provocou dificuldades entre o clero e os leigos: o acesso à Palavra divina, que os fiéis desejavam cada vez mais conhecer de maneira ativa. Mas sua transmissão continuava sendo monopólio dos clérigos que tinham dela apenas um conhecimento insuficiente. Quanto àqueles, poucos numerosos, que tinham passado pelas escolas, consideravam que pôr as Escrituras ao alcance dos leigos constituía um perigo grave, pois estes, por serem incultos, arriscavam-se a fazer falsas interpretações: “Tal como a pérola jogada aos porcos”, escreve um membro da Cúria, o inglês Walter Map, por volta de 1185, “a Palavra será dada a ingênuos, que sabemos incapazes de receber, e mais ainda de dar o que receberam? Isso não seria possível e é preciso evita-lo” (VAUCHEZ, 1995, p. 98).

De acordo com Vauchez, os clérigos instruídos suspeitavam das traduções da *Bíblia* em língua vulgar, e preferiam encarar *A Palavra* como sendo uma relíquia, um tesouro destinado apenas a alguns escolhidos. É válido destacar, nesse sentido, que a Igreja preferia não colocar em risco o seu papel de intermediária entre Deus e os homens através desse acesso mais amplo às *Sagradas Escrituras*.

³⁶ Cf. VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental (séculos VIII à XIII)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

Mesmo com todo o controle e desestímulo à leitura, por parte da ortodoxia, alguns eremitas desafiaram essas proibições e assumiram “o ministério da Palavra”, pelo menos desde o século XI:

Na verdade, desde o fim do século XI, viram-se eremitas que nem mesmo tinham recebido as ordens menores assumirem o ministério da Palavra, sem a autorização do seu bispo. Bernard de Tiron, por exemplo, que no oeste da França reunia multidões de camponeses que acorriam para ouvir os seus sermões, respondeu a um padre, que lhe contestava o direito de pregar, que se obtinha pela virtude da mortificação (VAUCHEZ, 1995, p. 98).

No século XIX, esse medo materializou-se em uma política eclesiástica conhecida como *romanização* que propunha a *reforma*:

De uma série de atitudes da Igreja Católica, num movimento de reação a algumas correntes teológicas e eclesiásticas, ao regalismo dos estados católicos, às novas tendências políticas desenvolvidas após a Revolução Francesa e à secularização da sociedade moderna. Pode-se resumi-lo nos seguintes pontos: o fortalecimento da autoridade pontifícia sobre as igrejas locais; a reafirmação da escolástica; o restabelecimento da Companhia de Jesus (1814); a definição dos “perigos” que assolavam a igreja (galicalismo, jansenismo, regalismo, todos os tipos de liberalismo, protestantismo, maçonaria, deísmo, socialismo, casamento civil, liberdade de imprensa e outras mais), culminando na condenação destes por meio da Encíclica Quanta cura e do “Sílabo dos Erros”, anexo à mesma, publicados em 1864 (SANTIROCCHI, 2010, p. 24).

O Padre Couto tinha dimensão dessa necessidade da Igreja e produziu uma obra que tentava alinhar-se completamente a esses requisitos. Reforço que a ênfase maior do Padre Couto foi, sem dúvida, a de tentar “emendar o pecador” com Deus e a Igreja, sobretudo através de meditações/instruções cujas narrativas fariam qualquer devoto pensar um pouco melhor antes de se encaminhar ao “mundo do pecado”.

Esse esforço, no entanto, só foi exitoso parcialmente. A *Missão Abreviada* circulou entre a ortodoxia e a heterodoxia, “santidade” e “loucura”, “fanatismo” e “sabedoria”. As “intenções do autor” se diluem em um mar de apropriações e de recepções. Acentuo que essa pesquisa se ancora muito mais em uma tentativa de analisar as experiências “autônomas dos sujeitos que leem” (CERTEAU, 2015) do que propriamente de buscar as interpretações de um sujeito-autor moderno.

A história desse livro é também a história de seus leitores. Existem modificações operadas por quem lê que, além de fugirem das “intenções” do autor, podem constituir novas experiências socioculturais. Foi o que aconteceu com a maioria das práticas que são analisadas ao longo dessa pesquisa, nos seus vários contextos e desdobramentos.

Tomando alguns indícios apontados pelo teólogo Osório de Castro³⁷ (2002), a análise da própria *Missão Abreviada*, e as narrativas de devotos que a usam/usaram na contemporaneidade, é possível perceber traços estruturais das leituras desse breviário em Portugal que reverberaram, posteriormente, em suas apropriações na América.

O primeiro diz respeito à linguagem e à forma narrativa empregada pelo Padre Couto. Alguns autores como o já citado Castro (2002), o também teólogo João Francisco de Marques (1999), a historiadora Edianne Nobre e o historiador Jucieldo Alexandre (2011), parecem concordar que a “experiência [do Padre Couto] no contato real com as pessoas, vai impor-lhe uma forma de escrita simples, mas elegante, viva, direta, com exemplos de memorização fácil, com repetições” (CASTRO, 2002, p. 58).

Essa forma reveste e impulsiona o principal desejo do autor: “emendar os pecadores”. O “espírito da conversão” é o principal guia de toda a obra. A organização do livro foi composta por um conjunto de textos divididos com os títulos de “meditações”, “instruções” e relatos sobre a “vida dos santos”, cada um contribuindo de forma direta para alertar os pecadores sobre o mal que os cercam e que, possivelmente, os preenchem internamente. Não bastava apenas ler ou ouvir o texto. O leitor precisava sentir, digerir o conteúdo, palpitar o coração e “emendar” o espírito.

Os *protocolos de leitura* (CHARTIER, 2014), enquanto um fazer do autor/editor, encontram-se com uma *leitura absoluta* (CERTEAU, 2015) e prática (mística) do consumidor (leitor). Mesmo tratando de uma prática de leitura que remonta ao século XVII, Certeau desenvolve reflexões que poderão nos fazer compreender a função do livro e, conseqüentemente, levar-nos à aura de religiosidade que reveste, também, a *Missão Abreviada*:

O livro se substitui cada vez mais às instituições, tidas como decadentes ou corrompidas, ou a seus representantes oficiais, julgados incapazes, frequentemente pelo próprio fato de seu saber, de ouvir a questão que lhes é dirigida por “espirituais”. [...] Seus livros ocupam o lugar da voz autorizada que falta. [...] O livro toma o lugar da instituição que falta ou é decadente (CERTEAU, 2016, p. 206–207).

³⁷ CASTRO, Alberto Osório de. **A "Missão Abreviada" do padre Manuel Couto: um abeiramento contextualizado**. Chaves, Portugal: Grupo Cultural Aquae Flaviae, 2002.

Na falta de um sacerdote, “qualquer pessoa que soubesse ler bem” poderia usar e dirigir os crentes ao seu redor a partir das indicações da obra. A recitação dos textos da *Missão Abreviada*, em celebrações leigas, conferia ao “líder leitor” um aspecto sacerdotal que o autorizava a estabelecer a conexão entre a massa de crentes e os mistérios divinos.

Essa experiência deságua na segunda questão que, penso, faz eco tanto em Portugal, quanto no Brasil: a reflexão sobre a função dos leigos, e o poder conferido (tomado?) a eles durante o século XIX, na difusão e na manutenção do cristianismo.

Essa “autorização não confessada” atravessa o cotidiano católico pelo menos desde o medievo. Entretanto, acontece algo realmente instigante no século XIX. A Igreja tenta, através de várias políticas internacionais, colocar em prática um projeto de *romanização* que, entre outras coisas, estava calcado na normatização dos “excessos” dos leigos, transferindo toda a autoridade para a mão dos clérigos.

É nesse contexto, e para responder a esse interesse, que a *Missão Abreviada* foi escrita. Contudo, ao invés de legitimar essa prática romanizadora, a *Missão* autorizava, de forma paradoxal, uma atuação mais ampla dos leigos nas práticas litúrgicas e socialmente destinadas aos sacerdotes. Em uma “advertência da maior importância”, o Padre Couto sugere:

Em qualquer povoação deve haver um Missionário (deixem-me assim dizer); este deve ser um Sacerdote de bom exemplo, e na falta d'elle qualquer homem ou mulher que saiba lêr (sic) bem e de uma vida exemplar; e então com um destes livros deve fazer oração ao povo [...] (COUTO, 1871, p. 7).

Soma-se a essa “autorização não confessada”, para a atuação dos leigos, a dificuldade da alocação de sacerdotes em espaços mais afastados das paróquias centrais. Essa reunião de fatores resultou em uma nova experiência de crer e ler que acabou materializando-se nas *Missões*, em Portugal, e que, no Brasil, acabou reverberando e influenciando a formação de importantes tradições e movimentos religiosos.

Da “mão do autor” surgem textos que nos permitem “escutar os mortos com os olhos” (CHARTIER, 2014). As partes que compõem a *Missão Abreviada* oferecem alguns indícios de como seus textos encantaram cidades inteiras, e ecoaram nas vozes de penitentes, beatos e profetas. Proponho, portanto, uma *leitura* das meditações, instruções e vidas de santos narradas pelo Padre Couto, tomando como caminho, para essa *operação*

de caça, a travessia estabelecida entre história e ficção, ou, nas palavras de Michel de Certeau, uma “maneira de reinserir o tempo”.

1.2 Meditações e Instruções

Com quantos quilos de medo se faz uma tradição?
(Tom Zé)

Das páginas da *Missão Abreviada* “saltam” três formas de comunicação entre o Padre Couto e seus leitores: meditações, instruções e vidas de santos (hagiografias). Essas três formas se apresentam como uma *trindade*: funcionam de maneira separada, mas estão unidas, indiscutivelmente, por um mistério, um “nó”, que organiza os sentidos do texto e da mística que o envolve.

Cada um desses elementos da “trindade” se constitui, ao mesmo tempo, como uma *prática* e como um *texto*. A primeira forma narrativa apresentada no livro, a *meditação*, é tanto uma prática de *oração mental*, que foi muito difundida por vários teólogos e doutores da Igreja, como também foi se constituindo como uma forma textual em vários escritos teológicos. No *Modo de fazer oração mental*³⁸, escrito por Santo Afonso Maria de Ligório, a meditação foi apresentada como o núcleo que constitui esse tipo de experiência:

Para a Meditação sirvamo-nos sempre de um livro, ao menos no começo, parando nas passagens que mais impressão nos fazem. São Francisco de Sales diz que devemos imitar as abelhas, que se demoram numa flor enquanto acham mel, e voam depois para outra.

Note-se que além disto são três os frutos da meditação: afetos, súplicas e resoluções; nisto é que consiste o proveito da oração mental. Assim, depois de haverdes meditado numa verdade eterna, e Deus ter falado ao vosso coração, é mister que faleis a Deus (LIGÓRIO, 1921, p. 05).

Santo Afonso de Ligório não está aqui por acaso. Ele foi uma grande inspiração para a composição do texto da *Missão Abreviada*, por sua ação fundamental na construção

³⁸ Cf. LIGÓRIO, Afonso Maria de. **Meditações**: Para todos os Dias e Festas do Ano: Tomo I: Desde o Primeiro Domingo do Advento até a Semana Santa Inclusive. Friburgo: Herder & Cia, 1921.

das Missões Redentoristas (que muito inspiraram o Padre Couto) e por seus textos voltados ao campo da oração e da meditação³⁹.

As *meditações* escritas por Padre Couto, apesar de uma nítida influência do “estilo” de Santo Afonso, se aproximam também daquilo que o historiador Jean Delumeau chamou de uma *pastoral do medo*, isto é, um modelo de pregação que prioriza “a justiça” ao invés da “misericórdia”, trazendo para as mãos de Deus o pesado açoite que irá castigar a humanidade embebida pelo pecado.

Os temas desses textos, apontados já no índice do livro (ver tabela abaixo), dão ao leitor certa noção da imersão do Padre Couto no campo da *pastoral do medo*. Ainda assim, tomando apenas os temas das meditações que aparecem na obra, parece existir certo equilíbrio entre o temor e a graça nos textos da *Missão Abreviada*:

Tabela 01: Temas das <i>meditações</i> na ordem que aparecem na Missão Abreviada⁴⁰	
Meditação 1	Da vocação de Deus
Meditação 2	Sobre o último fim do homem
Meditação 3	Sobre o mesmo
Meditação 4	Sobre a importância do fim do homem
Meditação 5	Sobre o pecado
Meditação 6	Sobre o mesmo
Meditação 7	Sobre a morte
Meditação 8	Também sobre a morte
Meditação 9	Sobre a morte do justo e do pecador
Meditação 10	Sobre o juízo
Meditação 11	Sobre o juízo final
Meditação 12	Sobre o inferno
Meditação 13	Sobre o céu e o inferno
Meditação 14	Sobre a eternidade
Meditação 15	Sobre a misericórdia de Deus
Meditação 16	Sobre a presença de Deus e a penitência
Meditação 17	Sobre o amor de Deus
Meditação 18	Dos benefícios
Meditação 19	Do Santíssimo Sacramento
Meditação 20	Da Paixão de Jesus Cristo
Meditação 21	Sobre os açoites
Meditação 22	Sobre os espinhos
Meditação 23	Da condenação de Jesus Cristo
Meditação 24	Também sobre a Paixão
Meditação 25	Sobre a Glória

³⁹ A relação do Padre Couto com Santo Afonso Maria de Ligório, a partir de uma concepção teológica, foi descrita pelo teólogo Alberto Osório de Castro em trabalho já mencionado.

⁴⁰ Nas suas quinze edições, existem apenas, muito raramente, uma mudança na ordem dos temas das instruções e das meditações. A edição usada para a escrita da tese é a oitava, de 1871, uma das edições que houve uma maior circulação no Brasil.

Sustento, no entanto, que, na perspectiva do Padre Couto, mesmo as meditações destinadas a apresentar “a misericórdia e a graça” são ornadas com o peso do castigo, delineando o que o padre chama de “a natureza de Deus”:

MEDITAÇÃO 15

Sobre a Misericórdia de Deus

Considera, pecador, que a justiça de Deus é infinita contra os pecadores obstinados; pecadores que não se emendam, que só tem o nome de cristão que negam o seu coração a Deus; contra esses pecadores, a justiça de Deus é infinita; Deus há de castiga-lo, porque não pode deixar de ser Deus, nem de ser justo. Assim a misericórdia de Deus também é infinita para com aqueles pecadores que verdadeiramente se arrependem, se confessarem e se emendarem (COUTO, 1871, p. 95).

Nesse, e em vários momentos da obra, a “natureza de Deus” é apresentada a partir do seu aspecto “justiceiro”. Nesses textos, a imagem de Deus foi pintada em uma *fronteira* que mescla suas características celestes e sobrenaturais com sentimentos humanos: ira, desgosto, tristeza e alegria.

As meditações e instruções escritas pelo Padre Couto são ornadas com sentenças frasais que criam um cenário de pregação: “Considera pecador”/ “Considera cristão”/ “E o que faz você, pecador, quando peca?”. Esse diálogo próximo com o leitor é reforçado, ao longo do texto, por um estilo literário que não quebra, em um só momento, a ideia de que tudo o que está ali escrito é um grande sermão/diálogo entre o autor e seus leitores/pecadores.

Retomando as reflexões de Jean Delumeau (2003), em *O pecado e o Medo*, interpreto que parte significativa do texto da *Missão Abreviada* está envolvido em uma “experiência teológica do desprezo do mundo e do homem”, que ficou conhecida, entre várias formas, como *contemptus mundi*.

Essa interpretação católica sobre a “natureza” dos homens, do mundo e de Deus estende-se em uma longa tradição: perceptível desde a antiguidade, passando pelo medievo e a mística moderna que, por sua vez, deságua em publicações teológicas dos séculos XV e XVI, marcando, com profundidade, religiosos e leigos das gerações futuras:

[...] as tão breves alegrias desse mundo engendram os sofrimentos eternos (Roger de Caen); a terra é um exílio; “o amor do mundo é noite” (Jean de Fécamp); a carne é uma prisão (Philippe le Chancelier); o homem é “filho da podridão” e será “repasto dos vermes” (anônimo do século XI); os sentidos, “miserável condição do homem”, são os

grandes provedores do pecado (Padre Damien). Quem quer salvar-se é convidado a “cuspir na podridão do mundo” (Padre Damien) e, se possível, entrar num mosteiro; viver na secularidade é habitar em uma “Babilônia” (Santo Anselmo) (DELUMEAU, 2003, p. 33).

Considero que as teologias descritas acima, presentes nos *contemptus mundi*, assim como nas meditações e instruções da *Missão Abreviada*, desdobraram-se em, pelo menos, três domínios na construção de uma **ética religiosa** engendrada pela “pastoral do medo”: 1) a construção de uma *geografia do além*, que marcou os espaços de gozo ou perdição, mundanos ou divinos, para onde são conduzidas as almas em seu destino derradeiro à espera da ressurreição; 2) a elaboração de uma *ética hagiográfica* calcada nos exemplos das vidas dos santos como um modelo de vida a ser alcançada e 3) no aprofundamento da *penitência* como ferramenta para a redenção do homens que, por seus pecados, obterão a salvação, se forem capazes de vivenciarem a *imitação de Cristo*, ou a perdição infernal, se eles entregarem-se às vicissitudes do corpo e da alma.

Desses “engendramentos”, as imagens responsáveis por “muitos e grandes pecadores se confessarem arrependidos” (COUTO, 1871, p. 07) são as que evocam os castigos para aqueles que perderam “a companhia amabilíssima de Jesus Cristo e de sua Mãe Santíssima” (COUTO, 1871, p. 78), pois estão queimando no fogo do inferno.

O Padre Couto construiu uma *geografia do além* onde os espaços do Céu, Inferno e Purgatório foram apresentados através de uma narrativa que passeia entre os “Gritos”, de Joseph Boñeta⁴¹, e as descrições “eternas” de Dante Alighieri⁴². A união dos elementos antigos, com a experiência *dramática* vivida nas *Santas Missões*, fez o Padre Couto construir espaços que encantavam, amedrontavam e “enlouqueciam” os “pecadores” capturados pelas páginas da *Missão Abreviada*.

⁴¹ Refiro-me, aqui, às obras *Gritos del Purgatorio y medios para acallarlos* (1689) e *Gritos del Infierno para despertar el mundo* (1705) do padre aragonês Joseph Boñeta. Essas obras foram traduzidas para o português e tiveram uma intensa circulação entre os séculos XVIII e XIX. Para mais informações sobre a experiência histórica que envolve a redação dessas obras, conferir: OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes de. Horrores breves – horrores eternos: uma reflexão sobre a obra Gritos do Inferno para Despertar o Mundo do Padre Joseph Boneta. In: **Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literatura do Porto**, Porto, v. 01, n. 12, p. 103–11, dez. 1995. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo5721.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2020.

⁴² Na *Divina Comédia*, Dante Alighieri constrói a imagem do inferno e do purgatório que se cristalizou no imaginário ocidental. Na primeira parte da obra, intitulada *O inferno*, Dante, ao lado de Virgílio, atravessa os *Círculos Infernais* e constata as torturas e as dores dos seres reais e ficcionais cujas vidas pecaminosas foram dedicadas às prevaricações, às concupiscências e às pecaminosidades destruidoras da vida cristã. Um dos maiores clássicos da Literatura Ocidental, é definitivamente a obra que reúne os componentes necessários para a configuração do medo em torno da danação infernal presente em diversas obras de cunho religioso ou não religioso.

1.2.1 Padre Couto e a geografia do além

Na edição do dia 24 de setembro, de 1876, o jornal *A Palavra*, que circulava na Província de Alagoas, Brasil, apresentou uma denúncia anônima contra a *Missão Abreviada* que dizia ter sido o “responsável por enlouquecer uma pobre rapariga” que morava na Ilha do Pico. A notícia destacava que foram as “pinturas do inferno” que ocasionaram essa “grande enfermidade” sofrida pela moça⁴³:

Fructos dos bons livros

Na freguesia da Piedade, ilha do Pico, enlouqueceu uma pobre rapariga devido à leitura de um livro que ali se espalhou intitulado *Missão Abreviada*. As tenebrosas pinturas do inferno que nessa obra se acham, incutiram no animo da infeliz terror tal, que ocasionaram a grande enfermidade de que é agora victima.

Na freguesia de S. Mateus, da mesma ilha, também já se deu um caso identico.

Sendo assim, não exigirá a própria caridade christã que taes livros não se espalhem e evitem-se assim novos males?⁴⁴

Tomando a descrição apresentada nessa fonte, e seguindo os passos de Jacques Le Goff⁴⁵ (2017), somos convidados a olhar com atenção para o processo de *espacialização do além* operado pela cristandade, especialmente a partir do século XII:

Organizar o *espaço de seu além* foi uma operação de grande impacto para a sociedade cristã. Quando se espera a ressurreição dos mortos, a geografia do outro mundo não é um assunto secundário. E pode-se esperar que haja relações entre a maneira como tal sociedade organiza seu espaço nesse mundo e seu espaço no além, pois os dois espaços estão ligados por meio das relações que unem a sociedade dos mortos e dos vivos (LE GOFF, 2017, p. 14–15).

As representações dos espaços do além, escritas pelo Padre Couto, alinham-se à lógica apontada por Le Goff. A intenção principal do autor da *Missão Abreviada*, nesse aspecto, foi a de fortalecer as representações do *Inferno* como espaço organizador da justiça divina, dos principais medos e castigos vividos pelos cristãos, também da

⁴³ Retomo essa fonte no próximo capítulo em uma discussão sobre a recepção da *Missão Abreviada* no Brasil.

⁴⁴ *Jornal A Palavra* (AL), Edição de 24 de setembro de 1876. Disponível na *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*.

⁴⁵ Cf. LE GOFF, Jacques. **O nascimento do purgatório**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

condenação de um mundo no qual a justiça temporal travava lutas importantes contra a Igreja⁴⁶.

O Inferno foi o espaço eleito pelo Padre Couto para agregar as principais mensagens destinadas ao mundo religioso e político da época. Através dos recursos tecnológicos contemporâneos⁴⁷ foi possível fazer uma contabilidade das referências (quantidade de vezes em que a palavra aparece no texto) dos verbetes inferno, céu e purgatório presentes na obra. O resultado foi o seguinte:

Espaço do Além	Quantidade de referências
Inferno	486
Céu	194
Purgatório	41

Tabela 02: Número de aparições das palavras “Céu”, “Inferno” e “Purgatório” na *Missão Abreviada*.

A estatística salta aos olhos⁴⁸, indicando uma preocupação do Padre Couto que não pode ser analisada superficialmente. Dessa forma, considero importante apresentar as narrativas que compõem o “pesadelo” do cristão nas mãos do Padre Couto. A primeira meditação dedicada completamente ao Inferno, na *Missão Abreviada*, intitulada *Sobre o inferno*, inaugura a forma como esse espaço será descrito em toda a obra. As meditações 12 e 13, *Sobre o Inferno e Sobre o Céu e o Inferno*, respectivamente, apresentam detalhes sobre os pecados e caminhos para se livrar ou mergulhar no “grande Acheronta”:

SOBRE O INFERNO

Considera, pecador, que o inferno é um lugar no centro da terra; é uma caverna profundíssima cheia de escuridão, de tristeza e horror; é uma caverna cheia de lavaredas de fogo e de nuvens de espesso fumo. Lá são atormentados os pecadores na companhia dos demônios; lá estão

⁴⁶ É importante salientar que a época em que a *Missão Abreviada* foi escrita e divulgada em Portugal coincide com o adensamento da política liberal no país e da supressão de muitos direitos e conquistas mantidas secularmente pela Igreja. A esse respeito, conferir: CRUZ, Manuel Braga da. Igreja e Estado na Época Contemporânea. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (org.). **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Porto: Círculo de Leitores, 2000. p. 401–411.

⁴⁷ Para o levantamento apresentado, eu usei a ferramenta de busca de palavras e caracteres do programa *Adobe Acrobat Reader*.

⁴⁸ Tomo aqui a estatística como uma ferramenta para “ler” o texto do Padre Couto. Essa “ferramenta de leitura” está afastada de uma “ambição de matematizar a historiografia” tomando a estatística como algo que autoriza a dizer sobre a verdade e sobre o real. Para uma reflexão aprofundada sobre os usos *fictícios* da estatística na “escrita da história”, conferir: CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise entre ciência e ficção**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Ver especialmente o *Capítulo 1: A história, ciência e ficção*).

bramindo e uivando como cães danados, proferindo terríveis blasfêmias contra Deus. Lá estão atormentados os pecadores com a pena de damno [sic], isto é, por terem perdido tantos e tão grandes bens, que puderam alcançar. Oh! Quanto perderam aqueles infelizes! Pois perderam a companhia amabilíssima de Jesus Cristo e de sua Mãe Santíssima; perderam também a companhia dos anjos e dos santos; perderam os deleites inefáveis de todos os sentidos que no Reino dos Céus logram os seus moradores; perderam a paz interior; perderam as virtudes todas e dons da graça divina; perderam a honra de serem filhos e herdeiros do mesmo Deus; perderam a vista clara de Deus; perderam o seu último fim, o sumo bem, para que foram criados; finalmente, perderam a felicidade eterna, e com ela tudo perderam; só não perderam a vida para sentirem tantas e tão grandes perdas por toda a eternidade! É possível, poderá exclamar o reprovado lá no Inferno desesperado, é possível que por culpa minha e vontade própria, perdi para sempre o meu Deus, o meu sumo bem! Por via de coisas de sonho, por coisas passageiras perder o Reino dos Céus, que era a minha eterna bem aventurança, para me sepultar para sempre, para sempre aqui no Inferno! Antes de escolher eu o tormento eterno do que a eterna gloria! Antes escolher a maldição de Deus, do que a sua benção! Antes a companhia dos demônios, do que a de Jesus Cristo, dos Santos e Anjos! E então eu tendo perfeito Juízo e entendimento!

[...] Os demônios, que são os ministros da justiça divina, lançarão suas garras e atizarão os pecadores reprovados a esse poço de incêndios devoradores. Ali ficarão sepultados em camas de fogo, não tocando senão fogo, não sentido senão fogo, não comendo nem bebendo senão fogo... De todo ficarão convertidos em fogo; nos olhos, nos ouvidos, na língua, na garganta, no peito, no coração, nas entranhas, nos pés, nas mãos, finalmente em tudo fogo; não como este que na terra vemos, mas sim um fogo escuro, fétido e abrasador; ainda mais horroroso que o do metal derretido; é um tal fogo, que com as suas línguas ata e prende os membros dos condenados, como uma serpente com as suas roscas; é um fogo que faz um tal ruído, como se fora uma tempestade de furiosos ventos... Talvez alguém dirá: Ora isso nem tanto. Nem tanto! Pois desengana-te; tudo isso é uma fraca pintura, é uma ligeira sombra, é um sonho, é nada (deixe-me assim dizer) em comparação da verdade (COUTO, 1871, p. 78–81).

É difícil mensurar o impacto dessas palavras na mente de um cristão devoto que viveu o século XIX: perder a companhia de Jesus, da Virgem Maria, dos santos e dos anjos; arder em um fogo que causa dor imensurável e viver tudo isso no tempo da eternidade. Mesmo para os cristãos do “tempo presente”, que tendem a acreditar no Inferno como um “estado de espírito”⁴⁹, a leitura do Padre Couto pode evocar uma sensibilidade histórica que faz arder corações.

⁴⁹ Existe uma tendência contemporânea de interpretação do inferno, especialmente a partir do pontificado do Papa Francisco, como um “estado de espírito”. A esse respeito, ver: LOMONACO, Amadeo. **O inferno não é um lugar, mas um estado da alma, explica sacerdote italiano**. Disponível em:

O “Inferno do Padre Couto” dialoga com imagens antigas de um “pesadelo” desenhado a muitas mãos. Os *compostos* do inferno que sustentam as páginas da *Missão Abreviada* podem ser lidos através de uma tensão que se inscreve na disputa por uma “morte do inferno intelectual”, construído, especialmente, pelos filósofos “ilustrados” entre os séculos XVII e XVIII⁵⁰, e o adensamento da “pastoral do medo”, como uma reação a essas doutrinas que estavam se espalhando na estrutura da Igreja.

Segundo George Minois (2005), na obra *História dos Infernos*⁵¹, os filósofos iluministas sustentavam que a imagem de um espaço de purgação eterna, orientado por um conjunto de leis antigas que sustentava ideologicamente o Antigo Regime, não combinava com as reflexões desenvolvidas nos gabinetes ilustrados da Europa ainda tomada pelo calor da Revolução Francesa. O otimismo do progresso transformou o “inferno popular” nesse “inferno intelectual”, algo mais próximo ao Purgatório, fazendo ecoar os sentidos de um mundo “onde o mal estava desaparecendo” (MINOIS, 2005, p. 386). No entanto, segundo esse mesmo autor, “a vitória do século XVIII sobre o inferno é uma vitória de Pirro. A hidra infernal tem muitas cabeças” (MINOIS, 2005, p. 387). O alvorecer do século XIX é marcado pelo ressurgimento de pregações sobre o Inferno que dialogavam com as imagens de um “inferno popular”, já amplamente difundido na mente dos fiéis e de uma política da Igreja Católica voltada para reafirmar seus dogmas diante das opiniões políticas liberais.

Minois resgata os sermões do Padre Louis-Agustin Robinot (1756–1841), que pregou para os seminaristas em Nevers no começo do século XIX, reforçando a necessidade de reestabelecer as bases da Igreja e de ideias que haviam sido “degeneradas” nos séculos anteriores:

A simplicidade cristã transformou-se em desconfiança; sem serem mais sábios, tornaram-se mais críticos, mais presunçosos, menos confiantes em seus pastores, menos dispostos a acreditar no que eles dizem. Não basta conhecer as verdades da fé, é preciso demonstrá-las. Não é mais suficiente lembrá-los das obrigações que sua fé lhes impõe, devemos dizer-lhes por que eles deveriam fazer isso e abster-se daquilo: em uma palavra: Você tem que se dar ao trabalho de convencê-los de tal forma que eles não possam duvidar que saibamos defender melhor a religião

<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-04/papa-francisco-teologia-inferno-entrevista-padre-athos-turchi.html>. Acesso em: 13 jan. 2023.

⁵⁰ George Minois (2005) entende por “inferno intelectual” a elaboração desse espaço por parte de filósofos e teólogos na “época das luzes”, especialmente no decorrer do século XVIII.

⁵¹ Sobre essa questão, conferir: MINOIS, George. **Historia de los infiernos**. Traducción de Godofredo González. Barcelona: Paidós, 2005.

do que nossos inimigos sabem atacá-la (MINOIS *apud* ROBINOT, 2005, p. 401).

As pregações de Robinot combinam com o tipo de formação que o Padre Couto recebeu e transmitiu. Ainda segundo Minois, o abade Robinot escreveu um sermão intitulado *Sobre o inferno* (título idêntico ao texto que o Padre Couto escreveria anos depois) no qual afirmava que “lembrava dos bons tempos de antes da Revolução onde, quando abordava o assunto, os paroquianos ficavam apavorados” (MINOIS, 2005).

Em outro sermão, *Sobre a eternidade e as penas do inferno*, o Padre Robinot continua apresentando seu argumento sobre a necessidade de reafirmar a pregação a partir dessa noção do inferno como um combate às ideias “mundanas” que estavam camufladas no interior da Igreja:

Em nosso infeliz tempo, devemos começar justificando a existência do inferno antes de "falar com a sua imaginação, agitando-a, maravilhando-a, semeando nela a perturbação e talvez o medo [...] sem temer a reprovação de ser exagerado, já que depois de ter falado muito, de fato, nada foi dito sobre essas torturas” Demonstrar antes de aterrorizar: esse é agora o plano de ação (MINOIS, 2005, p. 405).

O texto de Minois segue apresentando sermões e escritos de outros padres e teólogos que produziram um alargamento do terror sobre o inferno no final do século XIX e começo do século XX. As formas de pregação e apresentação do Inferno, por parte desses sacerdotes, dialogam com aquilo que foi produzido pelo Padre Couto. É preciso, no entanto, destacar que a “história dos infernos”, de Minois, no que se refere às análises que ele dedicou aos séculos XIX e XX, é basicamente a “história dos infernos franceses”. O autor concede pouco espaço para a discussão das noções de inferno difundidas em outros países, mesmo europeus.

O recorte historiográfico de Minois não abrange, por exemplo, a obra *Gritos do inferno para despertar o mundo*, do padre aragonês Joseph Boñeta, que, segundo as reflexões de Maria Gabriela Gomes Oliveira⁵², foi relevante para a divulgação das *noções populares* do inferno no mundo contemporâneo, ressignificando as descrições de Dante

⁵² Cf. OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes de. Horrores breves – horrores eternos : uma reflexão sobre a obra *Gritos do Inferno para Despertar o Mundo* do Padre Joseph Boneta. In: **Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literatura do Porto**, Porto, v. 01, n. 12, p. 103–11, dez. 1995. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo5721.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2023.

Alighieri em linguagem que comunica, de maneira mais direta, com os sacerdotes e leigos do século XVIII.

Os escritos de Joseph Boñeta sobre o inferno, assim como os do Padre Couto, não aprofundam uma descrição dos espaços, agentes de satã e “ciclos infernais”, tal como fez Dante⁵³. As preocupações de Boñeta e Couto centram-se em estabelecer um “diálogo com os pecadores” em um mundo tomado pela “ideologia liberal/revolucionária”, recolocando o Inferno em seu lugar central no pesadelo da “Pastoral do Medo”.

Joseph Boñeta elegeu áreas da vida humana nas quais o pecado poderia entrar sorrateiramente e marcar a vida do sujeito com uma passagem apenas de ida para a perdição eterna. Ao escrever sobre essas áreas, o padre aragonês narrou “os gritos” das almas envolvidas pelo pecado naquela área.

No primeiro capítulo do livro *Gritos do Inferno*, por exemplo, o Padre Boñeta inaugura o *Tratado I: sobre os pais de família*, no qual descreve o “certo e fácil arbítrio no qual os pais de família podem melhorar todo o mundo” (BOÑETA, 1721, p. 01). Após uma reflexão sobre o tema proposto, Boñeta surpreende o leitor com um texto em caixa alta: “Gritos de um pai de família condenado”. Nesse texto, o próprio pai *fala* para os leitores através da mente e da visão de Boñeta:

Eu sou, mortais, um pai de família que morri, fui julgado e estou condenado. [...] Morri. Não tem porque cantar, porque nem se pode entender, nem explicar quanto é o que uma inopinada morte aflige a uma consciência descuidada (BOÑETA, 1721, p. 07).

O pai-imortal fala aos leitores-mortais esgueirando-se entre as chamas ardentes do Inferno. O personagem-narrador, criado pelo Padre Boñeta, segue testemunhando os motivos de sua condenação: ele havia negligenciado sua família em detrimento, apenas, do trabalho e das coisas do mundo. Para falar do seu sofrimento, ele utiliza metáforas, explica sua dor, arrepende-se e grita “ai de mim!”, pois está sofrendo os castigos eternos nas cavernas infernais.

No que diz respeito ao inferno, as obras de Couto e Boñeta amedrontam mais, porque “falam direto com o coração pecador” do que propriamente pela descrição de imagens e simbologias infernais. Esses sacerdotes-autores utilizam o recurso do testemunho para falar com o “coração pecador”: Padre Boñeta mergulha no pesadelo

⁵³ Refiro-me, aqui, a obra: ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução de Luciene Ribeiro dos Santos Freitas. Baurueri: Novo Século, 2022..

infernais e consegue “ouvir os gritos” das almas condenadas. O Padre Couto, por sua vez, se vale do testemunho de santos que visitaram o Inferno, em espírito, para demonstrar seus horrores e alimentar a consciência dos pecadores para a conversão.

O uso dessa estratégia narrativa fica evidente no texto que o próprio Padre Couto elegeu como sendo “uma visão do inferno que tem convertido a muitos e grandes pecadores”. Trata-se da Instrução 43, dos “assuntos da maior importância”, na qual nosso autor descreve a visão de “Madre Anna de Santo Agostinho”, que visitou em espírito o Inferno, guiada por Santa Tereza de Jesus, a fundadora da Ordem das Carmelitas Descalças.

Segundo o Padre Couto, a experiência de Madre Ana de Santo Agostinho foi tão intensa que seus escritos suscitaram temor do próprio diabo, que queimou por três vezes os manuscritos nos quais Madre Ana falava de sua experiência. Foi apenas através da intervenção de Santa Tereza que os manuscritos cessaram de ser destruídos, ficando disponíveis para toda a cristandade:

Diz ela então que seu espírito fora arrebatado e levado na companhia de Santa Tereza e de outro Religioso da sua ordem; que fora levada por um caminho largo e espaçoso, e que depois a meteram em um outro caminho muito estreito e apertado, aonde ficaram entrar por foça; e no mesmo tempo desapareceram aqueles dois santos, ficando ela aflitíssima sem nenhum amparado do Céu, nem da Terra. Logo acudiram os demônios com grande tropel e ruído, e com muita brevidade abriram uma boca do inferno e lá a introduziram; onde havia (diz ela) uma grande quantidade de demônios e grandes chamas de fogo. Depois entrou numa outra caverna mais profunda, a qual também estava cheia de fogo, de demônios e condenados em uma confusa desordem! Ela estava amargurada, atônita e espantada, olhando e vendo aqueles espaços prolongados, aquelas moradas terríveis e infernais, aquele grande número de demônios e condenados, revolvendo-se todos em chamas de fogo o mais devorante. Que os tormentos com que os tais condenados eram atormentados, eram tantos e tão diversos que nem imaginar se pode, quanto mais dizê-lo com palavras! (COUTO, 1871, p. 573).

O texto da *Missão Abreviada* segue narrando as “visões tão horrendas” de Madre Ana sobre o inferno e sobre as almas que lá estavam. Ela viu Monarcas, Bispos, Padres e pessoas da “mais alta dignidade” ardendo nas chamas infernais. A venerável Madre viu, também, as penas que essas almas condenadas estavam pagando e, segundo ela, quanto mais eles reclamavam de dor e de sofrimento, mais suas penas aumentavam. Ainda

segundo os escritos do Padre Couto, Madre Ana passou apenas oito horas no Inferno e elas foram suficientes para:

[...] perder toda a saúde; na cor do rosto parecia uma defunta, até se esquecia de comer, se as outras Religiosas não tivessem cuidado dela: andava pasmada, atônita e estremecia muitas vezes sobressaltada. Antes era muito alegre, mas com modéstia; porém depois nunca mais se ria; falava muito pouco, e isso mesmo era do que lá viu no inferno. Não dormia quase nada, desprezava tudo quanto havia no mundo; tinha uma grande aflição por ver tanta gente em pecado mortal, cega de tudo no espiritual, sem lhe importar o Céu nem o Inferno; e desejava sair pelo para lhe pregar e mostrar-lhe o engano em que vive a respeito à salvação eterna... Eis aqui os efeitos que causou nela esta visão admirável.

A vista disso, que deverá fazer um pecador Ah! Deverá continuar nos seus crimes, nas suas maldades? Teme, desgraçado! O que o que bem podes temer e tremer! Pois não mereces por via dos teus crimes uma sentença terrível, a maldição de Deus e a condenação eterna? Ainda queres mais notícias do Inferno, ou mais avisos? (COUTO, 1871, p. 576).

O texto não encerra aqui. Através da visão de Madre Ana, o Padre Couto segue amedrontando o coração pecador como quem conhece o mais escondido dos pensamentos humanos. Se Madre Ana, possuidora das mais admiráveis qualidades, foi tocada pelas marcas infernais, que dirá os pecadores que assistem, certamente apavorados, as descrições do Padre Couto? Mesmo as representações do Céu, prêmio maior para os virtuosos, são construídas a partir das marcas do inferno:

Lá no Céu haverá saúde sem doença, formosura sem falsidade, imortalidade sem corrupção, abundância sem miséria, sossego e paz sem perturbação, segurança sem temor, conhecimento sem erro, fartura sem fastio, alegria sem tristeza; não haverá inquietações nem turbações; tudo finalmente será paz, alegria, felicidade e glória! O lugar é formoso, é resplandecente, é amplo, é seguro; a companhia é agradável, o tempo é uma perpétua primavera que com a frescura e ar do Espírito Santo sempre floresce. Ali todos cantam hinos de alegria, todos se alegram, todos honram, louvam e glorificam a Deus... Ó Pai Celestial! Poderá exclamar o justo, abrasado em desejos de ir para o Céu. Ó Pai Celestial, Cidade Santa! Paraíso de delícias! Quando entrarei por essas portas eternas! Quando gozarei dessas riquezas imensas! Quando, ó meu Deus, me verei no vosso reino para gozar da vossa Glória! Quando acabarão os meus trabalhos e o meu desterro! Ó meu Deus, corte-se já o fio da minha vida porque quero ir para vós, quero gozar de vós por toda a eternidade! Pecador, que me dizes, pecador? Quando terá uns tais sentimentos? Quando sentirás o teu coração ardendo em desejos de ir para o teu Deus, para o Céu? Ou quando há de merecer esses bens na Glória? Quando hás de ganhar o Céu? Que tens tu desejado por toda tua

vida? Por que tens suspirado? Ah, tens suspirado pelo mundo! Tens desejado pecar, e tens pecado muitas e muitas vezes; e se não te emendas, cairás no inferno! Pecador, desengana-te; se com tempo não reformares a tua vida, infalivelmente serás um condenado no fogo eterno... Lá cairás nessa prisão de infelizes condenados, nessa caverna de chamas e de fogo, fogo que atormentará são só os corpos, mas também as almas! (COUTO, 1871, p. 86–87).

O “pecador” vislumbra os inenarráveis prêmios celestes distribuídos no infinito do Paraíso. No entanto, as mesmas palavras que conduzem o leitor para a “soleira dos portões” celestiais, arrastam os olhos, em um brusco movimento narrativo, para as cavernas cheias de almas perdidas do inferno.

As marcas de enunciação⁵⁴ criadas pelo Padre Couto estabelecem um diálogo com os leitores da *Missão Abreviada*, conduzindo-os através de uma jornada espiritual que os levam da tentação do pecado para a promessa do paraíso e, novamente, para as profundezas do inferno. Através da utilização de ferramentas que transformam a meditação/sermão em uma espécie de diálogo, o autor cria uma estrutura narrativa que ajuda a dialogar com o “mais íntimo” do “pecador”.

Ao transitar pelos grandes portões celestiais e infernais, o Padre Couto deixa evidente o aspecto “justiceiro” da “natureza de Deus”: as almas dos ímpios cairão nas cavernas profundas do inferno e os justos gozarão dos prêmios celestes. No entanto, a “geografia do além” cristão é formada ainda por um “espaço intermediário” que, desde o século XII, funciona como um lugar entre o céu e o inferno, onde as almas poderiam ser purificadas e preparadas para a entrada no paraíso: o Purgatório.

Na sua investigação sobre a história do Purgatório, Le Goff (2017, p. 10) discute que “a vida do crente muda quando ele pensa que nem tudo pode ser decidido com a morte”. Existe lugar para o perdão e para a remediação dos pecados na obra do Padre Couto?

Como foi possível observar na Tabela 1, as referências ao Purgatório, na *Missão Abreviada*, são poucas em comparação com as referências ao Céu e, drasticamente, reduzidas — se comparadas com a quantidade de menções ao Inferno. As poucas alusões feitas ao Purgatório são tomadas pela mesma marca “infernai” que ajudou a compor os escritos sobre o Paraíso e sobre o próprio Inferno:

⁵⁴ As marcas de enunciação são elementos presentes em um texto que indicam a posição do autor em relação ao que está sendo escrito, estabelecendo uma relação dialógica com o leitor. Para mais informações, conferir: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

INSTRUÇÃO 32 Sobre as penas do Purgatório

As penas do purgatório são as mais terríveis e as mais horrorosas. Os Santos dizem que só uma alma no Purgatório padece mais que todos os mártires que têm havido, e hão de haver até o fim do mundo. Logo que tormentos, que atrozes tormentos estão padecendo uma alma no purgatório? Sim, porque o número dos mártires há de ser imenso (deixem-me assim dizer), já se contam mais de dezoito milhões: só em Roma uns trezentos mil; muitos até nem se tem contado; o Anticristo e seus aliados farão na Igreja o maior estrago; e por isso o número de mártires nessa perseguição será maior do que nunca. As penas e os tormentos dos mártires tem sido os maiores, que a maldade ou o demônio tem podido inventar nesse mundo. Pois todos estes tormentos está padecendo uma alma no purgatório; além disto todas as dores das mães em seus partos; todos os tormentos com que são punidos todos os facinorosos do mundo; todas as ânsias e agonias dos moribundos; lá está padecendo tudo isso; todos estes tormentos a estão cercado e despedaçando em todos os momentos; de dia e de noite, sem alívio nem descanso, nem por um só momento deixam de gemer, gritar e arder. [...] Finalmente, as penas do purgatório são tais quais as do Inferno, só que não são eternas; lá no purgatório as almas também são privadas da vista clara de Deus, e ardendo em fogo tal o do Inferno. Que me dizes, cristão? Poderás duvidar dessa verdade?

As grandes penas presentes no Purgatório narrado pelo Padre Couto aparecem, também, em outras descrições antigas sobre esse “espaço intermediário”. Dessas antigas formas de falar sobre a “geografia do além”, a que talvez tenha marcado com maior profundidade o “estilo” do nosso autor foram os escritos do Padre Joseph Boñeta. O mesmo autor de *Gritos do Inferno* (1704) lançou, poucos anos antes da publicação de seu “best-seller”, a obra *Gritos do purgatório e formas mais de acalmá-los* (1700)⁵⁵. Nessa obra, estão os elementos que o Padre Couto explorou, à exaustão, na *Missão Abreviada*.

No primeiro capítulo de *Gritos do Purgatório* é perceptível a inspiração que o Padre Couto recolheria dessa obra. O título do primeiro texto é *Da gravidade das penas do purgatório em geral* em que Joseph Boñeta apresenta o “fio condutor” que guiará todo o seu texto e também o do Padre Couto: “É voz comum dos Santos, que toda alma do Purgatório padece mais que padeceram todos os mártires, que desde o princípio do mundo tem havido até o fim dele” (BOÑETA, 1700, p. 02). O texto do Padre Couto que citei

⁵⁵ A versão que utilizo dessa obra é a edição em espanhol de 1700, disponível no acervo da *Biblioteca Digital Luso-Brasileira* e no acervo da *Biblioteca Nacional Digital do Brasil*. Os textos transcritos aqui são de tradução livre. Algumas páginas digitalizadas não possibilitam marcar a numeração de página do texto. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/291494>.

anteriormente, sobre o Purgatório, apresenta trechos idênticos aos dos escritos por Joseph Boñeta. Entre os dois textos, é possível extrair três direcionamentos que são a base das formulações sobre o Purgatório difundidas entre o final do século XVIII e todo o século XIX: 1) as penas do Purgatório são terríveis e comparadas as do Inferno; 2) existe um complexo sistema de julgamento das almas e 3) os vivos podem interferir nesse julgamento através de ações para as “almas do purgatório”.

Além das formulações que estruturam o Purgatório, existem os “meios para acalmar os gritos” das almas que povoam esse espaço. Esses meios são divididos em duas “frentes”: a conduta que deve ser empregada para não ir ao purgatório e as interseções que os vivos podem fazer para as almas que estão sofrendo a purga dos pecados.

O Purgatório funciona, portanto, como um lugar que estabelece ligações entre os vivos e os que já morreram. Na instrução 29 – *Sobre o roubo aos santos e às almas do Purgatório* – o Padre Couto narra como as almas do Purgatório sofrem quando seus herdeiros não cumprem com as “missas, esmolas e obras pias” que os falecidos deixaram para serem direcionadas a “santa Igreja”:

Se por testamento deixou algumas missas, esmolas, obras pias, os herdeiros procedem do mesmo modo, deixam passar meses e anos inteiros, e esse defunto lá estará penando. Todos querem herdar, mas quase ninguém cumpre exatamente com o que deve para o alívio de quem morre. Por este modo estão muitos herdeiros causando danos incalculáveis a essas almas aflitas, roubando-lhes a sua felicidade e privando-as da vista clara de Deus. E que maior ladroeira! E ao mesmo tempo que avareza e crueldade! (COUTO, 1871, p. 518).

Os castigos para os herdeiros que cometem essas infrações, são terríveis: “Diz Santo Afonso que por causa dos sufrágios e legados não cumpridos, por justos juízos de Deus vem o castigo sobre aquela geração: perdem-se os primeiros herdeiros, perdem-se os segundos, perdem-se os pais, os filhos, os netos e toda a família” (COUTO, 1871, p. 519).

Esse complexo sistema de julgamento, interseção, salvação e danação presentes na obra do Padre Couto e na do “doutor” Joseph Boñeta está alinhado com as primeiras manifestações teológicas sobre esse “espaço intermediário”. De todos os elementos que, no século XII, se estruturaram para se tornarem “o purgatório”⁵⁶, penso que a ideia do

⁵⁶ Na primeira parte da obra, *O Nascimento do Purgatório*, Le Goff (2017) apresenta os principais elementos que estruturaram a noção de Purgatório que foi difundida pela Igreja na segunda metade do século XII: 1) A crença na existência do Além em outras cosmovisões religiosas; 2) A ideia de que a alma

“juízo dos mortos” é importante para a compreensão do que está presente na *Missão Abreviada* sobre esse espaço e sobre toda a teologia construída na obra. Segundo Le Goff, o tipo de julgamento que compreende a existência de um Purgatório é muito original:

Baseia-se, com efeito, na crença em um duplo julgamento, o primeiro no momento da morte, o segundo no fim dos tempos. Institui nesse intervalo do destino escatológico de cada humano um procedimento judiciário complexo de *mitigação* das penas em função de diversos fatores. Supõe, portanto, a projeção de um sistema penal muito sofisticado (LE GOFF, 2017, p. 16).

Essa noção do julgamento do mortos compreende duas ideias que são muito caras ao Padre Couto: o Tempo e o Juízo Final. Na continuação das suas “instruções da maior importância”, ele escreve a Instrução 36 com o título de *Sobre o Tempo*. É um texto dedicado a alertar os cristãos que “o tempo é uma coisa tão preciosa, que todas as honras, todas as grandezas e riquezas do mundo não valem tanto quanto vale um só momento” (COUTO, 1871, p. 542).

Nessa instrução, fica manifesto o desejo do Padre Couto (e de parte da cristandade da época) na instauração de um “novo tempo”. Nessa nova experiência, o “tempo da terra” deve estar submetido ao “tempo do além”. O tempo dos homens é um “tempo de perdição” (daquilo que se perde), pois está distante do que foi criado por Deus, “até se perde muito tempo em comer, em beber, em dormir e trabalhar” (COUTO, 1871, *idem*):

Qual de nós poderá entrar em contas com Deus, por mais justo que seja, ou por mais inocente que tenha vivido? Ou cuidais vós que não havemos de dar conta dos anos, dos meses, dos dias, das horas e de todos os momentos de tempo?! Ah! Só esse pensamento é bastante para fazer temer e tremer o homem mais justo do mundo! (COUTO, 1871, p. 543)

No tempo da “prestação de contas” com Deus, o pecador deverá ter “emendado” o tempo da sua vida com o tempo da “lei divina”. No fim dos textos das instruções e meditações, o Padre Couto arrisca alguns versos que condensam as suas ideias e apresentam, de forma poética, o caminho do “pecador” nessa jornada de “emendar o tempo”:

pode sofrer punições após a morte (O Julgamento do Mortos); 3) A noção de que as orações dos vivos podem ajudar os mortos e 4) A tradição da penitência e da caridade.

VERSOS**Para se cantarem no princípio das instruções**

1º

Pelas dores que sentistes
 Em vossa maternidade,
 Por ela socorrei,
 Mãe de Deus, da piedade.

(O povo responde a cada quadra o seguinte:)

Aqui estou, Virgem Senhora,
 Já contrito na verdade,
 Pedindo misericórdia,
 Perdão, perdão, piedade.

2º

Muitas almas já clamam,
 E dão gritos no inferno,
 Pelas nulas confissões
 Que neste mundo fizeram.

3º

Eu conheço a tua culpa,
 Pecador obstinado;
 Se desprezas as instruções,
 Morrerás no teu pecado.

4º

Converte-te, ó pecador,
 E deixa já o teu pecado,
 Porque se não te emendas,
 És de Deus desamparado.

5º

Lembra-te, pecador,
 Desse teu tempo perdido,
 Olha que se o não reparas
 Serás do Céu excluído.

6º

Não vás a olhos abertos
 Por tua livre vontade
 Arder em chamas de fogo
 Por toda a eternidade.

7º

Desgraçada e infeliz sorte!
 Aonde chegarão teus brados?
 Chorarás eternamente
 No meio dos condenados!

8º

Se tu queres, ó pecador,
 Livrar-te desses tormentos,
 Deixa a culpa, o pecado,
 Volta a Deus teus pensamentos

9º

Procura pra tua guia
 Um ministro do Senhor,
 Que te ensine a amar a Deus
 E viver no seu temor.

(COUTO, 1871, p. 710–712)

Para o pecador “emendado”, na leitura do Padre Couto, importa transformar o tempo mundano em um tempo de “espera vigilante” no qual todas as ações são contabilizadas para os julgamentos que a alma sofrerá. A transformação do tempo é também a transformação do corpo. Para que o corpo mundano, objeto dos *contemptus mundi* (teologias do desprezo do mundo), se transfigure em um “corpo santo”, é preciso que os exemplos antigos sejam incorporados na vida cotidiana.

As instruções e meditações escritas por nosso padre-autor só estão completas na medida em que são colocadas em prática. Os exemplos das vidas dos santos oferecem, portanto, esse “terceiro elemento da trindade” que constitui a *Missão Abreviada*. As vidas dos santos ajudam a delinear uma ética e um postulado moral que deve orientar, pelo exemplo, a “vida dos pecadores”. Essa hagiografia “mestra da vida” será agora nosso objeto de reflexão.

1.3 Hagiografia Magistra Vitae

As sentenças que saltam das meditações e instruções escritas pelo Padre Couto estão preenchidas por elementos derivados dos *contemptus mundi*, da construção de uma determinada “geografia do além” e de uma *ética da santidade*. Elas marcam, com a tinta do tempo, zonas que atravessam uma tradição que fabrica a imagem do homem como sujeito de uma sociedade corrompida e marcada pela “doença do pecado”, alimento da tinta do Padre Couto e de tantos outros.

A austeridade com a qual a lei foi desenhada, inscrita em *instruções* e *meditações*, ajuda a edificar os obstáculos que um “pecador decidido pela conversão” deve trilhar no seu caminho até o Paraíso Celeste. Após a construção dessa base estrutural, surge na escrita do Padre Couto um repertório *exemplar* de vida de santos e santas que

venceram as “tentações do pecado” e estão gozando da “companhia amabilíssima de Jesus e Nossa Senhora”.

As vidas dos santos que aparecem na *Missão Abreviada* não são uma simples cópia de antigos compêndios hagiográficos, mas estão marcadas pelo “estilo” escriturário do Padre Couto que não se desvia, em nenhum momento, do seu “combate ao pecado” e da construção das condições para perfurar a “alma” do pecador, rasgando e emendando os seus pedaços.

Os *exemplos* dos santos e santas foram narrados, ao longo do tempo, de diversas formas. Segundo o historiador Michel de Certeau⁵⁷, existe uma aproximação entre as experiências da *escrita da história* com as *escritas hagiográficas*. Assim como na historiografia, as hagiografias foram contadas ora a partir de um suposto “lugar científico”, ora a partir de experiências que agregaram ao texto vozes que se relacionavam de forma paradoxal com os “lugares de poder”.

Nas “indicações para uma história” das hagiografias a partir de Michel de Certeau, é possível destacar quatro “etapas” que servem como pontos de partida para “analisar o funcionamento e particularizar a situação cultural dessa literatura” (CERTEAU, 2015, p. 290):

- 1) *O Nascimento*: essa etapa se organizou de 150 a cerca de 350 e compreende a organização dessas histórias a partir dos “calendários litúrgicos e a comemoração dos mártires nos lugares de seus túmulos [...] a hagiografia se interessa, durante os primeiros séculos, menos pela existência e mais pela morte da testemunha” (CERTEAU, *idem*).
- 2) *As vidas*: “uma segunda etapa se abre com as *Vidas*: as dos ascetas do deserto e, por outro lado, a dos ‘confessores’ e dos bispos” (CERTEAU, *idem*). Essa etapa é seguida de um grande desenvolvimento da hagiografia “no qual os fundadores de Ordens e místicos ocupam um lugar crescente. Não é mais a morte, mas a vida, que se considera fundada” (CERTEAU, *idem*, p. 291). Ainda nessa “etapa”, desenvolvem-se tanto entre os gregos quanto no Ocidente medieval grandes compilações de “vidas de santos”. “Ao longo desse desenvolvimento, distingue-se a Vida destinada ao ofício litúrgico (tipo mais oficial e clerical) e a Vida destinada ao povo (tipo mais ligado aos sermonários, aos relatos de jograis, etc.)”

⁵⁷ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

(CERTEAU, *idem*). Nessa etapa, acontece a publicação dos *Martiriologios*, *Catalogus Sanctorum*, *Sanctilogium*, *Legendarium*. Talvez o caso mais emblemático seja a publicação do livro *A Legenda Áurea*, de Tiago de Varazze.

- 3) *Hagiografia crítica*: os jesuítas Bolland e Henskens publicaram, em 1643, o primeiro volume dos *Acta sanctorum*, uma compilação de histórias de santos e santas que foram construídas a partir do projeto intelectual do Padre Rosweyde que consistia, segundo Certeau, na introdução de uma *crítica* na hagiografia: “pesquisa sistemática em manuscritos, classificação das fontes, transformação do texto em documento, concessão de privilégios, ‘fato’, por minúsculo que fosse, passagem discreta de uma verdade dogmática para uma verdade histórica que tem o seu fim em si mesma” (CERTEAU, *idem*).
- 4) *Hagiografias não-críticas*: além dos escritos Bollandistas, existe uma numerosa produção hagiográfica, intensificada a partir do século XIX, que se afasta das “biografias eruditas” inauguradas pelas *Acta sanctorum*. Essas “vidas” exemplares agregam, além das vidas dos santos já difundidas na cristandade, pessoas que estão em “odor de santidade”, ou seja, que já estão inseridas entre o “afetivo e o extraordinário” de uma localidade ou experiência social.

Mesmo com o poder que os Bollandistas (e seus continuadores) exerceram institucionalmente, as “hagiografias não-críticas”, apesar de “isoladas”, permaneceram as “mais importantes”, segundo Certeau:

Por outro lado, da retórica dos sermões sobre os santos passa-se para uma literatura “devota” que cultiva o afetivo e o extraordinário. O fosso entre as “Biografias” eruditas e as “Vidas” edificantes se amplia. As primeiras são críticas, menos numerosas, e tratam de santos mais antigos, quer dizer, são ao mesmo tempo relativas a uma pureza primitiva do verdadeiro e a um privilégio elitista do saber. As segundas, como milhares de “*Flores dos santos*” populares, são muito difundidas e consagradas a contemporâneos mortos em “odor de santidade”. No século XX outros personagens, os da política, do crime ou do amor, tomam o lugar dos “santos”, mas entre as duas séries a divisão se mantém (CERTEAU, 2015, p. 292).

As escritas hagiográficas do final do século XIX e começo do século XX são marcadas pelo conflito entre a escrita de histórias que, ao mesmo tempo, produzam elementos de “verdade e cientificidade” e inspirem os devotos com os “exemplos edificantes” dos santos e santas.

Certeau segue investigando, no seu texto, as possibilidades de explorar as hagiografias enquanto documentos sociológicos, apontando para direções nas quais as vidas dos santos se encontram com suas comunidades leitoras nos mais diferentes contextos. Desse modo, Certeau entende que as *Vidas* funcionam como a fundação de uma ponte entre o *extraordinário* e o *possível*, recriando o “tempo da festa”, da comemoração e da “vida do santo”, um desvio que torna possível uma intermediação e um exemplo.

A estrutura do discurso presente nas hagiografias escritas pelo Padre Couto, incluem, nessa história, algo que também está presente no estudo de Certeau: a estética/performance da *imitação*. Esse talvez seja o núcleo central da estratégia discursiva do Padre Couto ao compor o repertório exemplar das *Vidas* presentes em sua obra. O Padre Couto desenhou, em sua obra, entre os temidos castigos divinos e a misericórdia de Deus, um caminho para que os cristãos, segundo sua interpretação, se convertessem verdadeiramente e alcançassem as graças divinas. Esse era o *caminho da penitência*: uma tentativa de *imitar* o sofrimento de Cristo, abrandando os pecados em direção aos prêmios celestes.

A penitência é, ao mesmo tempo, um sacramento da Igreja Católica, uma prática adotada por muitos leigos e sacerdotes, e também é o “mote” para a construção de grupos e irmandades que, cercados por certa interpretação da penitência, constroem práticas coletivas de mortificação espiritual e corporal para a expiação dos pecados⁵⁸.

Desde as formulações dos *contemptus mundi*, a penitência se apresenta, para esses teólogos, como um meio inigualável de aproximação do homem aos propósitos divinos. Surge, ainda no século XV, o livro que talvez seja uma das maiores referências para a construção de uma “vida penitencial”, a *Imitação de Cristo*⁵⁹, escrita pelo monge Tomás de Kempis.

Nessa obra, o autor declara, de início, que “a suprema sabedoria *consiste* em tender para o reino do Céu pelo desprezo do mundo” (KEMPIS, 2019, p. 20). Esse desprezo se capilariza em várias atitudes que direcionam o homem para o afastamento

⁵⁸ As irmandades de penitentes povoam os cenários católicos pelo menos desde o medievo. Interpreto que cada irmandade elabora, a partir de certa noção da penitência, uma *identidade penitencial* que formatará suas práticas. Nos capítulos seguintes será possível conhecer algumas dessas irmandades que têm na *Missão Abreviada*, inclusive, o seu principal guia moral e ritual.

⁵⁹ Utilizaremos a seguinte tradução da obra: KEMPIS, Tomás de. **A imitação de Cristo**. Tradução de Padre Leonel França. Jandira–SP: Principis, 2019..

das tentações do mundo moderno: a ciência, a filosofia, as riquezas materiais, as teorias “mundanas”.

A *Imitação de Cristo* é composta por cento e quatorze meditações divididas em quatro partes (livros) que carregam os seguintes títulos: 1) *Avisos úteis para a vida espiritual*; 2) *Exortações à vida interior*; 3) *Da consolação interior*; 4) *Do sacramento do altar*. Essa obra apresenta capítulos curtos que, por serem de fácil entendimento, ganharam uma difusão ampla entre os cristãos, especialmente leigos.

No texto *Da meditação da morte*, presente na obra de Kempis, retiro diversos motes que estão na “espinha dorsal” dos ensinamentos da *Missão Abreviada*, que estão atravessados pela prática da penitência, as teorias dos *Contemptus Mundi* e a construção de uma *ética da santidade*:

4. Quão feliz e prudente é aquele que procura ser em vida como deseja que o ache a morte. Pois o que dará grande confiança de morte abençoada é o perfeito desprezo do mundo, o desejo ardente do progresso na virtude, o amor à disciplina, o rigor na penitência, a prontidão na obediência, a renúncia de si mesmo e a paciência em sofrer, por amor de Cristo, qualquer adversidade. Mui fácil é praticar o bem enquanto estás são; mas, quando enfermo, não sei o que poderás. Poucos melhoram com a enfermidade; raro também se santificam os que andam em muitas peregrinações (KEMPIS, 2019, p. 52).

As palavras de Kempis, no alvorecer da Modernidade, abrem caminho para que o *topos* da imitação (ser como Cristo, ser como um santo) seja aprofundado por outros autores em outros pontos do tempo e do espaço cristão. A *Missão Abreviada* carrega, em si, esse importante *topos* da *Imitação de Cristo*. Essa forma teológica liga-se e fortalece-se através de um *topos* historiográfico que se sustenta a partir da lógica da *exemplaridade* e da dialética da *imitação e rejeição*, a *História Magistra Vitae*.

Reinhart Koselleck (2006)⁶⁰ afirma que foi Cícero, “referindo-se aos modelos helenísticos, [que] cunhou o emprego da expressão *história magistra vitae*” (KOSELLECK, 2006, p. 43): “A história é testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, a mensageira da velhice, por cuja voz nada é recomendado senão a imortalidade do narrador” (KOSELLECK *apud* CÍCERO, 1934, p. 54). Dessa experiência “instauradora” por Cícero, desdobra-se uma longa tradição historiográfica na qual a ideia

⁶⁰ Ver: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

de que o “passado ensina o presente” foi reproduzida à exaustão. No campo da teologia cristã, as experiências do passado concentraram-se, especialmente, na “vida exemplar dos santos”, instituindo uma *ética da santidade* que se inscrevia (inscreve?) como horizonte da vida humana.

Denomino de *ética da santidade* a experiência escriturária e ritual católica que encaminha o *sujeito moderno* na direção de um modelo de vida que tem nas hagiografias (oficiais ou não) sua forma basilar. Essas histórias exemplares criam o *horizonte de expectativa* (im)possível que os cristãos modernos deveriam alcançar marcando a *fronteira* (ponto de aproximação e distanciamento) entre o pecado e a salvação.

O Padre Couto selecionou as “vidas” que marcaram profundamente a história da Igreja, mas que também dialogavam com o tempo e o espaço em que ele estava inserido, especialmente as *Santas Missões*. O título da “quinta parte” da *Missão Abreviada, Como viveram alguns santos, e assim os mais*, indica que a escolha do seu “repertório” pode ser generalizada enquanto modelo para as outras “vidas”:

Tabela 03: Quinta parte da Missão Abreviada: Como viveram alguns santos, e assim os mais”	
1) São Francisco Xavier	12) Patriarca São Domingos
2) Santa Pelágia	13) Santo Inácio de Loyola
3) Santo Agostinho	14) Santa Maria Madalena de Pazzi
4) Santa Thereza de Jesus	15) Vida de Santo Afonso
5) Sandro André Corsino	16) Santa Catarina de Sena
6) São Filipe Nery	17) São Francisco de Assis
7) Santa Rosa de Viterbo	18) São Bruno
8) São Pedro de Alcântara	19) Santa Catarina Mártir
9) Santa Maria do Egito	20) Santa Luzia Virgem
10) São Vicente	21) Santo Antônio
11) Santa Bárbara	

Diferente da maioria dos compêndios hagiográficos que circulavam no século XIX, e no começo do século XX, em especial os *Flors Sanctorum*, as *vidas* escritas/selecionadas pelo Padre Couto não estão divididas a partir de um marco temporal, organizando o tempo das festas litúrgicas do calendário cristão. Nas *vidas* presentes na *Missão Abreviada*, o destaque está no *exemplo* e nas indicações de *imitação* desse exemplo sagrado, constituindo um aspecto fundamental da *ética da santidade*.

É importante destacar como o *tempo da festa* do santo orienta um uso importante das formulações hagiográficas que foi suprimido na escrita do Padre Couto. Ainda, segundo Certeau, “a vida dos santos traz à comunidade um elemento festivo. Ela se situa

do lado do descanso e do lazer. Corresponde a um ‘tempo livre’, lugar posto à parte, abertura ‘espiritual’ e contemplativa” (CERTEAU, 2015, p. 294). É no *tempo da festa* onde o sagrado e o profano encontram pontos de convergência.

Nas páginas dedicadas às vidas dos santos, na *Missão Abreviada*, o tempo da festa desaparece dando lugar ao campo do *exemplo* e da *imitação*. O “dia do santo” não é mencionado. Na cruzada contra o pecado, desbravada pelo Padre Couto, o espaço festivo é o espaço da *Missão*, ou seja, um campo cercado de possibilidades penitenciais onde o pecador entrará em um doloroso processo de conversão.

Entre as *vidas* selecionadas e escritas pelo Padre Couto destacam-se dois modelos narrativos que dialogam especialmente com o objetivo de “emendar o pecador” através do *exemplo* e da *imitação*: de um lado as *vidas* que, tomadas inicialmente pelo pecado, são levadas à conversão através do sofrimento, martírio e penitência, e, por outro lado, as *vidas* que já se encontram naturalmente em “odor de santidade”, mas que são postas em inúmeras provações para se tornarem dignas da eterna graça de Deus.

Desses dois modelos, desdobram-se histórias exemplares que encontram diálogo com o “tempo presente” do Padre Couto que, através de sua escrita, realinha a experiência de outrora para o seu campo de preocupações. Além desses deslocamentos temporais, a narrativa criada por Padre Couto reagrupa essas *vidas* para uma experiência que é o avesso do “impossível místico”: a lógica da imitação tenta aproximar o extraordinário do possível, criando um real insuportável.

Para ilustrar como esses modelos narrativos de conversão e santidade são abordados na obra do Padre Couto, selecionei duas vidas de santos presentes na *Missão Abreviada*. Essas *vidas*, deslocadas do seu contexto “original”, e submetidas à “violação historiográfica”, ajudam a criar deslocamentos na fronteira do tempo e desenhar outros espaços de narração:

1.3.1 Vida de Santa Pelágia

A narrativa do Padre Couto sobre a *vida* dessa santa começa apresentando elementos semelhantes aos relatos presentes na *Legenda Áurea*⁶¹, informando sobre uma mulher “pecadora e escandalosa”:

⁶¹ A edição consultada da obra é a seguinte: VARAZZE, Jacopo de. **A legenda áurea**: vidas de santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Santa Pelágia primeiro foi uma pecadora, e a mais escandalosa, isso na impureza e desonestidade; era muito formosa; andava muito asseada e enfeitada; vivia no maior luxo; era acompanhada de muitas criadas também ricamente vestidas; finalmente, os homens mundanos pecavam só em a ver, e não se podia saciar de contemplar sua lindeza e rara formosura! “Eu (diz ela depois de convertida) tenho sido o laço e o engano das almas” (COUTO, 1871, p. 584).

Mesmo as “hagiografias populares” tendiam a narrar, de forma “objetiva”, as *vidas* descritas em suas páginas. O espaço para reflexão sobre as *vidas* se dava na performance da leitura e de seu debate com o espaço e o tempo no qual aquelas palavras reverberavam. Ao colocar “a sua voz” dentro da narrativa da *vida* escolhida, a escrita do Padre Couto distingue-se da escrita desses hagiógrafos:

Aqui devia eu clamar contra certas mulheres ainda novas, que não querem cair no mal, mas querem andar sempre com as modas; sempre muito asseadas e enfeitadas, banha no cabelo, véu na cabeça, bastante ouro e seda, e os dedos carregados de anéis. Ora pergunto eu: para que tudo isso? Para agradar a Jesus Cristo? Isso não. É para imitar os Santos? Também não. Logo então para que gostais dos asseios, dos enfeites e das modas? Por que andais mal contentes, se o vosso pai ou mãe vos não cumpre esses vossos desejos? Ah! Desenganai-vos; o vosso coração ainda está cheio de vaidade; o vosso coração ainda não é tempo vivo do Divino Espírito. Vós não quereis pecar, mas muitas e muitas vezes fazeis pecar a esses mancebos que olham para vós, e a quem vos mostrais, e até muitas vezes sem ser necessário; finalmente sois um laço de que o demônio se serve para caçar as almas, assim como Pelágia: cuidais muitas vezes que estais inocentes, e aos olhos de Deus, sereis pecadoras, e muito escandalosas: podeis estar bem certas que só por via da vaidade cai muita mulher no fogo eterno! (COUTO, 1871, p. 585–586).

A “voz” do autor opera um corte na narrativa. Na obra do Padre Couto, o pecado não pode ficar nas entrelinhas: ele deve aparecer dentro da experiência cotidiana de quem lê. É preciso performar/imitar a vida do santo e da santa. Ela não é um exemplo impossível. É a partir dessas intervenções narrativas, quando a “voz” do Padre Couto aparece, que o impossível e o extraordinário começam a ganhar um corpo mais sólido e possível. Assim como Pelágia, vivem muitas mulheres e, assim como ela, “muitas podem se converter”:

Certos bispos que naquela ocasião se reuniram, vendo passar essa mulher tão desonestamente, deram grandes suspiros, e não puderam olhar para ela, conhecendo sua loucura e sua vaidade; porém um deles,

que era um varão santo, olhou para ela com toda atenção e disse depois para os seus companheiros: Não folgastes de ver tanta formosura e não respondendo eles, depois de grandes suspiros e muitas lágrimas tornou a perguntar-lhes: <Pois não gostastes de ver aquela tão grande formosura?> e eles nada respondendo, disse ele então: Pois eu gostei muito de a ver, e deu-me uma severa repreensão; porque se esta mulher tem tanto cuidado, e faz tais excessos para agradar ao mundo, que passa ligeiro como sombra, que devo eu fazer, ou quais devem ser os meus esforços para agradar a Jesus Cristo, que é Esposo imortal? e também quão grandes devem ser os meus cuidados para conseguir as riquezas do Céu, e os bens eternos da gloria! Dizendo estas palavras, retirou-se e foi pedir perdão a Deus, dizendo: <Perdoai-me, Senhor, que sou pecador e indigno: oh! quanto me excedeu esta má mulher: ela preparando-se para o mundo, e eu para vós! Com que palavras me justificarei na vossa presença? Ela prometeu de agradar ao mundo, e fê-lo; e eu prometi de agradar a vós, e faltei-vos por preguiça e descuido meu. Eu estou nu, Senhor, na vossa presença, porque não tenho cumprido com os vossos mandamentos, por isso só confio na vossa misericórdia”. No dia seguinte foi este Bispo pregar ao povo, aonde assistiu a tal famosa pecadora; e teve ela um tão grande arrependimento, que mandou logo este recado ao Bispo: <Eu sou uma mulher pecadora, e discípula do diabo; ouvi dizer que o Deus a quem servis viera lá dos Céus à terra para salvar os pecadores; e que até comia e bebia com os pecadores para mais os atrair; pois se vós sois discípulo seu, não me desprezeis, porque estou muito arrependida, e de veras quero salvar-me.> O Bispo respondeu: <Quem quer que és, conhecida és de Deos: não me queiras tentar; mas se te queres salvar, então vem quando eu estiver com os meus companheiros, pois só, nunca me verás. Foi logo ter com o Bispo, e lançando-se aos pés dele, toda debulhada em lágrimas lhe disse: <Tende piedade de mim. Porque sou uma grande pecadora; eu sou um mar de maldades; sou um pego [sic] de perdição; tenho sido um laço com que o demônio tem caçado muitas almas; batizai-me, Padre, para que fique purificada de tantas maldades e impurezas.> Aqui Santo Bispo a batizou, e a ensinou a temer a Deus; nisto começa O demônio a dar vozes: Grande força me faz este Bispo; maldito seja o dia em que ele nasceu para me ser contrário; pois me tirou a minha esperança!> Em certa noite, estando Pelágia a dormir, veio o demônio acordá-la e lhe disse: O que te fiz eu para me deixares? Não sabes que por mim tens adquirido tantas riquezas e horas no mundo? Em que te descontentei, porque me quero emendar?> Que fez Pelágia, ouvindo estas palavras, e conhecendo a tentação? Benzeu-se, e o demônio desapareceu; e dali a três dias deu tudo aos pobres, e fugiu para o Monte das Oliveiras, para ali fazer penitência. Nesse monte foram tão rigorosos os seus jejuns, tão grandes as suas abstinências, e tão ásperos os seus cilícios, que só tinha a pele e os ossos; estava tão desfigurada e mortificada, que tinha os olhos sumidos! finalmente, era lida por uma grande penitente, e por uma grande Santa! (COUTO, 1871, p. 587–588).

Pelágia representa a materialização do caminho da conversão na experiência do Padre Couto. Ela, pecadora, se converteu. O processo de conversão de Pelágia se dá

através de alguns elementos que são indispensáveis para o autor da *Missão Abreviada*: 1) existe a intervenção de um homem religioso [no caso da *vida* de Pelágia, o Bispo, na experiência em que nosso autor estava imerso, o Missionário]; 2) a penitência é o único caminho para o perdão completo dos pecados [a *Imitação de Cristo* transforma-se em uma prática que orienta indivíduos e grupos].

Em seu texto, o Padre Couto tenta vencer a ausência, a distância e o vazio que preenchem o discurso místico⁶². Para salvar as almas, o sacerdote precisa estabelecer um diálogo que não está restrito ao corpo, ele fala com a “consciência”, recriando uma ponte entre o texto e as práticas cotidianas:

E que penitencias fazei, vós, pecadores? talvez ainda durmais nos vossos delitos; não é isto verdade? Será, não duvido; pois se ainda viveis no crime, desenganai-vos, não vos salvais; porque se o demônio vos engana hoje, mais adiante acontece o mesmo; ha de enganar-vos com uma conversão falsa e aparente: ou pensais vós que todos aqueles que se confessam com as lágrimas nos olhos estão arrependidos e alcançam perdão de Deus? Não é isso verdade; as conversões do nosso tempo são quase todas falsas e aparentes; tanto assim, que ouvindo-se uma missão completa, parece que tudo está convertido; porém se dali por um ano, ou meio ano houver exame sobre essas almas, então se verá que quase todas tornam a estar com o demônio; e serão estas as verdadeiras conversões? hoje com Deus, amanhã já outra vez com o demônio? Antes morrer, que pecar; ou isto é de veras, ou não é de veras; se não é de veras, a confissão fica nula, e a conversão não é verdadeira: ora pois, pecadores, imitai esta Santa; isto é, convertei-vos de uma vez para Deus, e não torneis para o demônio, que ficais sempre piores do que antes (COUTO, 1871, p. 589).

A *vida exemplar* da santa transborda em instruções. Aqui, o núcleo de uma ética cristã, compartilhada de tantas formas que é (quase) impossível perceber seus fundamentos, aparece na máxima: “Antes morrer do que pecar”. Assim como a vida de Santa Pelágia, outras vidas seguem esse mesmo esquema narrativo: do pecado para a santidade. No entanto, o pecado é ardiloso. Mesmo no “corpo santo”, ele encontra caminhos de tentação, mas também heroicas resistências.

⁶² O “avesso” da narrativa do Padre Couto pode ser lido, por exemplo, na história da “mendiga” (salê) escrita por Palladios no começo do século VI. Certeau elaborou uma análise sobre essa experiência da ausência em sua *Fábula Mística*. Para mais informações, conferir: CERTEAU, Michel de. **A fábula mística – séculos VI e VII – volume 1**. Rio de Janeiro: Forense, 2015 (Ver especialmente o Capítulo 1: *O mosteiro e o lugar: loucuras na multidão*).

1.3.2 *Vida de Santa Tereza de Jesus*

O primeiro destaque dado à Santa Tereza de Jesus, na narrativa do Padre Couto, é o fato da sua vocação “natural” para as “coisas do Céu”. Essa experiência marca o segundo modelo narrativo das vidas escolhidas e (re)escritas pelo autor: os santos e santas que “naturalmente” estão nos caminhos das coisas celestes:

Esta santa, logo de sete anos, fez-lhe uma tão grande impressão a eternidade, ou na gloria, ou nas penas do inferno, que repetia muitas vezes: “Para sempre! Para sempre!”. Lendo ela as vidas dos Santos Mártires, abrasou-se em tais desejos de dar a vida por Jesus Cristo, que até fugiu de sua casa para este fim; porém foi encontrada por um seu tio, e este trouxe a casa de seus pais, chorando ela muito por haver perdido a melhor sorte. Entrou depois da Ordem do Carmo, sem o dizer a seus pais, para não a impedirem. Naquela religião foi crescendo nas virtudes, e sofrendo graves enfermidades; chegou a estar quatro dias sem sentido, e já contavam com ela morta; até lhe abriram a sepultura para a enterrar; porém tornando a si, e vendo a todos com as lágrimas nos olhos, lhes disse: “Para que me inquietavam? Eu estava no Céu”. Teve dezoito anos de oração sempre seca, sem experimentar consolações espirituais (COUTO, 1871, p. 592–593).

A mística não está apenas na experiência, está também na escrita e na linguagem. A escrita da vida de Santa Tereza, apresentada pelo Padre Couto, desloca essa experiência da linguagem mística para uma forma mais “moderna” em que os êxtases e as experiências do corpo são quase que completamente substituídas por narrativas de imitação. Mais uma vez a “voz” do autor aparece:

Por isso digo eu que ninguém desanime na sua vida espiritual, ainda que por muito tempo não tenha consolações; quanto mais, quem anda na vida espiritual procura Deus e não consolações. Recebeu depois de Deus grandes favores, foi muitas vezes visitada pelo mesmo Senhor, e gozou de uma altíssima contemplação (COUTO, 1871, p. 593).

A partir desse momento, a *Vida* de Santa Tereza é preenchida pelo desprezo por si e pelo mundo que vivemos, o núcleo dos *contemptus mundi*. Essa “alma incorruptível” lutava uma batalha épica contra si mesma. Ao observar as reverberações dos modelos dos *contemptus mundi* entre os místicos, Delumeau (2003, p. 28) destaca que “Santa Teresa de Ávila admira-se de que ‘um Deus possa comunicar-se a partir desse exílio com vermes da terra tão abjetos’”. A narrativa presente na *Missão Abreviada* continua:

Teve esta Santa um grande ódio a si mesma; ia sempre contra a sua própria vontade, e fazia rigorosas penitências. Vestia-se de um cilício de folha de flandres cheio de buracos, deixando-a toda numa chaga; também tomava rigorosas disciplinas, e algumas vezes se mortificava com molhos de ortigas; outras vezes juntava um monte de silvas, e despida se metia por elas, como se fosse uma cama de rosas! Estando ela um dia em oração, pediu muito a Nosso Senhor que a ajudasse a contentá-lo em tudo; e o Senhor respondeu: “Eu não quero que tenha comunicação senão com os Anjos”; e com estes favores se abrasava cada vez mais no amor divino, e via junto a si da parte esquerda um Anjo de grande formosura (COUTO, 1871, p. 594).

A *vida* de Santa Tereza se transforma em um dos muitos elos que se deslocam nas fronteiras do “antigo” e do “moderno” na escrita do Padre Couto. Mesmo uma vida “naturalmente santa” necessitava da penitência como caminho central entre esse mundo dos pecados e a graça divina. A prática penitencial funcionava, no caso de Santa Tereza e de tantos outros, como a mais confiável forma de comunicação com o sagrado.

Os *contemptus mundi* “tendiam a colocar um abismo entre santidade e vida profana” (DELUMEAU, 2003, p. 36). No caso da *Missão Abreviada*, ao mesmo tempo que a santidade era tida como algo quase inalcançável, era também o caminho que todos deveriam trilhar. Disso resulta a construção de uma ética que não estava restrita a um pequeno ciclo de padres ascetas.

Se o corpo do homem e o próprio planeta são quase sinônimos de pecado e horror, só existe um caminho possível para a libertação “das almas sofredoras” que circulam essas terras: a conversão através da mais intensa penitência. As meditações, instruções e vidas de santos da *Missão Abreviada* se constituem, em grande medida, em uma reflexão sobre essa *ética da santidade* que tem na conversão e na penitência seu alicerce.

A dimensão da *ética da santidade*, apresentada pelo Padre Couto em toda sua obra, encontra um importante novo capítulo quando o autor resolve escrever, em 1865, um *Additamento* ao texto original em que desenvolve a ideia de **práticas** como um conjunto de novas instruções ao pecador que deseja “se emendar”. Sob o extenso título de *Breves práticas que se devem ler ao povo por ocasião da oração e de que se podem servir os párocos e capelães nos domingos e dias santificados ou mesmo qualquer pessoa pode ler para seu maior aproveitamento espiritual*, o Padre Couto cria um texto que complementa, e deixa ainda mais próximas do cotidiano, as *instruções, meditações e vidas de santos* que ele publicou outrora.

1.4 As “breves práticas” do *Additamento*

Os textos que compõem as *práticas* escritas no *Additamento*, publicados pelo Padre Couto, em 1865, aprofundaram a dimensão missionária presente na *Missão Abreviada* e estabeleceram, além de orientações para as ações cotidianas de separação do pecado, um convite a multiplicar a dimensão penitencial que se materializava através de casos práticos. Os temas das *práticas* estão descritos na tabela abaixo:

Tabela 04: Temas das <i>práticas</i> na ordem que aparecem no <i>Additamento</i> de 1865	
Prática 1	Sobre a vocação de Deus
Prática 2	Sobre a misericórdia de Deus com um caso
Prática 3	Sobre o apreço da Divina Graça
Prática 4	Maior parte da gente não tem fé na salvação
Prática 5	Desprezar a misericórdia de Deus e irritar a sua justiça cada vez mais
Prática 6	O quanto devemos estimar a nossa alma e a salvação
Prática 7	Sobre a firmeza de propósito de nunca mais pecar
Prática 8	Pecado calado na confissão
Prática 9	Também sobre o pecado calado
Prática 10	Sobre a demora da conversão
Prática 11	Também sobre a demora na conversão
Prática 12	Sobre a penitência da hora da morte
Prática 13	Também sobre a penitência e conversão na hora da morte
Prática 14	Sobre o desprezo dos divinos avisos
Prática 15	Quem na vida não se quer converter na morte desespera
Prática 16	Sobre os talentos do Evangelho
Prática 17	Sobre as virgens loucas
Prática 18	Sobre a parábola da Vide.
Prática 19	Sobre as perseguições
Prática 20	Sobre a imitação de Jesus Cristo
Prática 21	Sobre os falsos profetas
Prática 22	Sobre os excessos do amor de Deus
Prática 23	Sobre a soberba
Prática 24	Sobre a avareza
Prática 25	Sobre a luxúria com um caso
Prática 26	Sobre um dos remédios da luxúria
Prática 27	Sobre a paciência e a ira
Prática 28	Do comer e beber com excesso
Prática 29	Sobre a inveja
Prática 30	Sobre a preguiça
Prática 31	Sobre a língua
Prática 32	Sobre os pecados de omissão
Prática 33	Sobre o pecado venial
Prática 34	Também sobre os pecados veniais
Prática 35	Sobre o jejum
Prática 36	Sobre a esmola
Prática 37	Sobre a oração

Prática 38	Sobre a virtude da mortificação
Prática 39	Sobre a virtude da paciência
Prática 40	Sobre a virtude da humildade
Prática 41	Sobre a verdadeira e falsa devoção
Prática 42	Do mundo e seus ditérios contra as pessoas devotas
Prática 43	Sobre as más companhias
Prática 44	Sobre a devoção ao Anjo da Guarda
Prática 45	A vida de São João Batista para o seu dia
Prática 46	A vida de São Pedro Apóstolo
Prática 47	A vida de São Gil
Prática 48	A vida de Santa Taís
Prática 49	Para o dia de Natal
Prática 50	Para o dia de Reis
Prática 51	Da ressurreição
Prática 52	Da ascensão do Senhor
Prática 53	Da vinda do Espírito Santo
Prática 54	Da assunção de Maria
Prática 55	Do Nascimento de Maria Santíssima
Prática 56	Das dores de Maria Santíssima
Prática 57	De Todos os Santos
Prática 58	Sobre a Conceição de Maria
Prática 59	Sobre a virgindade, pureza e castidade
Prática 60	Sobre o Juízo Final

Entre as sessenta práticas apontadas na tabela, multiplicam-se os casos de pecadores que alcançaram o verdadeiro “emendo”, segundo a visão do Padre Couto. Nesses textos, acontece um aprofundamento da dimensão da penitência como um dos principais caminhos para uma “vida santa”. A prática da penitência é agrupada em um conjunto de regras que versam sobre atividades comuns do cotidiano e sobre dimensões litúrgicas que poderiam ser aplicadas por sacerdotes e leigos.

Entre essas práticas, considero que algumas apresentam *protocolos de leitura* que sintetizam a cosmovisão do Padre Couto e algumas apresentam ao leitor/ouvinte modelos de vida que foram “imitados” nos diversos contextos por onde circularam esses “novos escritos”.

Desde o primeiro texto da *Missão Abreviada*, o Padre Couto se vale de um *protocolo de leitura* que tenta direcionar uma atenção maior a determinados temas para o seu leitor/ouvinte. De forma geral, o autor dedica a um tema apenas uma *meditação*, *instrução* ou *prática*. No entanto, existem alguns temas que recebem mais de uma menção no texto do padre-autor. A ênfase estabelecida pela repetição sugere que esses temas são fundamentais para a construção da narrativa presente no livro e para a concretização de seu projeto missionário.

Considero que foi no *Additamento* que a dimensão do pecado ganhou uma forma ainda mais coloquial na escrita do Padre Couto, complementando as “brechas” que poderiam ter surgido de uma visão mais “ligada às antigas escrituras” que estavam presente no texto inicial da *Missão Abreviada*.

No âmbito dessa interpretação, penso ser possível dividir, quanto aos temas e às formas, as *práticas* escritas pelo Padre Couto em quatro blocos: 1) Práticas sobre os pecados cotidianos; 2) Práticas derivadas de interpretações do Evangelho; 3) Práticas sobre os sete pecados capitais e 4) Práticas a partir das liturgias e teologias católicas. É pertinente considerar que esses blocos não são estáticos. Além disso, uma mesma prática pode estar em mais de uma forma descrita.

Sendo assim, entre as práticas sobre os pecados cotidianos, destaco duas orientações que se valem do mecanismo da repetição, e que estão no cerne da forma escriturária desenvolvida pelo Padre Couto: 1) o “pecado calado” e 2) a “demora na conversão”. Elas são contempladas nas práticas 8, 9, 10 e 11, como apreendemos do texto do Padre Couto:

PRÁTICA 8 PECADO CALADO NA CONFISSÃO

Não só as mulheres costumam calar os pecados na confissão, mas até os homens, por cujos motivos diz o Concílio Tridentino: “se o enfermo se envergonha de descobrir ao médico a sua fenda, o médico não a conhecerá, e, por isso, não lhe será curada pela medicina. Bem como se um homem tivesse três feridas mortais e quisesse curá-las, e manifestasse só duas ao cirurgião, encobrendo uma por vergonha, nem as duas eram curadas; porque a ferida encoberta, como era também mortal, lhe tirará a vida”. Assim acontece a esses pecadores que descobrem alguns pecados ao Confessor, mas lá fica um ou outro por vergonha encoberto, calado ou encapotado; nesse caso basta só esse para a condenação da sua alma” (COUTO, 1865, p. 31).

Esse é um documento precioso para entendemos como se estruturaram algumas engrenagens da máquina do pecado, que é aprofundada, na escrita do Padre Couto, como algo levado ao nível mais íntimo da psiquê humana: o pensamento. É corrente na doutrina católica a ideia de que “pecar por pensamentos, palavras, atos e omissões”⁶³ constitui agravos contra a misericórdia de Deus. O que o autor do breviário faz, aqui, é transportar,

⁶³ Referência à oração do “ato penitencial”, que aparece no rito da *Missã Romana* desde os primeiros séculos da Modernidade.

através da metáfora médica, essa dimensão para o mais profundo pensamento do leitor, isto é, o espaço no qual a “eficácia” da ciência médica serve de forma narrativa para convencer e guiar o leitor/ouvinte nos ensinamentos religiosos.

A relação do discurso científico como dispositivo de verdade dentro do discurso religioso é aprofundada na escrita e nas práticas religiosas do mundo moderno. Essas duas instituições retroalimentam-se na construção de uma narrativa e de um projeto de verdade que seja crível para os seus leitores e ouvintes do “seu tempo”.

Ao investigar uma história das ideias e das ciências, Michel Foucault (2007)⁶⁴ desenvolveu uma ferramenta teórica para a análise da construção de um discurso historiográfico que se dá através do conceito da *arqueologia*, estabelecendo uma crítica ao valor dado às “origens” e reafirmando a complexidade envolvida na construção dos discursos “no tempo”. Tomando a ferramenta foucaultiana da *arqueologia*, podemos questionar a unidade discursiva presente no texto da *Missão Abreviada*, por meio de múltiplos diálogos e de condições históricas:

E, assim, o grande problema que se vai colocar - que se coloca - a tais análises históricas não é mais saber por que caminhos as continuidades se puderam estabelecer; de que maneira um único e mesmo projeto pôde-se manter e constituir, para tantos espíritos diferentes e sucessivos, um horizonte único; que modo de ação e que suporte implica o jogo das transmissões, das retomadas, dos esquecimentos e das repetições; como a origem pode estender seu reinado bem além de si própria e atingir aquele desfecho que jamais se deu - o problema não é mais a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos (FOUCAULT, 2008, p. 06).

As condições históricas que ajudaram a construir o discurso produzido pelo texto do Padre Couto são, portanto, atravessadas pela experiência dos antigos *contemptus mundi* e pelas construções modernas da ciência em suas formas médicas, jurídicas e acadêmicas. Não se trata de um simples cruzamento de informações, mas de pistas que apontam para a complexidade da experiência social da leitura e dos discursos no “mundo moderno”.

Nesse trecho, e em muitos outros presentes na *Missão Abreviada* e no *Additamento*, o padre-autor, ainda nesse diálogo do mundo moderno com o antigo, enfatiza uma distinção de “gênero”, apontando determinados comportamentos

⁶⁴ Cf. FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

“femininos” e “masculinos” na construção do pecado. Associa-se à mulher a “semente” da maioria das transgressões referentes ao corpo e à fala. Contra essa suposta “disposição natural” da mulher para esses pecados, o Padre Couto preenche seus textos com exemplos de vidas de santas e da Virgem Maria, que lutaram contra as suas “armadilhas internas” para alcançarem uma vida santa.

É possível, mais uma vez, cotejar a escritura do Padre Couto com uma prática presente em uma história de “longa duração”. Entre os “agentes de satã”, investigados por Delumeau (2009), em sua *História do Medo no Ocidente*, a mulher é a primeira a ser citada. Segundo esse historiador:

No começo da Idade Moderna, na Europa ocidental, antijudaísmo e caça às feitiças coincidiram. Não foi por acaso. Do mesmo modo que o judeu, a mulher foi então identificada como um perigoso agente de Satã; e não apenas por homens de Igreja, mas igualmente por juízes leigos. Esse diagnóstico tem uma longa história, mas foi formulado com uma malevolência particular – e sobretudo difundido como nunca anteriormente, graças à imprensa – por uma época em que no entanto a arte, a literatura, a vida da corte e a teologia protestante pareciam levar a certo destaque da mulher (DELUMEAU, 2009, p. 462).

Para construir uma narrativa verossímil ao seu tempo, o Padre Couto alinhou formas textuais que compreendem pensamentos intimamente difundidos no cotidiano, práticas litúrgicas católicas, aspectos jurídicos e até “científicos” para sua época.

No caso do trecho destacado da prática nº 8, *Pecado calado na confissão*, os elementos articulados pelo Padre Couto servem para deixar visível, palpável e verossímil o “desvio” da ocultação do pecado durante a confissão. O texto dele acompanha o devoto para as suas práticas cotidianas mais íntimas, em uma tentativa de não deixar escapar nenhum elemento do cotidiano dessas pessoas. É o que acontece também quando o escritor desenvolve o texto sobre a *Demora na conversão* presente nas práticas 10 e 11:

PRÁTICA 10 SOBRE A DEMORA NA CONVERSÃO

Pecador, não demores a conversão de um para outro dia, porque a ira de Deus cai sobre ti, e te perderá. Deus te avisa, porque quer te achar preparado. Não conheces a brevidade, a incerteza e a inconstância da tua vida? E que tanto morrem os novos como os velhos? Tu poderás dizer: eu ainda hei de converter. Mas pergunto: E quantos anos ainda te restam de vida? Qual é o ano, o mês, o dia ou a hora da tua morte? (COUTO, 1871, p. 38).

A *máxima* presente no Evangelho de Mateus, na *Bíblia Sagrada*, “vigiai e orai, pois não sabeis nem o dia, nem a hora”, é radicalizada nesse texto que se aproxima do tempo prático dos seus leitores, indicando a sua sacralização. A conversão não pode esperar sequer um dia. É preciso, portanto, que as horas do dia ganhem também aspectos sagrados, geradores de conversão.

A prática da vigilância difundida sobre o pensamento humano configura uma das experiências mais exitosas da Igreja Católica no seu projeto de internalização do pecado. Através desse mecanismo, as doutrinas se secularizam de tal forma que é quase impossível pensar que exista espaço para a criação e a transgressão nesses contextos.

As experiências humanas, porém, não cessam de surpreender. Mesmo em um contexto de repressão (aparentemente) total, ainda existe quem burle as normas e elabore formas criativas de subversão dessas práticas transformadas em escrita. Na maior parte das vezes, a subversão acontece de forma *tática*, sub-reptícia, jogando com os próprios elementos impostos por essas formas de poder.

Tentarei demonstrar, no capítulo seguinte, como esse processo de recepção da *Missão Abreviada* aconteceu “além-mar”, especialmente na região Nordeste do Brasil. É provável que o *Additamento* tenha circulado bastante no “Novo Mundo”, tendo em vista que a edição mais difundida no Brasil foi a de 1871, que já estava acompanhada dessa parte.

Além das sessenta práticas escritas, ele ainda redige um texto curto chamado *Diretório Espiritual* em que elencará as principais regras práticas para um pecador se “emendar”. Por fim, ele escreve, ainda no *Additamento*, instruções sobre as orações que podem ser feitas aos moribundos na hora da morte e outras orações práticas.

A despeito da austeridade, medo, castigos e penitências impressos nas reflexões dos textos da *Missão Abreviada*, esse livro foi um dos mais lidos e comercializados no século XIX, tanto em Portugal quanto no Brasil. Como informado, esse texto penetrou com uma força significativa nas *Missões Populares*, no imaginário dos sacerdotes e leigos naquele momento e durante muitos anos. Ainda que as marcas do rigorismo estivessem presentes, ela foi, sem dúvida, um *best-seller*. A que podemos atribuir esse sucesso editorial?

Não existe uma resposta fácil para essa questão. Ela irá atravessar todo o texto. As próximas páginas tentam perseguir, além dos rastros escriturários do Padre Couto, as

pegadas deixadas por leitores e ouvintes desse breviário “além-mar”. Dessas leituras, uma nova forma de missão emerge nas fronteiras do tempo: a “missão de ver”.

CAPÍTULO 2: A MISSÃO DE VER

Não criei palavras que expliquem a música porque é no mistério que reside a verdade. A sabedoria mais fina é a que distingue imagens no invisível. Não deixei espaços vazios, em todos os lugares existe alguma coisa. Para onde quer que se dirija o olhar, há sempre assunto: matéria ou corpo, esperança ou música. A visão não é exclusiva dos virtuosos ou dos que guardam as leis, todos podem usá-la consoante sua necessidade⁶⁵.

Todos podem *ver*. As imagens que se escondem nos profundos mistérios podem ser vistas por todos, assim nos fala Deus⁶⁶. A *visão* ultrapassa as letras grafadas em um papel, a capa dura e escura de um livro, a hierarquia rígida da Igreja. Todos podem *ver*, é verdade. Entretanto, é preciso que exista uma necessidade, uma ausência, algo a ser preenchido pela presença do invisível que se tornará visível.

A *visão* é um dos temas centrais da obra *Em teu ventre*, do escritor português José Luís Peixoto (2007), que reconstituiu, através da literatura, a história das aparições de Nossa Senhora em Fátima, Portugal. Esse autor toma Deus como um personagem para nos fazer ver o que está no mistério e tentar recriar o ambiente de visualidades que cercavam Lúcia dos Santos, Francisco Marto e Jacinta Marto, naquele dia 13 de maio de 1917. Em certo momento da narrativa, o autor fornece um dado importante:

Depois de Teresa e Anastácio terem ido para casa, quando já há filhos a abrir a boca, a mãe propõe-se a fazer uma leitura antes do sono. Carolina pede que leia outra vez daquele livro, *Missão Abreviada*, pede aquela história que Nossa Senhora aparece nas lindas montanhas da França. Sem palavras, com um olhar, a mãe rejeita esse pedido inconveniente. Para acabar com a conversa, poupando Lúcia ao dano desse tema, a mãe abre a Bíblia e lê alguns capítulos do livro de Jó (PEIXOTO, 2017, p. 49).

Ao que tudo indica, a presença da *Missão Abreviada* na família de Lúcia era algo constante. O jornalista António Marujo, no recente texto *A construção de Fátima*⁶⁷, argumenta que boa parte das descrições apresentadas por Lúcia, por exemplo, são quase

⁶⁵ PEIXOTO, José Luís. **Em teu ventre**: uma reconstrução literária das aparições de nossa senhora de Fátima. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

⁶⁶ No romance *Em teu ventre*, de José Luís Peixoto, um dos personagens principais é Deus; e este fala através de versículos dispostos ao longo da obra.

⁶⁷ Cf. MARUJO, António. The construction of Fátima: A construção de Fátima. In: **Revista de História das Ideias** [s.l.], Coimbra University Press, v. 36, p. 195–219, nov. 2018. Disponível em: http://dx.doi.org/10.14195/2183-8925_36_9. Acesso em: 04 de março de 2022.

que transcritas das páginas do breviário, sendo objeto de contestação, inclusive, pelo então cardeal Joseph Ratzinger (futuro Papa Bento XVI):

Precisamente sobre a coincidência dos relatos de Lúcia com obras como a *Missão Abreviada*, o próprio cardeal Ratzinger escreve no seu Comentário Teológico: «A conclusão do ‘segredo’ lembra imagens, que Lúcia pode ter visto em livros de piedade e cujo conteúdo deriva de antigas intuições de fé. É uma visão consoladora, que quer tornar permeável à força santificante de Deus uma história de sangue e de lágrimas». É neste contexto que Joseph Ratzinger opta por falar de visões e não de aparições (MARUJO, 2018, p. 202).

É de conhecimento público que os fenômenos de Fátima compõem uma das principais polêmicas da Igreja, que se arrastam em longas discussões, especialmente teológicas, desde as primeiras décadas do século XX. O interesse, aqui, trilha por outra direção. Interesse-me especialmente pelos instrumentos que fazem ver, em particular, a *Missão Abreviada* e, no que se refere a ela, os seus caminhos de circulação estão repletos de *visões*, de formas de ver.

Tomando ainda a criação literária de José Luís Peixoto, é perceptível como o autor encara a *Missão Abreviada* como esse “instrumento de ver o impossível”, cercando o leitor de poder e de possibilidades sem, propriamente, o intermédio de algum ritual oficial ou cerimônia organizada da hierarquia eclesiástica.

Os indícios de que disponho, das formas de leitura desse breviário, no Brasil, apontam para experiências de continuidade, mas também de rupturas, da maneira como foi lido em Fátima. “Além-mar”, a “missão de ver” ganhou novos contornos e uniu-se com os saberes indígenas e africanos, experiências híbridas que transformaram esse livro em muitos outros objetos.

No Brasil, a *Missão Abreviada* foi reescrita. Não houve nenhuma alteração no livro físico: as palavras continuaram na mesma ordem, as frases compondo as antigas instruções e meditações do Padre Couto. Ao cruzar o atlântico, a *Missão Abreviada* foi reescrita com o corpo. O breviário foi lido como se lê a imagem de um santo: não importavam muito as letras grafadas no papel, mas como essas palavras faziam arder os corações através da voz daqueles que a empunhavam na mão. Era preciso pegar no livro, passá-lo no corpo, sentir que o mágico contato com suas páginas fazia o devoto peregrinar entre os tempos e emendar os tempos.

O texto que segue preocupa-se em percorrer essas trilhas de reescritura tomando como caminho as principais formas de entrada da *Missão Abreviada*, no Brasil, através

do comércio livreiro do século XIX, que se deu pelas mãos dos clérigos nas *Santas Missões Populares* desse período, e através dos sermões dos pregadores do sertão, sejam eles sacerdotes ou leigos.

2.1 A Missão cruza o atlântico

Cruzemos, finalmente, o Atlântico. É provável que os primeiros exemplares da *Missão Abreviada* tenham chegado ao Brasil através de duas frentes: 1) a atuação de ordens católicas nas “Santas Missões” do século XIX, em especial os Capuchinhos, e 2) através de um promissor comércio livreiro que trazia novidades das publicações portuguesas para o Brasil⁶⁸.

Sobre a atuação das *Santas Missões* no Brasil, é importante destacar que elas obedeciam à estrutura formadora de Portugal. Segundo o historiador Lemuel Rodrigues da Silva⁶⁹, estas “foram criadas no contexto histórico da romanização em que vivia a Igreja Católica e pretendiam, dentre os vários objetivos, transmitir a prática sacramental e fortalecer o vínculo entre os fiéis e a hierarquia eclesiástica” (SILVA, 2011, p. 41).

Sustento que as práticas dos Missionários Capuchinhos nas *Santas Missões* contribuíram para uma *romanização às avessas*, ou seja, ao tempo em que sua função consistia em uma espécie de adequação e de reordenamento das práticas leigas que estavam em desacordo com os dogmas da Igreja Católica, esses frades contribuíram para um reforço simbólico do “poder dos leigos” através da constituição de uma maior ritualização da vida cotidiana e de uma intensa circulação de elementos sagrados nas mãos dos não religiosos.

2.1.1 Os Capuchinhos e as Santas Missões

Estavam à frente das *Santas Missões* no Brasil do século XIX, principalmente, os frades da Ordem Capuchinha que, segundo o historiador Louis Châtellier⁷⁰ (1995), foi

⁶⁸ A esse respeito, ver: ABREU, Márcia (Org). **Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789–1914)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

⁶⁹ Cf. SILVA, Lemuel Rodrigues da. **O discurso religioso no processo migratório para o caldeirão do beato José Lourenço**. 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

⁷⁰ Ver: CHÂTELLIER, Louis. **A religião dos pobres: as missões rurais na Europa e a formação do Catolicismo Moderno**. Lisboa: Ed. Estampa, 1995.

fundada no século XVI, por Mateus de Bascio, em uma tentativa de recuperar as ideias de Francisco de Assis e do grupo de leigos (eremitas, penitentes, mendigos) que, “originalmente”, participavam de sua atividade missionária. No Brasil, esses sacerdotes estabeleceram um método de atuação que consistia em:

[...] [exortar as pessoas] a participar de obras como a ereção de cruzeiros, a reforma e a construção de cemitérios, capelas e igrejas. Incentivar e estar à frente dessas operações fazia parte do método dos frades italianos, tendo sido essas verdadeiras marcas de sua presença no Brasil o que orientou, não muitos anos depois, as ações de missionários como o padre Ibiapina e beatos como Antônio Conselheiro (KARSBURG, 2015, p. 54).

Interpreto que as experiências Missionárias dos Capuchinhos no Brasil do século XIX, especialmente na condução das *Santas Missões*, instrumentalizaram as condições históricas que possibilitaram experiências paradoxais dos leigos com a Igreja Católica da época, na disputa pela organização dos ritos, das crenças e da própria estrutura legal e política no Império.

Na primeira metade do século XIX, as experiências de alguns frades na condução de práticas religiosas e sociais, são incontornáveis para a compreensão das formas de constituição da vida religiosa, das leituras e crenças especialmente em comunidades mais “afastadas” dos centros urbanos mais populosos, alvo central das *Santas Missões*.

A atuação dos Capuchinhos foi tão marcante que não é difícil encontrar referências às suas atividades em relatos de viajantes, jornais, relatórios de presidentes das províncias e uma vasta produção historiográfica sobre o tema. Tomarei como recorte a atuação desses missionários no Nordeste brasileiro, espaço no qual existiram fenômenos socioreligiosos em maior quantidade e que, portanto, fornecem um maior aporte documental. Além disso, é nas tessituras desse “Brasil profundo” que se desenrolaram as principais apropriações e leituras da *Missão Abreviada* em seus contextos de “entrada” no Brasil.

O historiador Alexandre de Oliveira Karsburg⁷¹ (2015) argumenta que a principal atividade dos Capuchinhos no Brasil estava “condicionada ao interesse do governo brasileiro em integrar o índio à vida social e econômica do País” (KARSBURG,

⁷¹ Cf. KARSBURG, Alexandre de Oliveira. Os apóstolos dos sertões brasileiros: uma análise sobre o método e os resultados das missões religiosas dos capuchinhos italianos do século XIX. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p. 51–64, 2015.

2015, p. 53). Ainda segundo esse autor, cabia também aos Capuchinhos, durante o período imperial, “evangelizar os índios e fazer missões populares com o objetivo maior de colaborar com o governo na pacificação de tumultos políticos da época”. Assim, nessa perspectiva, é possível considerar que

Muitos deles foram efetivamente missionários entre os índios; outros ficaram a serviço dos bispos que os enviavam às paróquias no intuito de realizar “Santas Missões”; houve ainda os que se tornaram missionários itinerantes junto às populações do interior, trabalhando inclusive como agentes do governo “especializados na neutralização de revoltas populares agrárias” (KARSBURG *apud* PALÁCIOS, 2015 p. 53).

Das atuações desses frades nas *Santas Missões*, surgem um conjunto de experiências que considero fundamentais para a interpretação das histórias que se desdobram nas páginas que seguem. Muitos missionários viajaram pelos sertões brasileiros em busca de “almas perdidas”, portando os instrumentos para “emendá-las”: livros, rituais, confissões e, sem dúvida, as *Santas Missões*.

Destaco, no contexto do século XIX, a atuação de Frei Caetano de Missina, Frei Serafim de Catânia e Frei Vitale de Francarolo (Frei Vidal da Penha)⁷². Escolhi, para esse momento, narrar a atuação de um missionário que, a seu modo, expõe as tramas que se desenrolaram nesse processo histórico e ajuda a compreender a combinação de múltiplas visões e experiências do sagrado a partir das *Santas Missões*: Frei Vitale de Francarolo (Frei Vidal da Penha).

A trajetória desse religioso aponta para estruturas que fazem aparecer e criam as condições de possibilidade para determinada experiência leitora da *Missão Abreviada* nos sertões brasileiros. Nesse processo de investigação histórica, e de invenção historiográfica, a vida de Frei Vidal torna visível, especialmente, uma tradição que, de alguma forma, sustentou as leituras e reescrituras da *Missão Abreviada* no Brasil: a questão da *profecia*.

⁷² Outro elemento que indica a profunda relação que esses frades estabeleceram na região, é a associação do título de “Frade” a outros sacerdotes da época, que dialogavam com o “método” Capuchinho, como é o caso do Padre José Antônio de Maria Ibiapina, que ficou conhecido também como “Frei Ibiapina”, apesar de não estar ligado à Ordem Capuchinha. A esse respeito, ver: MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. Pe. Ibiapina: figura matricial do Catolicismo sertanejo no Nordeste do século XIX. *In: Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 1998.

O historiador Raph Della Cava (2014), ao descrever as “origens sociais do milagre de Juazeiro”⁷³, faz referência à crença do povo na santidade dos “padres brancos e europeus” que vinham celebrar as *Missões* no Cariri cearense, no começo do século XIX:

O pobres chegavam a acreditar que os frades brancos, europeus – considerados racial e intelectualmente superiores - , eram homens de excepcional santidade, dotados do dom da profecia. Assim foi com o capuchinho italiano frei Vitale de Francarolo, que pregou no Cariri no princípio do século XIX. Depois da sua morte, foi-lhe atribuída uma profecia sobre a destruição do mundo; circulavam textos impressos dessa profecia por todo o Nordeste, durante quase um século, e tanto os ricos quanto os pobres acreditavam em sua mensagem (DELLA CAVA, 2014, p. 62).

A narrativa de Della Cava abre um campo de possibilidades para pensarmos a atuação desses padres nas comunidades do interior, a partir do caso de Frei Vitale, isto é, a santificação popular desses sujeitos, narrativas apocalípticas e profecias. No entanto, um fato que não pode passar despercebido nessa análise é o elemento racial que ajudou a constituir certa noção de santidade naquele momento. Sem dúvida, parte considerável do imaginário católico ajudou a constituir aquilo que Frantz Fanon⁷⁴ (2018) denominou como *narcisismo branco*: a concentração do ideal de beleza, virtude, limpeza e santidade agregadas a uma “experiência social da cor”.

No caso de Frei Vidal, a sua vinda da Itália para o Brasil, no fim do século XVIII, fez fixar residência na Penha, capitania do Recife, e de lá ser convidado para várias missões pelo sertão brasileiro. Em 1934, o escritor Eusébio de Sousa redigiu um texto sobre o frade Capuchinho na *Revista do Instituto do Ceará* que dizia:

Estas considerações vêm a pelo ao cair sob as minhas vistas curioso documento cuja autoria é atribuída a famoso missionário que em fins do século XVIII esteve em visita à antiga capitania do Ceará. Aludo a Frei Vidal de Franscarollo, capuchinho da Penha, de Recife, o qual, requisitado pela câmara de Fortaleza, “abriu entre o povo missões que se tornaram célebres”, e tão memoradas foram, que, ao seu tempo, a referida câmara escrevia *ao governador do bispado de Pernambuco e ao prefeito da Penha*, “*agradecendo-lhes terem mandado ao Ceará o missionário Frei Vidal e rogando que não o façam retirar-se da Capitania sem que haja concluído as missões que nela está pregando*” (SOUSA, 1934, p. 115).

⁷³ Cf. DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

⁷⁴ Cf. FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Editora N-1, 2018.

Tanto o texto de Eusébio de Sousa, no começo do século XX, quanto o de Della Cava dão conta daquilo que marcou a experiência dos devotos no que se refere à relação com Frei Vidal: as suas profecias. O campo das profecias atravessa um terreno movediço entre o dom profético presente na *Bíblia Sagrada*, e a experiência de adivinhos, manipuladores da magia e do sagrado, que disputam há séculos o dom da *visão* com os “eleitos” do Deus cristão.

Na experiência cotidiana das pessoas que frequentavam as *Missões Capuchinhas*, no século XIX, não existia uma fronteira tangível entre magia e profecia. Nesse universo das práticas cotidianas, as experiências desenvolvidas pelos Capuchinhos eram reordenadas para outros campos nos quais as aparentes contradições fluíam (quase) tranquilamente. Em mais um caso narrado por Eusébio de Sousa, observamos o seguinte:

Na mesma freguesia de Campo Grande, Frei Vidal, como em muitas outras localidades do interior da capitania, deixou um cruzeiro de madeira de cedro, medindo aproximadamente 2 palmos em cada face e 20 de altura. O pedestal era de pedras toscas.

Contaram-me que na era de quarenta e tantos um homem perseguido de inimigos, que o procuravam matar, abraçara-se com esse cruzeiro, em cuja haste havia um oratório cavado na madeira e onde se achava uma imagem de N. S. da Conceição.

Foi isso um domingo por ocasião da missa paroquial.

O vigário, sabedor do que se passava, acabando de celebrar, saiu paramentado com um cálice nas mãos a pedir misericórdia e perdão para o perseguido. Os algozes nada atenderam, dando a seguir, uma descarga sobre o pobre homem. Uma das balas, alcançando-o, atravessou a imagem da Virgem da Conceição e a madeira do cruzeiro.

O orifício deixado pela bala assassina ficou à vista de todos.

Esse cruzeiro foi substituído por outro, ainda em dias de monarquia, sendo guardado religiosamente na sacristia.

O povo, na sua inocente e santa credence, dele tirava as carepas, com as quais fazia amuletos (SOUSA, 1934, p. 119–120).

Os amuletos criados “pelo povo” são apenas uma pequena peça desse quebra-cabeças das crenças que circulavam entre os devotos das *Santas Missões*. Soma-se a isso a interpretação de que Frei Vidal fazia profecias. Estas foram compiladas por vários

poetas dos sertões em almanaques que circularam entre o final do século XIX e o início do século XX.

Dessas publicações, tive acesso aos escritos do poeta pernambucano Caetano Cosme da Silva⁷⁵ que, transformando a profecia em poesia, editou e fez circular os textos atribuídos à Frei Vidal. A maioria desses textos misturava elementos da astrologia e ensinamentos atribuídos ao frade, que formatavam um conhecimento original e serviam de orientação para as atividades cotidianas de plantio, colheita, boa e má sorte. No almanaque do ano de 1974, podia-se ler o seguinte:

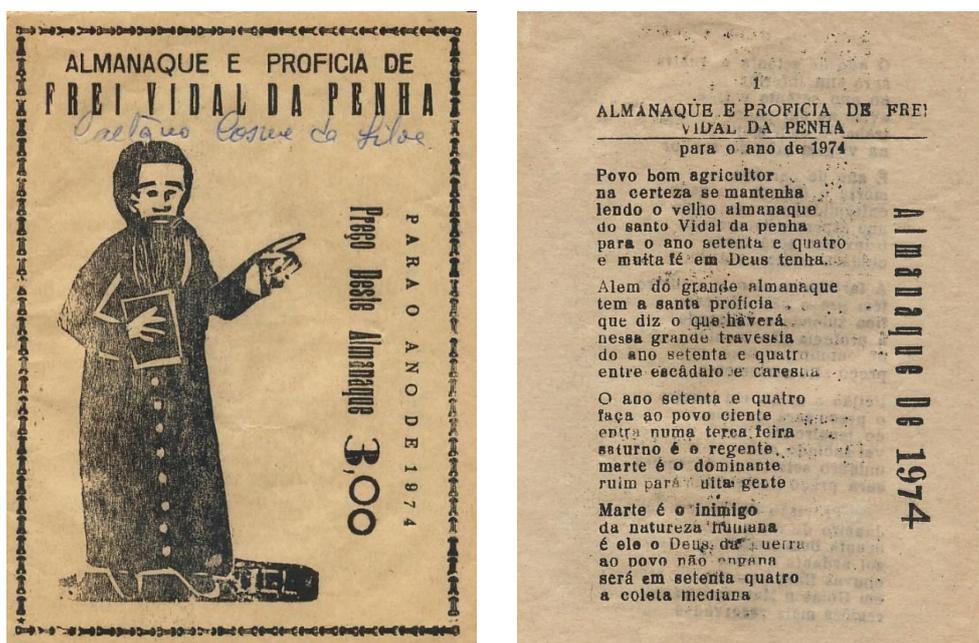


Imagem 04: Almanaque Frei Vidal. Fonte: “Almanaque e Proficia de Frei Vidal da Penha”, Caetano Cosme da Silva, 1973. Cedido pela Prof.^a Dra. Rosilene Melo.

A “santa proficia”, anunciada pelos versos de Caetano, foi ornada com a imponência do astro-deus Marte e seus desígnios premonitórios⁷⁶. Nas *Santas Missões* do século XIX, e nos “frutos” que foram colhidos a partir dessas experiências, os limites entre as múltiplas formas de organização e interpretação da vida cotidiana e os dogmas,

⁷⁵ “Nasceu no dia 25 de novembro de 1927, em Nazaré da Mata, Pernambuco, capital estadual dos Maracatus. Foi poeta e editor e exerceu a atividade de mangaieiro em Campina Grande, Paraíba, onde mantinha uma banca de raízes e ervas medicinal”. Cf. ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Poeta Caetano Cosme da Silva – Síntese biográfica.** Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/tag/caetano-cosme-da-silva/> Acesso em: 03 mai. 2023.

⁷⁶ No Capítulo 3 desta pesquisa, discorrerei, de forma mais profunda e sistemática, sobre a construção dos “Almanaques de Cordel” como produto dessa experiência leitora que a *Missão Abreviada* foi o motor principal.

muitas vezes, incompreensíveis da Igreja, originaram um novo campo de circulação das práticas leigas na vida religiosa, mas também social.

As tentativas de *romanização*⁷⁷ das práticas católicas, a partir das *Santas Missões*, produziram, aqui, um efeito ainda mais paradoxal do que aquele, já apontado no contexto português. Além de promoverem uma atuação maior dos leigos, o modelo de religiosidade que foi vivido nessas experiências colaborou para a difusão de uma série de ideias que ajudariam a formar *movimentos sociorreligiosos*⁷⁸, especialmente no Nordeste brasileiro:

Os movimentos sociorreligiosos do Nordeste brasileiro são as manifestações mais visíveis e impressionantes de um peculiar catolicismo popular: uma religiosidade penitencial e apocalíptica, uma “cultura do fim do mundo” difundida por predicadores errantes e praticada de forma autônoma, às vezes convivendo e às vezes conflitando com a Igreja oficial e seus ministros. Entre o início do século XIX e meados do XX essa religiosidade foi a linguagem pela qual certos grupos camponeses exprimiram sua vontade de destruir o mundo injusto e reconstruí-lo de uma outra maneira. A utopia social sertaneja projetava assim a transformação das relações de poder num futuro escatológico, mas ao mesmo tempo a efetivava na realidade cotidiana das “vilas santas”, onde a vida se definia pela fórmula do “somos todos irmãos” (POMPA, 2004, p. 71).

Considero que a leitura da *Missão Abreviada* foi fundante para este processo. Destaco duas interpretações que ajudam a sustentar essa hipótese. A primeira, diz respeito à questão editorial da *Missão* no Brasil: essa obra foi, no final do século XIX, uma das mais lidas no país. Um indício desse sucesso editorial pode ser observado no periódico *A Gazeta do Norte*, de Fortaleza, Ceará, edição de 08 de março de 1881. Neste periódico, foi publicado um levantamento da *Livraria Joaquim José de Oliveira*, informando os livros mais vendidos no ano de 1880. A *Missão Abreviada* foi o segundo livro mais vendido com o total de 101 saídas.

⁷⁷ Para um aprofundamento sobre a noção de romanização, conferir: SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização–Ultramontanismo–Reforma. In: **Temporalidades: Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, Minas Gerais**, v. 02, n. 02, p. 24–33, ago./set. 2010.

⁷⁸ Cf. POMPA, Cristina. **Leituras do ‘Fanatismo Religioso’ no Sertão Brasileiro**. In: *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 69, p. 71–88, 2004.

_____, Cristina. **Memórias do fim do mundo: o movimento pau de colher**. In: *Revista USP*, São Paulo, v. 5, n. 82, p. 69–87, jun. 2009.

A estatística de venda que nos forneceu a casa de Joaquim José de Oliveira e Comp.^a, gradua o gosto cearense pela leitura.

Anno de 1880.

Romanços de Escherich	54
" de P. du Terrail	30
" de P. de Kock	30
" de J. Verne	25
" de Zola	10
Flos sanctorum	150
Livros de praxe forense	8
Folhinhas de Laemmert	29
Almanach Luso-Brazileiro	35
Horas Marianas	88

Escudo admiravel	91
Historia de Carlos Magno	30
Bossuet	1
Balmés	1
Missão abreviada	101
Historia da Princesa Magalona, da The- reza Philosopha etc.	33
Spenser (por encomenda)	1
Livros em branco, papel, compendios, etc. completam a venda da casa.	

Imagem 05: Livros mais vendidos *Livraria Joaquim José de Oliveira*. Fonte: *Jornal "A Gazeta do Norte"*, Fortaleza, Ceará. Edição de 08 de março de 1881.

Em um mundo em que o letramento oficial era raro, esses dados são impressionantes. A razão de tamanha popularidade não pode ser explicada através de uma fórmula simples. Além dos elementos estruturais da obra já citados (texto, divisão, edição), considero que a *performance*⁷⁹ dos leitores e ouvintes foi fundamental para a popularização desse breviário:

⁷⁹ Aproximo-me, aqui, da concepção de *performance* de Paul Zumthor. Para maior aprofundamento, sugiro que confira: ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2000.

Por isso, tratando-se da presença corporal do leitor de “literatura”, interrogo-me sobre o funcionamento, as modalidades e o efeito (em nível individual) das transmissões *orais* da poesia. Considero com efeito a voz, não somente nela mesma, mas (ainda mais) em sua qualidade de emanção do corpo que, em nível sonoro, o representa plenamente (ZUMTHOR, 2000, p. 31).

As *performances* interpretativas difundidas através da voz e dos corpos desses *líderes leitores* romperam os muros das *Santas Missões* e reverberaram para outros movimentos. O meu foco, aqui, não é, necessariamente, apontar para os usos e leituras da *Missão* em cada uma dessas experiências históricas. É, antes disso, apontar para a construção de uma *sensibilidade religiosa* que transpõe as categorias de erudito/popular, se relaciona de forma paradoxal com a ortodoxia cristã e joga com as categorias analíticas de presente, passado e futuro.

2.2 “*Fructos dos bons livros*”

O século XIX, especialmente a partir da sua segunda metade, foi palco de importantes transformações nas formas de circulação de impressos entre a Europa e o Brasil. Nesse período, organizou-se aquilo que a historiadora Márcia Abreu (2014) chamou de “a globalização da cultura no século XIX”⁸⁰. Essas transformações foram impulsionadas tanto por inovações técnicas (transporte, produção, comércio), quanto por questões políticas (independências, revoluções).

A maioria dos estudos sobre o consumo e a leitura de impressos, nesse período, tomam como fontes os indícios deixados pelo governo (pedidos de liberação e transporte de livros pela mesa do desembargo), por livreiros (catálogos, anúncios, inventários) e por leitores geralmente abastados (testamentos, lista de livros). Interessa-me, aqui, direcionar o olhar para outras formas de utilizar os livros e para as experiências sociais e culturais decorrentes dessas outras formas de ver. Quais as formas de ler um livro? Um livro serve apenas para ser lido? As pessoas que não possuíam letramento oficial tinham contato com

⁸⁰ O projeto de cooperação internacional “Circulação Transatlântica dos Impressos – a globalização da cultura no século XIX”, organizado pela historiadora Márcia Abreu (2014), reuniu pesquisadores interessados em conhecer os impressos e as ideias em circulação entre Inglaterra, França, Portugal e Brasil, no “longo século XIX” (1789–1914). Segundo a autora, o processo de globalização não é algo recente, mas organizou-se desde o século XVI, época em que as potências europeias, notadamente os reinos ibéricos, “uniram os quatro cantos do mundo” através das navegações marítimas.

livros? Quais os resultados desses encontros? Qual a relevância dessa experiência para uma história social da cultura?

Percorrendo as hemerotecas (físicas e digitais), encontrei diversos periódicos que datam do final do século XIX, e do início do século XX, que apresentam uma quantidade significativa de relatos (dos mais diversos tipos) sobre as práticas de leitura e de experiências sociais decorrentes do contato com o livro *Missão Abreviada*.

Dessa investigação, pude selecionar algumas repetições (uma série) de temas e locais de circulação do breviário que podem fornecer uma ideia de como a *Missão* foi adentrando no Brasil e quais as primeiras formas de utilizar esse livro. Os principais temas encontrados nessa documentação foram: 1) leitores que “enlouqueceram” lendo o livro ou são tratados como fanáticos; 2) a importância de decorar o texto do livro; 3) profetas e profecias populares que se organizaram a partir do contato com essa obra, especialmente nas *Santas Missões* populares.

2.2.1 A palavra que enlouquece:

No dia 24 de setembro, de 1876, o jornal *A Palavra*, que circulava na capital e no interior de Alagoas, dedicou uma edição inteira do periódico para informar aos católicos dos grandes males do “mundo moderno”, sobretudo informações alusivas à Maçonaria. Entre os “importantes avisos” contidos naquela edição, foi publicada uma reclamação anônima que tratava de um “grande mal” que assolou uma “pobre rapariga” da freguesia da Piedade, Ilha do Pico. O texto dizia o seguinte:

Fructos dos bons livros

Na freguesia da Piedade, ilha do Pico, enlouqueceu uma pobre rapariga, devido à leitura de um livro que ali se espalhou intitulado *Missão Abreviada*. As tenebrosas pinturas do inferno que nessa obra se acham, incutiram no animo da infeliz terror tal, que ocasionaram a grande enfermidade de que é agora victima.

Na freguesia de S. Mateus, da mesma ilha, também já se deu um caso identico.

Sendo assim, não exigirá a própria caridade christã que taes livros se não espalhem e evitem-se assim novos males?⁸¹

⁸¹ *Jornal A Palavra*, de Alagoas, edição de 24 de setembro de 1876. Disponível na *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital*.

As “tenebrosas pinturas do inferno”, que ocasionaram terror e loucura entre a população da Ilha do Pico, arrastam-se em uma trama de *longa duração* na experiência cristã. É possível afirmar, seguramente, que pelo menos desde o medievo (Cf. DELUMEAU, 2009; LE GOFF, 2017) “Satã e seus servos” aparecem de diversas formas na tentativa de arrastar o povo para o pecado.

No caso dos textos da *Missão Abreviada*, o autor toma como tarefa alertar “os pecadores” sobre as várias formas de manifestação do diabo na vida cotidiana e sobre os terríveis castigos para aqueles e aquelas que caírem em suas armadilhas. O Padre Couto dedica um esforço maior ainda ao descrever as imagens do inferno que aguardam os pecadores após a morte ou no dia do Juízo Final.

Tomado “por esse espírito”, ele escreve o texto “uma visão do inferno que tem convertido a muitos e grandes pecadores”. O Padre Couto conta-nos que a “venerável Madre Ana de Santo Agostinho”, agraciada com o dom da visão por “Nosso Senhor e Maria Santíssima”, foi encarregada da missão de escrever os relatos de suas visões sobre o inferno. O diabo, temendo a repercussão de tal revelação, tentou confundir a mente da “Venerável Madre” até ela ser encorajada, pela aparição de Santa Tereza, a continuar com sua tarefa. Eis algumas das imagens dessa narrativa que provavelmente assombraram a “pobre rapariga” na Ilha do Pico:

Diz ela então que o seu espírito fora levado na companhia de Santa Thereza e de outro Santo Religioso de sua ordem; [...] e no meio tempo desapareceram aqueles dois santos, ficando ela aflitíssima sem algum amparo do Céu ou da terra. Logo acudiram os demônios com grande tropel e ruído, e com muita brevidade abriram uma boca do inferno e lá a introduziram; [...] Depois entrou numa outra caverna mais profunda, a qual também estava cheia de fogo, de demônios e condenados em uma confusa desordem! Ela estava amargurada, atônita e espantada, olhando e vendo aqueles espaços prolongados, aquelas moradas terríveis e infames, aquele grande número de demônios e condenados, revolvendo-se todos em chamas de fogo o mais devorante! [...] Que os condenados amargamente se queixavam, e com grandes gemidos, gritos e alaridos lamentavam a sua sorte desventurada; que choravam com raivosa desesperação, por se verem em penas tão terríveis, que eles mesmos arranjaram com seus crimes! Que as feras bramiam, os demônios uivaram e os dragões assobiavam, o que tudo junto fazia entoar uma triste e horrorosa música! Que os castelos, fortalezas e muralhas daquele lugar também eram de terrível fogo, e que estavam ali postos muitos demônios como em atalaia, dizendo: Véla, véla... Que também vira umas trevas as mais terríveis, uma grande escuridão e um fumo excessivo, que sufocava e causava grande tormento! (COUTO, 1871, p. 560–562).

O relato da “Venerável Madre” continua apresentando situações ainda mais assustadoras e castigos cada vez mais ferozes. Ela vê bispos, padres, grandes nomes da Igreja e da política ardendo no inferno. Quando finalmente consegue fugir daquele lugar terrível, a “Venerável” não encontra mais paz, a sua face “parece de um defunto”, não come e só encontra consolo na oração.

Não é possível saber, a partir do excerto do jornal, se foi essa a narrativa responsável por “enlouquecer” a mulher na freguesia de Piedade. Também não é possível afirmar, com certeza, se essa mulher leu o texto ou se ela ouviu essas e outras narrativas da boca de algum leigo (ou sacerdote) que peregrinava naquela região.

Seja como for, é provável que a maioria das pessoas que tiveram contato com a *Missão Abreviada* o tenham feito a partir da escuta de sermões, pregações e leituras coletivas mais do que propriamente de uma leitura direta do texto. O letramento oficial no século XIX era destinado, geralmente, às pessoas mais abastardas, mesmo com certa popularização das escolas e das demais “instituições do saber”.

A narrativa do Padre Couto se inscreve em uma prática religiosa que tem na tentativa de conversão o seu principal alicerce. Reitero, portanto, que a *Missão Abreviada* é herdeira da experiência religiosa que Delumeau (2009) intitulou de “pastoral do medo”, no qual o assombro do pecado só poderia ser purgado com uma definitiva e dura expiação. Assim, conforme Delumeau (2009, p. 51) aponta, “para a Igreja, o sofrimento e a aniquilação (provisória) do corpo são menos temíveis do que o pecado e o inferno. O homem nada pode contra a morte, mas — com a ajuda de Deus — lhe é possível evitar penas eternas”.

Ao colocarmos essa experiência em uma chave diacrônica, encontramos diversas narrativas que antecedem os escritos do Padre Couto, mas que guardam uma preocupação semelhante aos textos desse sacerdote. Um dos maiores expoentes dessa “literatura da espiritualidade e do terror” talvez tenha sido a obra de Boñeta: *Gritos do inferno para despertar o mundo*, que foi publicada pela primeira vez em 1705.

Estão presentes na obra de Boñeta muitos elementos usados pelo Padre Couto para descrever o inferno: o “fumo espesso”, “o chumbo derretido”, as “almas ilustres” e os “ímpiedosos castigos”⁸². Essas descrições, na lógica da “pastoral do medo”, só fazem

⁸² Sobre essa obra, destaque: OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes de. Horrores breves – horrores eternos: uma reflexão sobre a obra “Gritos do Inferno para Despertar o Mundo” do Padre Joseph Boneta. In: **Revista**

sentido quando são associadas a uma prática, isto é, ao arrependimento, a penitências e a uma “mudança de vida”. Por esse ponto de vista, considero importante refletirmos sobre os possíveis significados da palavra “loucura” na documentação que foi apresentada.

Os desvios operados pela loucura seduzem e assustam. Se formos seguir os rastros deixados por essa sombra que “não fala, mas faz falar”, corremos o risco de perdermo-nos como se tentássemos achar uma saída do labirinto do *Jardim das delícias terrenas*, de Hieronymus Bosch (1504). No entanto, é possível arriscar, sem muita margem de erro, que a “loucura adquirida” pela “pobre rapariga” anônima da Ilha do Pico seja a vivência de uma experiência religiosa que não se satisfaz em longas orações silenciosas, mas que vive no corpo, nos sonhos, nas lágrimas e no êxtase.

Nesse mesmo século, outra ouvinte da *Missão Abreviada* fez aparecer o seu corpo místico desafiando as ordens religiosas da época: Maria Magdalena do Espírito Santo Araújo, a Beata Maria de Araújo. A história dessa mulher torna-se pública mediante os “acontecimentos extraordinários” dos quais ela foi protagonista em 1889, quando, ao receber a comunhão ministrada pelo Padre Cícero Romão Batista, em Juazeiro do Norte, Ceará, a hóstia teria se transformando em sangue e carne, em sua boca, e seria sinal de uma segunda redenção divina, de um novo derramamento do “sangue de Cristo”⁸³:

[...] O fenômeno provocou naquela época inúmeras discussões entre padres, bispos, médicos e jornalistas que se preocupavam com sua origem. Embuste, atuação divina, ou obra do diabo? O sangramento da hóstia, que logo passaria a ser considerado um *milagre* pela população local, foi objeto de uma investigação empreendida pela Diocese cearense através de um processo episcopal (dividido em dois inquéritos) executado entre 1891 e 1893.

Entre outras peças, esse processo contém os depoimentos de Maria de Araújo e de outras oito beatas que narram a experimentação de êxtases, visões, sonhos, revelações proféticas e viagens feitas a espaços do além – Céu, Inferno e Purgatório (NOBRE, 2016, p. 23).

A vivência mística/histórica da Beata Maria de Araújo se insere em uma experiência religiosa que dialoga de maneira acentuada com as imagens e as estruturas presentes na (e sobre) a *Missão Abreviada*. Ainda segundo a historiadora Edianne Nobre (2016), as visões, sonhos e profecias sentidas e experimentadas pela beata “parecem

da Faculdade de Letras, Línguas e Literatura do Porto, Porto, v. 1, n. 12, p. 103–11, dez. 1995. Anual. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo5721.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2020.

⁸³ Cf. NOBRE, Edianne. **Incêndios da Alma**: A beata Maria de Araújo e o milagre de Juazeiro – Brasil, Século XIX. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

informar um conhecimento de tópicos importantes da vivência religiosa feminina, como por exemplo, o tema da Paixão de Cristo” (NOBRE, 2016, p. 156).

A dor e o sofrimento de Cristo, as experiências miraculosas de santos, beatos e veneráveis, popularizaram-se, de maneira rápida, com a difusão da imprensa no século XIX e a publicação de obras que inspiravam os devotos e devotas a tentarem se aproximar desse grande corpo místico formado pelos “eleitos do senhor”. O resultado das leituras e das escutas desses livros ajudaram a construir esse modelo de crença, interpretado por alguns como “motor de loucura” e fanatismo.

Defendo a hipótese, portanto, de que o “diagnóstico” da loucura direcionado à essas pessoas é também a construção de uma “marca de insanidade e fanatismo” atribuído a esse modelo de crença e fé. Outro caso que corrobora com essa hipótese, foi descrito no jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 27 de abril de 1897: o caso do “beato José Guedes”. Apesar da notícia ter sido publicada em um periódico carioca, trata-se de um fato ocorrido em Pernambuco: envolvendo as cidades de Bom Jardim e do Recife. O que está publicado no jornal é um laudo médico/psiquiátrico, assinado pelo Dr. Ermídio César Coutinho, a pedido do Dr. Antonio Pedro da Silva Marques, gestor policial do Recife na época.

Essa publicação está dividida em duas partes: na primeira, o médico disse transcrever uma fala do Beato José Guedes na qual ele conta a história da “grande revelação de sua vida”; a segunda parte é a transcrição do diagnóstico fornecido pelo Dr. Ermídio. Logo no começo do texto, o beato se apresenta da seguinte maneira:

[...] Trabalhava em meu engenho em companhia da minha mulher e filhos, e a minha vida era regular como a de todos os homens. Um dia porém (não soube determinar o dia), senti grande incômodo no ventre acompanhado de fortes dores e irritação intestinal, que me causaram grande receio de perder a vida, e então lembrei-me de minhas contas com Deus não estavam em regra, o que me causou enorme terror. Nestas condições prometi a Deus que se não me matasse, eu me entregaria à vida religiosa, deixaria o mundo e seria um dos discípulos de Jesus Cristo.

Nesta ocasião senti uma voz divina que iluminou o meu espírito e decidi-me a abandonar o mundo e seguir a vida religiosa.

Quando me achei melhorado, apesar de conservar-me ainda de cama, mandei chamar um pedreiro e encomendei tijolos para edificar uma capela a S. Severino⁸⁴.

⁸⁴ *Jornal Gazeta de Notícias* (RJ) – 27 de abril de 1897 – Disponível na *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital*.

Após mandar construir a capela, o beato iniciou uma jornada de peregrinação e participou de irmandades leigas e, por conta própria, consagrou-se como religioso vestindo o hábito da Ordem do Carmo. Algum tempo depois, ele voltou para Bom Jardim, a cidade onde mandou erguer a capela, e começou a “reunir alguns irmãos, a explicarlhes os mandamentos da lei de Deus, distribuir rosários e orações e rezar com eles o terço”.⁸⁵

Essas reuniões na capela de São Severino chegaram a congregar, segundo o relatório médico, cerca de cem pessoas que, além de reunirem-se para ouvir as palavras do beato, também praticavam penitência e pediam esmolas. Esse era o tipo de atitude que causava verdadeiro horror a um governo cercado pela experiência de Juazeiro do Norte e de Canudos.

Temendo que o movimento do Beato José Guedes crescesse em direção a uma vivência parecida com Canudos ou Juazeiro do Norte, o governo da época, através da polícia e da instituição médica, levou o beato para o *Hospício dos Alienados de Recife* onde, longe dos seus seguidores, esse homem seria silenciado e colocado na multidão anônima dos “alienados”.

Os argumentos descritos no relatório médico, para o internamento do beato, não apresentam nenhum sintoma ou patologia física, tratava-se, principalmente, de um “desvio moral e contra a religião”. Nessa perspectiva, devemos considerar que:

Interrogado sobre a posição anômala na sociedade, abandonando a família, fazendo-se acreditar um sacerdote sem ter recebido ordens sacras, pregando uma religião cujos fundamentos ele desconhecia, julgando-se instruído em matéria religiosa quando tinha apenas uma leitura ligeira da *Missão Abreviada*, respondeu que ele era o verdadeiro pregador da religião, porque recebera uma inspiração divina, que não tinha deixado a sua família, pois entregara seus trabalhos a seus filhos e vivia com sua mulher em uma casa ao lado da igreja, que hoje passa uma vida de anjo, sem pecar e somente ensinando a palavra de Cristo, para aqueles que o ouvem possam gozar essa vida angélica, que ele não troca por todas as riquezas do mundo.

Perguntado se sofria alguma perseguição, respondeu que ele não podia ser perseguido, pois não participava da vida do mundo e sim da vida dos anjos.

⁸⁵ *Jornal Gazeta de Notícias* (RJ) – 27 de abril de 1897. Disponível na *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital*.

[...] Aconselhado a deixar a vida que levava e voltar ao seu engenho, cuidar de sua família e do seu futuro, respondeu que antes uma boa morte.

[...] O estado físico do senhor José Guedes não oferece nenhuma anomalia; é mestiço, alto, magro, harmonicamente desenvolvido, de barba longa e grisalha, olhos vivos, fisionomia alegre e simpática. Respondeu-nos todas as sessões de boa vontade: tem a inteligência acanhada e sem cultivo, é preciso explicar-lhe as coisas por diversos modos para que entenda.

[...] Não tem ideias sobre a sociedade, a política e a moral. Ignora absolutamente o fundo ético da religião. É, enfim, um camponês simplório e ignorante.

[...] É um inspirado e, entretanto, não se apece de que está em uma casa de loucos. Diante dos dados colhidos, chegamos à conclusão seguinte: **o Sr. José Guedes sofre de paranoia religiosa expansiva**⁸⁶.

O laudo médico informando a “paranoia expansiva” do Beato José Guedes estava em completa harmonia com os tratados psiquiátricos da época. O Dr. Ermídio César, “seguindo os conselhos de Krafft-Ebing”⁸⁷, aconselhou a “sequestração do Sr. Guedes no Hospício dos Alienados, a fim de tratar-se e impedir o aparecimento das alucinações e dos delírios que tanto perseguem estes doentes e os tornam perigosos para os que os cercam”⁸⁸.

Esse tipo de discurso (o do perito) tem, pelo menos desde o século XVIII, um estatuto privilegiado na construção das provas dentro do campo jurídico. Segundo Foucault (2001, p. 09), são “discursos que podem matar, discursos de verdade e discursos que fazem rir”. Nessa perspectiva, Foucault argumenta que esses raciocínios médico-legais estão imbricados a uma “convicção íntima” que não obedece, propriamente, aos elementos de construção de uma “prova”, mas estão intimamente ligados à moral de uma época e à experiência histórica dos sujeitos que os enunciam. Nesse sentido, o texto aponta para o fato de que:

⁸⁶ *Jornal Gazeta de Notícias* (RJ) – 27 de abril de 1897. Disponível na *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital*.

⁸⁷ O Dr. Ermídio refere-se ao psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing (1840–1902), conhecido por introduzir o conceito de *sadismo* na psiquiatria através da obra *Psychopathia Sexualis* (1886). Para mais informações sobre sua obra, sugiro: PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Krafft-Ebing, a *Psychopathia Sexualis* e a criação da noção médica de sadismo. In: **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 379–386, jun. 2009.

⁸⁸ *Jornal Gazeta de Notícias* (RJ) – 27 de abril de 1897. Disponível na *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital*.

[...] nesse ponto são formulados enunciados que possuem o estatuto de discursos verdadeiros, que detêm efeitos judiciais consideráveis e que têm, no entanto, a curiosa propriedade de ser alheios a todas as regras, mesmo as mais elementares, de formação de um discurso científico; de ser alheios também às regras do direito e de ser, no sentido estrito [...] grotescos” (FOUCAULT, 2001, p. 15).

No caso do Beato José Guedes, o laudo médico do Dr. Ermídio não só foi fundamental para justificar a sua sequestração no *Hospício dos Alienados*, como também para reforçar, através de um poderoso efeito de verdade, os malefícios causados por esse tipo de aproximação do leigo, “que ignora absolutamente o fundo ético da religião”⁸⁹, e resolve manipular, por conta própria, os elementos da fé.

No livro *A guerra santa do gato*, no qual o escritor Luiz Carlos Lisboa (2002) apresenta a história de Adriano Muçá Miller, um ex-escravizado de noventa anos que encontra em Antônio Conselheiro a imagem de um santo iluminado. O autor apresenta uma curiosa descrição que se encaixa perfeitamente com nossas questões:

Leio até muito tarde o *Traité clinique de psychiatrie*, uma tradução francesa da obra do alemão Richard von Krafft-Ebing, em que ele estuda a “paranoia expansiva”, a alienação caracterizada pelo interesse social, político ou religioso do paciente, citando fragmentos de autoria desses doentes como típicos da enfermidade. Comparo com os trechos da *Missão Abreviada*, que tenho ao meu alcance, do padre Manoel Gonçalves Couto, um oratoriano de Goa, livro de cabeceira de Antônio Conselheiro, e vejo nele a mesma linguagem dos oradores sacros de todos os tempos, incluindo os de nossa fala, padres Antônio Vieira e Mont’alverne (LISBOA, 2002, p. 81).

Essa “linguagem dos oradores sacros” tratada também como a linguagem da loucura, operou desvios importantes através da “pobre rapariga da Ilha do Pico”, dos êxtases de Maria de Araújo e das peregrinações do Beato José Guedes. Ainda que essas experiências sejam tomadas, aqui, de forma individual, penso ser possível ampliar o horizonte de análise e dizer, com alguma convicção, que muitas pessoas estavam entre os primeiros caminhos da *Missão Abreviada* e a formação de experiências sociais importantes no Brasil do século XIX.

Entre o terror das imagens do inferno e o das descrições dos castigos para os pecadores, a *Missão Abreviada* também encantava, ela subvertia determinadas lógicas.

⁸⁹ *Jornal Gazeta de Notícias* (RJ) – 27 de abril de 1897. Disponível na *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital*.

Não é apenas pelo medo de que as frases contidas nas vidas dos santos, nas meditações e nas instruções desse breviário fizeram aquecer os corações dos seus leitores e ouvintes: “Tornam-se loucos para tornarem-se sábios”, nos lembra São Paulo.

Existe algo de semelhante entre a história do livro *Missão Abreviada*, e de seus leitores, com a *História lausíaca* analisada por Certeau n’A *fábula mística*. No texto *O mosteiro e o lugar: loucuras na multidão*, Certeau (2025) apresenta a história de uma “virgem que simulava a loucura e o demônio”, e que vivia em um mosteiro. Ela era a “esponja do mosteiro”: fazia todos os serviços domésticos com apenas um pano amarrado na cabeça, cumpria as atividades indesejadas pelas demais freiras e mantinha-se em silêncio, fazendo o possível para não ser vista ou ouvida pelas outras.

Em um lugar próximo ao mosteiro, vivia um santo homem conhecido como Pitéroum, um velho anacoreta. Conta a história que ele recebeu a visita de um anjo que lhe disse: “Por que tu tens boa opinião de ti, por causa da vida religiosa e do lugar onde moras? Queres ver uma mulher mais religiosa que ti? Vai ao mosteiro das mulheres Tabennesiotas e lá tu encontrarás uma com uma faixa na cabeça. Ela é melhor que ti” (PALLADIOS *apud* CERTEAU, 2015, p. 51).

Seguindo a recomendação do anjo, o velho Pitéroum foi à procura da santa mulher. Ao chegar no mosteiro, por ser sábio e religioso, as irmãs o deixaram entrar. Uma vez no lugar, ele pede para ver todas as mulheres. Quase todas vão ao seu encontro: a “louca” prefere ficar na cozinha com o seu serviço e o seu silêncio.

Percebendo a falta da mulher que o anjo lhe anunciou, Pitéroum pergunta se não existe mais nenhuma mulher naquele lugar. As irmãs informam que existe “apenas uma idiota” que vive na cozinha. O sábio pede que a tragam e as irmãs carregam “a idiota” à força ao encontro do velho, pois ela não queria sair do “seu lugar”:

Quando ela chegou, ele viu o trapo em sua cabeça e, caindo aos seus pés, disse-lhe: “Abençoa-me, mãe”. Como ele, ela caiu também aos seus pés dizendo: “Abençoa-me tu, senhor”. Ei-las todas fora de si. Elas dizem ao santo homem: “Pai, não entenda como injúria. É uma idiota”. Pitéroum disse a todas: “Vocês é que são idiotas, porque ela é para mim e para vocês nossa mãe — chamam-se assim os guias espirituais — e eu rezo para achar-me digno dela no dia do julgamento”. A essas palavras elas caíram aos pés do monge, confessando todo tipo de coisas: uma tinha jogado nela a água da cozinha, a outra a tinha enchido de murros, a outra tinha inchado o seu nariz... Enfim, elas todas tinham muitas injúrias a confessar. Tendo rezado por elas, ele foi embora.

Alguns dias depois, não podendo suportar a estima e a admiração de suas irmãs, abatida com suas desculpas, ela saiu do mosteiro. Para onde

ela foi, onde ela se enterrou, como ela acabou, ninguém soube (PALLADIOS *apud* CERTEAU, 2015, p. 52).

Existia algo de santo naquela mulher que só foi “revelado” às demais por um homem, considerado sábio. O poder simbólico exercido através de/por ele é o que constituiu o lugar da mulher e talvez o único capaz de subvertê-lo em sua (quase) integridade. Ainda assim, uma resistência silenciosa é operada pela mulher:

Nesse caso, a idiota designa o homem-mestre: é você, “homem”, que tem que me “abençoar”; é você que tem o poder institucional, viril e paterno, de articular, por um significante (a bênção) a exterioridade divina sobre a exterioridade dos fiéis. Fique no seu lugar que o do poder ministerial do significante, a objetivação linguística. Desse ponto de vista, ela “se recusa” a tomar o lugar que ele ocupa na instituição simbólica. Assim, ele vai continuar seu ministério, censurar, falar abençoar, retomar o seu posto. Ela fica no outro, no infinito de uma abjeção sem linguagem (CERTEAU, 2015, p. 57).

O que diferencia loucura e santidade? Qual gesto/palavra/voz faz de um louco santo ou o contrário? As histórias discutidas até aqui parecem indicar que existe uma complexa formatação social que permite e proíbe ser santo ou louco. Não é possível olhar para essas experiências sem perceber que existem fortes marcadores sociais que diferenciam e classificam esses sujeitos: raça, gênero e classe.

A *Missão Abreviada* foi usada por seus devotos marginalizados (não que todos o fossem) como um instrumento de validação, de comprovação de suas ideias e vivências, uma espécie de relíquia do mundo dos vencedores que foi tomada por esses sujeitos e usada para subverter determinadas lógicas eclesiais e sociais. Um “tesouro de significantes” desse “grande outro” que foi tomado, reformulado e vivido de diversas formas.

É importante destacar que a *Missão Abreviada* fazia parte de um acervo de leituras e de escutas que ajudavam a moldar os sentidos decorrentes dos seus usos. Junto com esse livro, existiam outros tantos escritos que contribuíram de maneira relevante para a formação de um imaginário leigo capaz de contrapor e de reinventar as regras que estavam postas a estes sujeitos.

2.3 A missão não estava só

Em muitos aspectos, a *Missão Abreviada* “não estava sozinha”. Existiram vários livros que circularam, ao mesmo tempo que a *Missão*, o imaginário dos devotos leigos e dos sacerdotes no Brasil do século XIX, ajudando-os a criar novas formas de viver a fé e de burlar os sistemas impostos.

Os usos desses outros livros nos fazem entender de que maneira um tipo específico de leitura da *Missão Abreviada* foi possível. Considero, mais uma vez, o levantamento feito pela *Livraria Joaquim José de Oliveira* no ano de 1881, informando a “estatística de venda” do ano passado desse livreiro, e que foi publicada no jornal *A Gazeta do Norte*, na edição de 08 de março daquele ano.

Tabela 05: Vendas Livraria Joaquim José de Oliveira em 1881	
LIVROS	NÚMERO DE VENDAS
<i>Flos sanctorum</i> (vidas dos santos)	150
<i>Missão Abreviada</i>	101
<i>Horas marianas</i>	98
<i>Escudo admirável</i>	91
<i>História da Princesa Mangalona</i>	83
<i>História de Carlos Magno</i>	20

Esse levantamento é significativo, pois corrobora com as discussões feitas sobre as práticas de leitura desse período, como também com outras fontes da época (anúncios em jornais e levantamentos de livreiros) que apontam para a circulação desses escritos.

A transmissão das histórias presentes nessas obras, somadas a uma pregação católica extremamente ascética decorrente das *Santas Missões Populares*, formaram o ambiente de movimentação inicial da *Missão Abreviada* no Brasil e no Ceará. Esse destaque é importante, pois contribui para entendermos as transformações radicais que ocorreram da leitura desse breviário no século XX.

A forma como o livro do Padre Couto foi lido em seu contexto inicial, e nos séculos seguintes, está diretamente ligado às formas de leitura e de circulação desses outros livros. Essas obras compuseram um conjunto de referências que formariam, mais

tarde, a “biblioteca do sertanejo”, contribuindo para a criação de um mundo novo, tal como o poeta Antônio Vieira⁹⁰ o descreveu:

A nossa poesia é uma só
 Eu não vejo razão para separar
 Todo o conhecimento que está cá
 Foi trazido dentro de um só mocó
 E ao chegar aqui abriram o nó
 E foi como se saísse do ovo
 A poesia recebeu sangue novo
 Elementos deveras salutares
 Os nomes dos poetas populares
 Deveriam estar na boca do povo

Os livros que vieram para cá
 O Lunário e a Missão Abreviada
 A donzela Teodora e a fábula
 Obrigaram o sertão a estudar
 De repente começaram a rimar
 A criar um sistema todo novo
 O diabo deixou de ser um estorvo
 E o boi ocupou outros lugares
 Os nomes dos poetas populares
 Deveriam estar na boca do povo.

O livro que “rivaliza” com a *Missão Abreviada*, o primeiro lugar dos mais vendidos na livraria de Joaquim José de Oliveira, é o *Flos Sanctorum*, uma compilação da vida dos santos. Não é possível precisar a autoria da obra informada nessa lista, pois o *Flos Sanctorum* trata-se, em grande medida, de um gênero de escrita religiosa. Certeau (2015) aponta que esse gênero aparece como uma oposição às biografias eruditas que alguns religiosos tentaram fazer da vida dos santos a partir das concepções de ciência histórica das suas épocas.

O *Flos Sanctorum* compõe o que Certeau chamou de uma “escrita edificante”, tendo em vista que essa obra centrava-se mais nos ensinamentos que os leitores poderiam obter dessas vidas exemplares, do que propriamente em uma *história* da vida dos santos, conforme constatamos no trecho:

O fosso entre as “Biografias” eruditas e as “Vidas” edificantes se amplia. As primeiras são críticas, menos numerosas, e tratam de santos mais antigos, quer dizer, são ao mesmo tempo relativas a uma *pureza* primitiva do verdadeiro e a um privilégio elitista do saber. As segundas, como milhares de “*Flores dos santos*” populares, são muito difundidas

⁹⁰ VIEIRA, Antônio. **A Peleja da Ciência com a Sabedoria Popular**. Salvador: Berinjela, 2002.

e consagradas a contemporâneos mortos “em odor de santidade”. No século XX outros personagens, os da política, do crime ou do amor, tomam o lugar dos “santos”, mas entre as duas séries, a divisão se mantém (CERTEAU, 2015, p. 292).

Para “emendar o pecador”, como sugere o Padre Couto na *Missão Abreviada*, era preciso que existissem modelos de vida disponíveis para o leitor em que ele pudesse se espelhar e “imitar” em busca de sua própria santidade. Esse espelho não deveria brilhar ao longe, como uma joia inalcançável. Era preciso ser belo, encantador e próximo, como uma flor que desabrocha em seu jardim.

Essa experiência parece contradizer a afirmação de que uma sensibilidade *Magistra vitae* da história teria encerrado no alvorecer do mundo contemporâneo e de suas revoluções⁹¹. A exemplaridade das vidas dos santos seria usada, naquela época, e permanecem até no mundo contemporâneo, como fonte de instrução e de expectativa de futuro.

Analisados por Certeau (2015) como “documentos sociológicos”, as *Flos Sanctorum* se inscrevem “na vida de um grupo, Igreja ou comunidade”. Essa inscrição obedece, segundo o autor, a dois movimentos “aparentemente contraditórios”: de um lado, “assume uma distância com relação às origens (uma comunidade já constituída se distingue do seu passado graças à distância que constitui a representação desse passado)”, e, por outro lado, “a vida do santo indica a relação que o grupo mantém com outros grupos” (CERTEAU, 2015). O que acontece em outro lugar serve de inspiração para a comunidade que lê, ele é *exemplar*, mestre da vida.

Uma parte considerável da *Missão Abreviada* é dedicada à vida dos santos e aos demais textos são descritos como se instruísem os pecadores rumo à uma vida santa. Não é possível entender as transformações feitas a partir (e em certa medida contra) a MA sem entender a presença e certa continuidade dessa “sensibilidade edificante” evocada também pelas *Flos Sanctorum*.

A disposição dessas vidas exemplares nos *Flos Sanctorum* obedecem ao modelo da *Legenda Áurea*, talvez a maior compilação de vida de santos do medievo escrita por Jacopo de Varazze. As histórias são distribuídas de acordo com os “tempos” da liturgia

⁹¹ É o que afirma o historiador Reinhart Koselleck (2009) em seu texto *História Magistra Vitae: sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento*: “A história [*Geschichte*] só é capaz de instruir à medida que se renuncia à história [*Historie*] escrita. Todas as três variantes contribuíram para delimitar um novo espaço de experiência, à medida que a velha “*Historie*” teve que renunciar à sua pretensão de ser *magistral vitae*” (KOSELLECK, 2009, p. 46).

eclesiástica medieval, quase como que apontando o caminho de exemplaridade a ser seguido para alcançar o “tempo sagrado”. Ao apresentar a sua obra, Jacopo de Varazze “não fala de *brevitas*, de *utilitas*, de *facultas praedicandi*. Na verdade, não busca uma utilização imediata e precisa de sua obra, que concebe antes numa perspectiva universal combinando histórias da salvação, história litúrgica e Vidas de Santos, o que permitirá sua difusão por toda cristandade” (LE GOFF, 2014, p. 41).

Os tempos destacados na *Legenda Áurea* (e também nos *Flos Sanctorum*) são: o tempo da Renovação, do Desvio, da Reconciliação e da Pregação. São organizações litúrgicas da vida temporal que deveriam orientar os sacerdotes e leigos na construção de suas vidas e na luta contra o pecado. Funcionava, portanto, como uma espécie de calendário litúrgico orientado a partir das vidas dos santos.

As “flores dos santos”, que desabrocharam do modelo da *Legenda Áurea*, ajudaram a constituir o sentido de pregação da *Missão Abreviada* e a “preparar o terreno” para sua leitura. No século XIX, é provável que as *Flos Sanctorum* tenham sido usadas quase como um complemento da *Missão*. Apesar das evidentes semelhanças é preciso destacar também o ponto em que a *Missão Abreviada* afasta-se dos modelos dessas antigas vidas dos santos.

Tomo o exemplo de uma santa muito popular no século XIX (e também no século XX) para entendermos esses lugares de aproximação e de distanciamento entre os breviários: a vida de Santa Maria do Egito. Sobre essa santa, o *Flos Sanctorum* organizado, pelo jesuíta Pedro Ribadaneira, em 1697⁹² (ver imagem 1), conta a história de um monge chamado Zofimas que, ao peregrinar no deserto, se depara com uma mulher nua, negra, de cabelos brancos. Tomando essa aparição como algo sobrenatural, o monge pede a benção da mulher e ela cai de joelhos aos seus pés, informando-lhe ser uma grande pecadora.

⁹² RIBADANEIRA, M. R. P. Pedro. **Flos Sanctorum**: história das vidas e obras insignes dos santos. Impresso por Antonio Craesbeeck de Melo, “Impressor de Sua Alteza”, Lisboa, 1674. Disponível na *Biblioteca Nacional Digital do Porto*.

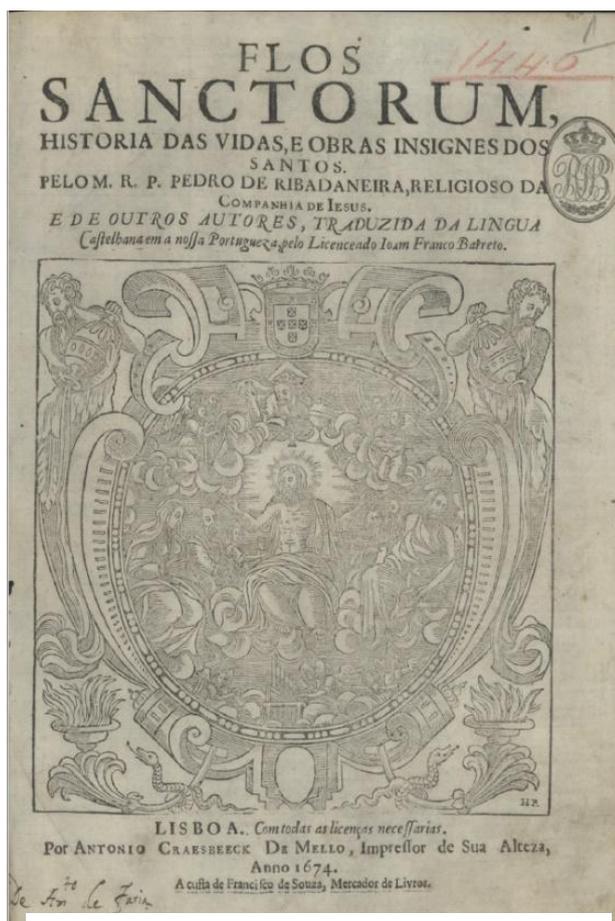


Imagem 06: Capa do *Flos Sanctorum* escrito pelo jesuíta Pedro de Ribadaneira. Fonte: *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*.

O texto do *Flos Sanctorum* dedica-se a mostrar a vida dessa mulher através de um longo diálogo com o monge Zofimas. Ela conta ao sacerdote que viveu, desde os dozes anos de idade, quando saiu do Egito, uma vida de libertinagem e pecado. Após muitos anos de uma vida “dedicada ao demônio”, ela resolve acompanhar uma multidão que se aproximava de uma Igreja para celebrar o dia da “Exaltação da Santa Cruz”. Ao se aproximar da Igreja, ela conta a Zofimas que uma força espiritual a impediu de entrar no templo, e a mulher se dá conta da vida preenchida de pecado que estava tomando.

Após esse “sinal divino”, Maria do Egito resolve seguir um caminho de penitência e de provações no deserto em busca da santidade. O foco central no texto do *Flos Sanctorum* estava no diálogo da mulher em estado de penitência e santidade, com o monge. Esse diálogo é repleto de discussões caras à época, como a situação da cristandade naquele período:

Então ela disse: Deus te moveu ó Zofimas a entrar em esta solidão, para que viesses a esta pobre pecadora. Rogo-te para que me digas: como está a Cristandade? Que imperadores governam o mundo? Tem paz a Igreja ou é perseguida por tiranos? E havendo satisfeito ao que lhe perguntava, lhe rogou Zofimas que fizesse oração por ele, para que Deus lhe desse graça de acabar bem a vida sem seu serviço. E ela por obedecer-lhe se apartou um pouco dele, e voltando o rosto para o Oriente, e levantando seus olhos e mãos para o Céu, fez oração. E enquanto orou estava um pouco levantada do chão. O santo velho caiu em terra, dizendo: misericórdia, senhor! Duvidando muito que fosse algum espírito e não pessoa que ali estava (RIBADANEIRA, 1674, p. 475).

Na narrativa do *Flos Sanctorum*, Maria do Egito descreve a Zofimas os milagres que ela presenciou para sobreviver ao deserto, também todas as provações necessárias para que uma mulher como ela pudesse, finalmente, partilhar de uma vida santa. Nesse relato, Zofimas ainda encontrou a santa por duas vezes até que, no último encontro com ela, o que viu foi apenas uma mensagem escrita na areia, ao lado de seu corpo estendido no chão:

Enterra, Abbade Zofimas, o corpo de Maria, a pecadora, e dá à terra o que é seu, e junta pó com pó, e roga a Deus por mim, que morro em uma noite da santíssima paixão de cristo: aos nove de abril, depois de haver recebido a sagrada comunhão (RIBADANEIRA, 1674, p. 477).

As letras se apagaram da areia e o corpo preencheu um espaço de memória: quem olhar para a lápide da “santa mulher” verá o exemplo daquela que venceu o pecado e recebeu o reconhecimento “do pai”. O texto do *Flos sanctorum* inscreve a experiência da mulher no campo da exemplaridade, mas também no campo do (im)possível, ou seja, o que realmente importa, mais do que o exemplo, é criar um espaço de sacralidade e de devoção.

Na *Missão Abreviada*, a importância do exemplo é reforçada e a presença do monge Zofimas é substituída pela presença do Padre Couto. As duras palavras que descreveram o inferno também são pesadas ao descrever os pecados de Maria do Egito:

[...] ela mesmo dizia de si que era um vaso de Satanás; que até se envergonhava de contar sua torpe vida; que nem aceitava coisa alguma dos mancabos [*sic*] para ter maior número de namorados [...] que estava espantada, considerando o que tinha feito; e que não podia entender como o mar a susteve, ou a terra não a engoliu, por ter caído em tanta desonestidade e por ter cometido tantos crimes; pois fora tantos diz (diz ela) que não há língua que possa dizer! (COUTO, 1871, p. 610–611).

O terror gerado por essas “faltas tão terríveis” só poderia ser cessado, segundo o Padre Couto, por um castigo ou por penitência que superasse, em quantidade e profundidade, esses erros cometidos:

[...]firme em seus propósitos, ela partiu para o deserto afim de fazer penitência para os seus crimes. Lá passou quarenta e sete anos naquele deserto entregue aos rigores da penitência. Só levou coisas que criavam lá no deserto, ali viveu na fome, na miséria. Exposta aos rigores do inverno, vendo-se muitas vezes coberta de neve, de geadas, morta e morta com o frio! (COUTO, 1871, p. 610–611).

Era através desse exemplo que os pecadores “deveriam se emendar” e buscar a salvação. A história de Maria do Egito funciona, na *Missão Abreviada*, além da fundação de uma memória ou da veneração da santa, um instrumento de reforço para incentivar o caminho da penitência:

Imitai-a pecadores: mulheres escandalosas, que sois do mundo, ponde aqui os vossos olhos; quereis ir para o Céu, assim como foi essa pecadora? Pois fazei como ela, convertei-vos de todo para Deus, e para sempre; não andeis a enganar os pobres Confessores, fazendo confissões nulas todos os anos. Que podeis esperar de Deus, se continuareis nos vossos escândalos? Que provas dais de verdadeira conversão, quando vos confessais lá por desobriga? Ah! Quem vos dar o Senhor nesse tempo? Pois melhor seria ser lançado aos cães e a outros animais imundos, do que ser recebido por vós! Portanto emendai-vos, e reformais a vossa vida como esta Maria do Egito: se a tiverdes imitado no crime, é necessário que a imiteis também na penitência e na emenda; assim o deveis praticar para terdes esperança de salvação eterna” (COUTO, 1871, p. 610–611).

O exemplo de Maria do Egito e das demais vidas edificantes dos *Flos sanctorum* são tomadas pelo Padre Couto, como a prova espiritual de que é possível viver os ensinamentos que estão contidos ao longo do livro através da penitência e da mortificação. Ele inclui na história as ferramentas do seu tempo, a exemplo da confissão, que ajudariam o pecador a emendar-se com o sagrado e viver a “santa Vida” que se esperava dele.

Soma-se a esta sensibilidade exemplar e edificante a popularização de outro tipo de escrito que também contribuiu para a construção das novas leituras da *Missão Abreviada* no Brasil: os *Manuais de Devoção*. Voltando à lista dos *best-sellers* da *Livraria de Joaquim José de Oliveira*, encontramos dois títulos que estão quase em

“empate” com o número de vendas da *Missão Abreviada: As Horas Marianas* (1804) e o *Escudo Admirável*⁹³ (1802). Essas obras precisam outro tipo de sensibilidade leitora e escriturária que forma o ambiente cultural de circulação da *Missão*, que chamarei aqui de um *desvio leigo*.

Entendo, por essa expressão, a invenção (que não estava propriamente dita e que poderia contrariar os pressupostos eclesiásticos) de práticas litúrgicas por parte de pessoas não consagradas à vida religiosa. Essa invenção estava implícita na apropriação/leitura que esses sujeitos faziam e fazem de manuais litúrgicos que poderiam ser adquiridos facilmente e que tinham grande movimentação dentro e fora dos ambientes clericais.

O livro *As Horas Marianas*, por exemplo, foi escrito pelo frade português Francisco de Jesus Maria Sarmiento. Esse livro tinha grande procura já no período colonial:

As bibliotecas continuavam a ser raras e a ter uma composição baseada em obras devocionais: catecismos, resumos de história santa, diretivas, exercícios espirituais e manuais para melhor aproveitar os sacramentos e a liturgia, livros de novenas e de orações. A Bíblia era praticamente ignorada. Entre os títulos mais frequentes, estavam *O pecador convertido*, do frei Manuel de Deus; as *Horas marianas*, do padre Francisco de Jesus Maria Sarmiento; e as *Obras espirituais*, de Luís de Granada, obras mais editadas e difundidas no período colonial (VILLALTA, 1997, p. 335).

Esse livro reforçava e ajudava a construir uma experiência litúrgica da Igreja Católica que se localizava na tradição das orações ao longo do dia. Essas orações eram geralmente compostas por Salmos (Saltério) e por pequenos rituais de contemplação da vida e morte de Jesus Cristo. Ao longo do tempo, essas orações se materializaram na publicação de *ofícios divinos* (séc. IV), *breviários* (séc. XVII–XX) e na *Liturgia das horas* (séc. XX–XXI)⁹⁴.

Até o Concílio Vaticano II (1961–1965), esses livros eram destinados, na maioria das vezes, aos sacerdotes que deveriam cumprir o ministério (ofício) de rezar ao longo do dia. *As Horas Marianas* (ver imagem 2) e a *Missão Abreviada* deveriam ser

⁹³ Este breviário assemelha-se bastante ao formato das *Horas Marianas*, no entanto, ele é dedicado a uma reflexão sobre a “sagrada família” e foi muito difundido no “Oratório de Portugal”. A esse respeito, ver: BRAGANÇA, Joaquim de Oliveira. **A grande devoção do Oratório do Porto**. Lisboa: Didaskalia, 1982. p. 359–452.

⁹⁴ Sobre o tema da liturgia das horas, conferir: COSTA, Valeriano dos Santos. Liturgia das horas: a memória de Cristo ao longo do dia. In: **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 14, n. 56, p. 73–86, set. 2006.

publicadas para corresponder a essas expectativas, contudo, tanto os autores quanto os leigos subverteram essa indicação e utilizaram, em grande escala, esses textos em suas atividades diárias.

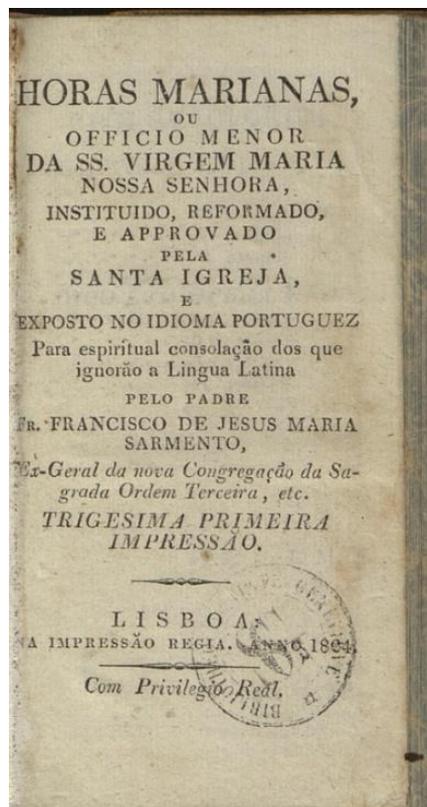


Imagem 07: Capa das *Horas Marianas* escrito pelo padre Francisco de Jesus Maria Sarmiento. Fonte: *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*.

Os prêmios espirituais para aquelas pessoas que cumprissem, com rigor, os ensinamentos contidos nas *Horas Marianas* poderiam abrandar o coração temeroso daqueles que desejavam, a todo custo, não cair no “fogo terrível do inferno”. As orações eram recomendadas de acordo com as horas do dia que lembravam as horas da paixão de Cristo⁹⁵:

A quem reza o ofício de N. Senhora: por cada Hora 40 dias de Indulgência.

A quem reza em pé os Cânticos das Laudes, Vésperas e Completa do mesmo Ofício, 40 dias de Indulgência.

A quem disser os hinos das Matinas, Laudes e Horas menores do mesmo Ofício: por cada um deles concede Alexandre Sexto 10 anos de Indulgência.

⁹⁵ “O maior avanço na sua estrutura deu-se no século VI, com a vida monástica intuída por S. Bento. O Ofício constituiu-se de oito horas canônicas, a saber, Matinas, Laudes, Prima, Tércia, Sexta, Noa, Vésperas, Completas” (COSTA, 2006, p. 76). Essas horas correspondem, respectivamente, às horas do dia contadas de três em três horas começando às 6h.

A quem se inclina devotamente, quando reza o verso *Gloria Patri...*, 30 dias de Indulgência.

A quem no *Te Deum laudamus...*, que vai no fim das Matinas, se ajoelha, ou inclina aquelas palavras *Te ergo quesumus...* (que traduzidas, começam: Por esta causa, Senhor, etc.) se concede 30 dias de Indulgência (SARMENTO, 1824, p. 25).

Seguindo essa tradição, a *Missão Abreviada* também instituiu indulgências para as pessoas que realizassem algumas orações e rituais descritos no livro. A diferença entre a *Missão Abreviada* e as *Horas Marianas* está na complexidade das indulgências e dos rituais propostos. Após a descrição de uma “oração inicial”, o Padre Couto coloca a seguinte nota de rodapé:

Quem faz o voto acima dito em favor das almas fica com a liberdade de aplicar em particular por quem quiser, e obrigações livres. Sendo Sacerdote, goza de altar privilegiado nos dias que o fizer; bem como qualquer pessoa que o fizer, goza do direito de tirar do purgatório tantas almas, quantas missas ouvir nas segundas feiras (COUTO, 1871, p. 10).

É possível que esses textos contidos nas *Horas Marianas* e na *Missão Abreviada* tenham sido interpretados como uma autorização oficial (e em certa medida divina) de uma maior atuação leiga em cerimônias e rituais de fé cotidianos. O acesso a esse tipo de material fez com que algumas pessoas vestissem, por conta própria, um hábito religioso e saíssem em pregação na busca de um rebanho de seguidores.

Talvez o caso mais ilustre nesse sentido seja o de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro. Esse “negociador do sagrado” (HOORNAET, 2001), além de pensar e estruturar a comunidade de Canudos, na Bahia, também escreveu um caderno de textos intitulado: *Apontamentos dos preceitos da divina lei de Nosso Senhor Jesus Cristo, para a salvação dos homens* (1895). Neste texto, ele estabeleceu a sua interpretação sobre a “lei de Jesus”, contida na *Bíblia*, e a sua consequência para a humanidade. Além disso, ele forneceu as interpretações espirituais para os eventos sociais que, naquele tempo, ocorreram na Bahia.

O historiador Pedro Lima Vasconcellos (2017) reuniu esses escritos de Antônio Conselheiro e organizou a sua publicação em forma de livro, tornando público o acesso a este material. Além disso, esse pesquisador publicou uma análise sobre os textos do Conselheiro intitulada: *Arqueologia de um monumento: os apontamentos de Antonio Conselheiro*.

No capítulo *Prospecção da autoria: matrizes*, Vasconcellos (2017) apresenta Antonio Conselheiro como um leitor, um “homem biblado”. É interessante perceber como as principais referências de leitura do Conselheiro são basicamente as mesmas que estão disponíveis na lista de *best-sellers* da livraria de Joaquim José de Oliveira. Tomando os levantamentos feitos por Nertan Macedo (1969)⁹⁶ e por Câmara Cascudo (2006)⁹⁷, o autor informa:

Desde pequeno Antonio Vicente Mendes Maciel terá tido oportunidades privilegiadas de tomar contato com livros. De acordo com Nertan Macedo, alguns poucos se deram conta de que o futuro Conselheiro teria podido, em sua infância, “devorar o *Lunário Perpétuo*, aventuras de cavaleiros medievais e textos religiosos, as guerras do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França, a Princesa Magalona e as lições do catolicismo católico” (VASCONCELLOS *apud* MACEDO, 2017, p. 73).

Apesar dessas referências constarem como estrutura basilar na formação de Antonio Mendes Maciel e de parte considerável dos letrados e não letrados de sua época, o autor informa que, ao tornar-se Conselheiro, apenas dois livros eram os mais usados por esse ilustre beato: “já não lê o *Lunário Perpétuo*, o imperador Carlos Magno e a *Princesa Magalona*. Conduz, no surrão, apenas dois livros religiosos: a *Missão abreviada* e as *Horas Marianas*” (VASCONCELLOS *apud* MACEDO, 2017, p. 75).

Ao longo de sua obra, Vasconcellos (2017) elaborou alguns quadros comparativos entre os escritos do Conselheiro, os textos das *Horas Marianas* e a *Missão Abreviada*, destacando as apropriações feitas pelo beato e suas novas interpretações dos escritos. Entre essas discussões, o autor apresenta uma transcrição de um trecho dos sermões de Antônio Conselheiro que foi publicado por José Aras. Considero que esse excerto condensa, em certa medida, muitas das interpretações que foram sendo organizadas pelos leitores e pelos ouvintes desses livros:

Meus irmãos, o anticristo é chegado. Está aqui neste livro [a *Missão abreviada*]. O ataque de Maceté [*sic*] constituiu uma prova para nós. O meu povo é valente. O satanás trouxe a república, porém em nosso encontro vem o infante D. Sebastião. Vira depois o Bom Jesus separar o joio do trigo, as cabras das ovelhas. E ai daquele que não se arrepender antes, porque tarde não adiantará. Jejuai que estamos nos fins dos

⁹⁶ MACEDO, Nertan. **Antonio Conselheiro: a morte em vida do Beato de Canudos**. Rio de Janeiro, Record, 1969.

⁹⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

tempos. Belos Montes será o campo de Jesus, a face de Jeová. Os republicanos não devem ser poupados pois são todos do anticristo. De hoje em diante será “dente por dente e olho por olho” (VASCONCELLOS *apud* ARAS, 2017, p. 83).

Esse sermão apresenta temas recorrentes nas futuras apropriações que foram feitas dos livros que estavam na sessão dos mais vendidos da *Livraria de Joaquim José de Oliveira*: o sebastianismo, a vinda do anticristo e o fim do mundo. Essas imagens marcarão as vozes e, também, as escrituras de muitos devotos que criarão outros vários textos e fundarão tantos outros movimentos.

Em Juazeiro do Norte, essas devoções ganharam uma dimensão que repercutiu até no *tempo presente* através do imaginário de milhares de pessoas que jornadeiam até a cidade considerada dos romeiros todos os anos, buscando uma aproximação com o sagrado que não se explica através de livros, mas que também caminha entre as tintas e os papéis.

A *Missão Abreviada* parece consistir no exemplo mais contraditório e, por isso mesmo, importante, dentro desse conjunto de releituras. As vidas de santos, as orações, as meditações e as instruções descritas na *Missão Abreviada* tornaram-se manuais astrológicos, profecias, cordéis e ajudaram a formar esse “mundo todo novo”, do “tempo emendado” e da vida encantada.

CAPÍTULO 3: OS *BEST-SELLERS* (QUASE) PROIBIDOS

3.1 A extração da pedra da loucura

“Mestre, tira fora esta pedra, meu nome é Das Lubbert” (Bosch)



Imagem 08: *A extração da pedra da loucura* – 1494 – Bosch.
Óleo sobre madeira (48x 35cm). Museu do Prado, Madri.

Enquanto o sangue escorre lentamente por sua testa, o “louco” observa. Ele lê. Sua preocupação não parece repousar sobre o julgamento da mulher que equilibra o livro na cabeça (conhecimento frágil, prestes a desmoronar), nem sobre a explanação do sacerdote, tampouco sobre aquele que o corta. O “louco” me olha. O que ele quer dizer? Ao ser atravessado por esse olhar, ainda é possível “lermos” esse quadro?

O historiador da arte Louis Marin (2011) propõe uma reflexão que parte da tentativa de perceber que o legível e o visível têm fronteiras e lugares em comum, ou seja, que existem pontos de intersecção entre as práticas de leitura de escrituras e de imagens: “Segundo essa tradição, deveríamos dizer que o próprio artista, para pintar seu quadro, leu um texto e que o espectador, para ver o quadro ‘realmente’, deve ler o quadro como se fosse esse texto” (MARIN, 2011, p. 119).

Não quero me arriscar a tentar ler a pintura de Hieronymus Bosch em poucas palavras. Evoco a imagem do “louco que vê” em Bosch como uma tentativa de fazer aparecer o corpo (e em certa medida o olhar) desse personagem-coletivo que me

acompanha desde a primeira vez que tomei contato com grupos de católicos leigos (penitentes, beatas, romeiros), cordelistas e xilógrafos na cidade de Juazeiro do Norte.

O cruzamento que me levou ao encontro dessas personagens e suas experiências no tempo divide-se em dois “objetos”: um espaço e um livro. O primeiro é a cidade de Juazeiro do Norte, conhecida mundialmente por ser ponto basilar da devoção ao Padre Cícero Romão Batista e por concentrar muitas práticas devocionais que foram ora tomadas como exemplos de fanatismo e loucura, ora elogiadas como “autênticas” demonstrações da fé do sertanejo.

O segundo objeto dessa encruzilhada são as práticas de leitura resultantes dos usos da obra *Missão Abreviada* que, como apontei anteriormente, foi escrita em Portugal, no ano de 1859, pelo Padre Manoel José Gonçalves Couto. Essa obra foi tida, em seu contexto inicial de circulação, como a “bíblia das aldeias”, sendo texto fundamental na pregação das *Santas Missões Populares* do século XIX e servindo de livro-guia para muitos movimentos posteriores.

Os caminhos da *Missão Abreviada* esbarraram com os da “santa Cidade” do Padre Cícero e, como resultado, emergiram grupos religiosos e produções populares que desafiaram a lógica da crença estabelecida pelas instituições e reinventaram as formas de crer e ver.

3.2 A missão de “emendar” o tempo

As duras palavras e os poderosos ensinamentos da *Santa Missão* ecoam no tempo, costurando experiências de Portugal a Canudos, passando pelos saberes do Conselheiro e do “santo padre” de Juazeiro do Norte, também pelo lirismo dos versos dos “vaqueiros e cantadores” de Câmara Cascudo, das tintas dos poetas/astrólogos que escreveram almanaques e cordéis, das aparições de Nossa Senhora, em Fátima, e das casas pintadas de azul e branco dos penitentes em Juazeiro do Norte.

Obra tida como “o primeiro livro do mundo”, por alguns fiéis, ao mesmo tempo que era acusada de “enlouquecer pobres raparigas” por editores de jornal, a leitura desse breviário foi tomada por um *jardim de afetos*⁹⁸. Seja em Portugal ou “além-mar”, as “tenebrosas imagens do inferno” ou os “terríveis castigos para os pecadores”

⁹⁸ CERTEAU, Michel de. **A fábula mística (volume 1)**: séculos XVI e XVII. Rio de Janeiro: Forense, 2015. Ver capítulo 2: *O Jardim: delírios e delícias de Jérôme Bosch*.

preencheram o imaginário de uma parcela considerável dos leigos e sacerdotes que estavam nos caminhos de circulação da *Missão Abreviada*.

O padre-autor desse livro empenhou-se, em Portugal, no trabalho junto às *Missões Populares* do século XIX. Essas *Missões* compunham uma “pastoral extraordinária na prática da Igreja, que se distingue da prática ordinária, a paroquial”. Eram realizadas por um período determinado, no máximo duas semanas, em que os fiéis participavam de instruções, sermões e confissões. Essas práticas visavam, desde sua formação inicial no séc. XVI, “preservar os católicos da heresia, reforçar a sua fé e renovar a sua prática cristã” (CASTRO, 2002, p. 72).

Essas propostas estavam em total sintonia com a política *romanizadora* almejada pela Igreja no século XIX. Uma das principais preocupações dessa reforma eclesiástica era o combate aos “excessos dos leigos” e a tentativa de reaproximar esses fiéis aos dogmas e doutrinas “oficiais” da instituição.

É nesse contexto, e para responder a esse interesse, que a *Missão Abreviada* foi redigida. Ao invés de legitimar esta prática romanizadora, contudo, esse livro de piedade autorizara de forma paradoxal uma atuação mais ampla dos leigos nas práticas litúrgicas e socialmente destinadas aos sacerdotes. Em uma “advertência da maior importância”, o Padre Couto sugere o seguinte:

Em qualquer povoação deve haver um Missionário (deixem-me assim dizer); este deve ser um Sacerdote de bom exemplo, e na falta d’elle qualquer homem ou mulher que saiba lêr bem e de uma vida exemplar; e então com um destes livros deve fazer oração ao povo [...] (COUTO, 1871, p. 7).

Soma-se a essa “autorização não confessada” para a atuação dos leigos a dificuldade da alocação de sacerdotes em espaços mais afastados das paróquias centrais. Essa reunião de fatores resultou em uma nova experiência de crer e ler, que acabou materializando-se nas *Missões Populares* em Portugal e no Brasil, reverberando e influenciando a formação de importantes tradições e movimentos sociorreligiosos: Canudos, Caldeirão, Pau de Colher e Missões Populares, para tomar alguns exemplos.

A imagem do louco parece assombrar a memória que cerca as representações sobre esses movimentos e da própria leitura da *Missão Abreviada*. O “livro que enlouquece” precisava ser “extraído”. O corpo da “pobre rapariga” que “enlouqueceu” parece não encontrar espaço naquela experiência do tempo. O alerta sobre a “grande

enfermidade” diagnosticada pelo periódico deixa transparecer o conflito entre as práticas cotidianas de uma religiosidade ascética e a “higienização” tão cara ao mundo moderno.

O objetivo desse capítulo é propor uma reflexão sobre as principais condições de possibilidades que contribuíram para a circulação e reinterpretação da *Missão Abreviada* por essas experiências religiosas tomando como recorte apenas um caso: as reinvenções das escrituras consideradas sagradas pelos católicos leigos em Juazeiro do Norte. No caso de Juazeiro, no entanto, a *santa Missão* ganhou notória circulação no imaginário local através daquilo que chamarei de *best-sellers* proibidos, tomando emprestada a expressão de Robert Darton (1998)⁹⁹.

Considero como “best-sellers proibidos”, para o caso de Juazeiro, aquelas obras que desafiavam os dogmas católicos cruzando-se por temas do “conhecimento proibido”, ao mesmo tempo que eram comercializadas, reproduzidas e consumidas em grande escala por católicos nessa cidade. Talvez o maior exemplo desse tipo de literatura sejam os *Almanaques astrológicos* que foram publicados em forma de cordel. Segundo a historiadora Rosilene Melo (2011), os astrólogos/poetas utilizaram, para a feitura dos seus textos, dentre os principais livros consultados, a *Missão Abreviada*:

Todos os autores de Almanaque fazem questão de declarar que apoiam seus ensinamentos na leitura de livros fundamentais: *O lunário perpétuo*, *Missão Abreviada*, *Tarô divinatório* e *experiências astrológicas*. Contudo, o Lunário Perpétuo tem sido a referência mais importante na forma desses “amadores de astrologia” e, segundo Ruth Almeida, o “esteio fundamental de todos aqueles que fazem Almanagues populares” (MELO, 2011, p. 117–118).

Meu espanto diante dessa afirmação estava na impossibilidade, imaginada por mim, da associação entre os textos da *Missão Abreviada* a qualquer material ligado às “ciências ocultas”, pois, segundo a própria *Missão*, em uma “instrução da maior importância”:

INSTRUÇÃO 8ª SOBRE AS MEZINHICES

Mezinheiros, corpos abertos, sabias, bruxarias, feitiçarias, almas que vem do outro mundo metter-se nos corpos dos vivos, tudo isso se deve detestar e aborrecer. A nossa Religião proíbe a crença que algum povo tem em taes cousas, e o procurá-las. O andar por essas benzedices

⁹⁹ Cf. DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

e menizinhces é pecado mortal contra a virtude da Religião, e tão grave, que até é reservado em alguns bispados (COUTO, 1871, p. 429).

Rosilene Melo (2011) observa, ainda, que os diversos indícios da “presença” da *Missão Abreviada* entre as leituras desses astrólogos, e as formas como esse livro foi reinterpretado em Juazeiro do Norte, apontam para outras formas de ler um texto que transbordam os significados de palavras e frases. O livro é tomado como uma imagem, um objeto, o corpo de gesso e tinta de um santo. A leitura é, em muitos sentidos, uma *operação de caça*.

Com efeito, ler é peregrinar por um sistema imposto (o do texto, análogo à ordem construída de uma cidade ou de um supermercado). Análises recentes mostram que “toda leitura modifica o seu objeto”, que (já dizia Borges) “uma literatura difere de outra menos pelo texto que pela maneira como é lida”, e que enfim um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido. Se, portanto, o “o livro é um efeito (uma construção) do leitor”, deve-se considerar a operação desse último como uma espécie de *lectio*, produção própria do leitor (CERTEAU, 2012, p. 241).

A contradição entre o texto e a prática é apenas aparente no corpo dos devotos que *performam* sua crença em Juazeiro do Norte. A esse respeito, o historiador Francisco Régis Lopes Ramos (2014) afirma:

Cruzamentos entre astrologia, catolicismo e conhecimentos da magia eram práticas corriqueiras do dia a dia. Nessa *cultura das bordas*, o ato de explicar a história de Juazeiro ou os milagres do Padre Cícero através do movimento dos astros ou da numerologia não desembocava em contradições com a vivência do catolicismo, que oficialmente condenava tudo isso. Acreditar na Igreja Católica e em certos princípios do espiritismo ou de religiões chamadas de “afro-brasileiras” era algo que, apesar de condenável, tinha larga aceitação. Aí, os limites não ficavam subordinados ao método classificador da Igreja (ou de intelectuais que procuram definir o que é ou o que não é “religiosidade popular” por meio de teorizações mais ou menos sofisticadas, como as abordagens que, mesmo procurando especificidades, tomam como referência a “religiosidade popular no Brasil”) (RAMOS, 2014, p. 201).

É provável que a leitura e a recepção da *Missão Abreviada* correspondam a um tipo de discurso que não se enquadra nas funções que instituem um autor moderno. Os desdobramentos da leitura desse breviário organizam-se muito mais como um “ato” do que como uma fala organizada de um “ser de razão” chamado autor. Esse ato está

colocado no “campo bipolar do sagrado e do profano, do lícito e do ilícito, do religioso e do blasfemo” (FOUCAULT, 1969, p. 279).

Os autores de cordéis e de almanaques versejam sobre os cânticos e as histórias que abrem as portas de Juazeiro do Norte para o encantado em vozes e escrituras. Os planetas e astros se alinham para contar a história do Padre Cícero, da *Missão Abreviada*, do passado e do futuro desse “meio do mundo”. É com a tinta que fixa a xilogravura e os textos nos cordéis que desenhamos a estrada que nos leva a essa cidade e aos devotos do Padre Cícero, que se transfiguram em Poetas, Astrólogos e Profetas.

3.3 Cristo Rei

*Quem é que sabe o signo do capeta
E o ascendente de Deus Nosso Senhor?
(Almanaque, de Chico Buarque)*

No livro *Vaqueiros e cantadores*¹⁰⁰, Câmara Cascudo dedica parte de sua escrita a refletir sobre como o povo de Juazeiro do Norte, “fanático”, produziu um tipo de literatura de folhetos responsável por disseminar a imagem de “santo” do Padre Cícero Romão Batista e “atentar” contra determinados ensinamentos da Igreja Católica. Segundo Cascudo, “a memória suprema do Padre Cícero ergue a suprema ameaça de um novo Canudos” (CASCUDO, 2000, p. 139). Para justificar sua crítica ao tipo de verso produzido em Juazeiro, Cascudo afirmou:

As mais estranhas notícias correm entre a população crédula. A invocação de Cristo-Rei, propagada pelo Papa Pio XI, na carta encíclica “*Quas primas*”, de 11 de dezembro de 1925, encontrou uma oposição que está cedendo graças ao contínuo martelar de explicações. Com misturas do Apocalipse e da **Missão Abreviada**, os cantadores fiéis ao Joazeiro desenvolveram uma campanha tremenda contra Cristo-Rei que eles denunciavam como “falso-Cristo” (CASCUDO, 2000, p. 139, grifos nossos).

A querela contra “Cristo-rei”, apontada pelo autor, é um exemplo importante de como as normas da Igreja Católica eram encaradas pelos devotos do Padre Cícero. É provável que uma das fontes analisadas por Câmara Cascudo, para narrar essa história,

¹⁰⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

tenha sido o cordel “*Contra a vinda do anticristo*”, publicado de forma anônima, no ano de 1936, em Juazeiro do Norte¹⁰¹. Logo nos primeiros versos, o autor do folheto afirma:

Todos os cães se reuniram
Fizeram uma eleição,
Formaram de Lúcifer,
Um rei para toda nação.
Deixou a triste enxovia
Para ver se assim podia
Laçar a todo cristão

Atitularam o maioral
Com o nome de Cristo-Rei
Isso é um caso bem conhecido
Como se deu eu notei
Nenhuma pense o contrário
É bom cuidar no rosário
Para não cair nessa lei¹⁰².

A devoção à Cristo Rei foi instituída pelo Papa Pio XI através da encíclica *Quas primas*, publicada em 11 de dezembro de 1925. Através dessa publicação, o Papa fixou uma nova festa no calendário cristão e argumentou sobre os benefícios teológicos, litúrgicos e seculares dessa celebração.

É possível que, mais ou menos nesse período, uma imagem do Cristo Rei tenha vindo da cidade de Russas, interior do Ceará, para o Juazeiro do Norte, o que teria causado uma grande confusão na mente dos devotos que associaram imediatamente esse ato a uma tentativa sutil dos comunistas de penetrarem no território do “santo padre”, associando o nome “Russas” a “Rússia”. Essa imagem permanece até hoje na sacristia da Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro, e é pouco visitada e cultuada apesar da imponência que ela apresenta (ver imagem 08).

Em uma conversa que infelizmente não foi gravada, o penitente Israel da Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos me contou que, quando criança, ele e os seus irmãos não passavam perto dessa imagem de Cristo Rei, porque ela estaria oca e cheia de abelhas. Ouvi também de outros devotos que essa imagem ficava na frente da Igreja Matriz e que, por pressão dos romeiros, que rejeitavam o Cristo Rei, ela foi retirada e realocada em outro espaço dentro do santuário.

¹⁰¹ **Contra a vinda do anticristo** [S.I.: s.n., 1936]. Disponível na Cordelteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em: http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura_de_Cordel. Acesso em: 30 jan. 2020.

¹⁰² **Contra a vinda do anticristo... idem.**

Sobre a imagem do Cristo Rei, e o iminente fim dos tempos, o autor anônimo do cordel continua sua narrativa apresentando outro aspecto forte em sua profecia/poesia “contra a vinda do Anticristo:

Depois que estabeleceu-se
Esse Cristo traiçoeiro
Terminaram colocando
Intronizando num cruzeiro
Na frende uma matriz
De Russa como se diz
Onde subiram primeiro

[...]

No outro dia seguinte
Meu padrinho publicou
Tinha sido Cristo Rei
Que em Russa se levantou
Nasceu a perseguição
Para toda geração
Que Jesus Cristo criou¹⁰³



Imagem 09: Cristo Rei na Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores.
Fonte: Acervo do autor.

¹⁰³ **Contra a vinda do anticristo...** *idem*

A perseguição às ideias comunistas já havia se materializado também em um texto atribuído ao Padre Cícero chamado *A Machadinha de Noé*. Trata-se de uma carta do padre aos seus fiéis anunciando a iminente chegada do fim dos tempos. Esse texto foi publicado em diversos cordéis do começo do século XX e no livro *A voz do padre Cícero*, escrito por Maria da Conceição Lopes Campina, Dona Conceição, que viveu nos tempos do padre Cícero e fez uma promessa de escrever todas as memórias que ela guardou desse tempo¹⁰⁴. Sobre a questão dos comunistas, está transcrito no livro:

Disse: Nosso Senhor Jesus Cristo, quando vires, pestilências, fomes, guerras, revoluções, nação contra a mesma nação, reino contra reino, que são as novas formas de governo, repúblicas, ditaduras, belchevismo ou comunismo, como hoje está convertida a Rússia em um governo anti-cristão, forma de governo esta que brevemente se espalhará por toda face da Terra, terremotos, inundações, coisas espantosas, diversos fenômenos, estas coisas são princípios de dores, e sinais do fim do mundo, ou destruição dos homens sobre toda a face da Terra, tudo isso devido ao pecado e a corrupção, cada dia os homens vão se afastando de Deus e de sua santa religião, o que amam os homens de hoje? (CAMPINA, 1985, p. 223).

E meu padrinho Cícero disse que a reza dos comunistas é feitiço e é eles que são da lei do Anticristo porque eles só invocam é os demônios que vivem com a casa cheia de retrato pagão dos santos, para enganar a humanidade se fazerem de bons. Mas eles invocam é o diabo dos infernos e os condenados. Olhe que os santos que eles possuem em casa são pagãos! Não servem de nada! Os da Igreja servem porque são bentos, os das Igrejas são santos porque são batizados e os deles são retratos, isto é, calunga. Os da Igreja Católica é imagem porque é batizada ou benta e os deles são pagãos, o deles é calunga. Os deles são é calunga. E um homem me disse: “Eu já fui em Rússia, e eles lá quando se encontram uns com os outros, em vez de dizer bom-dia, dizem é assim: ‘Deus não existe’ e o outro responde ‘E nem existirá nunca!’ Oh! Que palavra dura para um povo!” (CAMPINA, 1985, p. 31).

A associação do comunismo como um indício do “final dos tempos” é encontrada em outros textos e narrativas atribuídas ao Padre Cícero, circulando de forma expressiva no imaginário dos fiéis. Na narrativa de Dona Conceição, é possível observar alguns usos do termo “comunismo” na forma como essa expressão foi organizada no imaginário social da época, especialmente nas camadas católicas distantes das discussões teológicas canônicas.

¹⁰⁴ Cf. CAMPINA, Maria da Conceição Lopes. **Voz do Padre Cícero e outras memórias**. Eduardo Hoornaert (org.). São Paulo: Paulinas, 1985.

O discurso anticomunista difundido no final do século XIX, no Brasil, se confronta com uma sensibilidade notadamente “comunitária” que foi empreendida em diversos movimentos socioreligiosos vividos nos sertões brasileiros. Para ficarmos com uma experiência próxima ao território geográfico que estamos atravessando, é possível citar a formação da *Sociedade dos Penitentes* na comunidade do *Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*. Assim, é pertinente considerar que:

Seguindo as orientações do Pe. Cícero, o Beato José Lourenço e seus seguidores foram para o Caldeirão em 1926. Em pouco tempo, transformaram o terreno em um espaço cheio de plantações. Ergueu-se, então, uma comunidade de devotos do Pe. Cícero que dividia o tempo entre o trabalho e a oração. O resultado da labuta diária era armazenado e, depois, distribuído conforme as necessidades de cada família. Nas suas homilias, o Beato José Lourenço ensinava que todos eram iguais – pois todos eram filhos de Deus — e que a caridade e a penitência construíram o caminho para o céu. O Caldeirão era uma Irmandade de Penitentes.

No Caldeirão a terra dava frutos e os frutos eram divididos. O líder dizia: nada era de ninguém e tudo era de todos (RAMOS, 1991, p. 112).

O anticomunismo esbarra com expressões de um “comunitarismo” que, longe das organizações partidárias, colocava em prática diversas ações que os comunistas sonhavam em implantar. Ainda segundo Dona Conceição, em uma tentativa de deslegitimar o modo como “os santos” apareciam em “território” comunista, ela se vale da palavra *calunga*, que remonta a antigos costumes iorubanos e que está associada, no imaginário partilhado por Dona Conceição, à ideia de *boneca*, de algo profano que seria “fantasiado” de elementos sagrados¹⁰⁵.

As muitas camadas que envolvem as tramas do fim do mundo na “questão do Cristo-Rei” ajudam a revelar leituras impressionantes que partem da *Missão Abreviada* e (re)partem seu texto em múltiplos fragmentos. Na ocasião da minha pesquisa de mestrado¹⁰⁶, entre 2015 e 2017, trabalhei junto ao grupo de Penitentes Peregrinos

¹⁰⁵ Segundo Denilson Francisco das Neves (2015), analisando a expressão no contexto dos Maracatus de Recife, “a expressão ‘calunga’ tanto pode referir-se à boneca – como o objeto – bem como à sua portadora – a pessoa que a carrega”. A expressão é ainda usada nos terreiros de Candomblé e Umbanda para se referir ao cemitério e aos “lugares de memória” da ancestralidade nos cultos. Para mais informações, ver: NEVES, Denilson Francisco das. *A calunga perdida: dança popular nas instituições de ensino superior*. In: **Repertório**, Salvador, v. 1, n. 24, p. 156–172, 2015.

¹⁰⁶ OLIVEIRA FILHO, Roberto Viana de. **Passado perpétuo: os Penitentes Peregrinos Públicos e o catolicismo penitencial em Juazeiro do Norte–CE**. Dissertação (Mestrado em História), PPGH–UFCEG, Campina Grande, 2017.

Públicos, uma Irmandade leiga que se organizou em Juazeiro do Norte tomando como diretriz, para suas vidas, a mendicância, a privação dos bens materiais e a leitura diária da *Missão Abreviada*¹⁰⁷. Em uma entrevista com os membros mais antigos da Irmandade, deparei-me com o tema do Cristo Rei associado a determinadas experiências desses devotos com um “caboclo de sessão”:

Roberto Viana: Mas o senhor estava falando sobre o “Caboclo de sessão”. Como é isso? Agora eu fiquei curioso...

Dona Virgínia: Agora você arrumou... (risos) vai ter que falar.

Dona Josefa: Foi no tempo que nós era solteiro ainda.

Sr. Manoel: Tinha uma tia dela que tava se tratando e, de quinze em quinze dias, nós ia nesse Mestre. Aí, quando ele terminava aqueles serviço dele, aí a mulher dele disse que nós pudesse perguntar, uma coisa que procurasse saber, que ele dizia. Que era da outra vida. Aí minha sogra perguntou a ele se meu padrinho Cícero era Deus. Ele disse que as coisa de Deus, os segredo de Deus, não podia descobrir pra ninguém. **Agora a vinda de Cristo Reis de Russa até aqui ele cantou até a cantiga que cantaram.** Aquele que tá lá na Matriz. Aí ele soltou, ele disse: “Olhe, a Arca de Noé tá engalhada numa ponta da serra do Araripe”¹⁰⁸.

A vinda de Cristo Rei, o comunismo¹⁰⁹ e os sinais dos fins dos tempos, a natureza divina do Padre Cícero e os segredos da Arca de Noé são os temas narrados, por esses devotos, a um caboclo em uma sessão espírita. Eles apresentam experiências históricas e oferecem vestígios importantes para entendermos os filtros de leitura de mundo que essas pessoas usam para viver suas crenças e práticas espirituais.

Câmara Cascudo (2000) faz questão de afirmar, ainda sobre esse tema, que o “fanatismo” desses devotos é também originário da leitura do “apocalipse” e da *Missão Abreviada*. Isso nos leva a pensar, mais uma vez, sobre a importância das escrituras nesse

¹⁰⁷ As representações e apropriações da *Missão Abreviada* por integrantes dessa irmandade serão discutidas com maior profundidade no Capítulo 4 dessa Tese.

¹⁰⁸ Entrevista realizada no dia 04 de janeiro de 2017, com Dona Virgínia, Dona Josefa e o Sr. Manoel, na calçada da casa de Dona Marinete, no bairro Tiradentes de Juazeiro do Norte.

¹⁰⁹ Para além da questão do comunismo, interpreto que outro fator foi fundamental na querela contra “Cristo Rei”. Boa parte das pregações do Padre Cícero centravam-se em uma devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Em torno dessa crença, surgiram em Juazeiro irmandades de leigos, festas no calendário litúrgico e uma série de eventos que carregavam a bandeira do Sagrado Coração. O anúncio de uma nova devoção a Cristo, diferente da ensinada pelo “santo padre”, e originária justamente de parte da Igreja que tentava ignorar Juazeiro, só podia ser “obra do satanás”. Cf. DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Ver páginas: 84, 88 e 135.

processo de afirmação da crença e de sua transformação. O autor do cordel *Contra a vinda do anticristo* indica, também, a presença do breviário em suas interpretações:

Todos os leitores que já leram
A Missão Abreviada
Na página 564
Tem esta lição gravada
Por essa forma dizia
Que o anticristo saia
No fim da era falada.

Estamos no tempo chegado
Que Jesus Cristo marcou
Foi o tempo se passando
A dita era chegou
Traz a fome, peste e guerra
Pra toda face da terra
Que a natureza gerou¹¹⁰.

O poeta especifica a página da *Missão Abreviada* de onde extraiu sua interpretação (a página mencionada é 564, a depender da edição que for consultada do breviário). Ele localiza parte de um texto um pouco mais longo dentro das *instruções* do livro no qual o Padre Couto dedicou várias páginas a falar sobre os protestantes como representação do mal e do próprio anticristo.

Esse indício deixado pelo poeta, diz muito sobre a forma como o anticristo foi construído em Juazeiro do Norte. Se seguirmos a etimologia da palavra, encontramos dois significados: “contra Cristo” ou “no lugar de Cristo”. Ambas surgem no sentido de uma simulação e de um engano. Para o poeta, e certamente para a grande maioria dos seus leitores, o “Cristo Rei” de “Russa” e os “protestantes” simulavam ser o Cristo e eram, portanto, o anticristo.

Nesse “meio do mundo”, onde o impossível fantasia o real, outra presença torna ainda mais complexa a história da querela de Cristo Rei. O poeta João Quinto Sobrinho dedicou parte considerável de sua vida a narrar os milagres do Padre Cícero, elaborando uma espécie de “síntese” das narrativas que ecoavam das vozes dos devotos do “padrinho” no começo do século XX.

Boa parte dos escritos desse poeta versavam sobre o fim dos tempos e o papel fundamental dos devotos do Padre Cícero neste enredo. Quinto Sobrinho teria recebido do próprio taumaturgo a missão de escrever versos para extrair desse trabalho o seu

¹¹⁰ *Contra a vinda do anticristo*, idem.

sustento e o da sua família. Em algum momento, entre 1930 e 1931, Quinto Sobrinho foi afetado por uma repentina dor no tórax. Essa experiência mudaria sua vida:

Certa ocasião, quando estava em Russas (CE) para imprimir alguns cordéis, Quintino Sobrinho teve uma inesperada dor no tórax, fato que o levou a fazer uma “promessa com Cristo Rei”. Ficaria com um novo nome – João do Cristo Rei – caso recuperasse a saúde. Depois da “graça alcançada”, o poeta registrava em seu folheto o seguinte: “AVISO: achando-me gravemente enfermo sem esperança de cura, recorri a Cristo Redentor, no sentido de curar-me com promessa de mudar meu nome. Acho-me hoje são, pelo que, em sinal da gratidão, meu nome é hoje João de Cristo Rei, em vez de João Quinto Sobrinho” (RAMOS, 2001, p. 372).

Quintino Sobrinho transfigura-se em João do Cristo Rei, contrariando a “querela” narrada até aqui. É curioso perceber como a cidade de Russas atravessa, de alguma forma, essa construção narrativa e como, através do novo nome, o poeta se autoriza a aprofundar a dimensão da profecia, dos milagres do Padre Cícero e do iminente fim dos tempos que os devotos aguardavam.

A letra de Cristo Rei desafiava o pensamento de Câmara Cascudo, enclausurado em um mundo cheio de “verdades e objetividades” que o impedia de enxergar as sutilezas que emergiam daquela interpretação particular de parte dos devotos do Padre Cícero. Entre os devotos e Câmara Cascudo, ergue-se um território de disputas que tem o poder de legitimar ou não as narrativas nessa querela: o poder da escritura.

Destaco a importância dada a determinados signos de leitura que apontam para uma exatidão e uma ideia de verdade que o autor do cordel queria passar: o número exato da página da *Missão Abreviada*, a interpretação do texto e a relação dessas letras com a vida prática que imperava ao seu redor.

Os textos escritos têm uma contribuição fundamental nesse processo: eles conferem poder a quem os interpreta, “não sou eu quem digo, são as escrituras”, a verdade derramada em tinta sobre o papel é “eterna e imutável”. De maneira *tática*¹¹¹, os devotos usavam elementos produzidos por sacerdotes da própria Igreja (manuais, livros de

¹¹¹ “Muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar as refeições) são do tipo tática. E também, de modo mais geral, uma grande parte das “maneiras de fazer”: vitórias do “fraco” sobre o mais “forte” (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem etc.), pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de “caçadores”, mobilidades da mão de obra, simulações polimorfas, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos. Essas performances operacionais dependem de saberes muito antigos” (CERTEAU, 2012, p. 46).

teologia) para agregar um novo *efeito de verdade* aos seus discursos através do poder da palavra escrita e da imagem do livro.

Penso que esse fenômeno pode ser analisado, também, através de um procedimento de leitura, posto em prática pelos devotos, muito semelhante a um modelo de ler dos místicos dos séculos XVI e XVII: *a leitura absoluta*. Nessa perspectiva, é pertinente observar o que o teórico afirma:

Interrogando-me sobre a reinterpretação da tradição nos séculos XVI e XVII, eu me fixarei em uma figura histórica da leitura que chamarei de leitura “absoluta”, porque ela se desliga do texto e que, por essa razão, ela se absolve por sua lei. Trata-se de uma relação paradoxal com o livro, com esse jardim de signos ordenados, com esse corpo tatuado de grafos. Não é, propriamente falando, uma “leitura”, se entendermos por isso uma interpretação, mas, antes, uma prática de ler: “*modus lectoris*”, “*modo di leggere*” dizia-se, uma maneira de ler, que mostra como circular em um espaço de signos e como utilizá-los (CERTEAU, 2015, p. 203).

Entre essas práticas de *leitura absoluta* e processos de reorganização, tal qual a demonstrada na querela do Cristo Rei, existe outra importante experiência que gostaria de apontar. Ela é proveniente desse emaranhado de letras, corpos e vozes: a produção e a publicação dos *Almanaques astrológicos* em forma de cordel.

Esses almanaques eram publicações feitas, geralmente, por cordelistas e devotos do Padre Cícero, que intercruzavam a devoção ao “santo padre” e as leituras da *Missão Abreviada* às interpretações astrológicas e a uma série de instruções mágicas para a vida cotidiana de quem lia. Eles eram compostos como uma espécie de *grimório* para o sertanejo. Os almanaques “abreviavam” o caminho para a interpretação dos textos apontando uma “forma de ler” que combinava todos os elementos apresentados até aqui.

Nesses textos, o mundo singular que os devotos do Padre Cícero criaram em Juazeiro do Norte ganhava forma, verdade e materialidade nos textos/conselhos escritos pelas mãos de hábeis poetas-astrólogos. Entre esses “astrólogos cordelistas”, o mais notável em Juazeiro do Norte foi, sem dúvidas, Manoel Caboclo (1916–1996) que, a partir de 1960, produziu o Almanaque *O Juízo do Ano*.

3.3.1 Manoel Caboclo e o Juízo do Ano

A vida de Manoel Caboclo é envolta em mistério desde o seu nascimento. A partir dos levantamentos feitos por Gilmar de Carvalho (2000)¹¹², é possível inferir que os poucos pesquisadores que tentaram biografar o poeta-astrólogo esbarraram nos detalhes de sua vida em que a experiência mística do profeta confunde-se com a experiência social do trabalhador da madeira e das palavras.

Não existe concordância de que Manoel Caboclo nasceu em Juazeiro do Norte, mas, certamente, foi essa cidade o lugar que ele escolheu para erguer sua obra e seus ensinamentos. Ele viveu a maior parte de sua vida com sua mulher, Dona Lia, na Rua Todos os Santos, nº 263, fundando a *Casa dos Horóscopos* na qual comercializava o seu famoso Almanaque *O Juízo do Ano* (1960–1996), além de amuletos, previsões astrológicas, mapas astrais e uma grande quantidade de “serviços” que circulavam entre um “saber técnico”, oriundo dos seus estudos astrológicos, e um “dom espiritual” por onde canalizava sua experiência no auxílio de quem o procurava.

Ainda segundo Gilmar de Carvalho, Manoel Caboclo aperfeiçoou o ofício de escritor e de astrólogo a partir do seu trabalho no Estado de Pernambuco e na *Tipografia São Francisco*, em Juazeiro do Norte, a partir dos ensinamentos de João Ferreira de Lima¹¹³, autor d’*O Almanaque de Pernambuco*, além de uma quantidade considerável de cordéis que contavam a história do povo sertanejo e de tantos outros que transitavam em seu imaginário.

A sociedade com Ferreira de Lima foi desfeita no ano de 1962, por motivos que não chegaram ao “nosso tempo”, e foi a partir dessa “separação” que Manoel Caboclo ganhou maior autonomia na sua produção e dedicou tempo integral aos seus estudos sobre os astros e sobre como eles guardavam uma relação profunda com a “santa cidade” de Juazeiro do Norte.

Os Almanaques produzidos por Manoel Caboclo apresentavam assuntos variados que serviam para “orientar o sertanejo” em sua vida cotidiana. Essas orientações misturavam conselhos do Padre Cícero, citações de livros “sagrados”, indicações astrológicas e profecias sobre temas e personalidades da época. Na página 15, da edição

¹¹² Cf. CARVALHO, Gilmar de. **Biblioteca de cordel**: Manoel Caboclo. São Paulo: Hedra, 2000.

¹¹³ Para mais informações sobre o autor, ver: PINTO, Maria Rosário. **João Ferreira de Lima**. Disponível em: http://cordel.casaruibarbosa.gov.br/JoaoFerreira/joaoFerreiradeLima_biografia.html. Acesso em: 29 ago. 2023.

de 1975, Manoel Caboclo escreveu um texto intitulado *A urna maravilhosa*, no qual descreve sua relação com os livros e com a ideia de ser um profeta:

Não estrague um livro, não rasgue papel. O livro é a urna que guarda em silêncio a voz do sábio e as cinzas do passado... A leitura de um bom livro muda o destino de uma alma... Quando olhamos para as estrelas, no céu pensamos.

Aos 14 anos iniciei-me a estudar os astros e só deixarei quando minhas pálpebras decaírem mortas.

1953 – Escrevia almanaques junto com o senhor João Ferreira de Lima, de saudosa memória. Depois passei a escrever só. Sou autor do almanaque “O JUÍZO DO ANO”. Escrevo as predições um ano antes com o dom que Deus me deu e meus estudos, venho dando as predições. Quem coleciona anualmente meus almanaques afirma. Em 1961 previ a mudança de regime. Em 1969 previ a seca para 1970 [...] ¹¹⁴.

Ser profeta é um dom de Deus, mas é também algo que é aperfeiçoado através dos estudos nos livros sagrados. A profecia manipula o tempo: as imagens do passado podem ser usadas para pensar o presente e conversar com o futuro. No contexto em que a Igreja e o Estado falhavam, o profeta obtinha êxito.

Para jogar com o tempo, Manoel Caboclo se apropriava dos ensinamentos do padre Cícero, ao mesmo tempo que recorria a manuais de tarô e livros astrológicos. O “santo padre” torna-se, inclusive, personagem das análises astrológicas desenvolvidas pelo autor. Nessa história dos milagres é possível perceber os diversos indícios que compõem uma forma de crer que provoca uma reviravolta nas normas estabelecidas:

¹¹⁴ CABOCLO, Manoel. **Almanaque o Juízo do ano para o ano de 1975**. Juazeiro do Norte, CE. Acervo da professora Rosilene Melo, cedido gentilmente para essa pesquisa.

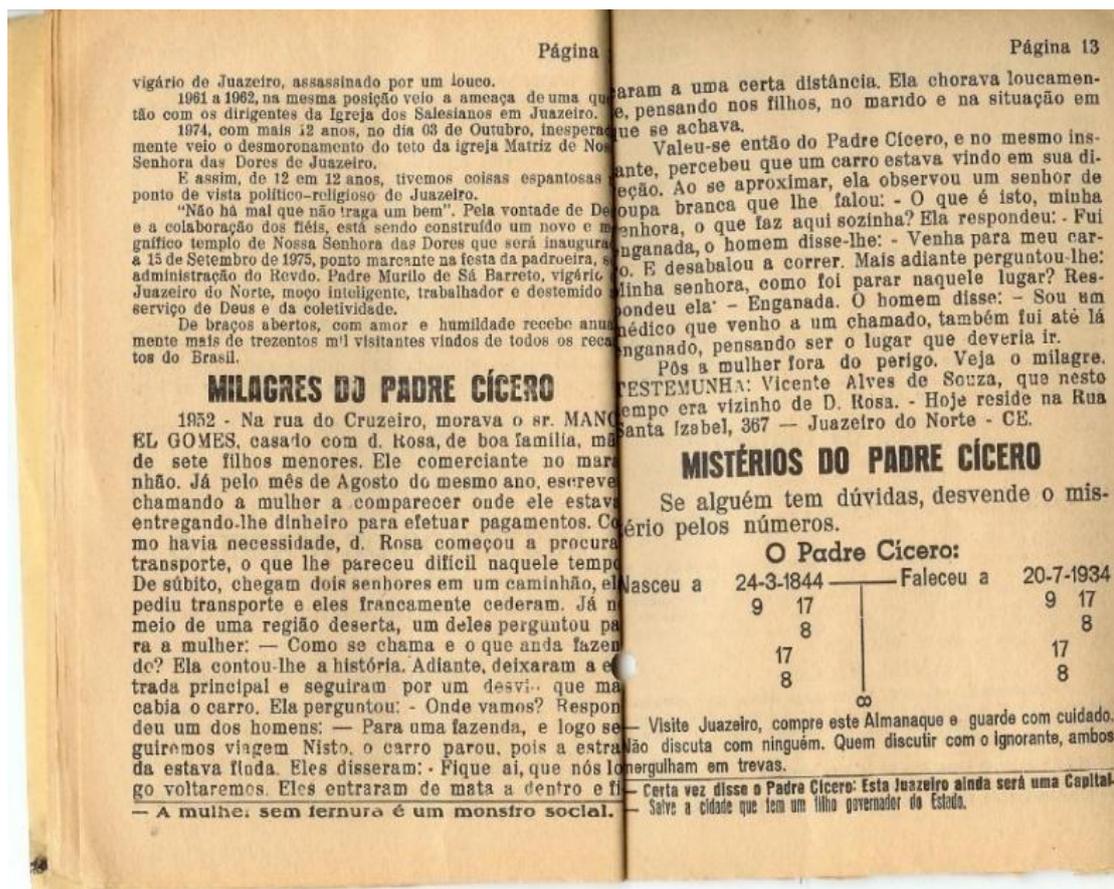


Imagem 10: Almanaque o Juízo do Ano para o ano de 1976, p. 07.

Nessa *história dos milagres* do Padre Cícero, produzida por Manoel Caboclo, é possível perceber de forma prática mais um importante processo de reorganização das crenças no tempo. Os milagres do santo são apresentados de forma muito semelhante às narrativas contidas em livros de piedade, Manoel Caboclo, no entanto, se vale de uma experiência próxima à narrativa da *Missão Abreviada* quando usa os números como recurso narrativo para dar credibilidade e “verdade” aos seus discursos.

O uso de números está presente em todo o texto da *Missão Abreviada*. O Padre Couto os insere com uma intenção que provavelmente preenchia também a mente de Manoel Caboclo. Os números garantem a presença de uma exatidão que não encobre a dimensão do mistério.

Enquanto os hagiógrafos usavam elementos da historiografia (fontes, datas, arquivos) para aproximarem seus relatos de uma “ciência”, Manoel Caboclo evocava os “mistérios dos números”, a “ciência dos astros” e a voz de testemunhas para comprovar o que estava dizendo ao narrar os milagres do “padrinho”. Ao fazer uma somatória

cabalística dos números correspondentes às datas de nascimento e morte do Padre Cícero, ele chega ao número oito:

Segundo Santo Agostinho, toda ação, nesta vida, se refere ao número 4, ou ainda, à alma, cujo número é ternário. Depois do 7º dia vem o 8º, que assinala a vida dos justos e a condenação dos ímpios.

Quanto ao oitavo dia, que sucede aos seis da criação e ao sabbat, ele é o símbolo da **ressureição**, da **transfiguração**, anúncio da **era futura eterna**. Comporta não só a ressurreição do Cristo, mas também a do homem. Se o número 7 é, sobretudo, o do Antigo Testamento, o 8 corresponde ao Novo. Anuncia a beatitude do século futuro num outro mundo.

Lembremos, para terminar, que o signo matemático do infinito é um oito deitado, e que a lâmina oito do tarô de Marselha representa A Justiça, símbolo da completeza totalizante e do equilíbrio (CHEVALIER, 2012, p. 652–653).

A conjunção dessas interpretações fez do Padre Cícero uma espécie de avatar de Deus associado, muitas vezes, ao próprio Jesus Cristo. Os devotos do “santo padre” não medem esforços e recursos para entender a “natureza divina” do padrinho. Seja em almanaques astrológicos, centros espíritas ou nos livros de piedade, o que interessa ao devoto de Cícero Romão é (re)viver a experiência dos mistérios que cercam sua imagem, criando um repertório de comprovações da santidade do padrinho.

Na tentativa de deixar o leitor/devoto do Padre Cícero mais próximo dos elementos sagrados que cercavam o mistério de sua vida, Manoel Caboclo também fabricava talismãs para a proteção e a boa sorte (ver imagem 11). Ao fazer uma pesquisa no acervo da *Fundação Memorial Padre Cícero*, museu que guarda parte do acervo material do sacerdote e da história de Juazeiro, encontrei chaveiros que, de um lado, estampavam os signos astrológicos e, do outro, a imagem de Padre Cícero (ver imagem 12).

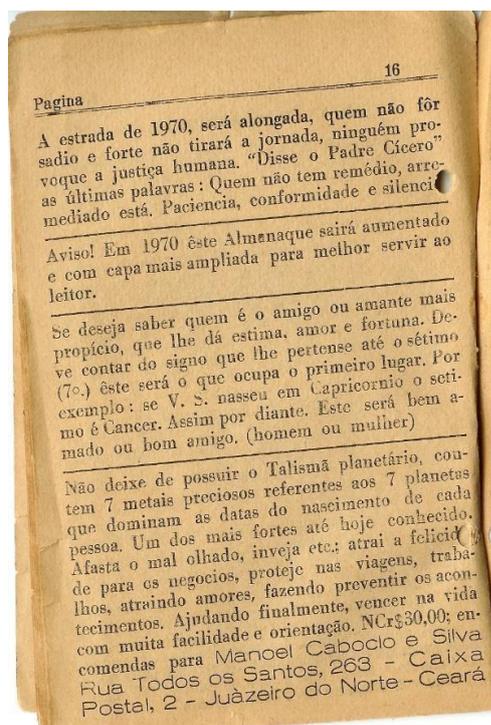


Imagem 11: Almanaque o Juízo do Ano para o ano de 1970, pág. 16.



Imagem 12: Chaveiros com imagem do Padre Cícero e Signos do Zodíaco. Fonte: Acervo Fundação Memorial Padre Cícero

No encantado produzido por Manoel Caboclo, não era inapropriado nem constituía sacrilégio a associação da imagem do Padre Cícero a Signos do Zodíaco, numerologia e outros elementos mágicos. Segundo Gilmar de Carvalho (2000)¹¹⁵, o poeta Manoel Caboclo especializou-se em narrar sobre a vida do Padre Cícero e desvendar os enigmas da sua “natureza divina” em seus versos:

¹¹⁵ Cf. SILVA, Manoel Caboclo e; CARVALHO, Gilmar de. **Manoel Caboclo**. São Paulo: Hedra, 2000.

Os principais episódios da vida do Padrinho foram registrados por Caboclo. Essa lista inclui relatos das primeiras romarias (*A visita dos romeiros como era antigamente*), fatos extraordinários (*O milagre do Padre Cícero em Roma onde fez um surdo-mudo falar*), pregações (*O sermão do Padre Cícero no ano de trinta e dois*), exemplos (*O homem que mandou comprar chuva ao Padre Cícero do Juazeiro*), com os castigos a quem desobedecesse às ordens do “santo do povo”. Exemplar era a transferência que fazia da liderança do Padrinho para o sucessor Frei Damião (*O sonho de Frei Damião com o padre Cícero profetizando a era de 90, A mulher que virou bicho porque profanou Frei Damião, A queixa de Satanás a Frei Damião ou Satanás resolveu falar com Frei Damião*), sempre de acordo com a leitura que as camadas populares fazem dessas figuras lendárias (CARVALHO, 2000, p. 20).

Desse levantamento feito por Gilmar de Carvalho, destaco, além das narrativas sobre a experiência divina/mítica do Padre Cícero, a forma como nesses discursos a imagem do “Padrinho” transfigura-se em outros sujeitos que assumem as qualidades míticas do próprio taumaturgo.

Após a morte do Padre Cícero, que ocorreu em 20 de julho 1934, começaram a surgir, em Juazeiro do Norte, algumas narrativas e práticas devocionais apontavam que o “santo padre” não havia morrido, mas continuava vivo de várias formas diferentes: seja nos monumentos erguidos em sua memória, na miscelânea de objetos sagrados produzidos/replicados por seus devotos e na *encarnação* de suas qualidades e atributos em sujeitos que marcaram a história do Juazeiro do Norte. Os devotos sequer conseguiam dizer que o “Padrinho” havia morrido. Para eles, o “santo padre” viajou ou mudou-se.

A historiadora Amanda Teixeira (2018), em seu trabalho *Juazeiro sem Padre Cícero: expectativas e temores gerados pela morte do padrinho (1934–1969)*, argumenta a respeito das representações e os anseios da população e do poder público sobre o futuro de Juazeiro do Norte “sem” o Padre Cícero. Segundo a autora:

[...] Foram estabelecidos, em torno da terra de Padre Cícero, sentidos para o passado com o objetivo de interferir em prognósticos futuros para a cidade, fossem estes favoráveis ou não. A morte do sacerdote é um marco nessa relação entre os devotos e a cidade, que, embora fosse delimitada por um “antes e depois”, arvorava-se, principalmente, na esfera do “sempre” (TEIXEIRA, 2018, p. 17).

O “sempre” evocado por Amanda Teixeira materializa-se em imagens, monumentos e experiências históricas que transfiguram Juazeiro em um *espaço de*

*recordação*¹¹⁶, “onde a aura de santidade conferida ao Padrinho continuou a ser observada e sentida pelos seus devotos e romeiros” (TEIXEIRA, 2018, p. 18). Penso que além de um *espaço de recordação*, Juazeiro assumiu também o papel de um *espaço de encarnação* onde a presença se torna carne novamente e o “verbo” encontra caminhos de se tornar “eterno”.

A fé dos devotos do Padre Cícero é uma fé do *corpo encarnado*. A contemplação distante de um objeto sagrado não satisfaz os romeiros, penitentes e beatos do “Padrinho”. Em muitos sentidos, para essas pessoas, o Padre Cícero não morreu, ele está *encarnado* no corpo físico de alguns eleitos, em monumentos, ruas e objetos.

Seleciono, aqui, duas histórias que se ligam com a ideia do “retorno” do Padre Cícero presente nas narrativas de Manoel Caboclo e que são importantes para a compreensão da encruzilhada onde estão desenhados o mundo do poeta, a história de Juazeiro do Norte, o surgimento de grupos e irmandades ligadas a esse tipo de devoção e o reordenamento de certa leitura da *Missão Abreviada*:

3.3.1 *Três pessoas em uma só*:

Em muitas casas de Juazeiro do Norte é comum encontrar, na entrada do domicílio, um cômodo chamado de “sala do santo”. Esse espaço agrega, obrigatoriamente, as imagens do “Sagrado Coração de Jesus” e do “Imaculado Coração de Maria”, seguidas de duas pequenas luzes vermelhas abaixo delas que, segundo os devotos, teria sido instrução dada pelo próprio Padre Cícero. Na “sala do santo” se forma uma “corte celeste”: os santos de devoção da casa habitam as paredes do local junto com o oratório, que fica disposto em uma mesinha que funciona como a réplica de um pequeno santuário no qual são depositadas velas e onde o devoto contempla a chama que acende os seus pedidos. Destaca-se, na corte celeste de santos e anjos que habitam as paredes das casas de Juazeiro do Norte, a imagem do Padre Cícero, que quase sempre está acompanhada da imagem do frade italiano Frei Damião, em uma montagem que ficou muito popular na cidade e em vários municípios do Nordeste brasileiro (ver imagem 12).

¹¹⁶ Amanda Texeira trabalha com o conceito de *espaços de recordação* a partir das concepções de Aleida Assmann. Para essa autora, “quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais de recordação muito significativos. E não apenas porque solidificam e validam a recordação, na medida em que a ancoram no chão, mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve dos indivíduos, épocas e também culturas, que está concretizada em artefatos” (TEIXEIRA *apud* ASSMANN, 2018, p. 18).

A vida de Frei Damião, a propósito, está intimamente ligada à história das práticas devocionais que circulam em Juazeiro do Norte, e em muitas cidades do Nordeste brasileiro:

Nascido em 5 de novembro de 1898 em Bozzano (Luca), Itália, filho de Félix e Maria, frei Damião foi batizado com o nome de Pio Giannotti. Em maio de 1914 ingressou na ordem dos Frades Menores Capuchinhos, professando os primeiros votos em 1915 e definitivamente em 30 de outubro de 1921. Ordenado sacerdote em Roma, no dia 5 de agosto de 1923, em seguida foi encarregado, pelos superiores, de atividades na formação de futuros frades, primeiro como vice-mestre de noviços e depois como diretor e professor dos jovens religiosos. Em 1931 foi mandado para a missão na então Custódia Capuchinha de Pernambuco, Nordeste do Brasil. O convento da Penha foi sua primeira residência no Brasil. Sua preocupação, de início, foi de aprender bem a língua local. Empenhou-se de tal modo que, ainda quando escrevia seus sermões, quase os memorizava integralmente para melhor pronunciá-los. O exercício constante, aliado a uma memória prodigiosa, logo o tornaram orador apreciado e em bom português. Esse zelo respeitoso e uma acurada preparação dos sermões certamente contribuíram para o sucesso da sua atividade missionária (SOUSA NETO, 2011, p. 21).

Frei Damião herdou as representações criadas sobre os Frades Capuchinhos que percorreram o interior do Brasil através das *Santas Missões Populares*. Além disso, deu continuidade ao projeto missionário encabeçado por aqueles sacerdotes em um novo momento no qual o estigma do “fanatismo” era lentamente substituído por outros olhares e interpretações.

As *Missões* encabeçadas por Frei Damião reuniram centenas de devotos que viajavam por longos caminhos para o encontro daquele que, diziam, trazia consigo a “sabedoria dos antigos”. Não tardou para que essas pessoas começassem a elaborar narrativas que aproximavam Frei Damião da imagem do Padre Cícero, seja pela semelhança em suas pregações, seja pela “centelha divina” que parecia ser compartilhada por aqueles “santos homens”.



Imagem 13: Padre Cícero e Frei Damião. Fonte: acervo pessoal.

Assim como Padre Cícero, Frei Damião soube transitar entre os dogmas da Igreja e a experiência vivida por aqueles que o ouviam. A formação austera dos dois sacerdotes ditava a obediência que deveria ser seguida sem questionamento, enquanto a vivência com o povo desafiava as regras da Instituição e orientava novas formas de transmissão da fé católica que deslocavam os poderes e os saberes.

Existe um curioso ponto de intersecção entre as vivências do Padre Couto, autor da *Missão Abreviada*, do Padre Cícero e de Frei Damião: esses sacerdotes, ao seu modo e no seu tempo, publicaram ideias (escritas ou faladas) que iam ao encontro de um projeto de manutenção e transmissão do poder e dos costumes da Igreja Católica, mas que foram reorganizados por seus leitores e devotos de forma singular.

No caso de Frei Damião, ele publicou o livro *Em defesa da fé: as verdades católicas compreendidas por todos*¹¹⁷. Essa obra tinha como objetivo algo semelhante ao que foi projetado pelo Padre Couto: a manutenção das ideias presentes nas *Santas Missões Populares* através de um texto conciso e direto. Vejamos os temas contemplados por Frei Damião em sua obra:

¹¹⁷ Ver: BOZZANO, Frei Damião de. **Em defesa da fé: as verdades católicas compreendidas por todos**. 5. edição. Anápolis: Editora Magnificat, 2021.

Tabela 06: TEMAS “EM DEFESA DA FÉ” – FREI DAMIÃO	
I • A verdadeira regra de fé	XII • A Comunhão sob as duas espécies
II • Regra de fé protestante.	XIII • O Santo Sacrifício da Missa.
III • A verdadeira Igreja.	XIV • Confissão - palavras da instituição.
IV • Perpetuidade do Primado	XV • A Confissão - sua instituição divina provada pela Tradição e pela razão.
V • Infallibilidade Papal	XVI • Extrema-Unção
VI • Os Sacramentos.	XVII • Ordem.
VII • O Batismo.	XVIII • O santo sacramento do Matrimônio
VIII • Confirmação ou Crisma.	XIX • Indissolubilidade do Matrimônio à luz da fé
IX • A Eucaristia - palavras da promessa	XX • Indissolubilidade do Matrimônio à luz da razão
X • A Eucaristia - palavras da instituição	XXI • O culto de Deus, dos santos e das imagens ..
XI • A Eucaristia e a Tradição.	XXII • Intercessão da Virgem Ssma. e dos Santos
	XXVI • O Purgatório

Assim como a *Missão Abreviada* foi reinterpretada no corpo e na voz dos devotos que tiveram acesso aos seus textos, o livro *Em defesa da fé* também compartilhou o mesmo destino de recepção. Frei Damião mergulhou em um sistema de crenças que combinavam igualdade e justiça social com as regras austeras e conservadoras da Igreja Católica.

Nesse *espaço de experiências*, o missionário incansável foi transformando-se no santo peregrino. As estradas que Frei Damião percorreu no Nordeste brasileiro, abertas e delineadas por outros “santos padres”, encaminharam o frade italiano para o imaginário de devotos acostumados em substituir o “fim” pelo “sempre”.

Como foi possível observar nos títulos das obras de Manoel Caboclo (*O sonho de Frei Damião com o padre Cícero profetizando a era de 90, A mulher que virou bicho porque profanou Frei Damião, A queixa de Satanás a Frei Damião* ou *Satanás resolveu falar com Frei Damião*), existe em sua escrita, tomando a interpretação de Gilmar de Carvalho, uma *transferência* da liderança do Padre Cícero para Frei Damião. A partir das narrativas que colhi junto a devotos de irmandades de penitentes, romeiros e beatos que jornadeiam e vivem em Juazeiro do Norte, ousou afirmar que, mais que uma transferência de lideranças, existe, nessas narrativas, a ideia de uma *encarnação* do Padre Cícero na pessoa de Frei Damião.

Na Rua do Horto, um dos espaços de peregrinação e devoção mais populares de Juazeiro do Norte, vive Dona Maria Pinheiro, mais conhecida como Dona Maria Moça, que mantém a tradição da reza para a cura dos malefícios de quem a procura e para a transmissão de histórias sobre: a “santa cidade”, o Padre Cícero e o “padrinho Frei

Damião”. A respeito da relação entre esses dois santos e a cidade, Dona Maria Moça narrou o seguinte¹¹⁸:

Dona Maria Moça: Padrinho Damião mandou eu vir embora pra aqui, comprar isso aqui ó (apontando para o chão de sua casa). Aqui é o fim do mundo que ele falou pra mim. E a porta do Céu é o Sepulcro¹¹⁹. Ele disse: “Olhe, você vai, receba as pessoas pra rezar, e reze em quem chegar, que lá vai precisar de gente que reze nas pessoas, nos doentes”. Ai eu vim. O Horto é Santo. Juazeiro, todo ele, é santo. Da Matriz de Nossa Senhora das Dores pra chegar no Santo Sepulcro vai ser o julgamento. Duas carreira de gente. Duas fila de gente. Uma do mal e outra do bem até chegar no Santo Sepulcro. E o Santo Sepulcro pra cima é o Céu. [...] Padrinho Damião, ele disse: “Eu sou uma das pessoas da Santíssima Trindade. Eu vou morrer dez vezes pelos pecadores, e os pecadores morrem a pulso”. Ele é uma das três pessoas da Santíssima Trindade, Padrinho Cícero é uma das três pessoas da santíssima Trindade e Jesus é uma das três pessoas da Santíssima Trindade. Eu rezava e dizia: “Meu Deus, como é que é três Pai verdadeiro e se termina com um?”. Ele disse: “Porque a Lei das pessoas da Santíssima Trindade é uma só. Se torna uma só. Um pai verdadeiro só. Que é a Lei dos três”.

Dona Maria Moça revela que o Padre Cícero está encarnado tanto nos espaços da cidade quanto na presença e no corpo de Frei Damião. A cidade entra em simbiose com o corpo que lê o mundo. Dessa junção, o “sempre” da imagem do Padre Cícero transmuta-se em outras vidas e outros espaços que reafirmam a “eternidade” do Padrinho.

Essa narrativa não me é estranha. Desde criança ouço jovens e antigos contarem os milagres e os “causos” que cercam Padre Cícero e Frei Damião. Lembro de ouvir histórias de que “Frei Damião não andava, ele flutuava”, que “bastava apenas tocar na sua cabeça ou na sua batina para que o milagre fosse alcançado”, ou ainda que “pessoas que haviam desrespeitado Frei Damião haviam sido transformadas em horríveis monstros”.

Assim como as histórias que estou acostumado a ouvir, o argumento de Dona Maria Moça não deixa de dialogar com os dogmas da Igreja Católica e de traduzir seus

¹¹⁸ Essa narrativa compõe parte do documentário “Horto do Padim Ciço” produzido pelo Canal Candieiros a partir da obra da historiadora Fátima Pinho. Ver: DOCUMENTÁRIO SOBRE O HORTO - Baseado na obra de Fátima Pinho. Direção de Álisson Flor. Roteiro: Maria de Fátima Moraes Pinho, Viviane Prado Bezerra, Álisson Flor. Juazeiro do Norte: Canal Candieiros, 2023. Digital, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ilzE6-2sSKw> Acesso em: 08 out. 2023. Recorte - 5:26 até 7:34. Agradeço a gentil autorização de Dona Maria Moça, Equipe Candieiros, e da professora Fátima Pinho para uso dessa narrativa preciosa na construção desse trabalho.

¹¹⁹ O “Santo Sepulcro” faz parte do “Complexo do Horto” e é composto por uma trilha de três quilômetros onde se destacam formações rochosas e o túmulo de um beato que viveu naquela localidade.

ensinamentos para a experiência na qual ela encontra reconhecimento. Ao nomear Padre Cícero e Frei Damião como uma das “três pessoas da trindade”, essa senhora se comunica também com as histórias que ouvi de membros da Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos sobre a “natureza divina” de Juazeiro do Norte e do Padre Cícero.

No dia 04 de janeiro de 2017, sentei-me para ouvir as histórias de Dona Josefa e de seu esposo Sr. Manoel¹²⁰ sobre Juazeiro do Norte e a Irmandade de Penitentes que eles fizeram parte outrora. Em um dado momento da conversa, surgiu o seguinte diálogo:

Roberto Viana: Eu estava conversando, pesquisando, aí, de vez em quando, um dos penitentes falava assim: “Não por que tem um encantado, tem uma história de um encantado”. Vocês já ouviram falar desse negócio de um mundo encantado? Que tem uma parte no Juazeiro que é essa daqui que nós estamos vivendo, essa aqui que nós estamos vendo, mas também tem o encantado?

Dona Josefa: É, meu filho, mas aí só pertence a Deus. Quem informava pra nós que essa cidade tem umas parte encantada era o dono, meu Padrinho Cícero.

Sr. Manoel: Tem três reinos.

Roberto Viana: Três reinos? Aí como é?

Sr. Manoel: O do Pai, o do Filho e do Espírito Santo.

(Nesse momento, a entrevista é interrompida por pessoas que passavam na calçada e, depois do “tumulto”, Dona Josefa retoma).

Dona Josefa: Aqui é encantado, criatura. Nós não sabe de todos os mistério daqui não. Eu mais ele aí, ó, nós fomo pro Santo Sepulcro, aí, quando nós chegamo lá, nós vimo a barquinha de Noé! Nós vimo! Nós vimo com esses dois olhos da gente! Quando a gente chegou lá, foi ele que me mostrou (apontado para Sr. Manoel).

Três reinos, três pessoas em uma só, uma cidade encantada. Sr. Manoel e Dona Josefa conversavam comigo, mas nosso diálogo era vez por outra interrompido com algo como: “Você já falou demais, tá bom”. Ela dizia para ele e ele dizia para ela. Dos mistérios de Juazeiro nem todo mundo pode saber. Tudo que se sabe é apenas uma parte. Aos poucos, fui sendo apresentado a pedaços do mundo encantado e encarnado de Juazeiro do Norte: o grande livro de todos os mistérios, as três pessoas da trindade, os três reinos,

¹²⁰ Dona Josefa e Sr. Manoel foram dos primeiros membros da irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos. Para maior detalhes sobre essas pessoas, consultar o Capítulo 4 dessa tese.

as encarnações de Padre Cícero, a barca de Noé que salvará os eleitos que estarão no alto da Colina do Horto, durante o segundo grande dilúvio.

Daquilo que ouvi e vi, uma história se ergue. Uma narrativa poderosa capaz de deslocar e aglutinar os elementos que parecem desconexos e distantes no que já foi apresentado até aqui. Volto, portanto, à história da Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos, para contar como a experiência de leitura da *Missão Abreviada*, em Juazeiro do Norte, foi capaz de sustentar esse encantado, por isso verdadeiro, dos leitores desse breviário.

3.3.2 *Uma anja*

José vivia em Caruaru, interior do Pernambuco, com sua “costela”: Regina. Vivam daquilo que plantavam em sua pequena roça e da venda de peixes no mercado da cidade. Além disso, José era um leitor. Havia passado muito tempo ouvindo as leituras de antigos livros até que tomou gosto pela decifração das letras e começou a encadear aquele conjunto de símbolos entre o papel e a sua voz.

Ele guardava com cuidado as obras que considerava indispensáveis a um cristão, isto é, obras indispensáveis para qualquer pessoa que quisesse viver uma boa experiência na Terra e alcançar os prêmios celestes. Entre esses, sem dúvida, se destacava um pequeno livro de capa dura, marrom, letras escuras quase apagadas pelo calor das mãos que o seguravam com fé e temor: a *Missão Abreviada*.

Os ensinamentos que ele lia na *Missão Abreviada* combinavam com aquilo que ouvia sobre a cidade de Juazeiro do Norte: a vida e as lições de Padre Cícero Romão Batista. Sempre que podia, José fazia visita àquele local sagrado e conhecia cada vez mais os mistérios que envolviam o seu encantamento.

De volta a Caruaru, em algum momento por volta da década de 1970, José teve a sua revelação: ouviu uma voz que clamava para que ele e Dona Regina saíssem daquela cidade e fossem formar um grupo de Penitentes na “cidade santa” de Juazeiro do Norte. José não tardou em atender o pedido daquela voz que ele acreditava ser do Padre Cícero (ou do próprio Deus) e “colocou um saquinho nas costas” mudando-se para a “Terra prometida”.

Nos primeiros meses do casal em Juazeiro, José se dedicou a conhecer o “rebanho” que Padre Cícero havia destinado a ele. Apesar de fascinadas, as pessoas não

se dispuseram, naquele primeiro momento, a acompanhar José em sua jornada penitencial. Abatido por não ver a sua revelação se materializar, José organizou uma banquinha para venda de peixes, sua antiga profissão, no maior mercado da cidade de Juazeiro do Norte: o Mercado Público do Pirajá.

Foi naquele espaço que José, além de vender os peixes, pregava os ensinamentos que ele passou a vida lendo e ouvindo. Já estava acostumado com os olhos atentos que admiravam suas pregações e escutavam atentamente sua voz rouca e grave. Em um rápido momento, enquanto José baixou a cabeça para limpar mais um peixe que havia vendido, ele ouviu uma voz firme proclamar: “Eu não mandei você vir ao Juazeiro para colocar uma banca de peixe, não, eu mandei você vir aqui para formar um grupo de penitentes”.

Sem acreditar no que estava ouvindo, José ergueu os olhos e deparou-se com uma mulher muito alta, roupas brancas compridas, cabelo curto e alvo, buço espesso, uma cestinha de palha que segurava com firmeza. Assim, ele perguntou: “Quem é a senhora?”. Ao que ela respondeu: “Sou **Mamãe Anja do Horto**. Não quero você vendendo peixe não. Quero é você com um saquinho nas costas”.

Aquele encontro significou para José e Regina a morte para o mundo “profano” e um renascimento para o mundo sagrado. Mamãe Anja levou o casal para sua casa no Horto, onde passaram três meses aprendendo a “morrer para o mundo” e “renascer para Deus”. Nesse período, José recebeu da própria Mamãe Anja as principais regras que ele deveria seguir e todos aqueles que quisessem acompanhá-lo:

- 1) Como sinal do renascimento, todos os homens deveriam se chamar de José Aves de Jesus e as mulheres de Maria Aves de Jesus.
- 2) Não deveriam trabalhar com comércio nem “pegar em dinheiro”. Viveriam com um “saquinho nas costas” pedindo esmolas, de onde tirariam parte do seu sustento.
- 3) Além da esmola, deveriam ter uma horta comunitária onde “tudo é de todos e nada é de ninguém”.
- 4) As roupas deveriam ser longas. Os homens usariam chapéu e as mulheres um lenço branco cobrindo a cabeça.
- 5) Deveriam respeitar todos os dias santos.
- 6) Não deveriam usar sandálias de cravo, pois esta simbolizava a cruz de Cristo. E não se deve pisar sob a Cruz do Senhor.
- 7) Deveriam viver segundo os costumes das antigas escrituras e da *Missão Abreviada*.

Após a morte de Mamãe Anja, José passou a seguir com ainda mais rigidez os ensinamentos que ela havia deixado. Aos poucos, pessoas de várias regiões do Nordeste, especialmente Alagoas, começaram a aproximarem-se de José (a quem passaram a chamar de Mestre) e a formarem a Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos.

Eles contam que essa Irmandade chegou a ter, na década de 1970, cerca de sessenta pessoas que seguiam, com determinação, as orientações de Mestre José. Este, amparado pela *Missão Abreviada*, elaborava profecias, dava conselhos e tornava-se o diretor espiritual daquela Irmandade até o seu falecimento, no ano 2000, momento em que ele acreditava que o mundo iria acabar.

Quero pedir licença a você, leitor, para explicar que ouvi essa história sobre a “origem” da Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos uma dezena de vezes, contada de diferentes formas, mas sustentando o mesmo “enredo”. Trago essa história, nesse momento, para falar sobre essa personagem enigmática que alicerça a narrativa fundadora dos Penitentes: Mamãe Anja.

Assim que ouvi pela primeira vez uma versão dessa história que acabei de contar, minha “curiosidade científica” fez-me querer entender quem era essa mulher de forma objetiva: onde viveu, seus documentos, fotos, qualquer vestígio que eu pudesse apalpar na “poeira do tempo”. Tudo em vão. Quanto mais eu queria saber, menos me era dado. Não demorou muito para que eu fosse desistindo de procurar mais informações até que, um dia, eu fiz minha última tentativa e perguntei mais uma vez para Sr. Francisco, importante seguidor da Irmandade, e seu filho Israel, o mais jovem penitente do grupo, se não existia qualquer coisa, uma foto sequer que eles pudessem me mostrar. Sr. Francisco respondeu: “Roberto, eu vou lhe mostrar uma foto de Mamãe Anja. Mas eu acho que você vai achar estranho”. Eu respondi: “Sr. Francisco, não se preocupe, estou preparado!”

Israel e seu pai me conduziram até a antiga casa onde viveu Mestre José. Lá, eles conservaram uma espécie de “pequeno museu” no qual guardavam importantes relíquias da Irmandade, como o exemplar da *Missão Abreviada* que o antigo líder usava. Eles guardavam, também, a cama de Mestre José, as vestes que os antigos usavam, os quadros da “sala do santo” e, encostado na cama, um porta-retrato com moldura azul e um laço da mesma cor em volta da foto. Era a foto de Mamãe Anja:



Imagem 14: Cama de Mestre José com seu exemplar de “A Missão Abreviada” e a foto de Mamãe Anja.
Fonte: acervo pessoal.



Imagem 15: Ampliação da foto de Mamãe Anja
Fonte: acervo pessoal.

Ao olhar a imagem que me foi apresentada, eu disse o óbvio: “Mas aí não é o Padre Cícero, não?” Sr. Francisco e Israel se olharam e o mais jovem me falou o seguinte:

Israel Aves de Jesus: Roberto... É por que é assim, Roberto. Como você sabe, o grupo de penitentes, eles têm um imaginário bem fértil. E ali, pelo que eu posso lhe dizer, é o seguinte: Mamãe Anja (e o nome dela é esse) não é Ângela, não. É mamãe Anja. Roberto, aquela foto tem uma história curiosa que eu já recebi dos antigos, né? Eles contam que seu José Aves de Jesus, quando Mamãe Anja faleceu, ele foi buscar essa foto na casa dela aonde ela morava, lá no Horto. Ali, quando ele trouxe, dizem os veteranos que, quando ele entrou na porta, com a imagem de Mamãe Anja, a imagem de meu Padrinho Cícero saiu de repente das imagens dos outros santos e veio cair próxima da dela. Aí ele ficou assim, admirado com aquilo, porque aquela imagem caiu sem ninguém ter tocado. Aí, também Mestre José contava que, na ocasião que a foto foi tirada, essa foto de Mamãe Anja, o fotógrafo pediu permissão a ela de retirar a foto e ela disse: “Retire, meu filho”. Quando ele retirou, saiu foi a foto de meu Padrinho Cícero. Aí, ele disse: “Minha madrinha, como pode, a senhora tirar essa foto e sair é o meu Padrinho Cícero?”. Ela só deu um ar de riso e disse: “Não, meu filho, não se importe com isso”¹²¹.

Passados quase dez anos que ouvi essa história, ainda tenho a impressão de que estou folheando o *Livro de Areia* infinito de Borges. Camadas novas se apresentam e antigas tentativas de interpretação são preenchidas por novas invenções escriturárias. A encarnação de Padre Cícero em Mamãe Anja forma agora a tríade perfeita. Três em um.

O mistério dos três, completo através da presença feminina, deixa espaço para outros “avatares” encarnados de Padre Cícero. A presença de Padre Cícero, três em um, reverbera no tempo acolhendo para o encantado outros padre-profetas que surgem e desaparecem em Juazeiro, astrólogos-intérpretes do sagrado cristão, santas mulheres e homens que rezam e fazem magia para o espanto dos males do dia a dia.

Em Juazeiro se constrói, portanto, uma nova *fábula* na qual elementos tão distintos como astrologia, tarô e vidas de santos ganham um espaço de produção verossímil que se materializa tanto em cordéis, almanaques, livros e nas narrativas dos próprios devotos que ecoam suas vozes no tempo.

O desejo de “eliminar o diferente”, ou de transformá-lo “extraíndo a sua pedra da loucura”, só foi exitoso aparentemente. As sensibilidades despertadas pelas imagens, letras e corpos presentes na experiência temporal da *Missão Abreviada* sempre voltam

¹²¹ Entrevista realizada no dia 28 de agosto de 2015.

(ou nunca desapareceram) ao lugar em que o corpo-autor escreve, como um livro sem fim, a memória que o preenche.

Desse passado, ousou avançar, agora, para o presente em que, mais uma vez, o fim dá espaço para o sempre. Volto para a Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos, no Juazeiro contemporâneo, e as mudanças e permanências dessa experiência tecida e retorcida. Faço, neste momento, o convite para entramos nas “casas da Missão” no Juazeiro do Norte do “tempo” presente e na forma como, nessas casas, a história desse livro ganha mais um capítulo dentro do seu “universo de areia”.

CAPÍTULO 4: AS CASAS DA MISSÃO

— *O tempo vai passar, o senhor vai esquecer...*

— [...] *O tempo é o lenço de toda lágrima.*

E acrescenta o ditado: o esquecimento é a derradeira morte dos mortos¹²².

A misteriosa *figura do religioso*¹²³ (católico, devoto, leigo) rasga o tempo acelerado da cidade. Essa personagem opera uma “simbiose” particular com o espaço preenchido de sons, anúncios, ofertas e *aceleração*. Como um corpo estranho que a cidade moderna foi obrigada a hospedar, essa figura representa um outro. O que quer da cidade “esse outro”? O que a cidade quer dele? Quais as “armas” dessa “figura enigmática” na disputa com o “tempo moderno”?

Juazeiro do Norte parece oferecer um terreno propício de investigação para essas questões. As múltiplas devoções ao redor da imagem mí(s)tica do Padre Cícero têm, desde a segunda metade do século XIX, ajudado a fabricar experiências religiosas nesse espaço do qual destoa e desse “mundo moderno” no qual parece não se encaixar.

No rastro da investigação dessas práticas devocionais ligadas ao Padre Cícero, deparei-me com uma irmandade de penitentes¹²⁴ intitulado de “Peregrinos Públicos” ou “Aves de Jesus”. A Irmandade é formada por católicos leigos que afirmam viver “uma rapa do antigo”, um modelo de devoção que ameaça desaparecer no “mundo moderno”:

Dona Josefa: E eu conheço que não existe outra lei na face da Terra a não ser essa. Nós sabemos que essa tem uma rapa do antigo! E a que tá havendo hoje é dos tempo moderno. É do moderno. Então nós não acompanha os tempo moderno¹²⁵.

¹²² COUTO, Mia. **Venenos de Deus, remédios do Diabo**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

¹²³ “Essa personagem tem um valor de mistério mais que de exemplo. Tem em si o estigma da estranheza, mas uma estranheza ambígua, que designa alternadamente um segredo importante e um passado obsoleto/caduco. Fascina como algo oculto, ao mesmo tempo em que possui a natureza de um objeto que perdeu seu valor, como uma relíquia de sociedades desaparecidas. Quem é essa figura enigmática?” (CERTEAU, 2006, p. 27).

¹²⁴ “[...] penitentes são integrantes de irmandades (de leigos não oficializados) que se penitenciam com vistas à salvação individual ou coletiva, auto-infligindo castigo corporais e/ou psicológicos (autoflagelação através de chicotadas, danças votivas, mendicância itinerante, longas caminhadas acompanhadas de orações e benditos, privações materiais, entre outras práticas rituais); obedecem a um líder espiritual (Mestre, Decurião); praticam um catolicismo devocional e são agentes de um campo religioso que professa uma determinada visão de mundo: a salvação pela mortificação corporal e/ou espiritual”. (CARVALHO, 2011, p. 14-15)

¹²⁵ Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2015, com Dona Josefa, Dona Marinete e Dona Virgínia (três das primeiras seguidoras do grupo de Penitentes Peregrinos Públicos). A entrevista foi realizada na calçada da casa de Dona Marinete, no bairro Tiradentes, em Juazeiro do Norte.

De 1970 até o ano 2000, essas pessoas viviam em um conjunto de pequenas casas no bairro Tiradentes onde plantavam, dividiam o alimento e praticavam seus ritos e devoções. O primeiro líder dessa irmandade foi Mestre José Aves de Jesus. A privação dos bens materiais era a principal regra do grupo. Os membros da irmandade não deveriam ter trabalho formal, nem nada que os conectasse ao “sistema”. Eles deveriam renascer com o novo nome, para uma nova vida: os homens seriam conhecidos como “José Aves de Jesus” e as mulheres como “Maria Aves de Jesus”¹²⁶.

Imerso no cotidiano dos “Peregrinos Públicos”, eu me deparei com o símbolo maior da irmandade, o livro-guia dessa comunidade de penitentes: a *Missão Abreviada*. Sob a liderança do Mestre José, esse livro era tido como uma relíquia e só podia ser manuseado por pessoas de sua confiança e em raras ocasiões. Após o ano 2000, quando o Mestre faleceu, o livro pôde circular de forma mais livre entre os membros da comunidade. Isso gerou uma nova onda de interpretações e usos que, somadas à ausência do líder fundador, acabaram ocasionando a fragmentação do grupo que, atualmente, se encontra com pouquíssimos membros e devoções muito diversas.

O elemento aglutinador dos últimos “Aves de Jesus” ainda é a *Missão Abreviada*. As “meditações”, “instruções” e “vidas de santo”, contidas na obra, são compartilhadas em leituras coletivas pelos antigos seguidores da irmandade e alcançam, também, outros leitores que acompanham, curiosos, os ritos antigos dessa comunidade.

Mesmo tomando a *Missão* como escudo, as “tentações modernas” parecem implacáveis: no seio da antiga irmandade, o “sistema” se infiltrou de várias maneiras – trabalho formal, tecnologia, dinheiro — agentes do capitalismo que os “Peregrinos Públicos” não imaginavam ter que incorporar ao seu cotidiano. Mesmo diante desse novo contexto, a *Missão Abreviada* parece sustentar uma ponte que liga essas pessoas a uma “rapa do antigo”.

Após concluir a pesquisa de mestrado que realizei junto a essa irmandade, o meu interesse se direcionou especificamente para as *experiências de leitura* da *Missão Abreviada* e para a própria *história do livro*. A investigação inicial dos rastros deixados pela experiência de leitura da *Missão Abreviada*, em Juazeiro do Norte, parece apontar

¹²⁶ Para uma reflexão mais elaborada especificamente sobre essa irmandade, Ver: OLIVEIRA FILHO, Roberto Viana de. **Passado perpétuo: os Penitentes Peregrinos Públicos e o catolicismo penitencial em Juazeiro do Norte, CE. (1970 – 2000)**, Dissertação (Mestrado em História), PPGH UFCG, Campina Grande, 2017.

para uma trama maior: a fabricação de uma complexa rede de leituras que, somada às artimanhas da oralidade, inventa um tempo completamente novo no qual as histórias mais fantásticas ganham tons verossímeis e o sagrado reveste o cotidiano.

Esse capítulo terá como foco a experiência contemporânea dos membros da antiga irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos na construção de memórias (escritas ou não) sobre a *Missão Abreviada*, Juazeiro e o Padre Cícero Romão Batista.

4.1 Os “últimos” Aves de Jesus

Seis anos haviam se passado desde a última vez que conduzi uma "entrevista" com os membros da irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos. Durante esse período, estabelecemos uma relação de amizade, especialmente, com o Penitente Israel e sua família: o Sr. Francisco, Dona Maria, Isabel e Isaac (ver imagem 15). Gosto de dizer que invadimos nossos mundos e criamos um espaço em que nossas diferenças coexistem, entre suas contradições e singularidades, e nossos interesses produzem um ponto de intersecção no qual aparecem as histórias. Foi por meio dessas pessoas que obtive informações sobre os antigos membros da irmandade que eu havia conhecido durante minha pesquisa de mestrado. Recebi com tristeza, nesse dia, a notícia do falecimento de Dona Virgínia, Dona Marinete e Sr. Manoel, que desempenharam um papel incontornável em minha formação.



Imagem 16: da esquerda para a direita: Isabel, Dona Maria, Israel, Sr. Francisco e Isaac. Foto tirada em 2017. Fonte: acervo do autor.

Entre as notícias sobre os antigos membros da irmandade, fui informado das modificações que aquela família estava passando. Sr. Francisco, que eu chamo carinhosamente de “O Filósofo”, me dizia com certa tristeza e nostalgia que o “sistema” estava engolindo o que havia restado da irmandade. O “título” de filósofo apareceu nas nossas conversas a partir das ideias que Sr. Francisco elaborava sobre o que ele chamou de “O sistema”: o conjunto de experiências do “tempo presente” que tentam desarticular a permanência de uma “rapa do antigo” dentro da modernidade. O “sistema” para Sr. Francisco é composto tanto pelas instituições governamentais, quanto pelas invenções tecnológicas que “escravizam” os seres humanos.

Entre 2016 e 2017, nós conversamos intensamente sobre o “Sistema”. Ao me explicar os motivos que levaram os antigos penitentes a não colocarem água encanada ou energia elétrica em suas casas, Sr. Francisco me disse algo que tentarei reproduzir aqui de “memória”, pois infelizmente não foi gravado: “Olhe, Roberto, se uma pessoa não paga a conta de água ou de energia, ninguém quer saber o motivo por que essa pessoa não fez o pagamento. Na minha ou na sua casa, chega um agente do Sistema, invade a casa e corta a água ou a luz. Na regra da penitência nós somos livre do Sistema”.

A partir da sua experiência, Sr. Francisco descreveu o dilema filosófico/sociológico da comunidade: a escolha entre liberdade e segurança. Em uma comunidade, somos “livres” para expressar, em segurança, os comportamentos que correspondem às regras da comunidade. É uma liberdade controlada em nome da segurança. Especialmente a partir de 2009, esse acordo imaginário que existia entre os antigos membros da irmandade, para resistir e viver dentro e contra o Sistema, ganhou novas camadas através da intervenção de Israel e de sua família.

A principal modificação proposta naquele momento foi a criação de uma nova forma de participação no grupo que eles intitularam de “os seguidores”. Nessa lógica, “os penitentes” seriam as pessoas que “morreriam verdadeiramente para o mundo”, assumindo a função de uma espécie de consagração à vida religiosa, abandonando o seu nome de batismo, documentos e possibilidades de ganho material através de trabalho formal. Além disso, deveriam usar roupas nos moldes antigos e que celebrariam as cerimônias e ritos específicos para a organização da irmandade. Os seguidores da Irmandade, nessa perspectiva, seriam as pessoas que viveriam na “fronteira” entre a morte do mundo material e a necessidade de diálogo com esse mundo. Entre as regras que os seguidores deveriam abraçar, estava a de respeitar os dias santos, participar das

celebrações da *Renovação do Sagrado Coração de Jesus*, participar do hasteamento das bandeiras marianas, em maio, rezar o rosário em família e realizar a leitura diária da *Missão Abreviada*.

Os seguidores da Irmandade poderiam ter trabalho formal, mas não deveriam se conectar às “tentações da modernidade”: celular, computadores, roupas modernas, festas, bebidas etc. Em 2017, ano que encerrei a pesquisa de mestrado, Israel e sua família ainda seguiam as regras da penitência, mas o próprio Israel já dava sinais de que a luta daquele modelo que contém uma “rapa do antigo” contra a força do mundo capitalista era uma batalha que ele não poderia sempre vencer. Antes de concluir a pesquisa, Israel me contou que não seria mais um penitente, mas continuaria seguindo as regras da irmandade.

Ele e sua família se tornaram, aos poucos, os “guardiões” do acervo material e mnemônico da Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos. À medida que as casas e objetos dos antigos membros da Irmandade iam sendo vendidos, ou utilizados de outras formas por seus descendentes, essa família intervinha propondo um uso mais adequado à história daquele acervo. Na casa deles estão, portanto, os santos que ornavam a parede da casa do primeiro Mestre, José, também sua antiga mesa de leitura, a *Missão Abreviada*, a foto de Mamãe Anja, suas roupas de pregação e suas bandeirinhas.



Imagem 17: Mesa e cadeira onde o primeiro Mestre da Penitência fazia suas leituras e anotações.

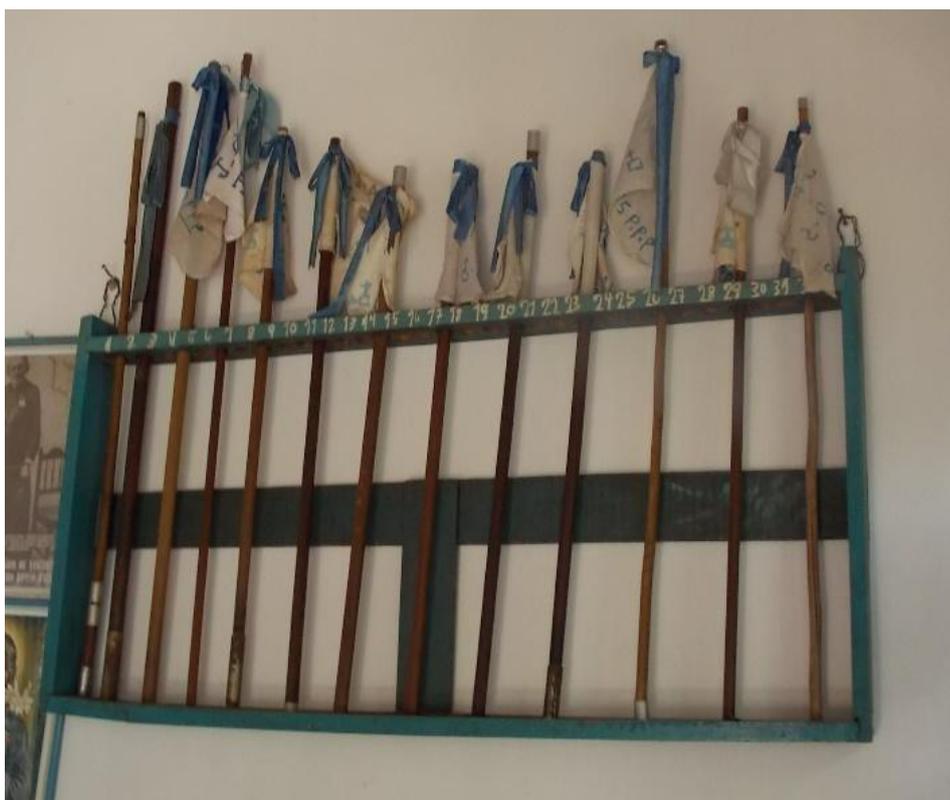


Imagem 18: Bandeiras que identificavam os membros da Irmandade a partir de uma numeração que era designada pelo Mestre da penitência.

Unem-se ao acervo herdado do primeiro Mestre as obras e os objetos que Israel e sua família adquiriram na jornada dentro da Irmandade. A maioria dos ritos públicos que presenciei foram conduzidos através de um conjunto de livros que funcionava como um manual, não apenas para as celebrações, mas também para a vida cotidiana. A maioria desses livros havia pertencido a Mestre José e foram adquiridos no seu esforço de tentar reconstruir o passado primoroso vivido “nos tempos do Padre Cícero”¹²⁷.

Juntamente com Israel, elaborei uma lista com os principais livros que eram usados pelos penitentes em seus rituais. Essas obras são, em sua maioria, raras e estão guardadas por essa família como um verdadeiro tesouro. Os seus temas variam desde a vida dos santos, orientações sobre os dias do ano, até manuais de como viver em uma vida de santidade:

¹²⁷ Após a morte de Mestre José, os livros foram divididos entre os seus discípulos mais antigos: Manoel Aves de Jesus (Olício) e João José Aves de Jesus (Sr. Joca). À sua maneira, cada um desses discípulos tratou de forma singular a herança deixada pelo Mestre.

Tabela 07: Inventário das obras da Biblioteca do Penitente herdadas de Mestre José			
TÍTULO DO LIVRO	ANO DE PUBLICAÇÃO/EDIÇÃO	TEMA GERAL	AUTOR
<i>Missão Abreviada</i>	1ª edição (1859)	Breviário com meditações e instruções para o devoto.	Manuel José Gonçalves Couto
<i>O Novo Mês de Maria</i>	1835 (aproximadamente)	Orações, hinos, exemplos e práticas para cada dia do mês de Maio.	Frei Serafim de Catarina
<i>Manual Abreviado da Missa e confissão</i>	1875	Orações, hinos, explicações dos mistérios da Missa, saltério do nome de Jesus.	J. I. Roquette
<i>Mês de Jesus Sacramentado</i>	1872	Orações e práticas espirituais.	Frei Manoel da Madre de Deus
<i>Cartilha ou compêndio da doutrina Christã.</i>	?	Catequese, devoções, apêndice com: tábua das festas mudáveis, eclipses do sol e da lua, advertência do ano, regras do bem viver.	Padre Santiago José Garcia Mazo
<i>Mês das almas do purgatório</i>	1918	Exercícios próprios para cada dia do mês de Novembro.	Monsenhor José Basilio Pereira
<i>Higiene da Alma</i>	1918	O poder que a alma tem pela higiene moral de preservar o corpo.	Barão de Feuchtersleben
<i>O maior tesouro ou a Santa Missa cotidiana</i>	1962	Fatos e exemplos sobre a Missa.	Padre Luís Chiavarino
<i>Na Luz Perpétua</i>	1935	Hagiografia dos Santos	João Baptista Lehmann
<i>Cidade mística de Deus</i>	?	Mistérios da vida de Maria.	Santa Maria de Jesus de Ágreda

A maioria das obras que me foram apresentadas datam de meados do século XIX e início do século XX. A análise da recepção desses manuais, e do próprio percurso delas até essa Irmandade, é reveladora para a compreensão da cultura e do processo histórico que cercavam essa comunidade. Questionamentos semelhantes ao do historiador italiano Carlo Ginzburg (2006), ao analisar a vida do moleiro Friulano Menocchio¹²⁸, apareceram nessa investigação:

Os almanaques, canções, livros de piedade, vida de santos, tudo o que constituirá o vasto material da produção livreira, a nós surgem como estáticos, inertes, sempre iguais a si mesmos. Mas como eram lidos pelo público de então? Em que medida a cultura predominantemente oral daqueles leitores interferia na fruição do texto, modificando-o, remodelando-o, chegando mesmo a alterar a sua natureza? (GINZBURG, 2006, p. 22).

Somam-se a essa lista, ainda, uma quantidade significativa de obras que, por estarem muito desgastadas, devido à ação do tempo, não possuem título ou ainda indícios de catalogação. A preservação desse acervo material e mnemônico continua sendo administrada pela família de Israel, apesar das grandes modificações pelas quais essas pessoas passaram.

4.2.1 Ainda uma “rapa do antigo”

No começo das investigações que resultaram no meu trabalho de mestrado em História, pela Universidade Federal de Campina Grande, ouvi a narrativa de uma antiga seguidora do grupo, Dona Josefa, que me fez perceber uma relação maior das experiências da Irmandade e das práticas desenvolvidas por ela a partir da dicotomia antigo/moderno:

Dona Josefa: [...] E eu conheço que não existe outra lei na face da terra a não ser essa. Nós sabemos que essa tem uma rapa do antigo! E a que tá havendo hoje é dos tempo moderno. É do moderno. Então, nós não acompanha os tempo moderno¹²⁹.

¹²⁸ Cf. GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. 6. ed. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

¹²⁹ Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2015 na calçada da casa de Dona Josefa.

Dona Josefa foi uma das primeiras integrantes da Irmandade de Penitentes e, através de sua iniciativa, uma quantidade considerável de pessoas de Alagoas veio para Juazeiro do Norte, no intuito de agregar novos penitentes e seguidoras àquela “lei” que “não acompanhava” os tempos modernos. Foi através dela que Sr. Manoel, seu irmão, conhecido, posteriormente, como Mestre Olício, entrou na Irmandade.

Mesmo após a partida de Mestre José para a eternidade, Mestre Olício tentou manter um grupo coeso e unificado. A partir das pregações de Mestre Olício, Sr. Francisco tomou conhecimento da história da Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos e resolveu apresentar essa nova “lei” à sua família. No ano de 2009, morre o Mestre Olício e a já frágil Irmandade sofre outro golpe do destino.

Após a morte desse importante Mestre, a família de Israel tentou “sustentar” as experiências do antigo grupo através da organização das celebrações coordenadas por esse jovem penitente além da manutenção das diversas atividades. Passados vários anos, de 2009 até 2017, Israel começava a perceber que a sua caminhada seria solitária. As “tentações do mundo moderno” batiam com força na porta das casas azul e branco dos antigos Penitentes Peregrinos Públicos.

A mudança chegava gradativamente. Em 2017, Israel decidiu deixar de ser penitente e passou a ser apenas um seguidor dos ensinamentos da Irmandade tal como a sua família. De 2017 até 2023, momento em que eu propus um novo encontro “gravado” com aquela família, muita coisa mudou. Nesse período, recebi as seguintes notícias: toda a família havia decidido a deixar de seguir as regras da penitência e Israel estava prestes a casar-se (trabalhava com seu pai, Sr. Francisco, em sua banca de ervas medicinais no Mercado Público do Pirajá).

Penitentes Peregrinos Públicos

Lideranças e divisões na irmandade

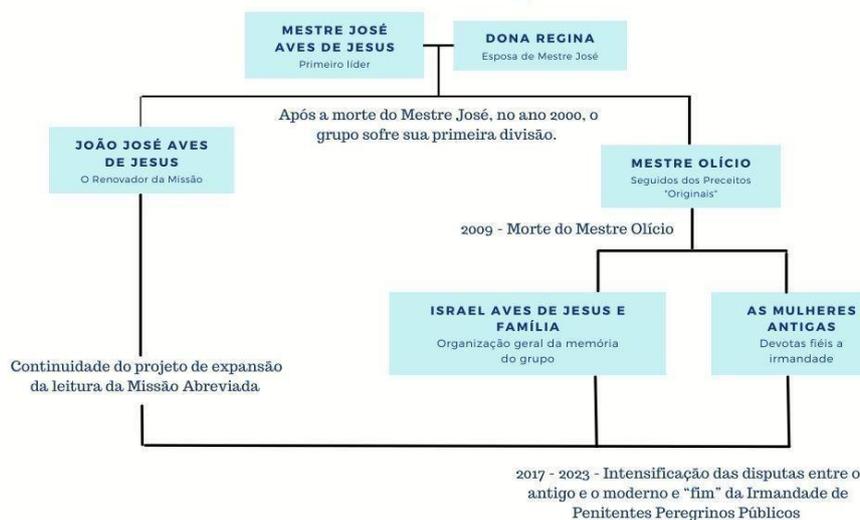


Imagem 19: Representação, elaborada pelo autor, das mudanças e divisões dentro da irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos até o ano de 2023.

Ao longo de seis anos, paulatinamente, as coisas mudaram: a fachada da casa que era azul e branca, símbolo da moradia dos membros da irmandade, deu espaço para uma fachada de cerâmica perolada, a sala da casa permaneceu inalterada, mas agora o antigo pote de barro disputava espaço com a moderna geladeira e as mãos que carregavam apenas rosários agora também portavam aparelhos celulares.

No dia 23 de outubro de 2023, data previamente combinada com Israel, através de conversa no aplicativo *WhatsApp*, eu o encontrei novamente. Na ocasião, reencontrei, também, Sr. Francisco, Dona Maria, Isabel e Isaac, para uma conversa que seria gravada com o intuito de ouvir sobre esse novo capítulo da experiência da família com a Irmandade, com a história de Juazeiro do Norte e com a leitura da *Missão Abreviada* “no presente” para, quem sabe, conseguir contar experiências de mais um momento dessa “viagem” que percorremos juntos.

Ao bater na porta da casa, não fui recebido com o típico “louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”. Sr. Francisco, o filósofo, estava de cabelo cortado, sem barba, com fones de ouvido conectados a um *tablet* a partir do qual acompanhava programas de rádio e notícias, conforme ele afirma: “Pois é, Roberto, estou aqui surfando pelo Sistema”. Em outros tempos, eu seria convidado a ficar de joelhos diante da sala do santo da casa e rezar

um padre-nosso e uma ave-maria antes de me dirigir à sala de estar. Dessa vez, eu passei direto por aquela parede cheia de santos e oratórios, que agora dividiam espaço com o carro da família. Sempre que passei por essa sala, tive a impressão de que estava diante de filme antigo, projetado sob tinta azul e branca, mas, dessa vez, ele estava cortado pela presença do automóvel.

Sentei alguns momentos com Sr. Francisco, à espera de Israel e de Rosinha (a esposa de Israel). Nesse curto espaço de tempo, ele me atualizou sobre as principais mudanças que haviam acontecido em sua casa e sobre coisas que não mudavam: continuava a respeitar os dias santos, vendia os “remédios do mato” e utilizava o rosário em volta de seu pescoço.

Não tardou para que Israel entrasse na casa com sua esposa. Chegaram também Isabel, Isaac e, logo após, Dona Maria. Toda a família estava ali reunida para contar histórias que me levaram, como sempre, para muitas temporalidades. No entanto, a “presença do presente” parecia reger o nosso encontro. De início, Israel afirmou:

Roberto: De seis anos pra cá, o que mudou na vida de vocês?

Israel: Uma mudança radical. Dizer que, comparado ao que nós vivíamos, há poucos resquícios, poucos sinais, né, do que a gente vivia na Irmandade de Penitentes.

Roberto: Vocês saíram da Irmandade de penitentes, mas continuam seguidores?

Israel: Não. A nossa saída foi uma saída definitiva. Tanto dos regulamentos, das regras que a gente conservava em nossa vida, como o próprio estilo de vida, que mudou. Não é mais o mesmo. O que nós temos na memória é apenas o conhecimento que a gente adquiriu na vivência¹³⁰.

A memória, guardiã da experiência, teria forças para sustentar práticas que vêm de uma “rapa do antigo” no tempo presente? Dei continuidade à conversa, estabelecendo um novo tópico de discussão: a *Missão Abreviada*. Gostaria de entender como aquele livro era lido, pela família, nesse “novo tempo”:

Roberto: Uma das coisas principais da irmandade naquela época, era a leitura e seguir os mandamentos da *Missão Abreviada*.

¹³⁰ Entrevista realizada no dia 23 de outubro de 2023, na casa de Sr. Francisco, Dona Maria, Israel, Isabel e Isaac.

Israel: Isso. Correto.

Roberto: Ficou alguma coisa daquele tempo? Ou a *Missão Abreviada* também mudou na vida de vocês?

Israel: Nós começamos a enxergar a *Missão Abreviada* de uma maneira diferente. Ou seja, nós víamos a *Missão Abreviada* como regra absoluta de vida. Mas, agora, nós vemos a *Missão Abreviada* como livro sagrado, que contém as verdades eternas, só que não na mesma diretriz de antes, né? Porque antes, é claro, era pra nós livro único, regra de vida, mas agora nós lemos a *Missão* e consideramos ela uma maneira de nos ajudar a conseguir a vida eterna, a salvação. Mas não de uma forma absoluta.

Durante todo o diálogo que se seguiu, eu percebi a presença, na fala de cada um desses narradores, tanto de uma tristeza por algo que parece, agora, inalcançável, como uma tentativa de substituir os elementos mais “encantados” das narrativas por novas explicações, uma atualização das profecias que modificam o tempo e são modificadas por este. Nessa narrativa de Israel, por exemplo, a *Missão abreviada* deixa de ser “o caminho” para ser “um caminho”. O absoluto dá espaço para novos elementos nos quais as disputas são admitidas para que os sentidos sejam realinhados e o “encantado” continue existindo.

É, sobretudo, uma mudança de tempo: das narrativas, das profecias e do mundo. O antigo, agora invadido pelas experiências de aceleração do presente, se transforma em algo que não é propriamente novo, mas que aprendeu a aparecer de outra forma, que em hipótese alguma é harmônica e livre de contradições. Considero que, nesse caso, as noções de *hibridismo* e de *sincretismo* são insuficientes para descrever a experiência histórica narrada e vivida por Israel e sua família¹³¹. Não se trata de um processo de mistura, mas de reinvenção.

¹³¹ As noções de *Sincretismo* (FERRETI, 2013) e *Hibridismo* (CANCLINI, 2019) são importantes ferramentas teóricas para a construção de reflexões sobre as “misturas” culturais no tempo. Penso, no entanto, que, no caso do que está sendo apresentado por Israel, não existe uma “síntese” que formaria uma experiência nova a partir do encontro entre tradição e modernidade (Hibridismo), tampouco uma justaposição, convergência e adaptação das práticas (Sincretismo). O que acontece é um entendimento consciente das diferenças entre o novo e o antigo ao tempo que, em disputa, esses elementos conseguem permanecer de maneira singular, não paradoxal, na vida desses sujeitos. O que acontece com os remanescentes da Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos, se formos colocar essas experiências no campo das “misturas”, se aproxima mais (ainda que guarde muitas diferenças) com aquilo que a historiadora e socióloga Silvia Cusicanqui chamou de *ch'ixi*: “A noção *ch'ixi* como muitas outras (*allqa*, *ayni*), obedece à ideia aymara de algo que é e não é ao mesmo tempo, ou seja, a lógica do terceiro incluído” (CUSICANQUI, 2021, p. 110–111). Para mais informações sobre *Sincretismo*, *Hibridismo* e a noção de *chixi*. Cf. FERRETTI, Sérgio. **Repensando o sincretismo**. 2. ed. São Paulo: Edusp/Archê Editora, 2013. Cf. CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998. Cf. CUSICANQUI, Silvia Riviera. **Ch'xinakax Vtxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores**. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

O *meio do mundo*, descrito e teorizado pelo historiador Régis Lopes Ramos (2012), aponta para as formas de viver o “meio” e de significá-lo: “Eis a riqueza do meio: transita entre o Céu e a Terra. É carne e espírito. Juazeiro é um *meio do mundo*. A ambiguidade do termo permite interpretações sobre o sagrado como algo encarnado – experiência religiosa que é vivência concreta, e não um mero ‘sistema de crenças’” (RAMOS, 2012, p. 13).

Penso que a noção de *meio do mundo* pode, também, descrever as camadas do tempo que se sobrepõem na construção das narrativas de Israel e sua família. O antigo encontra espaço no *meio do mundo* moderno através de um jogo de (re)significações espaciais e temporais. À primeira vista, o poder da modernidade parece abocanhar toda a experiência, no entanto, um olhar mais atento conseguirá enxergar as disputas, permanências e mudanças decorrentes desse processo:

Roberto: Mas vocês acreditam que, por exemplo, do jeito que vocês seguiam antes para o jeito que vocês seguem agora, esse jeito de agora é errado? Ou continua certo só que de outro jeito?

Israel: Vixe Maria...

Isabel: Essa aí é complicada, viu? (risos)

Israel: Não podemos entrar em incoerência de ideias, né? É errado.

Roberto: Esse agora é errado?

Israel: Sim, é claro. Estamos errados em alguns pontos, não todos. Como, por exemplo, na questão de, no caso das vestimentas, na oração, no caso também da devoção que se deve ter aos santos, no respeito à missa dominical... Existem pontos que nós sabemos que é errado. Porque consideramos como pecado. Que o conhecimento que nós aprendemos dos pecados veniais, dos pecados mortais, esse a gente não esqueceu. Só que, também, se nós cometemos eles, nós sabemos que é errado. E sempre nós colocamos em conta que é a *Missão Abreviada* que ensina o caminho que é o certo.

Roberto: Por exemplo, falando na hipótese do Juízo Final ser hoje, você acha que você ia carregar o pecado dessa mudança ou não?

Israel: Com certeza, sim.

Roberto: Tu acha que tu iria para o Purgatório?! (risos)

Israel: Não... (rindo) Para o Purgatório é uma graça... Se nós conseguíssemos ir para o Purgatório!

Roberto: Tu acha que iria para o Inferno?!

Israel: Também a gente não tem a falta de esperança de achar que vai para o Inferno, né, Roberto? (risos) Isso é até um pecado também contra o amor de Deus. Nós consideramos que a graça e o amor de Deus é infinitamente maior que os nossos pecados.

Isabel: Até na própria *Missão* fala que desesperação de salvação era um pecado gravíssimo. Na própria *Missão* fala. Até na própria *Missão* confunde um pouco isso... Ela dá aquela apertada, né? Mas fala isso.

Roberto: Desesperação? Como é isso?

Israel: Desesperação de salvação significa a própria pessoa acreditar que não consegue se salvar. Então, Jesus Cristo, quanto ele morreu pelos pecadores, ele abriu as portas do Céu para todos, como a própria *Missão* diz. Só não se salva aquele que não quiser, mas o caminho está aí, que Nosso Senhor ensinou.

Sr. Francisco: Até porque, Roberto, você pronunciar a sentença de que você está perdido, é pecado contra sua própria alma e contra Deus. Porque você não pode pronunciar essa sentença, só quem pode é Deus. Você tem que confiar na misericórdia de Deus e trabalhar para não cair na Justiça¹³².

Nessa releitura feita dos ensinamentos da *Missão Abreviada* no “tempo presente”, a mudança só existe para que a experiência permaneça. O certo e o errado, assim como o Céu, o Inferno e o Purgatório, tão caros para a escrita do Padre Couto, permanecem como espaços e práticas que afetam e costuram o tempo.

O antigo desarticula a desesperação do presente. A lógica desenvolvida nessas narrativas aponta para uma reflexão que foge das dicotomias de certo/errado e justo/injusto. O aspecto “justiceiro” de Deus, presente na *Missão Abreviada*, é aqui apresentado junto com a misericórdia e o mistério. Não é possível conhecer todos os mistérios de Deus, por isso, segundo Sr. Francisco, é preciso “confiar na misericórdia de Deus e trabalhar para não cair na Justiça”.

É exatamente a complexidade que envolve o “juízo” que torna possível uma leitura da *Missão Abreviada* no “tempo presente”, disputando com o tormento da presença esmagadora do pecado a instrução de “não julgar”, pois só quem possui essa misteriosa qualidade é Deus:

INSTRUÇÃO Nº 51

«Não quereis julgar, disse Jesus Cristo, e não sereis julgados.» Nós os particulares, meus irmãos, não temos direito nem autoridade para julgar

¹³² Entrevista realizada no dia 23 de outubro de 2023, *idem*.

as ações, nem as intenções alheias; Jesus Cristo o proibiu com estas formais palavras: «Não queiras julgar.» Quando quiséssemos julgar as ações de qualquer, nós as deveríamos tomar para a melhor parte; mas ainda nisto mesmo podemos errar; porém nenhum erro cometemos fazendo o que Jesus Cristo nos manda, isto é, de fato, não julgar pessoa alguma. Mas, ai de vós meus irmãos! Quantas vezes tereis faltado a este preceito do Senhor, e sem fazer escrúpulo algum? quantas vezes vos tereis intrometido naquilo que vos não toca, definindo e julgando as ações duvidosas e incertas do vosso próximo? quantas vezes o vosso próximo não terá cometido culpa, ou porque não advertiu, ou porque não teve má tenção, ou porque fazendo bem vos pareceu mau, ou finalmente porque nem essas cousas ele praticou; e vós, em o julgar, vos enchestes de faltas e pecados? Quantas e quantas vezes acontecem d'estas coisas, e não se faz caso algum? Assim acontece; porém lá no juízo de Deos se saberá toda a verdade.

Apenas morre qualquer, logo todos ficam a falar dele: uns contam as suas virtudes e boas obras; outros falam dos seus vícios e defeitos; aqueles tem para si que foi direito ao Céu; estes assentam que já está ardendo no fogo do inferno: entretanto Deos tem executado os seus juízos; e esses segredos estão guardados para o dia grande, onde tudo se publicará a face do mundo inteiro!... Então se verá que aqueles que o mundo punha a esquerda, talvez Deos tenha posto a sua direita; e que a sabedoria divina não precisa de intérpretes para declarar os seus juízos!... Nem a mortos, nem a vivos deveis julgar, meus irmãos, sem terdes razões suficientes; porque sois temerários; e Jesus Cristo a poucos pecadores faz repreensões tão severas como aos temerários. Não queiras julgar, diz Ele, para que não sejais julgados. Com o juízo com que julgardes, sereis julgados.

Como dizes tu ao teu irmão: Deixa-me tirar do teu olho uma aresta, se tu no teu tens uma trave? Ó hipócrita, continua Jesus Cristo, tira primeiro a trave do teu olho, e depois verás como hás de tirar a aresta do olho do teu irmão!... Tal era a veemência e força com que o Divino Mestre repreendia e confundia os pecadores que fazem juízos temerários. E vós não fazeis caso algum destes pecados, nem sequer os conheceis; apenas estais diferentes com qualquer pessoa, ou lhe tendes ódio e aborrecimento, logo tomais para a pior parte tudo quanto ela faz; logo julgais mal das suas ações e intenções; ainda que ela seja o maior Santo do mundo, vós estais sempre fazendo maus juízos dela e do que ela pratica; cometendo desta sorte falas imensas, e não vos confessais, nem vos emendais. Ora pois, acabai com esses juízos, e não julgueis mais pessoa alguma, que é tirar o direito, que só a Deos pertence (COUTO, 1861, p. 271–273).

Talvez aqui esteja presente um elemento do *júbilo* descrito por Bruno Latour (2000)¹³³. Essa palavra que, lida de forma literal, pode ser interpretada como sinal de “alegria extrema”, ganha na obra de Latour um sentido paradoxal/singular. O *júbilo* pode ser lido, também, como “os tormentos do discurso religioso” nessa encruzilhada da tradução e da significação de práticas “antigas” no “presente”. Os “demônios” da lógica

¹³³ Cf. LATOUR, Bruno. **Júbilo ou os tormentos do discurso religioso**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

e da transposição do discurso do passado para o presente, sem nenhuma espécie de tradução, levariam o discurso religioso para seu fracasso e ruína.

O *júbilo* acontece quando a tradução encontra esse ponto de equilíbrio entre a síntese do presente e do passado, articulando elementos contemporâneos sem se deixar levar por uma sedução ingênua de “racionalidade” e “objetividade” que “os modernos” professam ter. Nesse sentido, é pertinente considerar que:

Não posso me safar fingindo que existem regras seguras para traduzir ou, ao contrário, que se trata de um mistério impenetrável, eternamente indizível, que se deve confiar a autoridades superiores: preciso compreender o que significa uma transformação pela tradução que mantém o sentido intacto. Esse é o preço de concerto da máquina. Não é obscuro, mas sutil. Ou melhor, essa sutileza infantil se tornou obscura por causa das dívidas de tradução que os investidos de poderes, nossos tutores, se esqueceram de pagar, transmitindo nossos bens atolados em hipotecas. Podemos resgatar essas hipotecas? (LATOURE, 2020, p. 20–21).

No mesmo dia em que conversava com Israel, Isabel e Sr. Francisco, sobre as formas de tradução da “justiça” de Deus no “presente”, ouvi de Dona Maria, matriarca da família, em uma conversa que, infelizmente, não foi gravada, uma história que também se relaciona com a herança dos saberes antigos *da Missão Abreviada* e das profecias do Padre Cícero em circulação e significação do presente.

Ela me contou que tinha uma tia chamada Raquel, que era afilhada do Padre Cícero. Raquel recebeu, das mãos do taumaturgo, uma arma chamada “Chuncho”, uma espécie de lança pontiaguda, feita de forma artesanal, para que ela espetasse os “amancebados”¹³⁴ durante as três noites de escuro¹³⁵ do apocalipse.

Dona Raquel esperou pacientemente pela concretização da profecia do Padre Cícero. Ao tempo que sua idade avançava, no entanto, ela ficava desesperançosa de ver a profecia se cumprir. Dona Maria contou que sua tia, Dona Raquel, faleceu de causas naturais aos 93 anos. Ainda segundo a narrativa de Dona Maria, mesmo sem saber, a sua tia havia visto e presenciado a profecia do Padre Cícero.

¹³⁴ Pessoas que moram juntas, mas não são casadas na Igreja.

¹³⁵ As três noites de escuro se referem a um conjunto de profecias creditadas a santos, santas e padres da Igreja Católica que haviam profetizado que a terra seria tomada por três noites de escuridão durante o apocalipse. Nessas noites, demônios estariam à solta e a Terra seria tomada por grandes males. Entre as profecias sobre as três noites de escuro mais populares entre os católicos estão a de Santo Padre Pio e a da Beata Ana Maria Taigi.

Acontece que um filho de Dona Raquel se “amancebou” com uma mulher e passou três anos vivendo com ela sob o seu teto. Na verdade, as três noites de escuro da qual Padre Cícero lhe alertou e profetizou foram, na verdade, os anos que ela passou “no escuro” sem se dar conta do “amancebado” que vivia perto dela.

A história contada por Dona Maria revela, mais uma vez, a forma como as profecias e as leituras deslocam-se no tempo e encontram maneiras de se conectar ao moderno sem ser engolido por este. Foi Dona Maria quem me contou, nesse mesmo dia, que ela era talvez a única na família que não havia deixado o hábito da leitura da *Missão Abreviada* se transformar em uma atividade mais esporádica:

Roberto: Antes da senhora chegar, eu estava perguntando a Israel, Sr, Francisco e Isabel o que havia mudado nesses seis anos que eu entrevistei vocês. Eles disseram que mudou muita coisa. O que a senhora acha?

Dona Maria: Assim... Eu mudei também, né? Porque eu acompanhei quase o ritmo deles, né? Mas, assim, a mudança de eu sempre ficar fazendo as minhas orações, mudou umas que eles não faz mais comigo, que foi assim como rezar o santo ofício que eu gostava de rezar de madrugada, eu já não rezo mais. Mas rezar o meu rosário de manhã e de tarde, essa parte eu não deixei. Eu mesmo leio a *Missão* quando eu termino de rezar o rosário eu gosto de ler uma instrução da *Missão*. Minhas roupas, eu não modifiquei elas totalmente diferente das que eu usava de primeiro...

Apesar da “presença do presente” dominar, aparentemente, nossos diálogos, fui percebendo que a “rapa do antigo” ainda permanecia forte no cotidiano, não apenas de Dona Maria, mas de todos os membros daquela família. Resolvi perguntar à Isabel, a filha mais nova, como ela sentia essa experiência de mudanças e permanências em sua história com a Irmandade e a *Missão Abreviada*:

Isabel: Pra mim, eu acho que a *Missão Abreviada* ela foi como uma base, né? Porque quando a gente conheceu ela, eu era muito pequena, cresci ouvindo as palavras dela, e quando eu cheguei na adolescência e fiquei maiorzinha e tudo, eu achei assim: tem como você seguir a *Missão* sem precisar pensar tanto que você vai cair no inferno. Tem como você seguir a *Missão* dessa forma. E eu mudei muita coisa. Hoje em dia, eu não sou mais como eu era e tudo. Mas sempre ficou aquela... aquela coisa no coração. Quando eu vou fazer alguma coisa (e tudo), se eu ver que é uma coisa errada, eu me lembro das palavras da *Missão*. Não tem como. Sempre eu me lembro. Sempre eu volto lá e digo: “Não, a *Missão* falava nisso e nisso”. Então, por mais que hoje em dia a gente não leia mais a *Missão* constantemente (e tudo), seria mentira dizer que nós não somos formados por ela.

A leitura da *Missão Abreviada* constituiu um processo educativo que foi, como todo processo educativo, preenchido pelas afetividades e pelo corpo dos que se colocavam no percurso da aprendizagem. Não é possível esquecer dos ensinamentos da *Missão Abreviada*, porque eles fazem parte da formação de uma consciência de ser no mundo e de existir nele.

Isabel continuou o diálogo informando que estava muito conectada ao mundo digital e às redes sociais, mas que ainda lia livros religiosos e que desejava terminar os estudos para ser professora de Português. As “sementes” da leitura da *Missão Abreviada* nutrem a sua narrativa. Mesmo esquivando-se entre as inovações da modernidade, a experiência da leitura dessa obra difunde-se em outras práticas e ganha outros significados.

Após Isabel terminar sua explicação sobre a reverberação da *Missão Abreviada* em sua vida, Israel pediu a fala, porque me disse que queria complementar algumas informações:

Israel: Sim, Roberto... Como você perguntou... Voltando lá para o começo, pra sua primeira pergunta... Pra mim mesmo, eu considero a *Missão Abreviada*, hoje em dia, no mesmo nível da *Bíblia Sagrada*. Pra mim, entendeu? Quando eu leio a *Sagrada Escritura*, a *Bíblia*, também com o mesmo respeito que eu leio ela, eu leio também a *Missão Abreviada*. Agora, assim, eu vejo a *Missão Abreviada* como um resumo da *Sagrada Escritura*. O que quer dizer, pra mim, nas poucas vezes que agora eu pego a *Missão* para ler, que eu tenho interesse de ler, curiosidade de ler de novo, eu leio ela mais como uma tradução do que eu leio nos *Evangelhos* (pequeno trecho ficou incompreensível na gravação). Agora, existe também algumas coisas que está na *Missão* que eu faço uma reinterpretação.

Roberto: Por exemplo?

Israel: Como no caso do Purgatório... No caso do Inferno... Eu faço uma reinterpretação. Não saindo dos padrões que a *Missão* ensina, de forma alguma, mas também vendo o Inferno com uma visão diferente.

Roberto: Tipo atualizando ela pro mundo da gente?

Israel: Não... É o afastamento de Deus, o afastamento eterno. A própria *Missão Abreviada* ensinava, e era isso que eu lia, mas não compreendia. Ela dizia que as duas penas principais do Inferno era a Pena de Dano e a Pena dos Sentidos. A Pena de Dano era a separação eterna de Deus. Ali era assim: a pessoa que cai no Inferno é separada de Deus, abandonado de Deus, é alguém que não tem mais jeito. O amor divino, que é aquele amor do Criador por sua criatura, foi rejeitado pela criatura

e o final dela é a escuridão, é as trevas eternas. Então, essa é a pena de Dano, que significa perda, a perda do Sumo Bem.

Israel retoma, aqui, dois temas fundamentais sobre a leitura da *Missão Abreviada* para os antigos penitentes: a sua relação com a Bíblia e a dimensão dos espaços sagrados descritos no breviário. Um dos pontos marcantes da interpretação dos primeiros penitentes, sobre as *Escrituras Sagradas*, é a rejeição da *Bíblia* como livro verdadeiro e organizador da cristandade. Nessa perspectiva, recupero duas narrativas de antigos membros da Irmandade sobre a Bíblia no contexto em que essa interpretação está presente:

NARRATIVA 1: Dona Virgínia:

Roberto: Deixa eu perguntar uma coisa para a senhora? O que a senhora acha da *Bíblia*?

Dona Virgínia: A *Bíblia* é um livro que ensina muita coisa. Tem muita parte da *Missão*.

Roberto: Mas primeiro veio a *Missão* e depois veio a *Bíblia*?

Dona Virgínia: É. A *Bíblia* é nova. De mil e quinhentos pra cá. A *Bíblia* é de mil e quinhentos pra cá. A *Missão* foi do começo do mundo. Foi de São Pedro que fez a *Missão* de Jesus Cristo. Foi o primeiro livro do mundo¹³⁶.

NARRATIVA 2: João José Aves de Jesus:

João José Aves de Jesus: Eu quero só dizer a você que o que disser hoje, aqui, se você fizer uma reunião com vinte e cinco países pode dizer o que eu estou dizendo aqui. Se precisar de minha presença na palavra, eu vou pro mei deles, que nem um gato desses sem fazer mal a ninguém (apontando para um gato que estava passando naquele momento). Só pra pegar os rato que aparecer pra dizer que essa *Missão* não é verdadeira. Por que nós num pega não é pra rasgar não, como o gato pega o rato, não... Nós pega é pra segurar a palavra da verdade. Aqui é a *Missão*! Nós pode ver, daqui por diante, pra vinte e cinco países, que essa *Missão* ela grita na frente de todas as *Bíblias* do mundo! Nem que o diabo não queira! [...] A *Missão* foi escrita, foi dita, por Jesus, e escrita pelos apóstolos. A *Missão Abreviada*. Porque ela pertence à religião do Pai Eterno para o Pai Adão e do Pai Adão para o Pai Noé e do Pai Noé pra Jesus. E, de Jesus, dos princípios do

¹³⁶ Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2015, na casa de Dona Virgínia, situada no bairro Tiradentes, na cidade de Juazeiro do Norte–CE.

testamento pra começar com ele, e terminar com ele agora, o Juízo Final. Nós tudo agora vamos trabalhar para o Juízo Final¹³⁷.

O rompimento operado por Israel, entre as narrativas de Dona Virgínia e do Penitente João José, é o resultado de um conflito paradoxal: ao tempo que ele percebe que o “império dos sentidos”, produzido sobre a *Bíblia*, não deixa margem para a fixação de outro livro que seria a base da cristandade, existe também uma experiência no tempo em que os sentidos construídos sobre a *Missão Abreviada* estão profundamente enraizados em sua trajetória.

A solução encontrada por Israel foi a de manter os dois livros em seu *status* de sacralidade, permitindo que a leitura da *Missão Abreviada* seja vista como uma *tradução* dos ensinamentos bíblicos. A ideia de *tradução* carrega uma potência de significação importante. É evidente que Israel não está referindo-se a uma tradução que envolve a compreensão das línguas, mas uma tradução do *tempo* e da *experiência*.

Nesse sentido, tomando a apreensão do historiador Paul Ricoeur (2009)¹³⁸ sobre a “boa tradução”, é possível estabelecer um ponto de intersecção entre as reflexões do historiador e aquilo que Israel apresenta em sua fala. Para Ricoeur, a tradução é uma prática de leitura. Ler é interpretar, que já é traduzir. Ainda, segundo Ricoeur, o dilema da fidelidade/traição e da traduzibilidade/intraduzibilidade se coloca a partir da intervenção de “mediadores culturais” que contribuem para estabelecer os sentidos de leitura presentes no texto.

Como um mediador cultural, Israel *traduz* a experiência de leitura da *Missão Abreviada* no “presente”, desenvolvendo outras teorias sobre seus sentidos. É a mesma lógica da *tradução* que opera na interpretação que ele faz das descrições do Inferno e do Purgatório que estão na *Missão*. As imagens do Inferno, presentes nesse livro, continuam a provocar medo e desejo de se “emendar”. O argumento utilizado para traduzir essa leitura, no entanto, “fala a língua” do presente.

A ponte criada por Israel, se adéqua àquilo que a trajetória de leitura e de circulação da *Missão Abreviada* fez de forma precisa: emendar o tempo. A Pena de Dano e dos Sentidos, descrito na *Meditação 12: Sobre o Inferno*, é lida no presente conservando

¹³⁷ Entrevista realizada no dia 07 de Junho de 2015 na “Casa da Missão” construída pelo penitente João José.

¹³⁸ Ver: RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Tradução de Patrícia Lavel-le. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

o valor poderoso da descrição do Inferno, mas sublinhando a ideia da “separação” de Deus, que é a interpretação teológica mais corrente no mundo contemporâneo.

Ao aproximar a *Missão Abreviada da Bíblia*, e das interpretações teológicas contemporâneas, Israel encontra uma nova forma de validar o discurso do Padre Couto sem, contudo, modificar os pressupostos fundamentais do que foi dito. Ainda sobre as penas infligidas aos pecadores no Inferno, Israel complementa:

Israel: Sobre a Pena dos Sentidos: a Pena dos Sentidos são os sofrimentos infligidos nas almas que estão condenadas. A visão dos demônios, o fogo, as trevas... Na minha reinterpretação, eu vejo tudo isso como uma pena única. A Pena dos Sentidos, a Pena de Dano, é uma coisa só, ou seja, assim: se o homem chega a ser condenado, se a alma chega a ser condenada, separada de Deus, então tudo de ruim que essa alma merecer, ela vai receber, porque se Deus é o Sumo Bem, que significa “todo bem, toda bondade, toda luz”, e essa luz é rejeitada por essa alma, então essa alma vai ter tudo de ruim, tudo de mal, tudo de trevas. Entendeu? A Pena de Dano e a Pena dos Sentidos, é uma coisa só¹³⁹.

Diante dessa narrativa, pensei na interpretação corrente de alguns teólogos que enxergam o Inferno apenas como uma metáfora, algo que não existe em materialidade, mas que se apresenta como um “estado de espírito”¹⁴⁰. Ao ser questionado sobre essa interpretação, Israel responde:

Israel: Agora assim, Roberto, se nos perguntassem: “Mas você crer na figura do Inferno como o padre Manoel Couto fala na Missão? Demônios condenados e toda aquela figura?” Sim, creio. Sim eu creio. Motivo: não posso contradizer o que eu não sei¹⁴¹.

Essa fala de Israel soou quase como um aviso: não esqueça que nem tudo pode ser “atualizado”, existe algo que permanece. Essa “rapa do antigo” não se apaga. Ela se inscreve no campo do “mistério”, objeto que a razão moderna jamais conseguiu cooptar em sua integralidade.

Nesse momento, fizemos um breve diálogo sobre a presença da imagem do Inferno e do demônio, apesar desse discurso que tenta tornar esse *imaginário* mais

¹³⁹ Entrevista realizada no dia 23 de outubro de 2023.

¹⁴⁰ Cf. LOMONACO, Amadeo. **O inferno não é um lugar, mas um estado da alma, explica sacerdote italiano**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-04/papa-francisco-teologia-inferno-entrevista-padre-athos-turchi.html>. Acesso em: 13 jan. 2023.

¹⁴¹ Entrevista realizada no dia 23 de outubro de 2023.

abstrato e subjetivo. Lembremo-nos das figuras dos “padres exorcistas” que estão cada vez mais populares em Juazeiro do Norte, no “tempo presente”, com especialidade a ação do Padre Sebastião Monteiro da Silva, o Padre Monteiro.

Esse sacerdote, natural de Nova Olinda–CE, cidade do Cariri cearense, coordena uma grande comunidade católica chamada de *Filhos Amados do Céu* – FAC e celebra, desde 2008, grandes missas em quadras poliesportivas e estádios de futebol que chegam a concentrar cerca de 40 mil pessoas¹⁴². Nessas celebrações, existem relatos de pessoas que, tocadas pelo “Espírito Santo”, entram em transe.

Ele também é conhecido por realizar ações de exorcismo contra demônios responsáveis por causarem doenças físicas, psíquicas e espirituais entre os devotos que o acompanham. A ação desse sacerdote é propagada através de vários veículos de comunicação, e amplamente pelas redes sociais, e tem um alcance impressionante.

Alguns devotos que acompanham as missas e as transmissões da comunidade FAC, já associam a imagem do Padre Monteiro à imagem de Frei Damião e, em alguns casos, ao próprio Padre Cícero. Circulam em Juazeiro do Norte, nas bancas que vendem artigos religiosos e nas comunidades e grupos virtuais, imagens de Frei Damião e Padre Monteiro juntos, no intuito de apresentar as semelhanças entre esses sacerdotes¹⁴³.

Enquanto falávamos sobre os padres exorcistas em Juazeiro do Norte, percebi que Sr. Francisco, que é sempre muito comunicativo, tinha falado pouco a respeito das questões que nós levantamos. Resolvi perguntar se ele gostaria de acrescentar algo ao que estávamos debatendo:

Roberto: Sr. Francisco, e o senhor? O que é a *Missão Abreviada* hoje, para o Senhor?

Sr. Francisco: O que eu devo falar, Roberto? (risos) Você quer uma explicação em Filosofia ou em Teologia?

Roberto: Do que o senhor quiser! (risos)

Sr. Francisco: Eu não sou formado em nenhum dos dois. Então, vou dar minha explicação simples. A última vez que você veio aqui, você fez uma entrevista, né? Quase em particular entre eu e Israel, né? Eu

¹⁴² Cf. SANTOS, Elizângela. Conheça um pouco da história da comunidade Filhos Amados do Céu e do Padre que vem arrastando multidões no Cariri. In: **Gazeta do Cariri**. 2016. Disponível em: <https://www.gazetadocariri.com/2016/02/conheca-um-pouco-da-historia-da.html>. Acesso em: 01 nov. 2023.

¹⁴³ Considero importante que alguma investigação histórica, acerca dessas novas formas de “encarnação” do Padre Cícero e Frei Damião, no presente, seja construída no intuito de problematizar e estabelecer uma nova discussão a esse respeito.

afirmei pra você... Tá com seis anos? Eu falei pra você que a *Santa Missão* era o livro de cabeceira dessa família. Não foi isso? Não é desclassificando os outros livros... Mas, na realidade, se fosse pra retornar tudo de volta, novamente, pra repetir tudo de novo, novamente a *Missão* seria o livro de cabeceira dessa família, porque... Exemplo: com o nosso conhecimento das palavras da *Santa Missão*, do conhecimento da Irmandade de Penitentes, foi a melhor época que essa família já viveu. Se foi errado, foi a melhor época. Se foi certo, foi a melhor época. Mas, realmente, eu digo pra você que foi maravilhosa a experiência que nós cinco tivemos com a *Santa Missão*, os seus ensinamentos e com a companhia dos Penitentes. E o modo de vida que eles viviam, que nós também vivemos. Não da mesma maneira, mas um pouco, imitando um pouco. Mas, realmente, Roberto, como Israel disse agora há pouco, a *Missão* é um resumo dos *Evangelhos*. Se você ouvir o *Evangelho*, na *Bíblia Sagrada*, você ouve ele em capítulo e em versículo. Se você ouvir na *Missão*, vai ouvir primeiro em instrução e depois a sua meditação. Mas a meditação não vem do livro, vem da sua mente¹⁴⁴.

Sr. Francisco acrescentou à interpretação de Israel mais um elemento que desloca a *Missão Abreviada* para a fronteira de leituras que ela “disputa” com a *Bíblia*. A lógica dos capítulos e dos versículos, presentes na *Bíblia*, oferecem uma metodologia de acesso ao escrito através de uma linguagem que clama, de forma mais intensa, por um mediador, intérprete, tradutor. Na experiência de leitura da *Missão Abreviada*, as instruções elaboram de forma mais precisa as regras que uma pessoa comprometida com a conversão deve cumprir, além de estabelecer a prática da meditação, que é o momento máximo de conexão daqueles sujeitos com uma experiência contemplativa do sagrado.

No mundo do cansaço¹⁴⁵, estabelecer uma prática de contemplação é um ato de rebeldia: “No estado contemplativo, de certo modo, saímos de nós mesmos, mergulhando nas coisas” (HAN, 2017, p. 36). Esse estado de contemplação, recuperado nas meditações propostas pela *Missão Abreviada*, entra em choque com a “vida ativa” do tempo presente. Um jogo de resistências e táticas operam, nesse caso, para a manutenção, mesmo que precária, de uma atividade que desafia a lógica do tempo do capital.

As histórias contadas por Israel e sua família asseguram a presença de práticas, no presente, que eles mesmos desconfiam não estarem mais em sintonia com os tempos modernos: contar histórias, contemplar e fabular. Desconfio que Walter Benjamin (2020) olharia com admiração as formas como elas e eles contam suas histórias, mantendo viva a experiência da narração e da fabulação.

¹⁴⁴ Entrevista realizada no dia 23 de outubro de 2023.

¹⁴⁵ Cf. HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

As histórias contadas por essas pessoas não são informativas, elas fogem de qualquer análise psicológica para que possam ser impressas, duradouramente, na memória. Essa prática artesanal sobrevive mesmo que cercada de aparelhos e de circunstâncias que são feitas para evitar o tédio e a contemplação. Esses contadores de histórias

[...] deixam sua marca no conto, assim como o oleiro deixa a impressão de sua mão na argila do vaso. Os contadores têm sempre a tendência a começar suas histórias com uma apresentação das circunstâncias em que tomaram conhecimento do que irão em seguida contar, isso quando não preferem dizer que o vivenciaram pessoalmente (BENJAMIN, 2020, p. 32).

O “eu estive lá”, evocado por Israel e sua família, não se ancora em uma autoridade para “dizer a verdade”, mas para dizer que aquilo que é narrado faz parte de suas vidas. Por mais que a *escrita conquistadora* deseje explicações, o que esses narradores e narradoras oferecem são histórias, pois “contar histórias, na verdade, não é apenas uma arte, é muito mais uma dignidade, se é que não é, como no Oriente, um ofício” (BENJAMIN, 2020, p. 62).

As pessoas que atravessam a banquinha de ervas medicinais da qual Sr. Francisco é proprietário, também levam consigo pedaços de histórias, seja *da Missão Abreviada*, seja de receitas para curar os males da alma e do corpo. Levam, também, um olhar de mistério de quem sabe que nem tudo pode ser dito sem desobedecer às ordens do segredo.

Quando Dona Maria percebeu que nossa conversa estava “chegando ao fim”, ela disse algo que me surpreendeu:

Dona Maria: Pois é... Eles se apartaram um pouco da *Missão*, e eu me apeguei mais ainda! Me apeguei muito, muito mesmo. É tanto que, assim, quando eu fico sem ler ela, tá faltando alguma coisa. Tenho que ler!

Roberto: A que vocês leem, é aquela que Sr. João (me referindo ao penitente João José) produziu, ou é outra?

Israel: A que mamãe lê todos os dias é aquela edição que foi feita por Seu Joca mesmo.

A leitura constante da *Missão Abreviada*, por Dona Maria, não é algo que devemos considerar de forma superficial. Ela representa a manutenção, mesmo que de forma quase solitária, de uma prática que dialoga com essa “rapa do antigo”, fundamental para a vida dessa família, e que se liga com certa experiência romeira e devocional de Juazeiro do Norte.

É importante destacar, além disso, que muito provavelmente Dona Maria e sua família só tiveram acesso a uma cópia em bom estado de conservação da *Missão Abreviada* por conta do projeto inovador do Penitente João José Aves de Jesus, que decidiu encabeçar a proposta de reeditar, reimprimir e redistribuir o livro da “Santa Missão”.

Ao sair da casa de Sr. Francisco e Dona Maria, lembrei-me de que, há seis anos, depois de visitar à família de Israel, eu provavelmente teria uma conversa agradável com as mulheres que se reuniam todas as tardes para dialogar sobre os tempos antigos e falar sobre o que sobrava daquele modelo de vida no “mundo presente”. Ao passar pela calçada da casa de Dona Virgínia (*in memoriam*) e Dona Marinete (*in memoriam*), senti uma saudade que me preencheu de boas memórias e da lembrança de tantas coisas que ouvi e aprendi naquele espaço.

Minha última parada seria na casa do Penitente João, o grande reorganizador da leitura da *Missão Abreviada*, após a morte do primeiro líder. Bati na sua porta, Dona Maria das Dores, sua esposa, atendeu com o clássico: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!” Ela, de pronto, lembrou de mim e disse algo que me deixou surpreso: “João vive dizendo que quer falar com você, mas agora ele está em penitência, venha amanhã, cedinho”. Assim o fiz e, mais uma vez, estava diante da “Casa da Missão”, a “derradeira” morada da *Missão Abreviada* em Juazeiro do Norte.

4.2 A Casa da Missão e o guardião da Palavra

No dia seguinte, como havia combinado com Dona Maria das Dores, esposa de Sr. João, fui ao encontro do Penitente com quem, pela primeira vez, tive qualquer notícia da existência “do primeiro livro do mundo”, escrito por Jesus, pelos apóstolos, por um padre português e pelo próprio Padre Cícero.

Em frente à sua casa, o Penitente João José Aves de Jesus criou um espaço para preservação, divulgação e leitura da *Missão Abreviada*. Na minha visita, eu percebi que

algumas coisas haviam mudado: a fachada, que continha vários textos informando que ali era a “Casa da Missão”, havia sumido; outras casas pintadas de azul e branco, próximas a sua, também já não portavam mais as cores do “manto de Maria”. Ainda na porta da Casa, falei: “Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo!” E, sem muita demora, fui recebido pelo penitente com sua voz rouca e grave que dizia: “Para sempre seja Deus louvado!”

Com exceção do posicionamento de alguns quadros, a “Sala do Santo” da “Casa da Missão” continuava a mesma. Parece que, ao atravessar a porta, fui realocado no tempo da vida do Penitente João José: sem qualquer aparelho eletrônico, energia elétrica ou outra coisa que conectasse àquele espaço aos “tempos modernos”. A sua voz, corpo e performance, guiavam-me de volta para um mundo que, muitas vezes, eu suspeitava ter acabado.

Naquele dia 24 de outubro, de 2023, tivemos uma longa conversa sobre os seus novos projetos e as leituras do “mundo atual”. Não tive interesse em fazer qualquer tipo de gravação ou registro. Meu (re)encantamento com aquele espaço e com as coisas que o Penitente me mostrava engoliram qualquer desejo acadêmico de registro e teorização. Foi, também, o reencontro com um amigo que há onze anos faz parte da minha vida. Nesse tempo, “quando menos esperava”, esse senhor batia à porta da minha casa e adentrava no “meu mundo”, muito mais profano que sagrado, de onde ele sempre me deslocava e desconcertava com sua postura e sua palavra.

“Temos muito o que conversar”, foi o que ele me disse, enquanto acendia uma vela no oratório da *Sala do Santo*. Perguntei a ele se poderia visitá-lo mais algumas vezes durante a semana — e se essas conversas poderiam ser gravadas. Ele consentiu, e o que segue é o relato desses encontros somados a entrevistas antigas que criam uma narrativa cruzada entre nossas experiências e diálogos a respeito da *Missão Abreviada* e o “Juazeiro do tempo presente”.

4.2.1 *O renascimento da Missão*

Começo a escrever esse texto, última parte desse percurso investigativo, no dia 02 de novembro de 2023, exatamente onze anos após a primeira vez em que conversei com um penitente da Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos em Juazeiro do Norte. Não era incomum, ao meu cotidiano, ver os integrantes da Irmandade peregrinarem nas

ruas e locais sagrados de Juazeiro. Foi apenas em 2012, no entanto, que tive o meu primeiro diálogo com um integrante daquele grupo. Dia 02 de novembro de 2012, um Dia de Finados. Um amontoado de pessoas se reunia ao redor de um homem vestido de azul, barba branca, voz rouca e forte. Das muitas coisas que ele disse naquele momento, um trecho em especial chamou minha atenção:

João José Aves de Jesus: E aqui estamos e vamos seguir como filhos de Deus a missão de Padre Cícero. Não tenha medo de representar esses voti, mas se for para pegar minha entrevista, aqui, e tocar pra dentro de bruxaria, de macumba, de espiritismo, de protestantismo, de maçonaria, para criticar a missão de Padre Cícero, da penitência da mãe de Deus, da santa cidade, se prepare que o castigo vai aumentar. Então, não leve minha presença viva com o Pai, o Filho e o Espírito Santo para colocar nessas imundiças de espiritismo, protestantismo, maçonaria, comunismo: tudo o que não presta contra a Igreja Católica Apostólica Romana; Se for para fazer isso, eu peço a vocês, pelo amor de Deus: vão ganhar dinheiro por outra coisa. Mas a custa dessa pregação, não. Agora, se for para dar testemunho, me ajudar, levar para o Brasil e para o estrangeiro, aí pode representar e ganhar lá o seu real, que o realzin serve a nós também¹⁴⁶.

Essa fala do penitente João José é muito significativa e importante para “abrir os caminhos” entre as muitas histórias que as suas narrativas nos levam. Além de apresentar, de forma direta, os elementos que compõe a “rapa do antigo” da qual esse senhor afirma pertencer, essa fala agrega diversos significantes que são valiosos para a construção de um olhar mais complexo sobre a experiência dos remanescentes do grupo de Penitentes Peregrinos Públicos em Juazeiro do Norte do “tempo presente”.

Após a morte do primeiro líder, Mestre José, no ano 2000, a Irmandade ficou com o cargo de liderança vacante. O mestre fundador não designou em vida nenhuma pessoa que continuaria a sua jornada na formação e acompanhamento de novos “Aves de Jesus”. Um pouco antes de Mestre José “descansar na eternidade”, o penitente que eu encontrei no dia 02 de novembro, João José, havia criado uma primeira divisão no grupo. O motivo da separação estava justamente em este penitente não concordar com a regra de que apenas o primeiro Mestre poderia manusear, ler e interpretar o livro a *Missão Abreviada*.

Essa discordância é fundamental para entendermos a relação do penitente João José com o livro e a leitura. A *Missão Abreviada* representa, para ele, mais do que um

¹⁴⁶ Fala escolhida a partir de uma gravação, feita por mim, de um sermão público do penitente João José Aves de Jesus, no Cemitério do Socorro, em Juazeiro do Norte, no dia 02 de novembro de 2012.

“livro de instruções” e regras. Outros aspectos da obra são levados em consideração na performance que ele executa: a) o livro como objeto sagrado, b) a palavra/significante *Missão* como algo que está além do texto do livro, mas carrega um significado próprio e c) o reordenamento da ideia de pregação e peregrinação dentro das regras da antiga Irmandade.

Após a dissidência do penitente João José, ele elaborou um projeto de divulgação da *Missão Abreviada* para “todas as pessoas”. As ações desenvolvidas pelo penitente incluíram: 1) a reimpressão do livro; 2) a distribuição do exemplar através de uma peregrinação pública na cidade; 3) a construção de um espaço que abrigaria as pessoas interessadas em conhecer e ler o livro a *Casa da Missão*; 4) a elaboração de uma série de materiais gráficos que comporiam, junto com a *Missão Abreviada*, o acervo dessa “biblioteca do penitente”.

Nas mãos do penitente João José Aves de Jesus, a *Missão Abreviada* ganhou uma nova casa, estrutura gráfica e possibilidade de divulgação. Ele conta que a “autorização” para o seu projeto de renovação da *Missão* aconteceu apenas em 2005:

João José Aves de Jesus: Na mudança do Mestre da Penitência dessa vida para a outra, a *Missão* dele original, como eu tenho ela original, eu recebi em 2005 a autorização de Deus de renovar esse livro missionário, universal, pra vinte e cinco Países. A *Missão* do mestre da penitência, original.

Roberto: Essa autorização que o senhor recebeu foi dele?

João José Aves de Jesus: Não. Dele eu recebi muita importância, que ele me ajudou muito. Dele eu recebi o livro missionário. Recebi o livro, porque a *Missão* é uma só. Mas um livro muito velho da cor desse chão. Pra eu colocar ele novinho igual você já tem ela lá... As falta que você encontrar lendo aquele livro, pra nós entender a verdade, pode ter certeza que foi erro da gráfica. Mas a gráfica também, até hoje pra mim, eu não posso reclamar, dá má informação dela não. A gráfica Líder¹⁴⁷.

A “autorização de Deus” foi acompanhada de uma ruptura importante com os antigos ensinamentos da Irmandade. Segundo os membros mais antigos do grupo, o “rompimento” do penitente João José com o primeiro Mestre da Penitência se deu especialmente por dois motivos: a utilização do dinheiro para renovar a *Missão Abreviada* e a possibilidade de pregar em público a partir das leituras e ensinamentos do livro.

¹⁴⁷ Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2015 na “Casa da Missão” em Juazeiro do Norte.

Para cumprir essa renovação gráfica que a *Missão Abreviada* iria passar, João José entrou em contato com o senhor Cícero Leite, dono de uma gráfica de sua confiança. Esse senhor produzia xilogravuras e fazia impressões de cordéis, em Juazeiro do Norte, desde o final da década de 1970, quando fundou a *Gráfica Líder*¹⁴⁸, que possuía parte do maquinário da *Lira Nordestina*¹⁴⁹, empreendimento do qual ele também fazia parte.

Da associação do penitente João José com Cícero Leite surgem novas impressões da *Missão Abreviada* que ganharam também uma nova capa e novos símbolos que garantiriam outros sentidos na sua distribuição e interpretação. Os primeiros exemplares produzidos pelo penitente e o editor eram divididos em quatro pequenos cadernos para um manuseio mais fácil de um livro que originalmente é volumoso. O primeiro aspecto dessa nova edição produzida pelo penitente João José, que considero ser importante de examinar, é a capa (ver imagem 19).

Os elementos de destaque presentes na capa são:

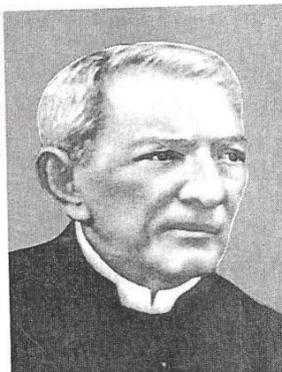
- a) Título: *Missão Abreviada* para despertar os descuidados e converter os pecadores;
- b) Imagem do Padre Cícero: após o título, uma imagem clássica do Padre Cícero Romão Batista muito difundida entre os devotos.
- c) Texto complementar: *Machadinha de Noé* – Escola da Fé de Jesus, Maria e José. Reino do Espírito Santo. Penitente João José A. V. de Jesus. *Missão Abreviada*. Participe das 3:00 às 4:00 da tarde diariamente. Rua Martiniano Santana, VJMJ, Bairro Tiradentes.

¹⁴⁸ Cf. CARVALHO, Gilmar de. **Desenho gráfico popular**: catálogo de matrizes xilográficas de Juazeiro do Norte. Cadernos do IEB. São Paulo: EDUSP, 2000.

¹⁴⁹ A *Lira Nordestina*, antiga *Tipografia São Francisco*, localizada em Juazeiro do Norte, é um dos espaços de produção de cordel e xilogravura mais antigos do Brasil. Em 1988, foi comprada pelo Governo do Estado do Ceará e faz parte do espaço da Universidade Regional do Cariri–URCA.

MISSÃO ABREVIADA

PARA
DESPERTAR OS DESCUIDADOS
CONVERTER OS PECCADORES



Pe. Cícero Romão Batista

MACHADINHA DE NOÉ

Escola da Fé de Jesus Maria José,
REINO DO ESPÍRITO SANTO
Penitente João José A. V. de Jesus
MISSÃO ABREVIADA
PARTICIPE DAS 3:00 ÀS 4:00
DA TARDE DIARIAMENTE
Rua Marquiano Santana, VJMJ
Bairro Tiradentes

Imagem 21: Nova Capa da Missão Abreviada produzida pelo penitente João José Aves de Jesus

O elemento de maior destaque na nova capa é a imagem do Padre Cícero Romão. Ela está posicionada no centro da página e ocupa quase todo o seu espaço. A presença da imagem do “Padrinho” assegura que o texto contido naquele livro pertence também ao campo de imagens que compõem o “meio do mundo” de Juazeiro do Norte. Para assegurar essa presença e pertencimento, o penitente escolheu colocar abaixo da foto do taumaturgo o título *Machadinha de Noé*, que faz referência a uma profecia que supostamente o Padre Cícero havia escrito. Essa inclusão é fundamental para a compreensão de um aspecto da leitura da *Missão Abreviada* performada pelo penitente João José e por muitos outros que tomaram esse livro como ponto de partida para suas práticas e atividades: a profecia.

O texto que João José associou à *Missão Abreviada*, *A Machadinha de Noé*, está repleto de elementos que fornecem uma “chave de leitura” da própria *Missão*, através da dinâmica da profecia. Reproduzo, aqui, na íntegra, o texto¹⁵⁰:

¹⁵⁰ Uma das versões mais difundidas da profecia está no livro de memórias de Dona Maria da Conceição Lopes Campina: *A voz do Padre Cícero*. Cf. CAMPINA, Maria da Conceição Lopes. **Voz do Padre Cícero e outras memórias**. São Paulo: Paulinas, 1985.

MACHADINHA DE NOÉ

Aviso do Padre Cícero Romão Batista sobre os principais
acontecimentos do fim do Mundo
(1931)

Meus caros amiguinhos, é chegado o último momento de dar-vos o meu aviso a todos os habitantes da face da terra, como os sinais prediletos por Nosso Senhor Jesus Cristo, antes da sua sagrada morte paixão, convertei-vos e arrependei-vos dos vossos grandes pecados. Disse: Nosso Senhor Jesus Cristo, quando vires, pestilências, fomes, guerras, revoluções, nação contra a mesma nação, reino contra reino, que são as novas formas de governo, repúblicas, ditaduras, belchevismo ou comunismo, como hoje está convertida a Rússia em um governo anti-cristão, forma de governo esta que brevemente se espalhará por toda face da Terra, terremotos, inundações, coisas espantosas, diversos fenômenos, estas coisas são princípios de dores, e sinais do fim do mundo, ou destruição dos homens sobre toda a face da Terra, tudo isso devido ao pecado e a corrupção, cada dia os homens vão se afastando de Deus e de sua santa religião, o que amam os homens de hoje? A vaidade, a orgia, as riquezas e a toda sorte de corrupção, disse, Jesus Cristo, que nos últimos tempos havia de multiplicar-se a iniquidade e o amor de muitos havida de esfriar; quer dizer que a santa religião cristã será abandonada, a Terra atualmente está cheia de falsas religiões de falsos profetas, de falsos cristos as doutrinas anti-cristãs estão sendo propagadas em toda parte tal como a tal espiritismo ou fetichismo moderno levantado em todos os países do mundo, tudo isso são os verdadeiros sinais do fim do mundo porém disse Jesus Cristo, que o evangelho do reino de Deus seria pregado em todo o mundo, que é a religião cristã, então chegai o fim, olhe! Que estou os avisando! Convertei-vos e arrependei-vos hoje mesmo, que é chegado o tempo do júízo final e do ajuste de contas, e quem não se arrepender mais tarde corará sem remédio, ai de vós pecadores, ai!

Com exceção às referências ao “bolchevismo” e à “Revolução Russa”, o texto da *Machadinha de Noé* se assemelha em conteúdo e estilo narrativo aos escritos da *Missão Abreviada*. No entanto, o que fez o penitente João José colocar a referência a esse texto na nova capa da *Missão*, diz respeito menos à forma e mais aos sentidos históricos atribuídos a essa escritura.

Como foi possível perceber ao longo dessa pesquisa, muitas pessoas usaram o texto da *Missão Abreviada* para compor profecias e encarnar o sagrado em suas vidas. A profecia que se baseia em uma “escritura sagrada” carrega o poder de verdade que a palavra escrita emana: “Não sou eu quem digo, são as escrituras”.

Somar a *Missão Abreviada à Machadinha de Noé* significa preencher os espaços das escrituras com a presença do corpo e da voz do profeta. Dentro da Irmandade de penitentes, a profecia foi um instrumento crucial para a manutenção de diversos rituais e práticas. A profecia mais conhecida dentro (e fora) do grupo se refere ao fim do mundo no ano 2000. Essa predição foi elaborada ainda pelo primeiro Mestre da Irmandade e ficou conhecida, nacionalmente, através de uma reportagem publicada no programa *Fantástico* na virada de 1999 para 2000¹⁵¹.

O aparente erro profetizado por Mestre José ganhou um novo significado para os Penitentes Peregrinos Públicos após a morte do primeiro líder no ano 2000, tempo predito para o “fim do mundo”. Virou corrente a narrativa de que, na verdade, o que Mestre José havia profetizado não era o fim do mundo todo, mas o fim do “seu mundo”.

A esse respeito, o penitente João José me contou que existe uma diferença entre o “mundo” e a “terra” e que é possível que o “mundo se acabe” mas que a “terra” continue existindo:

João José Aves de Jesus: A palavra “mundo” entrou depois que Adão e Eva pecaram. Ai entrou a palavra “mundo” e Deus já sabia que ia existir o “mundo” dentro o mesmo Paraíso Terrestre.

Roberto: Então quem vai se acabar não é a “Terra”? É o “mundo”?

João José Aves de Jesus: É o mundo e a geração. O firmamento não acaba, o sol, a lua e as estrelas não acaba, o vento não acaba, o sol não acaba, o ar não acaba, as planta não acaba, a terra não acaba, as água não acaba. Deus pode transformar e mais valor, mas não acaba. Agora o mundo vai se acabar. Que o mundo é a geração! E quem vai acabar o mundo é nós mesmo, que nem o Padre Cícero dizia: “Meu amiguinho, o mundo vai se acabar, mas quem vai começar a acabar o mundo é os homi mesmo. Eles é quem fazem as obras deles, para eles mesmo se acabarem dentro das obras que eles fizeram. Agora ai eles vai e começam a acabar e Deus vai e termina tudo. Que é pra ficar tudo em cinza, poeira e pó e ele mandar a estrela com dez minutos de fogo pra queimar a terra os sete braços de chão a baixo e purificar pra não ficar nem a sombra do pecado. Pra ficar só nós. E bem aventurados aqueles que alcançar. Se não vai tudo pro castigo eterno. Tem muita coisa pra a gente conversar sobre isso, viu?¹⁵²

151 NORDESTE, Diário do. **Seita de Juazeiro do Norte que acreditava no fim do mundo é lembrada pelo 'Fantástico'**. 2023. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/entretenimento/zoeira/seita-de-juazeiro-do-norte-que-acreditava-no-fim-do-mundo-e-lembrada-pelo-fantastico>. Acesso em: 06 nov. 2023.

¹⁵² Entrevista realizada no dia 03 de novembro de 2023 na “Casa da Missão”.

O mundo, a geração e o tempo: essa tríade de significantes é recorrente nas narrativas do penitente João José e tentam dar de conta das mudanças que o mundo sofreu e irá sofrer. Ao assumir também a função de profeta, o penitente atualiza o ensinamento de Mestre José estabelecendo um novo diálogo com o “tempo presente”.

Ainda na capa da *Missão Abreviada* produzida por ele, existe destaque para a frase “Escola de Fé, Jesus, Maria e José: Reino do Espírito Santo”. Essa citação faz referência a duas importantes “fundações” imaginárias difundidas pela Irmandade de penitentes e pelas pregações encabeçadas por eles.

A “Escola de Fé” é a materialização da atividade missionária desenvolvida por esse penitente. Lembro-me de que no dia em que eu o conheci, em 2012, João José me entregou um pequeno cartão no qual constava o seu endereço e horário em que a “Escola de Fé” funcionava, isto é, “todos os dias de 3:00 às 4:00 da tarde”. Por muito tempo, o significado da palavra *Missão*, utilizada pelo penitente, abarcava apenas o título do livro. Com o tempo, percebi que esse significante comportava outros significados e que se estendia para toda “atividade missionária” realizada por ele, como é perceptível no trecho:

Roberto: E o senhor aqui todos os dias recebe pessoas que queiram saber da *Missão*? Vem muita gente saber da *Missão*? Como é?

João José Aves de Jesus: Se não vem em corpo, vem em espírito. Aqui, o que não vier em corpo vem em espírito. Aqui, o que não vier em corpo vem em espírito.

Roberto: Depois que morre vem para cá?

João José Aves de Jesus: Depois que morre vem.

Roberto: É? Procurar a *Missão*?

João José Aves de Jesus: Procurar a *Missão*. Ela é uma fonte de água viva.

Roberto: E é aqui a *Casa da Missão*? Tem outro lugar no mundo?

João José Aves de Jesus: Não. É aqui ó. (mostrando uma foto dele segurando a *Missão Abreviada*)¹⁵³.

Ao apontar para a foto na qual ele estava segurando a *Missão Abreviada*, o penitente João José me informava que a “Casa da Missão” não se resumia ao lugar físico

¹⁵³ Entrevista realizada no dia 19 de março de 2014 na “Casa da Missão”.

onde ele recebia as pessoas para ouvirem os ensinamentos antigos. A “Casa da Missão” era onde ele estivesse em sua atividade de peregrinação pública e “Missionária”.

Soma-se à fundação da “Casa da Missão”, e a extensão desse espaço nos passos de João José, a ideia de que, ao peregrinar em Juazeiro do Norte, o “meio do mundo”, ele cruzava três Reinos: O Reino do Pai (Horto), O Reino do Filho (Juazeiro do Norte) e o Reino do Espírito Santo (O bairro Tiradentes). Todas as vezes em que nós conversamos, ele nunca se referia ao local onde morava como sendo “parte do Juazeiro”, mas como um Reino ligado a essa cidade.

É recorrente, nas narrativas do penitente João José, a construção desses três reinos que deveriam ser governados, inclusive, por um Rei. Logo na entrada da “Sala do Santo” é possível encontrar uma imagem de D. Pedro I e um pequeno quadro de D. Pedro II (ver imagem 21). O penitente acredita que os governantes do presente deveriam se espelhar nos monarcas do passado, pois naquele tempo não existia “nação contra nação, filho contra pai, irmão contra irmão, era tudo uma ordem só antes da República”¹⁵⁴.



Imagem 22: Quadros de D. Pedro I e D. Pedro II na “Casa da Missão”.
Fonte: Acervo do autor.

¹⁵⁴ Fala retirada da entrevista do dia 03 de novembro de 2023, na “Casa da Missão”.

No Reino do Espírito Santo, onde está situada a “Casa da Missão”, a ordem religiosa deve ser reestabelecida. Em sua caminhada diária pelo Reino do Filho, João José reinventa o cotidiano dos lugares por onde passa. A sua voz disputa o espaço do centro comercial de Juazeiro do Norte com autofalantes que se multiplicam a cada esquina. É, sem dúvida, uma enunciação que se opera com passos, o que remete ao que é proposto por Certeau (2012) no trecho seguinte:

Uma comparação com o ato de falar permite ir mais longe e não se limitar somente à crítica das representações gráficas, visando, nos limites da legibilidade, um inacessível além. O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o speech act) está para a língua ou para os enunciados proferidos. Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem como efeito uma tríplice função "enunciativa": é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma realização espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica relações entre posições diferenciadas, ou seja, "contratos" pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é "alocução", "coloca o outro em face" do locutor e põe em jogo contratos entre colocutores). O ato de caminhar parece, portanto, encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação (CERTEAU, 2012, p. 164).

Dessa “fala dos passos perdidos” (CERTEAU, 2012), o penitente conduz uma experiência que joga com a narração e a locomoção. A ideia de *Missão* presente em sua vida agrega um conjunto de experiências de reordenamento dos lugares da cidade, transformando-os em espaços sagrados de peregrinação.

A renovação da *Missão Abreviada* pelas mãos do penitente João José significou também a ressignificação da sua jornada diária como peregrino pelos bairros de Juazeiro do Norte, atividade esta que, ao tempo que recuperava uma “rapa do antigo”, reinventava os modos de viver a penitência e ser penitente em Juazeiro do Norte no “tempo presente”.

4.2.2 A peregrinação pública

A Peregrinação pública do penitente João José não obedece ao “tempo do relógio”. Sempre que perguntava sobre a hora que ele saía e voltava da sua atividade diária, ele me respondia com uma metáfora sobre o tempo e o trabalho, mas nunca fixava a dimensão do relógio/horário em sua narrativa sobre a divisão do seu tempo. Em uma

conversa realizada no dia 06 de novembro de 2023, João José me explicou melhor a função e a organização do tempo em sua vida:

João José Aves de Jesus: Não tem horário, porque depois que o Sol sai, a hora que for: saia com o Sol, ande com o Sol e viva com o Sol. E com o Sol vá e com o Sol volte pra casa. Por isso que tô aqui uma hora dessa. Eu venho a hora que Deus mandar eu vim. E quando for a hora de eu sair, a hora que o Sol sair, eu saio com ele. E pra voltar com o mesmo Sol, pra quando chegar em casa eu ainda ir lá pro Sol e tomar a bênção a ele¹⁵⁵.

Tudo ao redor de João José se apresenta em um esforço de não “acompanhar os tempos modernos”. O tempo que ele obedece é o “tempo do Sol”. A peregrinação pública oferece a ele a possibilidade de caminhar entre as ruas do “sistema” sem ser propriamente regido por sua lógica de trabalho e dinamização do tempo. O tempo natural, obedecido por João José, é o único que o penitente respeita e considera como real. As horas, minutos e segundos que aprisionam o trabalhador do mundo capitalista, parecem não fazer sentido dentro da atividade missionária desse senhor.

A peregrinação do penitente João José começa, portanto, com o nascer do Sol. Antes mesmo que o Sol apareça no firmamento, o peregrino prepara a sua caminhada examinando com cuidado os seus “cadernos da penitência” (ver imagem 22), uma lista com nome e endereço de todas as pessoas que cruzaram seu caminho e adquirem algum objeto do seu projeto renovador.

Na primeira vez que adquiri, com ele, um exemplar da *Missão Abreviada*, o meu nome foi anotado junto com o meu endereço em um de seus cadernos. Depois desse dia, quando menos esperava, João José batia à porta da minha casa e fazia uma visita cordial em que perguntava sobre o meu trabalho, fazia uma rápida pregação sobre alguma instrução da *Missão Abreviada* e dava-me conselhos práticos de como deveria caminhar longe do pecado.

Antes de sair em *Missão*, ele analisa atentamente para qual lugar deve ir, mas, no fim das contas, a “vontade de Deus” é “quem rege os seus passos”:

Roberto: O senhor quando sai, já tem na cabeça o local que vai?

João José Aves de Jesus: Quando eu saio daqui pra ali, ou pra lá, eu já posso dizer: Deus na frente e paz na guia! E me acompanhe Deus e a

¹⁵⁵ Entrevista realizada no dia 06 de novembro de 2023 na “Casa da Missão”.

Virgem Maria! Aí, quando eu faço o Plano de ir na Timbaúba, que é ali em frente, pra chegar na Castelo Branco, eu penso assim nos irmãos precisando da *Missão* e com o compromisso com a *Missão*, e aí Deus já diz assim: “Vai pra aqueles que tu tem os compromisso mais próximo, antes de ir pra Timbaúbas, que eles estão mais necessitado”. Aí, de lá, eu já volto e penso: Deus tá mandando eu ir pro Triângulo ou pro Salesianos. Aí eu vou¹⁵⁶.



Imagem 23: Penitente João José na sua mesa de leitura, analisando os *Cadernos da Penitência*. Fonte: Acervo do autor.

Apesar do direcionamento de Deus, o penitente também consulta os seus “cadernos da penitência” para avaliar qual o melhor destino de peregrinação. Esses registros elaborados por João José compõem um aspecto de sua atividade missionária que, segundo ele, desloca qualquer tipo de interpretação comercial que se possa ter da sua atividade.

A aquisição de um exemplar da *Missão Abreviada* com o penitente João José pode ou não vir acompanhada da “moedinha” para o pagamento das despesas gráficas. O

¹⁵⁶ Entrevista realizada no dia 06 de novembro de 2023 na “Casa da Missão”.

primeiro exemplar que eu adquiri do breviário, com este senhor, não me custou nenhuma quantia financeira. Ele apenas pediu para que eu colocasse meu nome e endereço no seu caderno e, em seguida, pediu permissão para falar alguns minutos sobre os ensinamentos do livro na minha casa.

Com o tempo, adquiri outros exemplares do livro com o penitente, para distribuir entre pesquisadores e pessoas interessadas. Nessas aquisições, me foi solicitada uma quantia para pagar o serviço gráfico, mas, em nenhum momento, João José tocou no dinheiro. Ele sempre pedia que eu colocasse a quantia perto da sua mesa em que guarda os originais dos antigos livros sagrados.

Um dos aspectos que o penitente dá maior destaque dentro das atividades que ele realiza junto às peregrinações, é a relação que ele estabelece com o dinheiro. Ele considera um grande insulto pessoal qualquer tipo de afirmação que dê a entender que existe algum tipo de ganho material/pessoal envolvido em suas atividades religiosas. Ele resume, da seguinte maneira, as ações de peregrinação que acompanham o seu dia a dia e a sua relação com a “moedinha”:

Roberto: Como é o dia a dia do senhor? O que o senhor faz na penitência?

João José Aves de Jesus: Olhe, meu filho, dentro do que você está falando aí eu nunca deixei de andar dentro dos cuidado não. Vamo seguir a *Missão*! O mesmo viver dos penitente em Ordem. Na cidade, nas porta, que nem você tá perguntando: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Para sempre seja Deus louvado e a sua Mãe Maria Santíssima! Uma esmola pelo amor de Deus?”. Eles vêm me dar dinheiro, eu não quero dinheiro! Mas eles me dão um pedacinho de pão pra eu trazer pra cá, pra minha casa, que é o meu salário. É o meu movimento, o meu viver com a família. Eu não tenho salário de outro jeito não. Mas quando o Líder viajou, junto com meus irmãos todos que já foram, que eu fiquei aqui, fiquei dentro desses mesmos limites. Não mudei nada, não! Eu não fui atrás de aposento nem de ninguém pra me sustentar, não. Só que aí já entrou o Plano de Deus para eu me preocupar nem só com a esmolinha, mas com o plano de divulgar a *Missão* do livro da Penitência. Escrever em papel e tinta, e pagar o que fosse preciso pra gráfica, que é direito de Leis, porque a empresa gráfica não vai fazer isso de graça pra ninguém¹⁵⁷.

O plano de divulgar o livro da penitência, fez João José se relacionar de forma mais direta com o dinheiro, sem, no entanto, atribuir a ele um valor de “sustento” para a

¹⁵⁷ Entrevista realizada no dia 06 de novembro de 2023 na “Casa da Missão”.

sua vida. A “moeda” serve para pagar a “empresa gráfica”, mas o que sustenta a sua vida é a “esmola pelo amor de Deus”. Nesse sentido, no meio do mundo capitalista, o penitente se relaciona com o dinheiro atribuindo-lhe outro valor.

Essa relação com o dinheiro se intensifica e complexifica quando, no plano de renovação da *Missão Abreviada*, aparece, também o desejo/chamado para a renovação de todo um acervo material que, segundo ele, serve para ligar as pessoas a um tempo sagrado, diferente do tempo moderno.

Além da reimpressão da *Missão Abreviada*, João José produziu novas cópias do “verdadeiro catecismo da Igreja”, do “Ritual para celebração da Renovação do Sagrado Coração de Jesus” e do “Ofício de Nossa Senhora das Dores”. Na cestinha do penitente, junto dessas reimpressões, estavam rosários de Nossa Senhora das Dores feitos com “lágrima de Maria”, cartões, orações de santos e anjos, e imagens sagradas variadas para ornamentarem as salas dos devotos.

A peregrinação compreende, portanto, a arrecadação de “uma esmola pelo amor Deus”, a distribuição desses materiais confeccionados através do projeto renovador do penitente, e a celebração de sermões públicos sobre a *Missão Abreviada* e os ensinamentos antigos, especialmente, em locais considerados sagrados pelos devotos do Padre Cícero.

Cabe também ao penitente presidir duas importantes celebrações que são organizadas todos os anos: a *Renovação do Sagrado Coração de Jesus* e o *Hasteamento das Bandeiras Marianas* no mês de maio. Essas cerimônias são partilhadas por muitos devotos do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, mas o penitente João José acredita que a “forma” ritual que ele utiliza ainda não foi “corrompida” pelos tempos modernos.

A *Renovação do Sagrado Coração de Jesus* é um ritual celebrado pela maioria dos devotos do Padre Cícero em Juazeiro do Norte. Muitas pessoas (entre pesquisadores e devotos) atribuem a origem dessa prática ao “padrinho”. A celebração consiste em uma renovação dos votos/devoção de um casal ao Sagrado Coração de Jesus. Padre Cícero teria instruído que, após a realização do casamento, o casal deveria colocar na sala do santo uma imagem do Coração de Jesus e do Coração de Maria para consagrar o lar a essa devoção. Esse primeiro momento é chamado de *entronização*:

As renovações foram introduzidas no Cariri pelo Padre Cícero Romão Batista, em 1888. Nesse ano o Padre Cícero criou o Apostolado da Oração e orientou as famílias a entronizarem nas suas casas a imagem do Sagrado Coração de Jesus e anualmente renovarem o acontecimento,

juntamente com todas as pessoas da comunidade. Cada família a partir de então passa a calendarizar mais um dia de rememoração, de lembrança e de invocação ao santo da Igreja e aos santos de sua devoção (FIGUEIREDO, 1998, p. 122–123).

Após a *entronização*, todos os anos o casal *renova* os votos e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus através da celebração da *Renovação*. Geralmente, uma pessoa leiga conduz a celebração, porém a presença de um/a religioso/a também é comum (principalmente no dia da *entronização*).

O ritual que é seguido nessa celebração é uma mescla da forma da *liturgia das horas* com as experiências litúrgicas de bênçãos do lar, também de consagrações a santos e santas de grande devoção na localidade. Após a realização do ritual, a família que está celebrando a Renovação oferece comida para os visitantes e vizinhos.

Circula em Juazeiro uma quantidade considerável de pequenos livros que instruem os devotos a celebrarem as Renovações. A maioria desses exemplares é de autoria anônima, mas alguns sacerdotes e leigos já assinaram essas publicações. O penitente João José e os antigos membros da Irmandade consideram que houve um “desvio” na prática da celebração das *Renovações*.

Com o tempo, especialmente as famílias mais abastardas e instituições públicas do Município, começaram a celebrar *Renovações* que se transformaram em grandes eventos midiáticos. Nessas produções contemporâneas, a ideia de consagrar o “lar” ao Sagrado Coração de Jesus se ampliou para a consagração de espaços públicos e privados, orientados por uma grande festa que ganhou inclusive usos políticos.

Dessa forma, para tentar “resgatar” uma experiência “antiga” de celebração da *Renovação*, o penitente João José, além de celebrar renovações em alguns lugares da cidade, reimprimiu um ritual da celebração que ele considera como sendo “original dos tempos do Padre Cícero”:

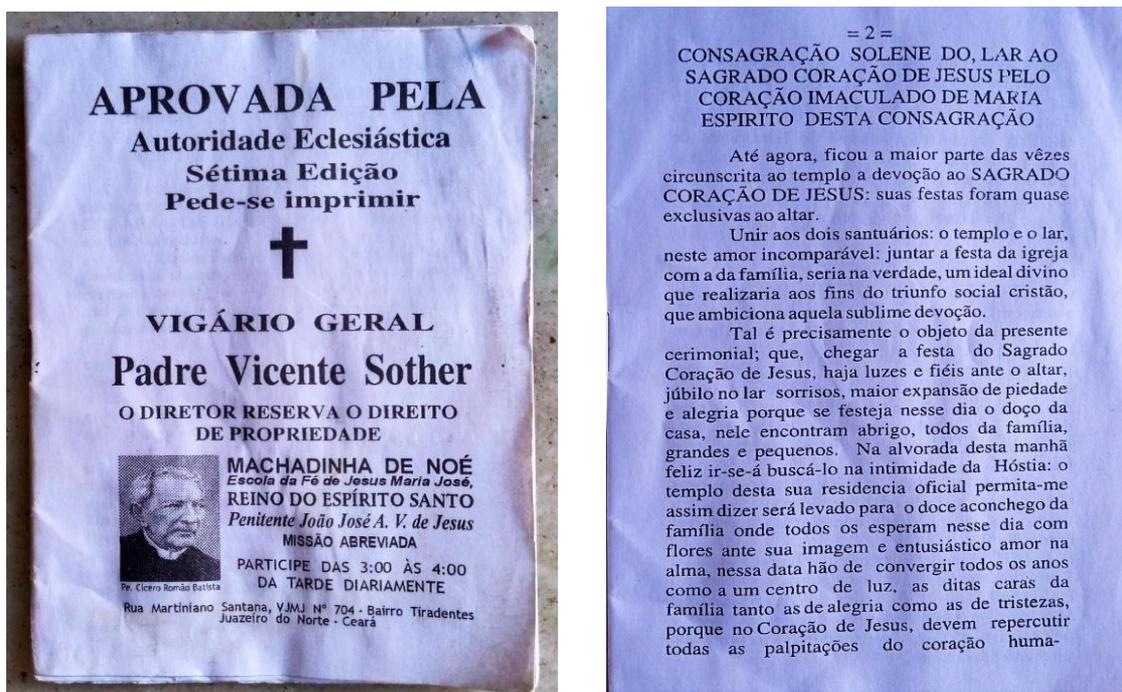


Imagem 24: Manual para celebração das *Renovações do Sagrado Coração de Jesus*, distribuído pelo penitente João José.

O nome da “autoridade eclesiástica” que aparece no Manual para celebrar as Renovações, distribuído pelo penitente João José, é o do Padre (Monsenhor) Vicente Sother, irmão do também Padre Joaquim Sother de Alencar, ambos com reputação de “santos populares” na região do Cariri cearense. Segundo artigo publicado na *Revista Itaytera*, nº 13, de 1969, pelo memorialista J. Calíope, o Monsenhor Vicente Sother de Alencar:

[...] viveu muitos anos, nesta Cidade religiosa do Crato, tendo sido Vigário geral da Diocese. Este santo velhinho, capelão da Casa de Caridade, celebrava ali, diariamente, às 5 horas, passava a manhã toda em um refúgio, em pequeno sítio fronteiriço à Capela, hoje pertencente à Fundação Padre Ibiapina, e, à tarde, quase sempre, estava no confessionário, na Catedral (CALIOPE, 1969, p. 177).

Ainda segundo Calíope, o Monsenhor Vicente Sother foi contemporâneo do Padre Cícero, fazendo parte, no imaginário dos devotos, desse “tempo mítico” das “raízes” do sagrado em Juazeiro do Norte. A presença do nome desse ilustre autor na capa do material distribuído por João José deixa uma informação dúbia: não sabemos se o Monsenhor Sother assina como autor do livro ou se é a “autoridade eclesiástica que autorizou a sua publicação”. Seja como for, percebemos, mais uma vez, o deslocamento

da função do autor moderno para uma dimensão sagrada na qual importa mais o símbolo da autoridade no tempo do que propriamente se o conteúdo foi ou não escrito por ele.

O ritual da *Renovação* segue, portanto, cumprindo o seu papel de unir os tempos, tomando os livros (o *Manual* e a própria *Missão Abreviada*) como uma ponte por onde essas memórias podem circular. É a partir dessa mesma lógica que o penitente João José preside o ritual do *Hasteamento das Bandeiras Marianas* no mês de maio.

De forma resumida, essa celebração consiste no hasteamento de uma bandeira branca, com as iniciais SMM (Santo Mês de Maria), em frente à casa do penitente e de quem o convidar para presidir esse momento. As bandeiras são levantadas no primeiro dia de maio e são retiradas no último dia do mês. Junto com a bandeira, são colocadas flores em homenagem à Virgem Maria e, no último dia, essas flores são guardadas como se fossem uma relíquia.

O penitente João José e os antigos membros da Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos contam que a celebração, tal como acabei de descrever, foi apresentada a eles por Mestre José:

Israel: O que acontece é que Mestre José, nas épocas que ele era criança, ele sempre via lá em Pernambuco, eu não sei se hoje ainda tem, mas lá por onde ele morava que era Caruaru, nos sítios ao redor da cidade, tinha-se o costume de hastear a bandeira em homenagem a Nossa Senhora e, aí, assim, aquelas famílias dos sítios que eram devotas de Nossa Senhora naquele mês rezavam o terço todos os dias e ficavam naquele mutirão de rezar cada um nas suas casas. Convidava-se aquelas pessoas para irem e rezar o terço, aquelas que gostavam, né? As pessoas determinadas que “tiravam o mês de maio”, como se dizia antigamente. Eles iam rezar, e, no decorrer daquele mês eles colocavam um abacaxi verde em cima do mastro da bandeira, porque a tradição do povo dos sítios, daquelas regiões mais afastadas, né, tem a crença que até brisa serena do mês de maio é abençoada pela Virgem Maria, né?¹⁵⁸

A prática do hasteamento das bandeiras marianas em maio se aproxima de um conjunto de outras devoções que também erguem mastros em homenagens aos santos de devoção de uma comunidade ou município. O historiador Océlio Teixeira (2000), ao estudar a festa do “Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha”¹⁵⁹, analisa que a

¹⁵⁸ Entrevista do dia 12 de junho de 2016 na casa de Israel e sua família.

¹⁵⁹ A Festa do Pau da Bandeira, em Barbalha, Ceará, ocorre, segundo o historiador, desde 1928, e é composta por dois momentos chave: a cerimônia religiosa em homenagem ao santo padroeiro e a festa “profana” caracterizada por uma *carnevalização* do festejo. Um dos momentos principais é o hasteamento da bandeira do santo. Para mais informações, conferir: SOUZA, Océlio Teixeira de. **A festa do pau da**

formação da prática de hasteamento das bandeiras pode ser compreendida a partir de várias influências, mas que, no caso do Cariri cearense, destacam-se características do ritual conhecido como “‘o mastro de maio’, uma tradição camponesa que, segundo Câmara Cascudo, fazia parte dos cultos agrários existentes na Europa Moderna” (TEIXEIRA, 2000, p. 26).

Além do “mastro de maio”, o autor destaca a influência do Padre Ibiapina na institucionalização desse costume no Cariri cearense. Citando a socióloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, ele acrescenta:

O culto a Nossa Senhora se propagou entre os sertanejos que passaram a acrescentar, como o próprio pregador [referindo-se a Ibiapina], o nome Maria a seus prenomes. O mês de maio se enfeitava em todo o sertão, onde cada família erguia um mastro muito alto com bandeira branca, em homenagem à Virgem, enquanto se rezavam terços, ladainhas e o ofício de Nossa Senhora durante todo o mês. (BARROS *apud* TEIXEIRA, 2000, p. 25).

Neste ponto, a tradição apresenta semelhanças significativas com a forma praticada pelos antigos Penitentes Peregrinos Públicos e nas práticas cotidianas de João José. É importante ressaltar que, com base nos estudos da historiadora Mary Del Priore (1994) sobre festas no Brasil colonial, a conexão desse ritual com práticas da época colonial brasileira e sua origem pagã:

Junto ao hasteamento da bandeira com a efigie do patrono, plantava-se uma árvore a qual penduravam-se frutos, flores e enfeites, ao som de cantos. Aos seus pés lançavam-se ovos, para proteger os animais de penas, de pestes. Os frutos da terra, sobretudo o milho, a ela amarrados, deviam estar o mais expostos possível, representando a passagem da vegetação que morre para aquela que desabrocha. Em outras partes, o mastro recebia as mesmas honras votivas. Depois da festa era queimado e, guardado os tições, acreditava-se que era possível controlar com ele as forças das tempestades. Aliás, acreditava-se que o mastro ou a árvore tinham poderes para neutralizar raios e trovões (PRIORE, 1994, p. 34).

A incorporação do *Hasteamento das Bandeiras Marianas* em maio, e da *Renovação do Sagrado Coração de Jesus* na experiência “renovadora” do penitente João José, revela mais uma camada que demarca a história dessas práticas. A ideia de “renovar”, a partir dessa gramática de sentidos, não pode ser traduzida como a simples

bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): entre o controle e a autonomia (1928–1998). 2000. Dissertação de Mestrado em História, UFRJ, Rio de Janeiro: 2000.

reforma de algo antigo para o “tempo presente”, mas deve ser lida como a recuperação de um passado que constitui o futuro.

Nessa perspectiva, a *Missão Abreviada* e todo o acervo produzido por João José funcionam como uma ponte que liga o passado ao futuro contra os “tempos modernos”. Nessa interpretação singular, criada pelo penitente, existem alguns símbolos, elementos e objetos da “modernidade” que desvirtuam essas práticas e celebrações antigas, “enganando” os fiéis desavisados e desviados da verdade *Missionária*.

Nesse sentido, a *Bíblia* também se tornou o símbolo da “modernidade” que, em certa medida, nubla o universo de propagação da *Missão Abreviada*. Ao perguntar se existe muita gente em Juazeiro do Norte que ainda lê a *Missão Abreviada*, faz uso dos ensinamentos desse breviário, obedece às “leis e rituais antigos”, o penitente me respondeu:

João José Aves de Jesus: Eu digo que não tem, não, sabe por quê? Porque até a *Bíblia*, que é o livro que eles vêm se formando dentro dele, tem pessoa que compra uma *Bíblia* desse tamanho (fazendo um gesto como se segurasse um objeto grande), bota lá em cima da mesa aberta todo dia e quando eu procuro pela leitura, dizem: “Não, Seu João, eu tenho minha *Bíblia* e boto ali, porque quero receber graça, mas eu não leio não”. E é em quase todo canto que eu chego. Eu ando em Juazeiro e gosto de pesquisar isso. O povo é preguiçoso pra ler. Não querem conhecer a palavra de Deus não.

Mesmo a *Bíblia*, que segundo esse penitente é o “livro do mundo”, não é tão lido. Dessa forma, além de distribuir a *Missão Abreviada*, João José também profere os seus ensinamentos e propaga os antigos rituais e celebrações para que todos possam conhecer as diretrizes do “livro santo”. Quando se trata de Juazeiro do Norte, ele costuma dizer que “meu Padrinho Cícero me prendeu aqui nessa cidade e me libertou de tudo”¹⁶⁰.

Entre as conversas sobre a *Bíblia*, a celebração dos rituais antigos e sobre a vida do “povo de Juazeiro” que estava se desviando dos “tempos sagrados”, e estava submerso na “modernidade”, eu perguntei ao penitente se ele ainda recebia muitas pessoas na casa que ele transformou na *Casa da Missão*. João José fez uma pausa e disse que ia buscar algo para que eu olhasse.

Ao voltar, ele estava segurando um quadro com o desenho de um homem e de duas mulheres, uma mais jovem e outra de mais idade. O homem, a menina e a mulher

¹⁶⁰ Entrevista realizada no dia 06 de novembro de 2023 na “Casa da Missão”.

representados na pintura possuíam uma auréola (halo), o que indicava que não eram “pessoas comuns”, mas que compunham, de certa forma, algum aspecto do “mundo espiritual” naquela representação. Abaixo dessa imagem, estava o pequeno desenho de uma Igreja no qual se poderia ler: “Igreja de Senhora Santana”. Após olhar rapidamente para o quadro e esses símbolos, falei para o penitente que não havia entendido a sua mensagem, no que ele me respondeu: “Essa é a *nova Casa da Missão*”.

4.2.3 A Igreja de Santana e a “Nova Casa da Missão”

João José explicou que o homem, a mulher e a menina representados no quadro eram: São Joaquim, Sant’Ana e uma jovem Maria, futura mãe de Jesus Cristo. Na ocasião, ele me apresentou a história dos pais de Maria, São Joaquim e Senhora Sant’Ana, e pediu que eu prestasse atenção ao que Maria segurava em suas mãos, ajudada por sua mãe: um livro volumoso no qual a jovem fixava o seu olhar enquanto parecia ouvir, atentamente, o que sua mãe dizia sobre a obra. (ver imagem 24)

Na maioria das representações iconográficas sobre essas pessoas santas, existe a presença de um livro no qual Senhora Sant’Ana aponta lições para a Virgem Maria. Na narrativa do penitente João José, esse livro é a *Santa Missão Abreviada*, obra que será a “base edificadora” através da qual ele construirá um Santuário dedicado a esse livro, a partir da interseção da avó de Cristo e de sua mãe:

João José Aves de Jesus: Assim como Deus queria a *Missão* dele renovada, pro conhecimento mundial, na frente de todas as *Bíblias* da Terra, para que os homens não ficassem com aquele engano que tiveram no ano de 60, quando queimaram as *Missão* do Juazeiro e do mundo todo! Queimaram tudo no ano de 60! Já com as *Bíblia* escrita! Pra ser tirada a *Missão* e colocado a *Bíblia*. Pros padre desistir da Missa de frente e celebrar a Missa de costas. A frente pro mundo e as costas pra Deus. Jogando a *Missão* pra fora, que é quem traz a ordem, a lei, a religião.

Roberto: Aí, no caso, a Igreja de Santana vai ser a Igreja que vai seguir os ensinamentos antigos da *Missão*?

João José Aves de Jesus: Aqui, onde a Missão tá, ó: (apontando para o livro que a jovem Maria está segurando em sua mão)¹⁶¹

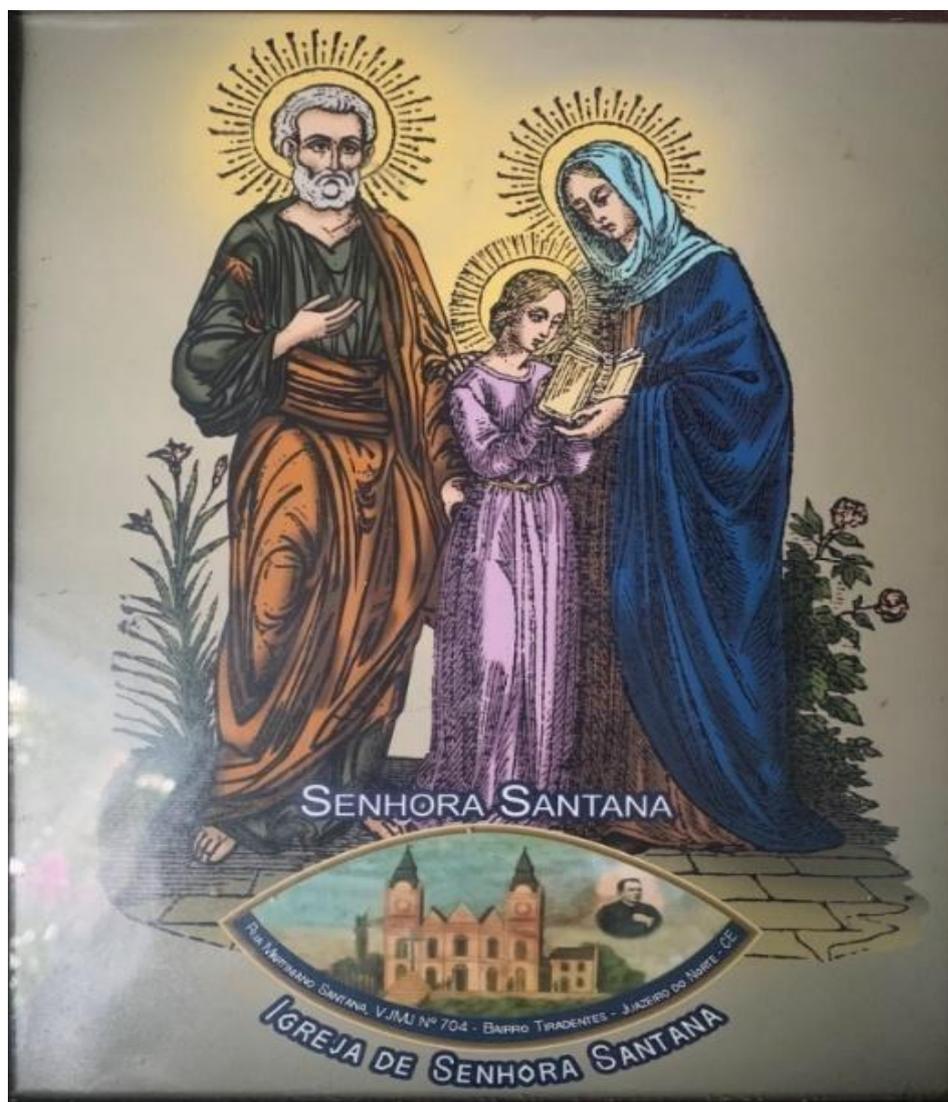


Imagem 25: Quadro apresentado pelo penitente João José como sendo a planta e a matriz fundadora da Igreja de Santana.

A narrativa do penitente, que apresenta a Igreja de Santana, é impressionante sob vários aspectos. A primeira questão que “salta aos olhos”, em sua fala, é a da substituição da *Missão Abreviada* pelas *Bíblias* na década de 1960. Logo após esse comentário, João José fornece uma pista importante para enriquecer o seu pensamento: “Pra ser tirada a *Missão* e colocada a *Bíblia*. Pros padre desistir da *Missa* de frente e celebrar a *Missa* de costas”. Interpreto que, aqui, o penitente faz referência a um evento que marcou

¹⁶¹ Entrevista realizada no dia 06 de novembro, *idem*.

profundamente a cristandade, e teve repercussões aparentemente contraditórias em Juazeiro do Norte: o Concílio Vaticano II.

Sob a égide do Papa João XXIII, que convocou a reunião em 1962, a Igreja embarcou em uma jornada de introspecção e de transformação, reverberando pelos corredores do tempo eclesial e marcando uma era de mudanças no seio da cristandade.

O Concílio, com sua natureza conciliatória e ecumênica, vislumbrou, pela primeira vez, em séculos, uma abertura para o diálogo inter-religioso e uma reavaliação profunda de sua relação com o mundo moderno. O Papa João XXIII percebeu que a Igreja não poderia permanecer alheia aos ventos de transformação que sopravam sobre a sociedade contemporânea.

Uma das decisões marcantes foi a promulgação da constituição pastoral *Gaudium et Spes* (Alegria e Esperança), que estabeleceu um diálogo entre a Igreja e o mundo. A Igreja, agora, reconhecia os desafios e as aspirações do “mundo moderno”.

Outra decisão importante foi a adoção do vernáculo nas liturgias, permitindo que as cerimônias fossem conduzidas na língua local, aproximando a experiência litúrgica da vivência cotidiana dos fiéis. Essa mudança, presente na fala do penitente João José, gerou desconforto e oposições por parte de setores mais conservadores da Igreja Católica.

Ainda no âmbito da liturgia, a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, promoveu reformas que visavam simplificar e revitalizar os rituais, aproximando a prática ainda mais dos “tempos modernos”. A ênfase na participação ativa dos fiéis e a valorização das *Escrituras* foram elementos cruciais nesse processo de renovação litúrgica.

As transformações mencionadas provocaram rupturas nas formas de vivenciar a fé católica, por uma parte significativa dos devotos do Padre Cícero, especialmente entre os antigos membros do grupo de Penitentes Peregrinos Públicos. Enquanto, por um lado, a Igreja demonstrava uma maior abertura às práticas “populares” do catolicismo (PAZ, 2011, p. 25), por outro lado, as discussões do Vaticano II negligenciaram o fato de que muitas dessas práticas “populares” eram permeadas por elementos “antigos” considerados conservadores pelos religiosos que participaram deste Concílio.

A partir desses dados, ousou interpretar que o próprio surgimento da antiga Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos foi marcado pelas reações que muitos cristãos compartilhavam contra as decisões do Concílio. Cada passo que a Igreja dava em direção aos “tempos modernos” era interpretado como um sinal do fim dos tempos por esses devotos.

É na esteira desse pensamento que podemos situar, por exemplo, a fala do penitente João José sobre a destruição de diversos exemplares da *Missão Abreviada*. Segundo a interpretação dele, sacerdotes, na década de 1960, queimaram vários exemplares do “santo livro” para que a *Bíblia* o substituísse na liturgia e nas práticas cristãs.

As narrativas sobre a *Bíblia*, como sendo um “livro do mundo” que substituiu a *Missão Abreviada* no seio da cristandade, acompanham a história dos antigos penitentes da Irmandade e dos seus remanescentes. É possível estabelecer a crítica à *Bíblia*, nas narrativas dessas pessoas, tomando especialmente os seguintes pontos: a) a *Bíblia* é um livro que representa os evangélicos/protestantes, os “homens das Bíblias”; b) a *Missão Abreviada* foi substituída pela *Bíblia*; c) a *Bíblia* representa o poder e a autoridade do “mundo moderno”.

É importante destacar que essa resistência à *Bíblia*, e ao seu corolário, os tempos modernos, acompanha movimentos e experiências históricas que se arrastam no Brasil, pelo menos desde o alvorecer da República. Cada passo que a Igreja dava em direção aos “tempos modernos” era interpretado como um desvio da verdadeira Lei de Deus. A separação entre Igreja e Estado, o casamento civil e as mudanças litúrgicas que se acentuaram no Concílio Vaticano II, apesar de distantes no tempo, encontram uma forma verossímil de narrativa na fala do penitente João José.

Nessa luta contra os “tempos modernos”, João José elabora o projeto da construção da Igreja de Santana como forma de concentrar os seus esforços de resistência às formas “dissidentes” de praticar a fé católica e como garantia da manutenção da leitura e da propagação da *Missão Abreviada*, através da proteção da jovem Virgem Maria. Ao ser questionado sobre quem iria celebrar as missas na Igreja de Santana, o penitente abriu um ar de riso e disse:

João José Aves de Jesus: Eu e os padre! Os Bispos e até o Papa, se ele quiser vir! Eu vou dizer bem assim: meu irmão Francisco, chegue meu irmão Francisco, chegue meu amiguinho, venha! Que agora é tempo. A lei de Deus foi combatida, mas não pode ser vencida! Chegue meu irmão Francisco, chegue meu amigo, que eu já estou indo na sede de Roma, lhe oferecendo uma *Missão* mundial que Deus e meu Padrinho Cícero e Nossa Senhora mandou eu fazer isso com a nossa *Missão* católica, que foi queimada no ano de 60, pra botar a Bíblia moderna! O mundo tá desse jeito. Os homem tudo brigando, o povo não tem paz, não tem sossego, nem pra eles e nem pra nós. Chegue, meu irmão

Francisco, venha buscar a *Missão* de Juazeiro que queimaram no ano de 60!¹⁶²

A Igreja de Santana se apresenta como uma forma tática de (re)existência das práticas que o penitente considera terem sido excluídas da ritualística e da Teologia católica no mundo moderno. A expectativa gerada pela construção da nova *Casa da Missão* aponta para um futuro-passado em que os antigos ensinamentos, que atravessam a modernidade, podem encontrar um espaço que, longe de ser isolado, se projeta grandioso no “meio do mundo” que é Juazeiro do Norte.

Enquanto falávamos, o penitente e eu mal nos demos conta de que o sol, grande orientador temporal de João José, já estava se ponto e as chamas das velas que iluminavam a sala do santo, daquela casa, se destacavam entre as imagens do Padre Cícero e toda sua corte celestial.

Antes que me encaminhasse para casa, o penitente me serviu café e sequilho. Percebi, por um instante, que a luz das velas era mais forte em um lugar específico na sala do santo. Perguntei o que havia ali. O penitente falou baixo, como se me contasse um segredo: “Ali está a *Missão* antiga”. Apesar de todos os novos exemplares produzidos por João José, somente a *Missão* antiga estava rodeada de velas, dentro de um oratório, escrevendo a gênese de tantos mundos. De fato, um “livro de areia”.

¹⁶² Entrevista realizada no dia 06 de novembro de 2023 na “Casa da Missão”.

CONCLUSÃO: NO *MEIO DO MUNDO*, UM *LIVRO DE AREIA*

Lembrei-me de ter lido que o melhor lugar para esconder uma folha é um bosque. Antes de me aposentar, trabalhava na Biblioteca Nacional, que guardava novecentos mil livros; sei que à direita do vestíbulo uma escada curva se afunda no porão, onde estão os periódicos e os mapas. Aproveitei um descuido dos empregados para perder o *livro de areia* numa das úmidas prateleiras. Procurei não me fixar a que altura nem a que distância da porta¹⁶³.

O encontro com um livro se assemelha, de muitas formas, ao encontro com uma pessoa. Lembro de ter lido isso em algum lugar, mas não recordo “onde” nem “quem” o escreveu. Borges disse, em um bonito poema, que “ter conhecido e esquecido o latim é uma posse, porque o esquecimento é uma das formas da memória, seu porão difuso, a outra face secreta da moeda” (BORGES, 2009, p. 75).

Essa tese está alicerçada nas lembranças e nos esquecimentos das muitas histórias que pude ler e ouvir sobre um livro e uma cidade. Antes de devolver o livro à estante, na sua companhia nada solitária entre textos de ficção científica, literatura fantástica e tudo o mais que brota da minha biblioteca, preciso sublinhar, à título de conclusão, os caminhos percorridos e as lacunas deixadas até aqui.

Para investigar a história da *Missão Abreviada*, muitas fontes foram levantadas e cocriadas: a) textos de jornais, instrumento importante de comunicação e circulação de notícias ao longo do século XIX, b) livros que acompanharam os primeiros leitores da *Missão Abreviada*, c) narrativas e d) depoimentos de pessoas que leram, ouviram e viveram as experiências contidas no livro.

Penso ser possível dividir essa tese em duas partes: na primeira, composta pelos dois capítulos iniciais, foi possível traçar um caminho mais ou menos coerente dos *compostos* que ordenaram as condições históricas de produção da *Missão Abreviada* assim como seu contexto de circulação inicial: tanto em Portugal, quanto no Brasil.

Destaco, nesse momento, a circulação de livros ancorados em uma doutrina cristã conhecida como *contemptus mundi*, o desprezo do mundo, que influenciou fortemente a escrita do Padre Couto na construção das imagens e experiências transcritas na *Missão Abreviada*.

A obra do Padre Couto ganhou força de circulação “além-mar” com o aprimoramento do comércio livreiro entre a Europa e a América, que se intensificou ao

¹⁶³ BORGES, Jorge Luís. *O livro de areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

longo do século XIX como, também, com o trânsito da ordem religiosa dos Frades Capuchinhos na organização das *Santas Missões Populares*, sobretudo no período em que elas estavam intimamente ligadas ao próprio texto da *Missão Abreviada* ou das obras que influenciaram a sua produção.

A segunda parte da tese tenta direcionar um esforço escriturário na construção de uma história dos leitores da *Missão Abreviada* e quais as experiências desenvolvidas por eles, que estavam em conexão com certo tipo de leitura do breviário. Aqui, acontece um fenômeno de “reescritura” do texto do Padre Couto através da reinterpretação das suas letras em múltiplos contextos e condições sociais.

A cena inaugural do meu encontro com a *Missão Abreviada*, no dia 02 de novembro de 2012, foi também o momento no qual eu percebi, com maior intensidade, a potência das narrativas dos devotos do Padre Cícero em recriar a história, a experiência e o tempo. A descrição de Juazeiro do Norte, terra de onde jorram essas histórias, como um *meio do mundo* feita pelo historiador Régis Lopes (2012), me apontou um primeiro caminho por onde seria possível investigar a história de um livro cujos sentidos e usos foram reinventados naquela cidade:

Juazeiro é um meio do mundo: centro do mundo e maneira de significá-lo. Por meio de Juazeiro, o sangue derramado é, também, o sêmen esperado, a terra à procura da semente. A fundação da sacralidade de Juazeiro não é a colocação de um centro no espaço, e sim a própria constituição do espaço por meio das vivências que fazem o centro. Não se trata de uma abstração na qual os sujeitos depositam ou projetam as coisas. Como ressalta Merleau-Ponty, torna-se necessário pensar o espaço como potência de conexões, que não separam sujeito e objeto ou cultura e natureza, pois faz parte da experiência do ser-no-mundo: “o espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível” (RAMOS, 2012, p. 12).

A partir do *meio do mundo*, pude ter contado com fragmentos do tempo que me apresentavam outras histórias, cenários e possibilidades na construção da história da *Missão Abreviada*. A história do livro ganha a forma de uma história dos trânsitos: das leituras, das pessoas e das imagens que formam e formatam Juazeiro do Norte. A escritura dessa tese só foi possível através do enlace das experiências das pessoas que outrora formavam a Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos e das minhas, dos mundos que se mesclaram na tentativa de contar uma história.

Após meu contato inicial com o penitente João José Aves de Jesus, em 2012, passei cerca de dois anos até conseguir informações sobre outras pessoas que haviam participado do antigo grupo, ou que ainda realizavam atividades que se conectavam com as antigas tradições fundadas por Mestre José na primeira metade do século XX.

Em 2015, eu já havia conseguido conversar com mais tranquilidade e certa intimidade com Dona Virgínia, Dona Josefa, Dona Marinete e com a família de Israel. Sempre me surpreendeu o fato dessas pessoas terem acolhido com tanto carinho e cuidado um homem LGBT que, na época, flertava com a Umbanda e que depois se tornou “pai pequeno” de um terreiro.

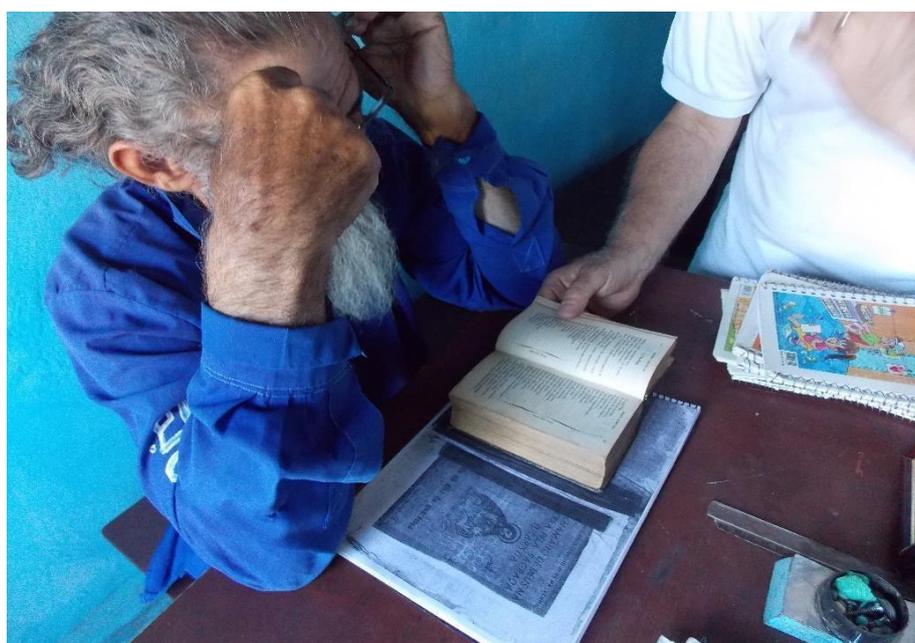
Imagino que, além da generosidade e do acolhimento que cada uma dessas pessoas teve, existiu também a construção de um lugar de respeito e de reconhecimento que driblava qualquer tipo de barreira que impedisse nosso trabalho. As barreiras, contradições e tensões estavam lá, formatando nossos encontros e vivências. Inventamos um lugar e uma forma de falar em que essas tensões estimulavam nossa curiosidade para invadirmos os mundos uns dos outros.

É curioso pensar como o sustentáculo inicial da nossa relação estava justamente no nosso interesse na *Missão Abreviada*. Eu queria conhecer a história do livro, da vida e das experiências delas e deles, e eles depositavam em mim certa esperança de que eu pudesse acrescentar ou revelar algo ainda mais fantástico sobre aquela obra, mas não era só isso. Com o tempo, fui tornando-me uma espécie de interlocutor entre o “mundo moderno”, que na época era “proibido”, e a parte da “rapa do antigo” que elas e eles me permitiram olhar.

É importante dizer que nem tudo me foi revelado. Nossas conversas são permeadas de frases como: “Isso aí, meu filho, é misterioso. Não dá pra você saber”. Também escutei: “Agora, é uma parte misteriosa. Não posso falar”. Retomando a metáfora kafkiana do homem que está diante da porta da Lei, tenho a impressão que, muitas vezes, só me foi permitido ficar na soleira, conhecendo os detalhes à exaustão dessa porta que não pude entrar, mas que, em grande medida, eu ajudei a construir.

No meu papel de mediador dessas transações com o “mundo moderno”, o penitente João José, muitas vezes, me incumbiu o papel de “divulgador da *Missão Abreviada*” para o mundo profano, incentivando-me a distribuir exemplares do livro para os “doutores” da universidade, e para os 25 países que eu nunca descobri quais são e porque são. Mesmo que dissesse a ele que eu não era um “crente” da *Missão*, ele dizia que só em eu “espalhar” a história do livro já era grande coisa.

Lembro-me do entusiasmo do penitente João José na ocasião que levei até a sua casa o amigo Alberto Osório de Castro, teólogo português que estudou com afinco a *Missão Abreviada*. Na ocasião, Alberto Osório levou um exemplar original do livro, do século XIX, para que João José pudesse olhar. O penitente tentou convencer de várias formas o teólogo a deixar aquela relíquia ali, mas, infelizmente, era o único exemplar de que Alberto Osório dispunha. Ficamos na missão de encontrar um exemplar antigo, e em bom estado da *Missão Abreviada*, para João José, seguimos na busca.



Imagens 26 e 27: O teólogo, o penitente e o exemplar antigo da *Missão Abreviada*.
Fonte: Acervo do Autor

Por muito tempo, os livros também formaram uma ponte de diálogo e interesses entre a família do penitente Israel e eu. Na época, o jovem penitente interessava-se por outros livros antigos que estavam na pequena biblioteca de Mestre José. Esses livros, que Israel herdou, faziam referências a outros livros e, com isso, criavam uma teia de informações que ele e eu estávamos interessados em investigar.

A partir desse interesse comum, adquirimos exemplares dessas obras antigas que Israel lia com contemplação e cuidado. Além dos livros religiosos, ele também se interessou por leituras teóricas e historiografias que eu lhe apresentei em nossos diálogos. Lembro-me de que passamos um bom tempo falando sobre *O queijo e os vermes*, de Carlo Ginzburg, e da implicância deste com certos aspectos da obra de Michel Foucault.

Nessas conversas, sempre ouvimos com atenção as colocações de Sr. Francisco, Isabel e Dona Maria. Foi entre esses diálogos que passei a chamar Sr. Francisco de “o filósofo”, por suas reflexões profundas sobre o que ele chamava de “o sistema”, uma forma interessante de se referir ao nosso tempo e ao nosso mundo.

Com o tempo, as nossas conversas foram ganhando novos assuntos, mas sempre, em algum momento, a história do livro surgia imponente. Para fabricar a narrativa que envolve a experiência histórica desse breviário, recorri a muitos caminhos de investigação que podem ser traduzidos a partir da invenção e interpretação desse objeto como um *livro de areia*, tal como Borges escreveu em seu conto. O *livro de areia* do escritor argentino deu-me a forma necessária para a construção de uma *escrita da história* que se materializou em um texto apresentando esse “percurso de viagem”.

Tomar a *Missão Abreviada* como um *livro de areia* significa, primeiramente, apoderar-se de uma *forma* de contar histórias que não se reduz ao domínio da “razão científica moderna” e apresenta outras formas de dizer “a verdade”. Essa forma não é simplesmente metafórica: unida a uma *escrita da história*, ela pretende conjugar rigor metodológico e criação narrativa em um texto historiográfico. Essa aliança entre história e literatura através de um “documento” (a *Missão Abreviada*) e uma “ficção” (o texto de Borges) se alinha ao entendimento de que é possível praticar *um método histórico em uma literatura*:

Como fazer para que a pesquisa não se resuma simplesmente à citação ou comentário, mas que seja criação? Como unir imaginação, audácia e rigor? Retornar às belas letras do século XVII seria um erro; transformar a história em um grande romance à maneira do século XIX seria uma ilusão; insistir na hiperespecialização acadêmica em vigor seria uma facilidade. É possível evitar, ao mesmo tempo, uma literatura

sem método e um método sem literatura para praticar *um método em uma literatura*, um raciocínio-investigativo, um texto-pesquisa, pois a pesquisa trata indissociavelmente de fatos que devem ser estabelecidos, fontes que os comprovem e uma forma que permita comunicá-los (JABLONKA, 2020, p. 12).

O texto-pesquisa desenvolvido ao longo dessas páginas apropriou-se de algumas ferramentas metodológicas que, de um lado, se aproximavam do “universo literário” escolhido para contar a história de um livro e, por outro lado, buscavam os mecanismos de interpretação do tempo histórico criados a partir das experiências de leitura e circulação da *Missão Abreviada*.

A noção de *composto*, apropriada dos estudos de Jerusa Pires Ferreira, foi fundamental para a construção de uma trilha de fontes que permitiram entender não apenas os textos que formaram o campo intelectual do Padre Couto, mas também as próprias condições históricas que possibilitaram a emergência desse tipo de escritura no século XIX.

Na esteira desses procedimentos teóricos-metodológicos, a presença dos estudos de Michel de Certeau está diluída desde as primeiras até as últimas linhas dessa pesquisa. As ideias do teórico, acerca da leitura como uma *operação de caça*, e das formas místicas de *leitura absoluta* dos textos, foram cruciais no entendimento de que a leitura, em especial as leituras sobre “o Uno”, são performadas pelos leitores com a mente e o corpo, moldando o texto e a história.

As vivências concretas que derivaram de certa apropriação e leitura do texto da *Missão Abreviada* apontam para a construção de movimentos socioreligiosos que jogam com as normas estabelecidas pelas instituições eclesiásticas e políticas, também pelas próprias instruções do texto.

Ao longo da pesquisa, foram apresentadas histórias de religiosos, beatos, beatas, penitentes, leigos e leigas que se apropriaram da obra do Padre Couto — ora conferindo a esta uma autoridade de verdade, ora construindo pontes entre o que estava no papel e o que era vivido em cada contexto.

Uma dessas experiências merece, indubitavelmente, um estudo futuro com maior aprofundamento: a devoção organizada, em Portugal, ao Padre Couto, autor-legião do livro que sustenta essa pesquisa. Consultei informações esparsas sobre essa devoção. Estas não constituíram material suficiente para a construção de um texto mais aprofundado sobre os milagres atribuídos ao padre-autor em sua atividade missionária.

Considero que um estudo *in loco* dessas devoções pode relevar camadas ainda mais profundas e importantes das leituras da *Missão Abreviada* no “mundo contemporâneo”.

Além das devoções ao Padre Couto, em Portugal, no “tempo presente”, penso ser importante dedicar um espaço maior de reflexão sobre as edições contemporâneas da *Missão Abreviada*. Obtive acesso a duas novas edições do breviário: uma “edição misteriosa”, feita quase como uma cópia do texto original, sem nenhuma sinalização gráfica ou de editora, e outra publicada pela Editora Nebli, em 2020.

A publicação da Editora Nebli, especialista em divulgações teológicas católicas, apresenta uma tentativa de adequar a escrita em “português arcaico” para as novas formas gramaticais. Além disso, tornou possível a aquisição do breviário em *sites* e lojas eletrônicas de comércio livreiro. Essas novas possibilidades de aquisição do livro levantaram algumas perguntas que não tive tempo de investigar: o livro ainda é muito vendido? Qual o perfil das pessoas que procuram sua leitura?

Consegui adquirir um exemplar da nova edição “misteriosa” da *Missão Abreviada* em uma livraria-sebo da cidade de Juazeiro do Norte. Essa edição, apesar de não apresentar nenhum sinal de editora, ou mesmo a gráfica onde foi impressa, tem um bom acabamento gráfico e foi produzida em um formato bem maior do que as edições do século XIX. Presenteei o penitente João José com essa nova edição do livro. Ao olhar a capa, ele comentou¹⁶⁴:

João José Aves de Jesus: A imagem original não é de Cristo crucificado, não. É de Cristo ressuscitado. Aqui (apontando para a capa da nova *Missão Abreviada*), ele não está ressuscitado ainda. Ele tá cravado e, além de cravado, Jesus não foi cravado com os dois pés emparelhado. E nem foi cravado com o pé esquerdo por cima do direito. Ele foi cravado com o direito por cima do esquerdo. E não tem dois Deus, só tem um. Por isso, eu só vou pelo o que é de lei. E isso pode ser coisas moderna, que os homens inventaram para atrapalhar eles mesmos!

¹⁶⁴ Entrevista realizada no dia 03 de novembro de 2023.

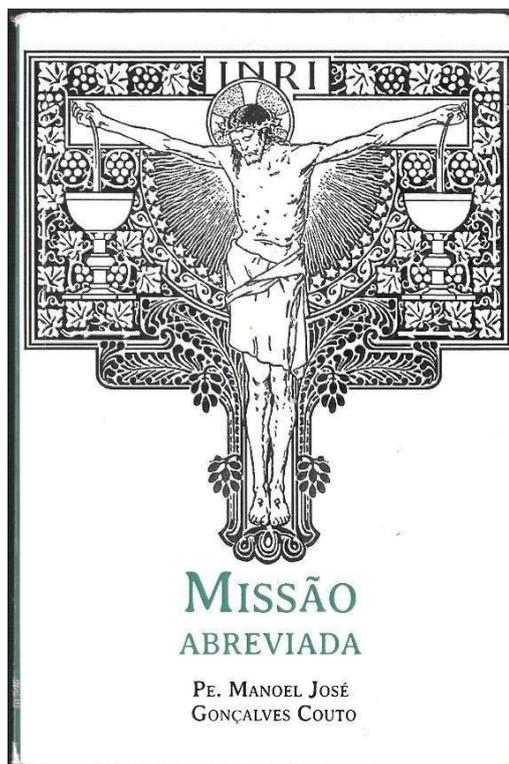


Imagem 28: Capa de uma nova edição da *Missão Abreviada*, sem marca de editora ou gráfica.

O penitente João José e os antigos membros da Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos conferem um valor importante às representações da crucificação de Cristo. Até hoje, essas pessoas não usam “sandálias de cravo”, e consideram uma grande ofensa alguém usar esse calçado perto delas, porque acreditam que a “sandália de cravo” representa a cruz de Cristo, que um indivíduo estaria “pisando em cima” ao usar.

Outra simbologia que o penitente João José destaca como incorreta, na construção da capa da “nova” *Missão Abreviada*, está exatamente em apresentar os pés de Cristo cravados na cruz ao lado um do outro. A representação correta, no imaginário desses devotos, seria o pé direito em cima do pé esquerdo.

Ao longo dessa pesquisa, tenho certeza de que muitos livros foram tecidos com a tinta da memória das pessoas que leram e viveram as palavras escritas na *Missão Abreviada*. Essas memórias, plasmadas e traduzidas em um texto acadêmico, escondem ainda mistérios que o “mundo racional” jamais será suficiente para descrever.

Quanto a mim, o autor das páginas que vocês acabaram de ler, motivado inicialmente em escrever minha derradeira e ingênua “prestação de contas com o

crislianismo”, percebo, hoje, que o encanto da experiência religiosa enquanto uma prática humana está exatamente na transformação das letras e da vida, que preenchem e esvaziam a memória, emendam e costuram o tempo:

*[...] O jovem, diante do livro, impõe-se uma disciplina precisa
e o faz em busca de um conhecimento preciso;
em minha idade toda empresa é uma aventura
que limita com a noite.
Não acabarei de decifrar as antigas línguas do Norte,
Não afundarei as mãos ansiosas no ouro de Sigurd;
a tarefa que empreendo é limitada
e há de acompanhar-me até o fim,
não menos misteriosa que do que o universo
e do que eu, o aprendiz¹⁶⁵.*

¹⁶⁵ BORGES, José Luís. **Um leitor** – Poesia completa. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANEXO 1: HISTÓRIAS DO “COMEÇO DO MUNDO”:

Desde que comecei a transformar as narrativas dos antigos membros da Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos em textos que poderiam ser lidos em uma pesquisa acadêmica, senti certa frustração em não poder compartilhar, na íntegra, os diálogos e experiências que ouvi daquelas pessoas.

Entendo que faz parte do trabalho com a *História Oral* esse recorte da memória em uma tradução escriturária, no entanto gostaria que esse trabalho pudesse ser lido de outras formas. Sei que as instituições, cercadas por seus mecanismos burocráticos de poder, não aceitam com tranquilidade a invasão que as fabulações podem causar nos seus muros.

Apesar disso, acredito que as pessoas que se depararão com essa pesquisa se interessarão, também, por essas narrativas do começo, do meio e do fim do mundo encantado de Juazeiro do Norte.

Disponibilizo, portanto, na íntegra, a transcrição de três entrevistas que considero fundamentais para a compreensão do universo cultural e social que sustenta as linhas dessa tese.

Entrevista dia 07 de julho de 2015 – Dona Virgínia –

Esta entrevista foi feita de improviso e de forma muito informal. Após uma visita à casa do penitente João José eu fui conferir algumas informações que havia recebido sobre as “mulheres que viviam na calçada e que eram esposas dos penitentes que haviam falecido”. A entrevista que se segue é com Dona Virgínia, uma doce senhora que me proporcionou maravilhosas narrativas sobre a relação do grupo com a Missão Abreviada e a organização do grupo de penitentes na época.

Roberto: A senhora é a Dona Virgínia, né? A senhora é penitente há quantos anos, a senhora lembra?

Virgínia: Eu não sou penitente. Quem é penitente é meu marido. Agora eu acompanho ele nas oração, na penitência, na roupa, no modo de viver.

Roberto: A senhora conheceu o Mestre José?

Virgínia: Conheci. Muitos anos.

Roberto: Como a senhora acha que tá o grupo hoje?

Virgínia: Não, o grupo acabou. Acabou. Os homi já morreram tudo. Só tem Manuel e compadre zé pedreiro lá perto da SUCAM. Aqueles prédio da SUCAM¹⁶⁶.

Roberto: É nessa mesma rua descendo?

Virgínia: É nessa outra rua seguindo pra frente.

Roberto: Certo... Seguindo pra frente.

Virgínia: Só tem ele doente que não pode nem andar.

Roberto: Só tem Sr. Manoel e ele? E tem Sr. Joca? (Me referindo ao penitente João José)

Virgínia: Joca foi da penitência, mas depois ele foi negociar. Ele vende “Missão”, ele produz “Missão”, vende rosário, vende quadro de santo, então os penitentes legítimo não negocia. Não compra, não vende, não pega em dinheiro, não recebe dinheiro.

Roberto: E ele faz isso...

Virgínia: Faz tudo.

Roberto: A senhora acha isso certo, errado?

Virgínia: Tá certo, por que foi o que ele seguiu né? Se ele seguiu ele vai ganhar por que ele faz muita caridade. Só em ele botar um rosário no seu pescoço pra você ser reconhecido na outra vida como um romeiro da mãe de Deus já é muita coisa.

Roberto: É. Já é muita coisa! Concordo com a senhora. E a senhora conhece o livrinho a “Missão Abreviada”?

Virgínia: Conheço...

Roberto: E o que é que a senhora acha da Missão?

Virgínia: A Missão foi o primeiro livro que foi feito no mundo.

Roberto: Foi o primeiro livro feito no mundo?

Virgínia: No mundo... E é as verdade pura. Quem pregou ela foi o meu padrinho Cícero.

Roberto: Foi né... A senhora já ouviu falar aqui de um padre, de um homem chamado Frei Ibiapina? Padre Ibiapina?

Virgínia: Ouvi falar muito. Não conheci, mas já ouvi falar muito.

Roberto: A senhora ouviu falar o que dele?

Virgínia: Que era um padre, religioso, que tinha rebanho de pessoas que ele ensinava...

¹⁶⁶ Superintendência de Campanhas de Saúde Pública

Roberto: Dona Virgínia, a senhora acha que hoje, ainda tem possibilidade de ter os penitentes como era antes?

Virgínia: Tem não, tem não. Por que pra seguir a penitência tem que morrer, meu filho!

Roberto: Eita, que lindo isso...

Virgínia: Para o mundo! Pra seguir a penitência tem que morrer para o mundo. Você não bebe, você não joga, você não dança, você não fuma, você não sai de noite... Por o dia você anda, quando dá seis hora reza o terço na sua casa. Fecha suas porta quando termina, só amanhã bem cedo. E quem é que quer viver nessa vida hoje? Num tempo desse, numa vaidade dessa, quem é que quer viver? Os que tavam dentro novo, saíram antes de terminar.

Roberto: Então hoje não tem nenhum novo, assim não?

Virgínia: Não, não... Tem não. Só ficou os casado, os velho. Já morreram quase tudo. Dos primeiro só tem esses dois e assim mesmo Manoel é nessa idade, oitenta e quatro anos, vai fazer oitenta e cinco. Compadre zé é um homem mais novo, mas deu trombose e ele anda se arrastando também. Ele ainda anda por ai trabalhando, mas não anda mais.

Roberto: Mas assim, andando na rua como antes, fazendo penitência, ele nem faz mais nem ninguém mais faz?

Virgínia: Não, não... Só Joca. Que tem saúde, é um homem mais novo, ele ainda anda, vai pra missa na Matriz, vai e prega né, faz tudo.

Roberto: Deixa eu perguntar uma coisa para a senhora. O que a senhora acha da Bíblia?

Virgínia: A Bíblia é um livro que ensina muita coisa. Tem muita parte da Missão.

Roberto: Tem né? Mas primeiro veio a Missão e depois veio a Bíblia?

Virgínia: É. A Bíblia é nova. De mil e quinhentos pra cá. A Bíblia é de mil e quinhentos pra cá. A Missão foi do começo do mundo. Foi de São Pedro que fez a Missão de Jesus Cristo. Foi o primeiro livro do mundo.

Roberto: A senhora tá falando da Missão Abreviada, aquele livrinho, foi o primeiro livro do mundo?

Virgínia: Foi o primeiro livro do mundo. Que Joca tem.

Roberto: Ele me deu um.

Virgínia: Deu? Pois é, Joca tem. Ele vende, ele dá.

Roberto: Pois é. Pois eu sou muito encantado com o grupo, com a vivência, com a religião, com a Missão Abreviada, se eu quiser vir outro dia conversar com a senhora eu posso vir, tem algum problema?

Virgínia: Não, não. Tem problema não. Você vindo bem vestido, bem traçado. Assim você entra na nossa casa. Agora o povo que vem com short, com japonesa, de todo jeito, não entra não.

Roberto: É uma falta de respeito né?

Virgínia: Pois é. Não entra não.

Roberto: A senhora pode só me mostrar quem são os santos que tem aqui na parede, por que eu acho tão bonito os santos...

Virgínia: Pode sim. Em cima tem: o coração de Maria, Jesus Cristo, o senhor morto na cruz, nossa senhora das dores, imaculada concepção, meu padrinho Cícero, são Pedro, são José, santa Luzia, são Gerônimo, são Bento, santo Antônio, são Francisco, menino Jesus e a família sagrada.

Roberto: O que a senhora acha dessas coisas da Igreja Católica nova? Padre Reginaldo Manzotti? A senhora conhece, acha bonito?

Virgínia: É muito bom, é muito bonito, pro povo de hoje. Por que o povo de hoje não reza

Roberto: O rosário?

Virgínia: Só canta cantiga. Só canta as cantiga e só escuta as cantiga.

Roberto: Aquela bandeirinha ali, a senhora ainda carrega para algum lugar?

Virginia: Não, essa bandeira nós num carrega. Essa bandeira é bandeira do mês de maio. Só bota no primeiro de maio e tira no derradeiro dia.

Roberto: Eu posso tirar uma foto dela também?

Virginia: Pode.

Roberto: Aqui nessa bandeirinha, o “S” o “M” e o “M”, a senhora sabe o que quer dizer?

Virgínia: Maria... Santo... Santo Mês de Maria! Isso aqui no primeiro de Maio a gente cava um buraco e bota um caibo bem grande e bota essa bandeira.

Roberto: Ainda faz hoje?

Virginia: Faz sim. Nós fizemo nesse ano. Pois é. Ai no dia reza e nos trinta e um dia do mês o terço cantado.

Roberto: Ai vem sr. Joca, vem todo mundo?

Virginia: Não. Cada um é nas suas casas.

Roberto: Mas antes era todo mundo?

Virgínia: Agora quando é pra botar as bandeira, se reúne tudo pra botar.

Roberto: A senhora acha que ainda são quantos que se reúnem para colocar?

Virgínia: Ainda tem uma dez pessoas.

Roberto: Ai, por aqui por perto a senhora sabe dizer onde tá esse povo que ainda faz?

Virgínia: Ali na frente tem duas mulher, que era esposa desses que morreram. Três, três, lá na frente. Onde tem uma casinha recolhida, é onde elas se reúne de tardezinha, as veze eu vou pra lá, mas hoje eu não tive tempo não de ir.

Roberto: Pronto... A senhora acha que se eu for lá eu encontro elas pra...

Virgínia: Essa hora é capaz de você encontrar elas... tem Marinete que é uma mais morena, que ela até conversa bem ela...

Roberto: A senhora conversa muito bem também!

Virgínia: Ela é do começo da penitência, ela conhece mais. Por que eu já entrei do meio pro fim. E ela é do começo.

Roberto: Pois Dona Virgínia, só Deus quem paga a senhora, viu? Muito obrigado pela conversa com a senhora, a senhora vai me ajudar muito, viu?

(Gravação interrompida)

Entrevista realizada em 07 de julho de 2015: Dona “Zefinha” e Dona Marinete.

Uma das maiores emoções que senti durante os onze anos que passei me encontrando eventualmente com os remanescentes da irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos foi poder conversar com as mulheres que faziam parte do grupo. Originalmente, o papel da mulher no grupo de Penitentes era restrito a atividades domésticas, de confecção de roupas e acompanhamento ritualístico em algumas ocasiões. Com a morte gradual da maioria dos importantes membros do sexo masculino do grupo, a memória sobre os Penitentes Peregrinos Públicos está nas falas dessas mulheres que todos os dias se reuniam por volta de 15:00 na calçada da casa de dona Marinete para conversar sobre importantes questões do seu dia a dia. Infelizmente, no processo de escrita da tese, fui informado do falecimento de Dona Virgínia e de Dona Marinete.

Roberto: Vocês acompanham o grupo de penitentes desde o começo, ou foi mais agora? Como está o grupo de penitentes hoje?

Zefinha: O grupo de penitentes meu filho, tá quase acabado. Porque os mais velho que botaram a gente no caminho morreram. Ficou só os mais novo. E os mais novo já não tem mais aquele... aquela... aquele saber que os primeiros tinha, né? Porque enquanto nós tava

acompanhando ele, nós tava com tudo saber. Mas assim com a continuação do tempo, quatro, cinco, oito anos por diante, a gente vai esquecendo já vai cuidando noutras coisas né? E vai esquecendo aquelas passagem fundada que nós vimos. Né verdade?

Roberto: Vocês conheceram o mestre José?

Zefinha: Conhecemos! Oxente, nós viemos pra cá quando nós chegamos aqui quem primeiro conheceu ele fui eu. Meu povo ficarão lá em Alagoas e eu vim, ai comecei a conhecer ele e já enviei carta pros outro vim, e graças a Deus formou o grupo. Mas Deus foi chamando de um a um, e ficou só os novo.

Roberto: Ha... de Alagoas, né? E o mestre José veio de Alagoas? Veio de onde ele?

Zefinha: Pernambuco. Caruaru.

Roberto: Ai veio pra cá e fundou o grupo e depois veio os de Alagoas?

Zefinha: Foi, foi... Eu conheci ele sozinho. Só ele e a mulher

Roberto: Só ele e dona Regina, né? A mulher dele?

Zefinha: Eu comecei a conhecer ele assim: Eu tinha uma banca no mercado do Pirajá, de verdura. Ai ele passava... Ai eu notava que ele era diferente dos outros... Pelo comportamento dele, né? O traje que ele usava, o jeito que ele andava ai eu comecei conhecendo que ele era diferente da gente. Ai um dia, eu sou curiosa, perguntei: “Meu senhor, o que significa esse negócio de o senhor andar diferente dos outro?”. Ele achou graça (risos). Ele achou graça, ai foi e disse assim: “Uma pergunta muito interessante que muito me agradou. Porque é difícil nos tempo que a gente vive hoje...” e naquele tempo eu era muito nova, “... uma pessoa na sua idade curiar a vida de um pobre que nem eu. Isso ai a senhora pergunta bem. Você sabia minha filha que... a gente deixa o mundo para servir a Deus”. Ai eu disse: “Pois tá certo... E o senhor é casado?”. Ele disse: “Sou”. Ai eu disse: “E eu posso ir na sua casa, conhecer a sua casa?” “Pode... Agora com essa roupa ai você não entra não...”. Meu vestido era de manga curta aqui ó... “E essa chinela aqui também minha fia... Não entra não...” Ai eu disse: “Pois tá bom”. Ai não demorou muito tempo e ele foi simhora. Seguiu a viagem dele. No outro dia nós fomos novamente. Ai ele chegou e disse, eu tava com roupa de frio, ai ele disse: “Com essa roupa ai pela primeira vez você pode entrar na minha casa”. Ai disse: “pois tá bom”. Ai quando foi no domingo eu me preparei, eu e meu esposo, passamos lá o dia ai eu vi que tudo era diferente. Lá tinha religião, lá tinha ordem, lá tinha tudo o que a gente podia precisar pra um Cristão viver, tinha lá. Minha mãe dizia que só vinha aqui pro Juazeiro se tivesse uma pessoa que levasse as leis do meu padrinho Cícero. Eu dizia: “Mãe, mãe, tu num encontra nunca! Por que nós tamo em outro tempo... O tempo de meu padrinho foi um”. Ela dizia: “Pois Zefinha, eu só vou morar um dia no Juazeiro se for assim.” Ai eu fui e escrevi pra mãe. Nesse tempo não tinha telefone não. Faz muitos anos...

Roberto: A senhora acha que hoje exista um romeiro, um grupo que siga tão direitinho as leis do padre Cícero como vocês?

Zefinha: Não... Quase! Meu irmão, tem... Por que Deus nunca disse: “Acabousse tudo”. Ficou o “Quase”, né? (risos) Porque no mundo as coisas não se acabam de uma vez não...

Mas é difícil... Pra fazer o que o meu padrinho Cícero queria? É o que eu tava contando aqui a elas nesse instante. É difícil... As coisas tudo do jeito que Deus quer, como tá hoje...

Roberto: Tem algum livro, alguma coisa que o padre Cícero tenha deixado que vocês seguem, assim? Um livro, uma carta, alguma coisa que ele tenha escrito?

Zefinha: Nós não tivemos a sorte de pegar uma carta assim do padre Cícero não...

Roberto: É que Seu Joca fala muito da “Missão Abreviada”, né? Fala muito da “Machadinha de Noé”... O que a senhora acha desses livros?

Zefinha: Não, meu filho... Eu digo que ele é fundamental! É a cabeça de todos os livros.

Roberto: É a cabeça dos livro tudo né? Ai a senhora acha bom o que ele faz de pegar a Missão e levar pra todo mundo?

Zefinha: Acho...

Roberto: Que antes tava com o Mestre, só guardadinha da caixa... Na casa lá dele...

Zefinha: Era... E eu acho que foi a maravilha do Céu que seu Joca formou com esse negócio de levar o livro ao conhecimento.

Roberto: Ao conhecimento dos outros, né?

Zefinha: Por que ele tava velhinho, guardado... Quem tinha ele, tava guardado. Ai no tempo no nosso mestre só existia a dele. Mas ele não levou ao conhecimento do povo da Missão. Ele levava da pregação que ele fazia, dos sermão, das palavra, do evangelho que ele saia pregando mais nós, andando por as estrada, por todo canto. Mas a Missão dele só tinha em casa.

Roberto: Hoje não tem penitente que sai mais na rua não? Só Joca mesmo?

Zefinha: É por que não tem seu menino... Não tô dizendo pro senhor? Só tem nós mulher, que há muitos anos eu deixei...

Roberto: Mas a senhora ia?

Zefinha: Eu ia! Eu ia... Mas foi da vez que meu marido não quis mais seguir ai eu tive que ficar em casa, né? Essa vida ainda tá seguindo...

Roberto: A senhora ainda segue?

Zefinha: Segue... Agora não pode andar pra nenhum canto não... Por que mulher não segue que nem os homi não. As mulher fica só em casa obedecendo a ordem, rezando o rosário, vestindo as roupinhas...

Nesse momento uma outra penitente chega, elas se cumprimentam, a entrevista para por alguns instantes até que tudo se organize novamente.

Roberto: A senhora acompanha as rezas que sr Joca faz na casa dele ou é separado?

Zefinha: É separadin meu filho, por que nós somo tudo doméstica, tudo dona de casa, né? Nós num pode. Ele é homem. Não tem a luta de casa que nós tem, né? O nosso é só cumprir as ordem, rezando o rosário quando puder...

Roberto: A ordem é... rezar o rosário...

Zefinha: Rezar o rosário, vestir as roupa azul e branco, só não encarnada¹⁶⁷. Ai quer dizer que nós mulher não pode pregar que nem Sr Joca não. Por que Sr Joca ele é homi. Né verdade? E nós somo dona de casa. Agora o nosso é só nós cumprir mesmo. A ordem sobre a roupa, sobre não andar conversando palavrão, nós não tem direito de andar com bolsa, pra dança, pra canto nenhum...

Roberto: A senhora também não tem nem vontade?

Zefinha: Nunca! Nunca, nunca, nunca, nunca. Nós não sai pra canto nenhum. O canto que nós vai é pra missa.

Roberto: Pra missa?

Zefinha: No domingo. No domingo eu dou graças a Deus quando chega pra ir pra missa. Ou então rezar nossa renovação...

Roberto: Ai é? Tem a renovação aqui todo ano?

Zefinha: A dela é no dia 15 de Agosto. No dia 23 de Outubro da minha mãe que nosso senhor já levou. No dia da imaculada conceição, a minha.

Roberto: Ai qual é o dia da Imaculada Conceição que eu não sei?

Zefinha: 8 de Dezembro. É... A renovação da gente... do coração de Jesus.

Roberto: Ai tanto a senhora (falando para dona Zefinha) quanto a senhora (falando para dona Marinete) eram casadas com penitentes, né? Ou são casada? Tem algum...

Zefinha: Ela é. Era. Mas seguiu pouco tempo. O dela seguiu pouco tempo. Não obedeceu a ordem. Deixou. O meu ainda hoje eu sou casada. Mas ele também, ele faz parte, assim... Só usar o rosário, a roupinha ainda faz uma parte, mas ai não aceitou por que não era pra trabalhar, era só pra andar na penitência, só pra cumprir penitência. A paciência dele não dava.

Roberto: Ha... a paciência não dava (risos). Agora vocês continuaram...

Zefinha: Ela continuou... E eu faço parte por que nós somo irmã, nós três. E eu conheço que não existe outra lei na face da terra a não ser essa. Nós sabemos que essa tem uma rapa do antigo! E a que tá havendo hoje é dos tempo moderno. É do moderno. Então nós não acompanha os tempo moderno.

¹⁶⁷ Vermelho.

Roberto: E é feliz.

Zefinha: Graças a Deus, meu filho. Eu só não sou mais feliz por que não tenho liberdade de fazer o que minha natureza pede. Por que os incommode do corpo não deixa. Eu não posso passar até horas da noite rezando... Por que a saúde não dá... A gente tem diabetes, tem pressão alta...

Roberto: O que a senhora acha desses movimento novo da Igreja? Padre Reginaldo, padre Marcelo... Esses padre carismático assim...

Zefinha: Menino... eu admiro eles. Admiro, eu admiro... Por que no tempo em que nós tamo, um padre tem o saber que padre Reginaldo tem... né brincadeira não... Agora ele ainda tem uma rapinha do moderno. Ele tá no moderno. Ele é um padre pra tudo: você vê que ele é cantor, né verdade? Faz show... E os padre verdadeiro não podia. Mas como ele tá encaminhando a juventude pra Igreja, tá certo... Por que se não tivesse, é por que Deus tá consentindo... Se ele fosse coisa assim que não tivesse uns enfrentante... Os evangélico tomava de conta. Ai acabava o catolicismo de uma vez. Ai não pode. A leis do catolicismo vai triunfar até o dia da consumação. Enquanto existir vida aqui.

Roberto: Tinha antigamente, eu já li umas coisas sobre os penitentes, e os penitentes dizia quando o mundo ia acabar... a senhora concorda com isso?

Zefinha: Criatura... Nós nunca dissemo quando o mundo ia acabar. Eu nunca ouvi o mestre dizer. Agora tinha aquelas palavra que dizia “até mil e tanto que dois mil não chegará”. Todo mundo dizia nera? Todo mundo dizia essas palavra então nós se levemo nessas palavra.

Roberto: E no ano dois mil foi o ano que ele partiu...

Zefinha: Nosso senhor chamou ele... Quer dizer que ele falava do fim dele, mas nem ele mesmo sabia. Deus é quem sabia, né? Então foi aprovado o que ele dizia que essa passagem e nós também via... Que nossos avô dizia, que meu padrinho Cícero dizia... Quando a gente visse o que nós tamo vendo hoje, os acontecimento. Quando nós visse tudo o que nós tamo vendo, a gente se lembrasse do final dos tempo. Mas a gente sabe, que você pode acreditar, que não é de brincadeira não: Nós tamo no começo de era e no final dos tempo!

Roberto: No começo da era e no final do tempo...

Zefinha: Né verdade? Por que o senhor preste atenção... Não existe quatro tempo. Só existe três tempo: o tempo do pai, do filho e do espírito santo. E esse já findou. Nós tamo no tempo do espírito santo.

Roberto: É, né? Ai tá já acabando...

Zefinha: Num tá acabando, num tá acabando... Nós é que tamo se acabando. Agora que, pra dizer assim, findou esse século e vai chegar outro que nem nós vimu esse se findá... Nós não vimu esse finda? Pois nós não vamo ver esse outro não... Ninguém vê. Por que não existe quarto tempo. Não existe a quarta pessoa da santíssima trindade. Só é três: o tempo do pai, o tempo do filho e o tempo do espírito santo. Já passou o tempo do pai, já passou o tempo do filho, no ano 2000, e agora nós tamo no tempo do espírito santo. No

século da destruição. Agora ninguém sabe se vai até trinta e três, trinta e quarto, trinta e cinco... Se vai até o ano cinquenta... Nós num sabe. Agora nós sabemos, você tá sabendo, pode prestar atenção. Na sua juventude, vá prestando atenção... Que o que tá acontecendo na face da terra é uma coisa que num tá certo, pra ir ao além de muito tempo. Num pode. Num pode.

Roberto: Como é que a senhora acha que vai acabar?

Zefinha: Meu irmão, quem sabe é nosso senhor Jesus Cristo. Mas nós tamo sabendo que aos pouco está se acabando...

Roberto: Mas vai ter um dia que vai acabar assim... “puf!”?

Até este momento Dona Marinete tinha observado tudo sem falar nada. Mas quando o assunto foi o “fim dos tempos”, percebi que ela começava a ficar cada vez mais inquieta, até que ela disse o seguinte depois da minha pergunta:

Marinete: Nem a virgem Maria mãe de Deus não sabe. Num sabe. Nem os anjo!

Zefinha: Agora nós sabemos pelo o que tá acontecendo... O sinhô veja, ta havendo uma destruição na face da terra. Tá se agravando... É uns povo se acabando é com queda de avião, é com navio... É com tudo, tudo o que tá acontecendo é acabando a nação.

Roberto: Eu já li umas coisas também, em um uns livro sobre os penitentes que o grupo também formou quando o mestre José conheceu a madrinha “Anja”, a madrinha “Ângela” do horto.

Zefinha: Nós também já fala o que ele falava, né?

Roberto: A senhora já chegou a conhecer ela, assim? Ou só ele conheceu?

Zefinha: Só ele conheceu...

Marinete: Eu conheci!

Zefinha: Ha... ela conheceu.

Roberto: Mas como era ela, assim, a madrina Anja?

Marinete: Ela era do mesmo tipo que era o retrato do meu padrinho Cícero. Era. O cabelinho cortadinho baixinho, um vestido arrastando nos pés, cobrindo os pés, as manga, aqui, bem aqui, parecendo uma batinha. Me lembro como se fosse hoje.

Roberto: Foi mesmo? A senhora chegou a conversar com ela?

Marinete: Cheguei a conversar com ela... Nós viemo de Alagoas em setenta e quatro. Ai viemo pra aqui. Quando chegemo aqui fumo pro Horto. Do Horto disseram: “vamo pro santo sepulcro”. Ai lá não tinha água. Era a sede maior do mundo. Ai cheguei na casinha dela. A casinha dela era uma casinha de taipa era uma casinha veínha, na entrada... mesmo pegado com um valado. Ai nós chegemo lá...

Neste momento Dona Virgínia, uma outra penitente chega no lugar.

Virgínia: Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo.

Todos: Para sempre seja Deus louvado.

Marinete: Ai nós chegamo lá e pedimo água. Eu pedi água a ela. Eu disse: Dona Maria, me dê uma aguinha. Ela disse assim: “vai beber menina! No pote tem é muito! Vai beber...” Ai eu e disse: “os menino também tudo quer”. Ai ela disse: “pode beber! Beba ai para encherem a barriga!”. Quando eu cheguei lá, Deus tá vendo que eu não tô mentindo, tinha um pouquinho de água, bem pouquinho, no fundo do pote. Eu disse: “Valha-me nosso senhor Jesus Cristo”. Ai eu me virei pra ela e disse: “Dona Maria, me diga uma verdade, e essa água vem da onde? Por que a senhora não pode mais ir buscar”. Ela disse: “Ora, ora, menina... Não falta água pra quem serve a Deus não. A mãe de Deus manda.”. Ai eu disse: “Pois então nós vamo beber”. Tomemo a água. Eu tomei dois copo. Meu pai tomou, meu irmão tomou, minha cunhada tomou, tudo tumemo a água. Quando eu terminei e olheia água tava do mermo tanto dentro do pote.

Roberto: Um milagre, né?

Marinete: Eu disse assim a ela: “Como é o nome da senhora? É Maria mesmo?”. Ela disse: “Não. É Ângela”. “Ô dona Ângela, pois me diga uma verdade?”, eu era moça solteira nesse tempo, “Eu tinha tanta vontade de ficar aqui com a senhora...” Ai ela arregalou o olho e disse: “Quero não, minha filha. Quero não. Você é uma mocinha, vá pra casa pontá o seu pai e a sua mãe. Você é uma mocinha. Você vai vim praqui. Tem o tempo marcado de você vim praqui. Vai vim praqui. Mas quando você vinher, você já vem com quatro.”. Ai eu disse: “Com quatro pessoa? Então é com meu pai, minha mãe, meu povo...” Ela disse: “Não... É você, que já vem com quarto. Da sua família!” Ai eu disse: “Tá bom...”. Ai ela conversou mais nós, ai eu disse que nós ia pro horto. Ai ela disse: “O que é vocês vão ver no horto? E lá no Sepulcro?” Eu cheguei e disse: “Nós vamo pro Sepulcro...” Ela disse: “Ora, ora, menina... O Sepulcro de nosso senhor é aqui. Mas vocês querem ir, vão.” Ai nós fumo. Quando nós cheguemo nós num passamos mais pela casa dela não. Eu vi ela! Então perguntando, conversando com seu Zé (mestre José), ele disse: “Era ela mesmo, minha filha.. Por que ela não era morena, era uma mulher alva... Era ela mesmo, era mamãe Anja.”

Roberto: Que foi ela que botou ele no caminho da penitência, num foi?

Marinete: Foi. Ela chamou ele, ele morava em Caruaru, ela chamou ele, pra ele vir, pra mó de tomar de conta da penitência.

Roberto: Ela chamou ele como? Ele sentiu no pensamento dele?

Marinete: Foi pelo pensamento que ela chamou ele. Ai deu aquela vontade de vir simbora. Ai ele deixou tudo o que tinha lá e veio simbora. Quando chegou cá, veio, alugou uma casa, botou uma banca de peixe e ficou vendendo peixe. Ai ele deu com ela lá. Ai ela disse: “Olhe meu filho eu não quero tu vendendo peixe não, nesse cidade. Eu quero tu é com um saquinho nas costa.” Foi quando ele criou os penitente.

Roberto: Vocês ainda têm aquelas bandeirinhas dos penitentes?

Zefinha: Tem. Lá na casa dele. Na casa dele ainda tem.

Roberto: Na casa dele vocês ainda frequenta?

Zefinha: Frequenta. Todo tempo que é pra sair com uma renovação, tem que sair de lá, da casa dele.

Roberto: E onde é a casa dele?

Zefinha: É lá perto de Joca. Lá tem a casinha dele. Agora é que a casa dele, (trecho incompreensível de 20:03 a 20:07) [...] A casa dele tá assim: foi partida no meio. Enquanto ele tava vivo mais a mulher dele, veio uma cunhada minha que cuidou dele. Essa cunhada minha cuidou deles até a morte.

Roberto: Tanto de mestre José como de Dona Regina?

Zefinha: Foi... Cuidou deles. Essa cuidou uma parte, depois minha mãe prostou-se e ela veio cuidar da minha mãe.

Marinete: Eu cuidei dele dez anos.

Roberto: Foi mesmo? A senhora cuidou dele dez anos?

Zefinha: Ai minha cunhada ficou lá... Quando foi uma dia, ela ficou com dona Regina até ela morrer, parece que viveu uns quatro meses. Ai ela foi e deu a casa, uma parte a minha cunhada. Que tava cuidado dela. Deu a casa pra minha cunhada. Disse assim: “olhe... essa casinha é sua... pegue esses papel que você cuidou de mim e fique com a casa.” Ela disse: “Tá bom.” Quando é agora eles queria que entregasse a casa, mas não pode por que foi entregue nas mão dela. Ai ela morreu também, a minha cunhada. Quem tá é uma neta dela. Partiram a casinha no meio.

Roberto: Mas tiraram as coisinhas dele, ou ainda tá lá?

Zefinha: Ainda tá tudo lá as coisinha dele. Quer dizer, negocio de móvel, essas coisa não tem não. Lá tem a mesa do santo, tem o coração de Jesus na parede, tem o coração de Maria, tem os santinhos, os santo, tem a Missão lá em cima de uma caminha... A Missão dele, tá lá. Ai tá o quadro de bandeira tudo dos penitente.

Roberto: Mas não é aonde sr. Joca mora não?

Zefinha: É pertinho. É pra lá um pouquinho. Agora mesmo tem um senhor que vai lá acende a lamparina do santo, vai e varre, arruma tudo, coloca uma florzinha. É mermo que tê uma pessoa morando. Mas não tem ninguém, é só os santinho na parede e a Missão.

Roberto: Mas se eu for agora lá tá fechada?

Zefinha: Tá fechada.

Roberto: Que hora que ele abre?

Marinete: Ha... ai não sabe. Dona Virgínia tem a chave.

Zefinha: É. Dona Virgínia tem a chave.

Roberto: Só pra eu entrar lá depois e tirar umas foto pra colocar no meu trabalho da faculdade.

Zefinha: Pois quem abre é dona Virgínia.

Roberto: Pois eu vou lá nela depois. Vou pedir pra tirar umas foto.

Zefinha: E você mora aonde?

Roberto: Eu moro aqui no Juazeiro. Lá perto do Salesiano.

Zefinha: Ha... Pois é. Vá lá em dona Virgínia. E também tem um pessoal que cuida das coisa dele.

Roberto: Já tem mais de ano que vou conversar com sr. Joca e nunca vim conversar com vocês aqui. Eu posso vir outras vezes aqui?

Zefinha: Pode. Se Deus quiser. Enquanto nós for viva...

Roberto: Pronto. Pois eu venho aqui ainda perturbar um bocadinho.

Marinete: Pois você vem aqui conversar alguma coisa e também explicar pra gente.

Roberto: Eu não sei de nada não... Tô aqui pra entender. Por que eu acho muito bonito... Tá com mais de ano que eu vejo a penitência, acho muito bonito e quero fazer o meu trabalho da faculdade sobre vocês.

Zefinha: Olha, criatura... Nós num pode mais fazer o que nós tinha vontade não. Nem pra Matriz nós tá podendo ir. Que nós tem dor nas perna, nós tem dor nas costa. Nós tem muitos incomode. Nossas oração é em casa. Nós reza o terço na boca da noite. A penitência é essa. Desde o princípio. Quando podia andar, andar. Com um balainho na cabeça subindo e descendo. Pois pronto. Depois que nosso senhor chamou o mestre ficou um irmão meu encarregado.

Roberto: Como era o nome dele?

Zefinha: Era Manoel, que morreu também. Ai ficou... Ficou a gente... Aqui... Só aqui mesmo... Rezando o rosário... Mas tem uma rapazinho que reza as renovação. Tem um que tira as renovação e reza! Ele é muito entendido e sabe conversar bem! Mas eu não sou capaz de levar você na casa dele... Por que é um povo assim meio estranho. Ele num recebe todo mundo não. Era bom você conversar com ele. Você fica tão satisfeito que nunca mais você quer deixar de conversar com ele.

Roberto: Eita, e é? E como é o nome dele?

Zefinha: Israel.

Roberto: E onde é a casa dele?

Zefinha: (risos) Eu não posso nem te dizer onde é.

Marinete: Mas madrinha, se mandar ele lá, ele não vai dizer quem mandou não.

Zefinha: Mas eu não digo não... Aquele povo é meio sismado.

Roberto: Mas ele é da penitência também??

Zefinha: É. Mais ele chegou depois... Ele não conheceu o mestre.

Roberto: Já chegou depois e não conheceu o mestre?

Zefinha: Quem conheceu o mestre foi o pai dele. Quando o mestre morreu ele era menino pequeno. Mas o menino tem entendimento, tem dom de Deus, tem leitura e sabe conversar, não é brincadeira não. Mas o pai é quem governa ele...

(trecho incompreensível de 25:00 até 25:07)

Roberto: Ou... Mas se a senhora me dissesse o endereço dele eu ia achar tão bom (risos).

Zefinha: Eu posso dizer a casa, mas você não diz que foi nós que dissemo. Pelo amor de Deus.

Roberto: Não, digo não. Eu digo que foi o povo que me disse.

Nesse momento elas começam a me explicar onde é a casa do penitente. E depois me forneceram algumas informações de como lidar com essa nova família.

(Gravação interrompida)

Entrevista do dia 08 de julho de 2015 com o Penitente Israel e o seu pai, Sr. Francisco:

Essa foi a primeira entrevista que fui autorizado a gravar com Israel, na época o penitente mais jovem da irmandade, e Sr. Francisco, o seu pai. A partir dessa data começamos a estabelecer uma frequência de encontros mais constantes que foram gravados ou não. Desses encontros resultou uma amizade e admiração que guardo com muito carinho e respeito.

Roberto Viana: Como é que você entrou na irmandade? Porque você é jovem, né? Como é que você entrou em contato? Você seguiu o seu pai? Seu pai, Sr. Francisco, desde criança lhe educou nessa questão? Quando foi que você sentiu a vontade de que você tinha realmente que vestir azul, ser um penitente, seguir os passos do seu pai, os passos dos *Aves de Jesus*?

Penitente Israel Aves de Jesus: Nesse caso aí, o que eu posso lhe afirmar meu filho, eu acredito que da minha parte foi como um chamado, um chamado interior, como um quebra cabeça que se encaixa com outra peça. Nesse caso aí o que eu posso lhe explicar, é que da minha parte, eu não pude observar algum exemplo familiar de se algum ente meu, algum parente meu, ser dessa irmandade da penitência. Eu mesmo foi que me entortei de me conscientizar e também querer seguir esse ideal de vida. Eu por assim dizer fiz esse chamado de mim mesmo, não foi propriamente influenciado por outra pessoa.

Roberto Viana: Ah, então não foi o Sr. Francisco que te influenciou?

Penitente Israel Aves de Jesus: Não, foi não.

Roberto Viana: E o senhor, Sr. Francisco, frequentou esse primeiro grupo quando Mestre José estava vivo ou já é outro grupo?

Senhor Francisco: Quando Mestre José era vivo, nós nem conhecemos ele. Quando Mestre José faleceu, no início do ano 2000, início do ano dois mil... é que nós viemos

conhecer o nosso diretor espiritual, posso dizer: “nosso diretor espiritual”, o compadre Manoel, o melhor aluno que ele tinha, nós conhecemos ele eu acho que, posso dizer que foi em 2005 pra cá. Eu vou dizer 2005 pra cá mas eu não posso dizer a data certa. Não tem a data certa não. Porque antes de nós vim frequentar as casa dos penitentes e conhecer o livro da Santa Missão, eu me encontrei com compadre Manoel, nosso diretor, eu me encontrei com ele andando na Castelo Branco, que ele trabalhava na penitência, quando eu me encontrei com ele nós subimos a Castelo Branco conversando e eu empurrando o carrinho de mão dele, nós assim, conversando, nós dois. E ele me falou algumas palavra que eu não tinha ouvido ainda. Me interessou. Despertou em mim... Despertou curiosidade. Como se diz, né? Quando a pessoa não tem tanto conhecimento, a primeira coisa que desperta é curiosidade, depois vem o interesse.

Ai eu peguei, conversei mais ele, ouvi algumas palavra e fui pra casa, quando cheguei lá conversei com a minha esposa, meus filhos, algumas palavras, eu disse: “é diferente, as palavra que ele pronunciou pra mim é diferente”. E eu fiquei assim, né? Com aquele interesse né? Aquela curiosidade na minha mente. Depois eu encontrei com ele outras vezes, não foi só uma vez. Ai depois eu vim um dia passear na casa da minha irmã que ela mora no Tiradentes. Ela ainda mora também. Ai nós viemos, viemos com minha esposa e meus filho passear na casa da minha irmã e nós passamos o dia com ela e depois quando foi de três pra quatro hora nós fomo pra casa. Nesse tempo nós não morava no Tiradentes não, nós morava lá no Timbaúbas. Ai nós passamos lá pela casa dele! Eu digo: “vamo passar lá pela casa do Penitente?”. Ai disseram: “Vamo”. Ai quando nós chegamos lá conversamos com ele, ele recebeu a gente bem, nós conversamos com ele bem, ele nos serviu café, mandou a irmã dele preparar um café, comadre Lia, que hoje em dia é minha comadre, mas nesse tempo não era. Nós tomamos café, ele leu a Santa Missão pra nós ouvir e falou para nós algumas palavras, ai eu já fui pra casa com minha esposa e meus filhos, já fomo com outro pensamento! Sabe? Já um interesse... um interesse pessoal de dentro que vinha no coração de procurar mais a ouvir o que ele tinha pra nos ensinar, sabe?

Ai nós voltamos outros dia, visitamos ele... Ai ele nos aconselhou. Ele disse: “Olhe, tem um penitente chamado Seu João, Seu Joca. O nome é João, mas o apelido é Joca. Ele renovou a Santa Missão que ele tem um livro antigo na casa dele, que ele herdou dos familiares dele, ele renovou, e ele tá distribuindo esse livro da Santa Missão para as pessoa que quiserem adquirir a Santa Missão. É um livro muito importante”. Eu com minha esposa e meus filhos só tinha conhecimento da Bíblia. Nós só tinha conhecimento da Bíblia, nós não tinha da santa Missão. Ai nos pegamos, seu Joca foi lá, nos adquirimos a Santa Missão, ai esse rapaz [referindo-se ao penitente Israel], ele começou a ler a Santa Missão, e nós lia a Santa Missão todo dia, vinha pra casa dele nos domingos e dias santos e ele lia a Santa Missão pra nós e nos ensinava como um bom professor ensina aos seus alunos. Explicava. O que ele dizia a respeito da Missão ele falava e eu procurava as prova, eu procurava as prova, e encontrava a explicação correta na própria Missão. O que ele falava eu encontrava na própria Missão. E ele dava o próprio exemplo, né? Da vida dele... Ele dava o exemplo da vida dele. O exemplo é muito importante! Você falar é apenas uma parte, você dá o exemplo é melhor que falar. O exemplo é maior que sua fala.

Então, ele falava e dava exemplo aí nós começamos uma amizade importante com ele e a mãe de Deus, que é santa, e meu Padrinho Cícero, que é santo, e o Sagrado Coração de Jesus que é santo que começou a chamar nós para se aproximar mais ainda e nós viemos, começamos a visitar mais ele, domingos e dias santos, começamos a ir pra Matriz com

ele, Domingo e dia santo as vezes ele ia, os festejo, as festa, de Nossa Senhora das Candeias, de Finados, Nossa Senhora das Dores, ele ia e nós ia mais ele, e voltávamos para casa dele. Íamos para o horto com ele na quaresma, que ele fazia a quaresma todinha, conseguia, que nem o chefe da penitência fazia, da mesma forma. E fomos se adaptando a esse modo de vida penitente, que pra mim é muito importante. Eu falei lá, já falei para algumas pessoas que é a maneira exata de você viver ou qualquer criatura viver e agradar um pouco a Deus. Agradar um pouco a Deus. Por que foi muito sacrifício. Muito sacrifício, muitas dores, muitos sofrimentos, muitas humilhações, que Nosso senhor Jesus Cristo, nosso verdadeiro Deus feito homem, sofreu e padeceu por nós. Você sabe dessa parte né? Todos nós sabemos. Então, por mais que nós fizer, nunca vamos conseguir fazer tanto quanto nosso Deus merece. E nosso Deus merece que nós faça isso para agradar a ele. Mas, dentro de uma penitência que nem essa é a maneira mais fácil que você encontra, como se diz assim, se você realmente quiser e for chamado, de você servir um pouco a Deus, e agradar um pouco a Deus. Como se diz: abraçar um pouco mais a Deus, e desprezar um pouco mais as fantasias do mundo. Certo? Então é dessa maneira que eu estou me expressando a respeito da pergunta que você me fez, sabe?

Roberto Viana: Como é que uma pessoa hoje, uma pessoa qualquer que não seja desse ciclo de vocês, que queira ser penitente, é possível hoje? É que eu estudei que tinha um ritual chamado *batismo da cruz* que queimavam-se os documentos de identidade, de certidão de nascimento, e a pessoa renascia com um outro nome, né? José Aves de Jesus, os homens e Maria Aves de Jesus as mulheres. Isso acontece ainda hoje ou é prática que era do Mestre José?

Penitente Israel Aves de Jesus: Não, de fato ela ainda existe. Todos aqueles que por acaso quiserem aceitar essa maneira de vida penitente e entrar nessa vida.

A partir desse momento, algumas pessoas apareceram para visitar a família e a conversa ficou muito fragmentada e dispersa para uma transcrição.

Transcrição da entrevista feita com João José Aves de Jesus do dia 19.03.2014 (dia de São José)

Realizei essa entrevista no dia de São José. Ao chegar na “Casa da Missão” me deparei com uma cena que me inquietou de imediato. Acompanhando o penitente João José Aves de Jesus estavam dois homens que não tinham as mesmas características que eu conhecia dos Penitentes Peregrinos Públicos:

Roberto Viana: Vocês também são penitentes?

Sr. Antônio: Somos também.

Roberto Viana: Qual é o nome do senhor?

S. Antônio: Antônio.

Roberto Viana: E do senhor?

Sr. Damião: Meu nome é Damião Meneses da Silva.

Roberto Viana: Eu gostaria de saber: como surgiu o grupo de penitentes?

João José Aves de Jesus: O que você me pergunta eu respondo assim: por que a palavra penitente vem de Jesus. Vem de Jesus mesmo. Toda penitência que existe nesse mundo, nesse espaço da Terra hoje vem de Jesus por que ele foi o primeiro penitente. Então penitente é obediência, é sofrimento, é caridade, é oração, é boas obras. Ele trabalhou e deixou o exemplo pra nós. Eu conto a história da penitencia é Dele. Agora, de lá pra cá, ninguém conta mais o tanto de grupo de penitente que foi gerado. Dos princípio do testamento até hoje. Mas eu conto de lá, do pé da letra! Quem for penitente e quiser contar outras história, conte. Mas eu não conto outras, eu conto é essa. Nós vamo é pro pé da letra, por que lá não tem dúvida. Lá não tem falha.

Roberto Viana: E aqui no Juazeiro? O grupo aqui do Juazeiro, como foi que surgiu?

João José Aves de Jesus: Ha! Aqui de Juazeiro, é dentro do mermo sentido que tô lhe falando. Por que as penitência vem, vem, vem, vem de lá dos princípio do testamento como eu tô lhe dizendo e quando chegou a ter construído o Juazeiro aqui no conhecimento do nosso pai e padrinho Cícero Romão Batista, ele não tinha não era só um grupo de penitente, ele tinha era muitos. Muitos grupos de penitente. Tudo em comando dele. E nenhum grupo daquele que obedeceu ordem dele foi desclassificado. Todos eles tiveram o fruto da penitência dado por Deus e meu padinho Cícero Romão Batista. Agora, por que meu padrinho Cícero tinha essas virtudes todas? De penitencia, da romaria, do povo que seguia ele? Por que ele já vinha era de lá, do conhecimento, do pé da letra de Jesus. Entendeu meu filho? Agora ai tudo o que ele fez pra Juazeiro em planta de conhecimento espiritual e obra de salvação eterna foi tudo no pé da letra. Ele buscou tudo de Jesus. Ele se ordenou pra ser padre sem nem precisar de sabedoria daqui. Que ele já trouxe de lá, viu? É por que ele queria passar por aqui como eu, você e nós todos gera um lado de uma família e se cria e ganha o conhecimento de doutor lá na frente se se esforçou e interessou. Pode ser um padre, um bispo ou qualquer autoridade que tem a formação de doutor. Por que se interessou. Por que aprendeu. Quem batalhou vai alcançar a graça né? Mas eu padinho Cícero já trouxe a dele de lá! De lá praqui! Mas ele precisava passar por tudo isso aqui pra poder lapidar o meio de uma família. De uma família universal e de uma família também.

Roberto Viana: E hoje aqui no Juazeiro, o senhor sabe dizer quantos penitentes tem nesse grupo aqui do Juazeiro?

João José Aves de Jesus: Hoje, pra eu contar esses penitentes do Juazeiro hoje, pode ter certeza disso, se fosse o papa de Roma viesse a Juazeiro fazer essa pergunta dos penitentes para eu dar o conhecimento aqui do Juazeiro, eu ia dizer sabe o que? Eu ia dizer assim: Pontífice, vamos seguir a missão do padre Cícero que vem lá de Jesus e ai, dizendo assim eu já estou presente nas iniciais dos Penitentes Públicos de profissão de fé. E outro pra eu contar, pra ter essa responsabilidade que você mesmo já sabe. Você tá pensando que esse livrinho da “Missão” que você já tem ele, você tá pensando que aquele livrinho ali foi pra qualquer pessoa pegar ele e dizer: “ai esse livro está velho e eu vou renovar ele que eu vendo ele e ganho mais alguma coisa de bem da terra”? Assim a missão nunca pode ser renovada, mas quando for pelos interesse espiritual, uma escolha de Deus, Nossa Senhora e meu padrinho Cícero, só obra de interesse aqui da terra de nada, e não de salvar a minha

alma? Eu não tenho interesse nesse real aqui não meu filho. Meu interesse aqui é que Deus salve a minha alma, que pelo amor de Deus não deixe eu me perder. E eu ainda digo: meu pai se eu merecer essa salvação meu pai com esse pequeno merecimento que eu tiver de alcançar minha salvação meu pai, pois meu pai pegue esse merecimento poquinho que eu tenho, reparta meu pai para meus irmãos, aqueles que eu nem conheço, nem sei se existem na face da terra, mas vós é quem sabe, é quem entrega, é quem conserva, é quem nasce, é quem cria, quem sustenta, então meu pai, vós é quem sabe, quantos tem, quantos merecem e quantos precisam. Meu pai, se eu merecer a salvação dê a meus irmãos meu pai. Dê a meus irmãos! [trecho incompreensível] Cinco mil pessoas com fome e o senhor pegou uma moedinha de uma coroa e deu a Felipe o seu servo mandando ele comprar cinco pães e dois peixes para alimentar cinco mil pessoas que vinham com fome e de cinco pão veio com os peixe o senhor alimentou cinco mil pessoas e ainda sobrou o que doze cestos e mandou que aqueles doze cesto fossem partidos para 165 trilhões e meia de geração para que ninguém mais ficasse com fome mas conhecesse Jesus como pai, como rei supremo, então faça isso que, com esse merecimentozinho que eu tiver, que eu alcançar, da minha salvação, não salve só eu não, salve aqueles que merecer da sua parte que trabalha espiritual e reparta a graça com aqueles que não soube parar pra pensar na salvação eterna. Eu peço a Jesus se essa graça eu tiver que reparta esse merecimento. Por que eu tenho certeza que se o senhor partir pra eles o meu direito o meu merecimento pequeno que meu pai não vai me deixar.

Roberto Viana: O senhor acha que hoje a igreja católica está seguindo a missão como era para seguir? Aquele livro que o senhor me entregou?

João José Aves de Jesus: Tá não senhor! Eu tô mandando pra dentro dela agora, viu? Deus tá chamando como Noé pregou cem anos, você já leu isso aqui já? E eu tô aqui é pra aprender com vocês também. Eu vim aqui pra isso também. Eu não sou daqueles de dizer: eu já sei e não preciso mais de ninguém na minha frente. Eu digo assim: eu sei por que Jesus me ensinou e eu não lia, não sabia, não sei de nada. Mas se Deus me ensina, como ensina a todos. Por que eu quero aprender com meu pai do céu e ele tá me ensinando e eu tô aprendendo mas eu quero aprender muito mais com meus irmãos maior e mais confiante. Nunca diga que é um doutor formado e que não precisa de mais sabedoria.

Roberto Viana: E o senhor aqui todos os dias recebe pessoas que queiram saber da Missão? Vem muita gente saber da Missão? Como é?

João José Aves de Jesus: Se não vem em corpo, vem em espírito. Aqui o que não vier em corpo vem em espírito. Aqui o que não vier em corpo vem em espírito.

Roberto Viana: Depois que morre vem para cá?

João José Aves de Jesus: Depois que morre vem.

Roberto Viana: É? Procurar a Missão?

João José Aves de Jesus: Procurar a Missão. Ela é uma fonte de água viva.

Roberto Viana: E é aqui “A casa da Missão”? Tem outro lugar no mundo?

João José Aves de Jesus: Não é aqui ó. (trecho incompreensível 09:18-09:20) dando entrevista como você tá aqui com esse aparelho na mão. (*mostrando uma foto dele segurando a Missão Abreviada*)

Roberto Viana: Esse aqui é o senhor ou é o Mestre José? Qual a importância dele para o senhor?

João José Aves de Jesus: A importância dele é por que Deus é assim: ele colocou o primeiro papa em Roma, Pedro, e depois de Pedro colocou outro, e quando ele quis, chamou o segundo e colocou o terceiro, e quando ele quis, chamou o terceiro e entrou o quarto. E ainda hoje entra papa, ainda hoje tem papa. Mas todos eles são sucessores do primeiro. Como o primeiro é sucessor de Jesus. Mesmo assim todos os papa depois de São Pedro são sucessor de Pedro e Pedro é sucessor de Jesus.

Roberto Viana: É como se o Mestre José fosse um papa desses?

João José Aves de Jesus: É como se o Mestre José fosse uma pessoa como é muito importante pra dentro do caminho da salvação. Ajudando os Papa, ajudando os bispo, ajudando os missionário e ajudando os padre. Na pessoa dele, como eu conheci ele. De Penitência Pública. Principalmente hoje, a Missão dele. E foi e Missão ficou. Mas Deus conservou o mundo para adiante e não acabou ainda. Por isso o meu irmão José Aves de Jesus completou a penitência dele partiu para Deus e deixou a Missão dele aqui para nós. No conhecimento dele não foi renovada com papel e tinta, só um livro velho como esse que eu tava aqui na mão. Mas da mão dele para a minha a Missão está renovada hoje aqui na sua mão. E na mão de Padre Murilo na matriz de Nossa Senhora. E também está na mão do conhecimento do bispo do Crato. Eu tenho certeza disso ai. E não precisa eu apresentar a outros padres mais. E nem mais a ninguém por que padre e bispo já sentou aqui nesse banco que você está sentado ai em busca da Missão. E eu vou dizer que essa Missão não vale na minha mão e na sua? Vale! Vale na minha mão e na sua, vale para todos os padres, para todos os bispos, para todos os missionários, e para todos os Papas de Roma! Para todos os beatos, para todos os penitentes! E para todos os agricultores da roça, também para todos os doutores engenheiros que seja cultivador, fazendeiro, industrial, comerciante, empresário, o que for. A Missão serve pra todos. Serve pra tenente, major, coronel, delegado, juiz de direito, prefeito, e governo estadual, e senador e deputado, para todos os presidentes dos 25 país. A Missão serve é pra tudo. E o que pensar que Missão não vai servir, Deus vai fazer assim (fazendo um gesto com a mão como se fosse afastar algo de perto dele). Deus vai fazer assim. E como fizeram com ele na cruz ele vai fazer com nós agora. Mas ele não vai fazer com nós não é na covardia como nós fizemos com ele não. Ele vai fazer com nós é como um bom pai de misericórdia com essas pessoas que vivem sofrendo. Tanto sofrimento que fizeram com Jesus... mas agora sem sofrimento, sem dor, sem sacrifício. Entendeu meu filho? Agora vai depender de cada um de nós. Trabalhar pra se salvar por que se se interessar eu, você e nós

todos pela salvação não pense que Bíblia sem doutrina, sem leis, sem religião, sem mandamento da lei de Deus e da Igreja, sem sacramento da lei divina, não pense que Bíblia vai salvar ninguém não. O que vai salvar nós é a Missão.

Roberto Viana: Seu João, quando o senhor estava rezando ali nesse instante eu vi o senhor dizendo assim: Maria, Madrinha Ânja, Ângela do horto. Eu nunca tinha ouvido falar dessa senhora. O senhor pode falar sobre ela pra mim?

João José Aves de Jesus: Posso sim. Posso por que Madrinha Ângela do Horto, a palavra “Ângela” você sabe o que é?

Roberto Viana: Anjo? Tem a ver com anjo?

João José Aves de Jesus: Tem! Por que o anjo ele tem o masculino que é o homem, né? O homem. E também o anjo ele entra...

Roberto Viana: Feminina?

João José Aves de Jesus: ... Feminina. É uma anja, entendeu? E eu conheci essa palavra “Ângela do Horto” foi em penitência, em penitência dentro desse mesmo sentido que eu tô te dizendo aqui.

Roberto Viana: Ela morava no horto e era amiga do padre Cícero?

João José Aves de Jesus: Ela e um grupo de penitentes. Essa penitência daqui mesmo veio no sentido de lá. Por ordem de meu padrinho Cícero já era ela uma de dentro da formatura de meu padrinho Cícero, de penitência. E ai chegou ao conhecimento da gente. Quer dizer, ai a gente colheu esse ensinamento dela. Ela mostrava o exemplo de **Nossa senhora das dores**, aquela santa ali ó. (apontando para uma imagem na parede) Pode ver que ela que eu falei agora ali, que você entendeu, a madrinha Ângela do Horto, tanto faz eu dizer: “Viva minha madrinha Ângela do Horto”, como eu dizer: “Viva nossa senhora das dores!”. Como eu dizer: “Viva minha mãe madrinha Ângela do Horto!” Você não precisa de sua mãe não?

Roberto Viana: Precisa...

João José Aves de Jesus: E você não precisa de seu pai?

Roberto Viana: Com certeza...

João José Aves de Jesus: E você tem só o seu pai para lhe dar uma educação de cristão dentro do conhecimento de salvação?

Roberto Viana: Não. Tenho meu pai e minha mãe.

João José Aves de Jesus: Então o pai e a mãe não são os primeiro não? E pra que é o padrinho e a madrinha da gente? Não é pra conferir? Primeiro pai é o céu, segundo pai é da terra. Entendeu? E primeira mãe é Nossa Senhora, e a segunda mãe é a nossa mãe maternal. Pai e mãe do céu sem pecado, em santidade. Que gera e dá o sustento e conserva. E pai e mãe aqui da Terra onde nós fumo, quer dizer, onde Deus gerou nós da fraqueza no nosso pai e da nossa mãe da Terra. Você sabe o que é isso? Entendeu? Vê quanto Deus é bom. Quanto Deus é misericordioso. Quanto Deus é fiel. Quanto Deus é poderoso. Sei que a misericórdia de Deus é tao grande que ele poderia ter condenado os nosso primeiros pais. Como podia condenar a nós hoje. Foi essa parte de geração de pai e de mãe e de filho. Mas ele não condenou Adão e Eva, pra não perder essa geração que somos nós. Ele acolheu adão e eva. O salvador: Vou te mandar um salvador. Tu vai ver 900 anos mais ou menos. E tudo o que tu sofrer nessa vida não vai dar pra pagar esse pecado que tu tem. Desobedecer um Deus tão poderoso e forte pra obedecer uma serpente né meu filho?

Roberto Viana: Deixa eu só perguntar mais uma coisa pro senhor. Quando eu vim aqui da outra vez a frente da casa do senhor estava diferente, né? O senhor mudou pra ficar melhor ou foi por causa de alguma coisa, assim?

João José Aves de Jesus: Mas tava diferente o que?

Roberto Viana: Tava maior assim, a cor estava diferente, o triangulo, tinha o nome “A casa da Missão” bem grande, não estava diferente?

João José Aves de Jesus: Não mudou nada não, tá a mesma coisa. O letreiro é o mesmo. E crescer e diminuir as letras não tem nada haver não.

Roberto Viana: Deixa eu perguntar uma coisa pro senhor. Lá em cima tinha um “D” e outras letras. Qual o significado dessas letras? Lá em cima, “D” e depois aquelas outras letras? “VMJ” é?

João José Aves de Jesus: Não, o “D” que tem lá em cima é em cima da missão.

Roberto Viana: Ha... Então aquele livrinho lá em cima é a Missão?

João José Aves de Jesus: É sim. Agora, o “D” é “D” de Deus. Por isso que ele tá lá em cima sozinho. É um símbolo. É uma iniciais resumida. É só Deus. “D” de Deus. Pronto é a Missão, é só Deus, é só uma leis, é só uma religião e só um salvador que é Jesus.

Roberto Viana: Ai o senhor ainda todo dia vai na rua cumprir a pentência...

João José Aves de Jesus: Tem que ir.

Roberto Viana: Ai o que é o que o senhor faz? O senhor vai na Igreja, vai nas casas?

João José Aves de Jesus: As igrejas eu tenho que ir por que é a casa do meu pai celeste. Se viesse com essa missão proibida de entrar nas igreja ou que eu tivesse medo de entrar então a Missão não tinha valor. Agora pela missão eu posso ir na Matriz de Nossa Senhora e até chegar lá e pregar uma palavrinha que não interrompa, que não atrapalhe, que não prejudique a profissão do nosso irmão sacerdote.

Roberto Viana: O senhor vai na hora da missa, todo dia?

João José Aves de Jesus: Eu posso ir qualquer hora que der vontade.

Roberto Viana: Mas tem uma hora que eu podia encontrar o senhor lá pregando também na Igreja?

João José Aves de Jesus: Tem sim. Vou mais no domingo. Quando eu vou pra missa das cinco horas na Matriz, da manhã, vou pra missa de nove. Quando não vou pra de nove, vou pra de sete no socorro. Entendeu? E quando eu não vou lá posso ir por aqui pras igrejinha mais perto. Sendo Igreja Católica é uma só.

Roberto Viana: Ai quando termina a missa o senhor dá uma palavrinha também?

João José Aves de Jesus: Posso dar por que quem manda é Deus. Quando Deus manda eu tenho que falar. Agora quando Deus manda na hora certa. Se o mesmo padre viesse fazer: “Seu João se cale que aqui quem manda...” (pausa) Eu ia dizer o que? “Padre, eu vim para ouvir a missa e o senhor já celebrou eu já escutei, já ouvi, que nem todos os irmãos filiados a igreja. Padre, que não tava em festa a igreja de casamento, batizado, de celebração, o que o senhor precisar fazer pra eu não ficar tomando o seu lugar (risos) Então padre, deixe eu batalhar também. Deixe eu batalhar também que eu posso tá até ajudando o senhor também. Eu quero ajudar o senhor.

Roberto Viana: E já chegou de acontecer isso, de o padre pedir para o senhor sair da Igreja?

João José Aves de Jesus: Não... Até agora não. Vem outras pessoas assim... Mas quando vem, Deus já vem primeiro.

Roberto Viana: Ai o senhor, qual é a data, assim que o senhor vai? Dia de São José? Dia de finados? Qual o dia que o senhor gosta mais de ir pregar lá na Igreja? Ou não tem isso?

João José Aves de Jesus: O domingo é o dia do senhor.

Roberto Viana: Os penitentes ainda fazem em Maio pra nossa senhora as bandeirinhas?

João José Aves de Jesus: Todos eles que queiram rezam o terço em família e levantam as bandeirinhas.

Roberto Viana: Essa bandeirinha que tem aqui é nova ou é aquela antiga do senhor?

João José Aves de Jesus: É a antiga. É a original.

Roberto Viana: É a primeira né?

João José Aves de Jesus: Minha bandeira eu nunca mudei! A primeira bandeira que eu levantei em oitenta e dois mais o mestre da penitência. É essa que tá levantada até hoje.

Roberto Viana: O senhor poderia me mostrar ela?

João José Aves de Jesus: É essa que tá levantada ai no poste.

Nesse momento nos levantamos para olhar a bandeira do lado de fora enquanto o penitente explicava que deveria trocar para lavar “de vez em quando” por conta do vento.

Roberto Viana: Ai todo Maio o senhor ainda levanta ela?

João José Aves de Jesus: Todo primeiro de Maio a gente levanta e só tira no derradeiro dia.

Roberto Viana: Ai nesse dia primeiro de Maio qual é a hora que vocês fazem isso?

João José Aves de Jesus: Eu só levanto essa bandeira aqui na parte da tarde.

Roberto Viana: Eu podia vir assistir quando o senhor levantar a bandeira em Maio?

João José Aves de Jesus: Pode. Você que sabe. Na parte da tarde. O dia enquanto é dia do mês de Maio, nem que os outros penitentes mesmo que ainda participa, nem que eles levantem pela manhã, eu só levando a minha na parte da tarde.

Roberto Viana: Eles podem fazer uma coisa e o senhor fazer outra?

João José Aves de Jesus: Não. É a mesma coisa. É a mesma coisa! Se nós fizer coisas diferente que não seja apoiada pela Missão, por dentro da Missão, aquele que agir diferente, tá errado! Não é acolhido para dentro de uma penitência séria!

Roberto Viana: Pronto... Vou só fazer minha última pergunta pra todo mundo ir embora (risos): Por que Juazeiro? Por que a “Casa da Missão” é aqui em Juazeiro e só e a “casa da missão” que as pessoas podem procurar a salvação? Ou só é aqui em Juazeiro na “Casa da Missão”? O senhor me falou assim: “Se a pessoa não vier em corpo, vem em espírito depois” pra “Casa da Missão”. É só daqui que tá saindo a “Missão”, né? E por que é que é no Juazeiro? Tem alguma coisa especial?

Durante esse “bombardeiro” de perguntas o penitente respondia entre as interações: “É sim”, “Isso mesmo” repetidas vezes.

João José Aves de Jesus: Você pergunta muito bem. Porque meu padrinho Cícero disse: “Quem me suspende de ordem hoje, meus amiguinhos, mais adiante vai trabalhar pela minha volta.” Entendeu? Por que suspenderam meu padrinho Cícero naquele tempo, você sabe me dizer isso?

Roberto Viana: Foi porque ele falou que o milagre da hóstia era verdade.

João José Aves de Jesus: Suspenderam ele de ordem, por que eles encontraram toda a verdade de Jesus Cristo foi nele. Ai não quiseram dar o valor que ele tem e merece. E a Bíblia já vinha se aproximando para entrar dentro da Igreja pra botar a Missão pra fora! E eles queria que meu padrinho Cícero também assinasse, pra tirar a Missão de toda a Igreja e ficar só a Bíblia deles! E meu padrinho Cícero não aceitou isso ai! Ele segurou a Missão na mão a custa de penas e mortes.

Roberto Viana: Tiram outros homens que usaram, assim, Antônio Conselheiro, por exemplo, ele usou também a Missão, o senhor sabe?

João José Aves de Jesus: A Missão também. Eles usaram a Missão.

Roberto Viana: Eu ouvi falar também que o pessoal quando chama vocês, chama o nome errado, “Borboletas Azuis”, o senhor já ouviu falar desse grupo ai, o que é?

João José Aves de Jesus: Isso é os estudo do governo. O nome da gente não é assim não. Aqui é Penitencia Pública Peregrina, do braço da cruz de Jesus.

(Gravação encerrada)

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. São Paulo: FAPESP, 2003.
- ABREU, Márcia; MOLLIER, Jean-Yves Nota Introdutória. A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX. **Livro–Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição**, São Paulo, n. 1, p. 115-130, 2011.
- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Baurueri: Novo Século, 2022.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Unicamp, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **O contador de histórias e outros textos**. 2. ed. São Paulo: Hedra, 2020.
- BORGES, Jorge Luís. **O livro de areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BRAGANÇA, Joaquim de Oliveira. **A grande devoção do Oratório do Porto**. Lisboa: Didaskalia, 1982.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CARVALHO, Gilmar de. **Desenho gráfico popular: catálogo de matrizes xilográficas de Juazeiro do Norte**. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo, Global, 2006.
- CASTRO, Alberto Osório de. **A "Missão Abreviada" do padre Manuel Couto: um abeiramento contextualizado**. Chaves: Grupo Cultural Aquae Flaviae, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A fábula mística: séculos VI e VII**. v. 1. Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- CERTEAU, Michel de. **A fábula mística: séculos VI e VII**. v. 2. Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise entre ciência e ficção**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: UNESP, 2014.

CHÂTELLIER, Louis. **A religião dos pobres: as missões rurais na Europa e a formação do Catolicismo Moderno**. Lisboa: Estampa, 1995.

CLEMENTE, Manuel. A missão em Lisboa na época contemporânea (breve apontamento). **Didaskalia**, Lisboa, v. 35, n. 1-2, p. 495-506, jan. 2005. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/20381/1/V0350102-495-506.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2021.

CLEMENTE, Manuel. Sociedade Católica. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (org.). **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Porto: Círculo de Leitores, 2000.

COSTA, Valeriano dos Santos. Liturgia das horas: a memória de Cristo ao longo do dia. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 14, n. 56, p.73-86, set. 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15081>. Acesso em: 2 fev. 2021.

CUSICANQUI, Silvia Riviera. **Ch'xinakax Vtxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores**. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

CRUZ, Manuel Braga da. Igreja e Estado na Época Contemporânea. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (org.). **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Porto: Círculo de Leitores, 2000.

DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DELUMEAU, Jean. **A história do Medo no Ocidente (1300–1800)**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos XIII–XVIII)**. v. 1. Bauru: EDUSC, 2003.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos XIII–XVIII)**. v. 2. Bauru: EDUSC, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974–1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERREIRA, Jerusa Pires. **O livro de São Cipriano**: uma legenda de massas. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

FERRETTI, Sérgio. **Repensando o sincretismo**. 2. ed. São Paulo: EDUSP: Archè Editora, 2013.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2027.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOORNAERT, Eduardo. Antônio Conselheiro, negociador do sagrado. In: BRANDÃO, Sylvana (org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2001.

JABLONKA, Ivan. **A história é uma literatura contemporânea**: manifesto pelas ciências sociais. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2020.

KAFKA, Franz. **O processo**. São Paulo: Editora Principis, 2020.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. Os apóstolos dos sertões brasileiros: uma análise sobre o método e os resultados das missões religiosas dos capuchinhos italianos do século XIX. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p. 51-64, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/DSg9hJ9Ms7tjbW9tVfyNNby/>. Acesso em: 2 fev. 2021.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

KEMPIS, Tomás de. **A imitação de Cristo**. Jandira: Principis, 2019.

LATOUR, Bruno. **Júbilo ou os tormentos do discurso religioso**. São Paulo: UNESP, 2000.

LE GOFF, Jacques. **Em busca do tempo sagrado**: Tiago de Varazze e a Lenda Dourada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LE GOFF, Jacques.. **O nascimento do purgatório**. Petrópolis: Vozes, 2017.

LIGÓRIO, Afonso Maria de. **Meditações**: Para todos os Dias e Festas do Ano: Tomo I: Desde o Primeiro Domingo do Advento até a Semana Santa Inclusive. Friburgo: Herder & Cia, 1921.

LISBOA, Luiz Carlos. **A guerra santa do gato**. São Paulo: Sele negro, 2002.

MACEDO, Nertan. **Antonio Conselheiro: a morte em vida do Beato de Canudos**. Rio de Janeiro: Record, 1969.

MARIN, Louis. Ler um quadro – uma carta de Poussin em 1639. *In*: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de leitura**. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

MARQUES, João Francisco. O rigorismo na Espiritualidade Popular Oitocentista: o contributo da missão abreviada. *In*: PEREIRA, José Esteves. **Actas do Colóquio Internacional Piedade Popular: sensibilidades, representações, espiritualidades**. Porto: Terramar, 1999.

MARUJO, António. The construction of Fátima: a construção de Fátima. **Revista de História das Ideias**, Coimbra University Press, [s. l.], v. 36, p. 195-219, nov. 2018. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/rhi/article/view/2183-8925_36_9. Acesso: em 12 mar. 2020.

MELO, Rosilene Alves de. Almanagues de cordel: do fascínio da leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisas. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [s. l.], n. 52, p. 109-122, 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268318206.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MENEZES, Eduardo Diatagy Bezerra de. Pe. Ibiapina: figura matricial do catolicismo sertanejo no nordeste do século XIX. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, 1998. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1998/1998-PadreIbiapinaFiguraMatricialdoCatolicismoSertanejodoNESeculoXIX.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2021.

MINOIS, George. **Historia de los infiernos**. Barcelona: Paidós, 2005.

NEVES, Denilson Francisco das. A calunga perdida: dança popular nas instituições de ensino superior. **Repertório**, Salvador, v. 1, n. 24, p. 156-172, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/14838>. Acesso em: 2 fev. 2021.

NOBRE, Edianne. **Incêndios da alma: a beata Maria de Araújo e o milagre de Juazeiro - Brasil, Século XIX**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

NOBRE, Edianne. “Caminhos e sujeitos da historiografia do Padre Cícero” *In*: BUARQUE, Virgínia. A. Castro. (org.). **História da historiografia religiosa**. Ouro Preto: EDUFOP: PPGHIS, 2012.

NOBRE, Edianne. Caminhos de santidade: as biografias espirituais das beatas de Ibiapina no jornal "A voz da Religião no Cariri" (1868–1870). **Revista Nures**, São Paulo, n. 19, p. 15-40, set. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/8403>. Acesso em: 2 fev. 2021.

NOBRE, Edianne. **O Teatro de Deus: as beatas do padre Cícero e o espaço sagrado de Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011.

NOBRE, Edianne.; ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. A missão abreviada: práticas e lugares do bem-morrer na literatura espiritual portuguesa da segunda metade do século XIX. **Revista Brasileira de História das Religiões**, [s. l.], ANPUH, ano 4, n. 10, p. 97-116, maio 2011. Disponível:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30385/15965>. Acesso em: 2 fev. 2021.

NOVAIS, Fernando A.; SOUZA, Laura de Melo e. (ed.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu conheci**: verdadeira história de Juazeiro. 2. ed. Fortaleza: Premium, 2001.

OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes de. Horrores breves – horrores eternos : uma reflexão sobre a obra Gritos do Inferno para Despertar o Mundo do Padre Joseph Boñeta. **Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literatura do Porto**, Porto, v. 1, n. 12, p. 103-111, dez. 1995. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo5721.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2010.

OLIVEIRA FILHO, Roberto Viana de. **Passado perpétuo**: os Penitentes Peregrinos Públicos e o catolicismo penitencial em Juazeiro do Norte, CE. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2017.

PAZ, Renata Marinho. **Para onde sopra o vento**: a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte. Fortaleza: IMEPH, 2011.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 379-386, jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/cnRtXwjGCBk9DHqbS6Lqf8g/>. Acesso em: 2 fev. 2021.

PEIXOTO, José Luís. **Em teu ventre**: uma reconstrução literária das aparições de nossa senhora de Fátima. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PINTO, Maria Rosário. **João Ferreira de Lima**. 2023. Disponível em: http://cordel.casaruibarbosa.gov.br/JoaoFerreira/joaoFerreiradeLima_biografia.html. Acesso em: 29 ago. 2023.

PIRES, Tiago. Para além da escrita hagiográfica: biografias católicas e cultura histórica no Brasil em fins do século XIX e início do XX. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 9, n. 22, p. 214-224, 2017. Disponível em: <https://historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1045>. Acesso em: 18 mar. 2023.

PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O meio do mundo**: territórios do sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. 2000. Tese (Doutorado), PUC-SP, São Paulo, 2000.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A poeira do passado**: tempo, saudade e cultura material. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

SANTOS, Eugênio Francisco dos. Missões do interior. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (org.). **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Porto: Círculo de Leitores, 2000.

SOUSA NETO, Francisco Lopes de. **Frei Damião**: o missionário. Fortaleza: Armazém

da Cultura, 2011.

SOUZA, Océlio Teixeira de. **A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): entre o controle e a autonomia (1928–1998)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

TEIXEIRA, Amanda. **Juazeiro sem Padre Cícero: expectativas e temores gerados pela morte do padrinho (1934–1969)**. Curitiba: CRV, 2018.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. **Arqueologia de um monumento: os apontamentos de Antônio Conselheiro**. São Paulo: É Realizações, 2017.

VILLALTA, Luiz Carlos. **Reformismo Ilustrado, censura e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa**. 1999. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

VITORIANO, Kalliany Moreira Menezes. "Na ladeira de dois mil": o imaginário popular escatológico acerca do ano 2000 em versos de cordéis. **Em Tempos de Histórias**, Brasília, DF, v. 1, n. 29, p. 19-38, ago./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/14744/13065>. Acesso em: 2 fev. 2021.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 3. ed. São Paulo: UBU Editora, 2018.

FONTES:

Livros e dicionários:

BONETA, Joseph. **Gritos das almas no Purgatório**. Lisboa: [s. n.], 1869

BOÑETA, Joseph. **Gritos do Inferno**. Lisboa: [s. n.], 1873.

CALIOPE, J. O Padre Joaquim Sóther de Alencar. **Revista Itaytera**, Crato, n. 13, 1969.

COUTO, Manoel José Gonçalves. **Missão Abreviada: para despertar os descuidados converter os pecadores e sustentar o fructo das missões**. 6. ed. Porto: Tipografia de Sebastião José Pereira, 1868.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

CAMPINA, Maria da Conceição Lopes. **Voz do padre Cícero e outras memórias**. São Paulo: Paulinas, 1985.

JOSÉ, Manoel. **Escudo Admirável para os males da vida**. 3. ed. Porto: Congregação do Oratório do Porto, 1803.

RIBADANEIRA, M. R. P. Pedro. **Flos Sanctorum**: história das vidas e obras insignes dos santos. Lisboa: Impresso por Antonio Craesbeeck de Melo, “Impressor de Sua Alteza”, 1674.

SARMENTO, Francisco Jesus de Maria. **Horas Marianas ou officio menor da SS. Virgem Maria**. Lisboa: Imprensa Régia, 1864.

SOUSA, Eusébio de. Pela História do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, 1934.

VARAZZE, Jacopo de. **A legenda áurea**: vidas de santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VALENCIANO, Jerônimo Cortês. **Lunário e prognóstico perpétuo para todos os reinos e províncias** – reformado e muito acrescentado. Porto: Lello & Irmão Editores, 1980.

Cordéis e Almanques:

Contra a vinda do anticristo; [S. l.: s.n., 1936], 8 p. Disponível na Cordelteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível: http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura_de_Cordel_C0001_a_C7176. Acesso em: 30 jan. 2020.

CABOCLO, Manoel. **Almanque o Juízo do ano para o ano de 1975**. Juazeiro do Norte, CE. Acervo da professora Rosilene Melo, cedido gentilmente para essa pesquisa.

SILVA, Manoel Caboclo e; CARVALHO, Gilmar de. **Manoel Caboclo** – introdução e seleção dos poemas por Gilmar de Carvalho. São Paulo: Hedra, 2000.

VIEIRA, Antônio. **A Peleja da Ciência com a Sabedoria Popular**. Salvador: BERINJELA, 2002.

Periódicos:

A PALAVRA. Maceió, Alagoas, 24 set. 1876. Arquivo Hemeroteca Nacional Digital.

A GAZETA DO NORTE. Fortaleza, Ceará, 08 mar. 1881. Arquivo Hemeroteca Nacional Digital.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 27 abr. 1897. Arquivo Hemeroteca Nacional Digital.

Narrativas orais:

Dona Josefa, Dona Marinete, Dona Lia e Dona Virgínia:

Entrevistas realizadas nos dias 07 de julho de 2015 na casa de Dona Virgínia.

Entrevistas realizadas nos dias 07 de julho de 2015, 29 de fevereiro de 2016, 04 de junho de 2016 e 04 de janeiro de 2017, na calçada da casa de Dona Marinete, local em que sempre se reuniam por volta das 15h.

Dona Maria Moça:

Entrevista transcrita a partir de: DOCUMENTÁRIO SOBRE O HORTO – Baseado na obra de Fátima Pinho. Direção: Álisson Flor. Roteiro: Maria de Fátima Moraes Pinho, Viviane Prado Bezerra e Álisson Flor. Juazeiro do Norte: *Canal Candieiros*, 2023. Digital, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ilzE6-2sSKw> Acesso em: 08 out. 2023. Recorte: 05:26 até 07:34.

Israel e Sr. Francisco:

Entrevistas realizadas nos dias 08 de junho de 2015, 25 de agosto de 2015, 29 de fevereiro de 2016, 04 de junho de 2016, 12 de junho de 2016, na casa do penitente Israel. Na ocasião, estava presente o seu pai, Sr. Francisco, que também contribuiu com suas narrativas.

Entrevistas realizadas nos dias 31 de janeiro e 08 de março de 2017 na minha residência, em ocasiões de visitas do penitente Israel.

Entrevista realizada no dia 23 de outubro, de 2023, na casa de Sr. Francisco, Dona Maria, Israel, Isabel e Isaac.

João José Aves de Jesus

Entrevista realizada no dia 02 de novembro de 2012, na Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Juazeiro do Norte.

Entrevista realizada no dia 19 de março de 2014, dia de São José, na *Casa da Missão*.

Entrevista realizada no dia 03 de novembro de 2023, na *Casa da Missão*.

Entrevista realizada no dia 06 de novembro de 2023, na *Casa da Missão*.

Sites e materiais eletrônicos:

LOMONACO, Amadeo. **O inferno não é um lugar, mas um estado da alma, explica sacerdote italiano.** Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-04/papa-francisco-teologia-inferno-entrevista-padre-athos-turchi.html>. Acesso em: 13 jan. 2023.

SANTOS, Elizângela. **Conheça um pouco da história da comunidade Filhos Amados do Céu e do Padre que vem arrastando multidões no Cariri.** Gazeta do Cariri. Disponível em: <https://www.gazetadocariri.com/2016/02/conheca-um-pouco-da-historia-da.html> Acesso: 01 nov. 2023.

NORDESTE, Diário do. **Seita de Juazeiro do Norte que acreditava no fim do mundo é lembrada pelo 'Fantástico'**. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/entretenimento/zoeira/seita-de-juazeiro-do-norte-que-acreditava-no-fim-do-mundo-e-relembra-pelo-fantastico>. Acesso em: 6 nov. 2023.